



**RICK  
RIORDAN**  
**COLD  
SPRINGS**

autor da série  
**PERCY JACKSON**

**VINGANÇA  
E REDENÇÃO  
NO TEXAS**

ROMANCE



"Riordan tem o dom  
de entreter os leitores."

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

# **RICK RIORDAN COLD SPRINGS**

tradução de  
**GUSTAVO MESQUITA**



**E D I T O R A R E C O R D**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

Riordan, Rick, 1964-

R452c

Cold Springs / Rick Riordan; tradução de Gustavo Mesquita. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

Tradução de: *Cold Springs*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40147-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Gustavo.  
II. Título.

12-6275.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

*Cold Springs*

Copyright © 2003 by Rick Riordan

Direitos adquiridos mediante acordo com Gina Maccoby Literary Agency  
através da Lennart Sane Agency AB

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através  
de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40147-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para Kate Miciak*  
*De vez em quando, temos a chance de trabalhar*  
*com uma mestra professora*

## **Agradecimentos**

Muito obrigado ao sargento Derwin Longmire, do Departamento de Homicídios da Polícia de Oakland; a James Doebbler, CPA; a Scott McMillian, Redstone Consulting; a Brian Kaestner, professor de ciências e naturalista; ao Dr. Pepi Klacka, DVM; ao Dr. John C. Klahn, MD; ao Dr. Michael Belisle, GS-09, Base da Força Aérea de Lackland; a Kate Miciak e Gina Maccoby, pela orientação e apoio; e a Becky, Haley e Patrick, sem os quais nada disso teria sido possível.

## PARTE I

---

1993

Chadwick lutava com a gravata-borboleta.

Pensava no que dizer, em como dar a notícia que acabaria com seu casamento, quando Norma surgiu às suas costas e lhe falou sobre a heroína que encontrara na gaveta de roupas íntimas da filha deles.

Ele se virou, a gravata se desfazendo entre seus dedos.

Norma vestia apenas uma combinação, seus braços nus tão macios e perfeitamente torneados como quando tinha 19 anos. Nos olhos, exibia o brilho negro que guardava para o amor e para as discussões sérias, e Chadwick teve certeza do que ela tinha em mente.

— Heroína — disse ele.

— Em um saco plástico, sim. Parecia açúcar mascavo.

— E o que você fez com a droga?

— Fumei. O que você acha? Joguei no vaso e dei descarga.

— Você jogou no vaso e deu descarga. Meu Deus, Norma.

— Não era dela. Ela estava guardando para um amigo.

— E você acreditou nisso?

— Ela é minha filha. Sim, eu acreditei nela.

Chadwick olhou pela janela para a Mission Street, onde as luzes de Natal reluziam e cintilavam sob o peso súbito do gelo.

Ele vivera naquela casa quase todos os seus 37 anos e não conseguia se lembrar de uma noite de novembro tão fria. A vitrine da lanchonete de tacos da esquina estava embaçada. Carros rebaixados desciam a rua soltando fumaça pelo escapamento. O ponto de bonde da rua 24 estava livre dos moradores de rua — todos tinham se refugiado em abrigos, mas deixaram para trás pilhas de roupas de verão que lembravam cascas de insetos. Na casa ao lado, os Romo haviam aumentado o volume da música como as outras pessoas aumentam a temperatura do aquecedor — a batida melancólica do *narcocorrido* pulsava no papel de parede da casa.

Chadwick queria virar fumaça e se dispersar contra o vidro. Queria fugir do que precisava fazer, do que precisava dizer. E agora aquilo: Katherine.

— Os Zedman vão chegar em questão de minutos — disse ele a Norma. — Eu estou em casa desde ontem.

Ela inclinou a cabeça para colocar um brinco.

— O quê? Eu deveria ter lhe contado mais cedo? Na semana passada precisei da sua ajuda, você fugiu para o Texas. Talvez devesse ter contado no aeroporto, que tal? Para você voltar correndo para o avião.

Chadwick sentiu um aperto na garganta. Um velho amigo dos tempos da Força Aérea, Hunter, costumava provocá-lo em relação a seu casamento com Norma Reyes. Dizia que ele não teria uma esposa, mas uma Crise dos Misseis de Cuba.

Chadwick queria contar a ela por que fugira.

Chadwick queria contar a ela que, em meio à mata do Texas — por alguns dias —, se lembrara do que o fizera se apaixonar por ela. Ele se lembrara de uma época em que ficava excitado ao ver uma mulher com a metade de seu tamanho abordá-lo de forma tão audaciosa, agarrar sua mão como um bebê agarra um brinquedo novo e arrastá-lo para a pista de dança com um olhar que dizia, *Sim, quero me casar com um homem da Força Aérea. Você vê algum problema nisso?*

Ele concluíra que Norma tinha direito à verdade, mesmo que isso os destruísse. Mas isso ele pensara a 3 mil quilômetros dali. Agora, ali ao lado dela, aquela sensação era como uma fotografia numa tela de computador. Quando ampliada demais, transforma-se em pixels de cores aleatórias.

Ele tirou o paletó do smoking e seguiu pelo corredor até a porta do quarto de Katherine, ouvindo às suas costas a voz da esposa:

— Eu a coloquei de castigo, Chadwick Não piore as coisas.

Katherine estava sentada na cama com as costas contra a parede e o queixo pousado nos joelhos — preparada para o ataque. A manta guatemalteca caíra da cabeceira da cama, revelando os enfeites que Chadwick pintara quando ela tinha 2 anos: arco-íris e estrelas, uma vaca azul-bebê saltando sobre uma lua sorridente. O pôster com uma fotografia de Kurt Cobain se desprendia da parede acima, onde costumava ficar Babar, o Elefante.

A tristeza torcia o peito de Chadwick como um saca-rolha. Como é que pode Katherine ter 16 anos? O que acontecera com seus 6 anos? Seus 10?

Ele tentou ver alguma coisa de si mesmo nela, mas Norma dominava completamente os genes da filha. Katherine tinha os olhos ardentes da mãe, seu ar desafiador. A pele morena, os cabelos pretos, a constituição física que era tanto elegante quanto vigorosa. Quando criança, Katherine fechava os punhos e travava os joelhos de tal forma que era impossível carregá-la; parecia talhada em pedra.

— Heroína — disse Chadwick.

Ela esfregava o cordão de prata pelos lábios, de um lado para o outro, como um zíper.

— Já falei para a mamãe. Não era minha.

— Você voltou a usar. — Chadwick tentava manter um tom de voz equilibrado. — Depois de tudo o que conversamos.

— Pai, olha, um amigo me pediu para guardar. Um amigo da escola.

— Quem?

— Não importa. Já acabou, tá? Eu não quis criar problema com ele. Eu ia jogar aquilo fora, devolver, sei lá. Mas não tive tempo. Satisfeito?

Chadwick precisava acreditar nela. Precisava desesperadamente que as palavras de Katherine ganhassem substância à medida que pensava nelas, precisava que se firmassem em uma fundação viável. Mas droga. Depois do último sábado...

Ele queria agarrar Katherine pelos ombros. Queria envolvê-la em seus braços e apertá-la até que ela voltasse a ser sua menininha. Queria tirá-la dali, concordasse Norma ou não, colocá-la em um avião para o Texas, levá-la para os bosques de Asa Hunter, ensiná-la outra vez a viver, recomeçar do zero.

Tudo parecera tão simples quando ele conversara com Hunter. O amigo via as coisas como uma arma veria — com estreiteza, precisão. Hunter o instruíra, o preparara quanto ao que dizer a Norma. Deixara que Chadwick imaginasse Katherine andando por aquelas árvores, livre das drogas, de amigos autodestrutivos e das fotos de roqueiros imbecis nas paredes. Até mesmo oferecera-lhe um emprego: ele pegaria jovens problemáticos em todo o país e os levaria até o rancho.

*Essa escola que eu estou criando é o futuro, cara. Tire a sua família daquela cidade nociva.*

— Katherine — disse Chadwick — Eu quero ajudar você.

— Como, pai? — Sua voz estava tensa de raiva. — Como pretende fazer isso?

Chadwick viu o próprio rosto refletido no espelho do quarto da filha. Estava com o semblante cansado e nervoso. Um andarilho faminto que alguém arrancara da rua e enfiara numa camisa de smoking.

Ele se sentou na cama ao lado de Katherine e aproximou a mão da dela. Não a tocou. Não abraçava ou beijava a filha fazia... semanas? Não se lembrava. A distância que se deve erguer entre um pai e uma filha à medida que ela se transforma em mulher — ele entendia, mas às vezes isso o matava.

— Quero que você vá para o Texas — disse Chadwick — Para o internato.

— Você quer se ver livre de mim.

— As coisas não estão indo bem para você, Katherine. Escola, casa, nada.

— Você está me dando a opção de ir? Se for isso, a resposta é não.

— Quero que você concorde em ir. Assim será mais fácil.

— Caso contrário, a mamãe não vai concordar — traduziu ela.

Chadwick sentiu o rosto arder. Ele odiava não poder falar em uníssono com a esposa, terem que fazer aqueles joguinhos, manobrando para conseguir a cooperação de Katherine tal qual um casal divorciado.

Katherine continuava a esfregar a correntinha nos lábios. Parecia que tinha sido ontem que ele a dera de presente, no aniversário de 13 anos da filha.

— Você não pode ir trabalhar hoje à noite — decidiu ele. — Vou dizer aos

Zedman que vão ficar sem a babá hoje.

— Pai, eu estou bem. É só a Mallory. Já cuidei dela milhares de vezes. Vá para o leilão.

Chadwick hesitou, sabendo que não tinha escolha. Ficara afastado do trabalho a semana inteira. Não podia simplesmente deixar de comparecer ao leilão.

— Me dê a chave do seu carro.

— Qual é, pai.

Ele estendeu a mão.

Katherine tirou a chave do Toyota do bolso e a colocou na mão espalmada do pai.

— Onde está o seu chaveiro? — perguntou ele.

— O quê?

— O seu chaveiro da Disney.

— Enjoei dele. Dei para uma pessoa.

— Semana passada você deu a sua jaqueta de couro. Uma jaqueta de 100 dólares.

— Eu odiava aquela jaqueta, pai.

— Você não é uma instituição de caridade, Katherine. Não fique dando as suas coisas por aí.

Ela olhou para o pai como costumava fazer quando pequena — como se quisesse tocar-lhe o queixo, o nariz, as sobrancelhas, como se para memorizar o rosto dele. Chadwick sentiu como se derretesse por dentro.

A campainha tocou no andar de baixo. Ele ouviu a voz de John Zedman:

— Doces a domicílio!

— Isso não acabou, Katherine — disse Chadwick — Quero conversar com você sobre isso quando eu voltar.

Ela limpou uma lágrima que lhe escorria pela face.

— Ouviu, Katherine?

— Sim, pai. Ouvi.

Ela pronunciou a última palavra em voz baixa e tensa, instantaneamente acendendo a culpa de Chadwick. Ele queria explicar. Queria dizer a ela que tentara de verdade fazer com que tudo desse certo. Que realmente a amava.

— Chadwick? — disse Norma às suas costas, num tom de alerta. — Os Zedman chegaram.

A pequena Mallory fez a entrada de costume — um borrão de cabelos loiros e camiseta grande demais saltando em direção à cama de Katherine.

— Katerim!

E Katherine se transformou naquela outra jovem — aquela capaz de atrair as crianças como a música de um carrinho de sorvete; a babá inata sempre sorridente e responsável, que levava os outros pais a dizer a Chadwick, com um

quê de inveja na voz: “Você tem tanta sorte!” Ele via cada vez menos aquele lado da filha.

Ela afagou os cabelos de Mallory.

— Ei, Pingo de Gente. Pronta para se divertir?

— Siiiiim!

— Eu tenho aquele jogo CandyLand. Tenho a Barbie Amazona. Vamos fazer a festa.

As duas bateram a mão uma na da outra.

Ann e John estavam na sala; uma suave aura de perfume os envolvia.

— Bem — disse John, ao perceber que Chadwick ainda não estava nem de longe pronto —, o capitão do mato está de volta.

— Os bichos carnívoros mandam lembranças — respondeu Chadwick — Querem que você escreva para casa mais vezes.

— Ui — disse John, com um sorriso um pouco brilhante demais. — Essa vai ter volta.

Ann não olhou nos olhos dele. Ela abraçou Norma, que havia se vestido em tempo recorde: usava um vestido de seda amarelo e vermelho que a fazia parecer uma explosão nuclear.

Chadwick pediu licença para terminar de se arrumar. Ele ouviu Norma e Ann conversando sobre o leilão da escola, John manuseando seus discos e fazendo perguntas sobre Yo-Yo Ma e Brahms, Mallory disparando os alarmes de todos os relógios que havia sobre a lareira — um ritual que fazia sempre que chegava à casa.

Quando Chadwick desceu novamente as escadas, Katherine estava sentada de pernas cruzadas em frente à lareira — sua bela menina, toda crescida, mergulhada em um tecido de flanela grunge e com os cabelos despenteados.

Os olhares de Chadwick e da filha se encontraram. Ele sentiu uma pontada no peito, um alerta para que não saísse.

— Não se preocupe, pai — disse ela. — Vamos ficar bem.

Essas palavras ficariam para sempre gravadas na testa de Chadwick. Ficariam ali, marcadas a ferro, pelo resto de sua vida.

Quando a porta da frente se fechou, Katherine sentiu o corpo murchar, os pequenos nós nas suas articulações se desatarem.

Ela pegou o CandyLand da prateleira. Brincou com Mallory e sorriu enquanto mexiam nas cartas coloridas, mas por dentro sentia a tristeza sombria sempre presente abaixo das unhas e atrás dos olhos, prestes a emergir.

Katherine queria uma dose. Ela sabia que isso só faria piorar a depressão — a manteria à tona por algum tempo, mas depois a escuridão cresceria ainda mais, ficaria mais difícil firmar os pés na beira do precipício. O analista a alertara. Ann Zedman a alertara. O pai a alertara. Todos eram parte de sua

equipe educacional, todos pensando no seu bem.

*Estamos aqui para ajudá-la a ficar bem de novo, Katherine.*

Uma ova.

Se havia algo pior do que ter um pai professor era ter um pai que era professor na sua escola. E não apenas por alguns anos. Uma escola do ensino fundamental ao médio. Uma escola *pequena* do ensino fundamental ao médio, portanto 13 anos de absoluto inferno, sem nenhum espaço para respirar, nenhum espaço para ser você mesmo. E como se isso ainda não fosse o bastante, seu pai era amigo íntimo da diretora há trilhões de anos — Ann Zedman vivia na sua casa, metendo o nariz na sua vida.

Era por isso que Katherine amava a região de East Bay. Era só *dela*.

Ao menos fora até a semana anterior, quando os policiais idiotas a arrastaram, censuraram, perguntaram o que diabos ela fazia com *aquelas* pessoas. Ela se lembrava da volta para casa ao sair da delegacia de Oakland, a pele dos punhos irritada pelo contato com as algemas, a raiva crescendo cada vez que o pai a olhava pelo retrovisor, insistindo para que ela *não* contasse à mãe o que estava fazendo na festa porque isso destruiria o coração de Norma. Katherine surtou. Disse tudo ao pai — para feri-lo, para provar que era ainda pior do que ele pensava. Ela tinha uma vida só dela. Amigos só dela.

*Ah, papai.*

Ela odiava a si mesma ainda mais do que o odiava. E disse isso. Ela tinha estragado tudo. Agora ele a mandaria para aquela porcaria do Texas.

Mallory a puxou pela manga da camisa.

— Anda, Katerim, você tem uma carta vermelha.

Katherine olhou para o outro lado do tabuleiro.

Mallory havia sido sua boneca, sua filha de faz de conta, o eu de brinquedo para o qual podia se virar sempre que a vida real ficava insuportável. Mas agora que Mallory estava na pré-escola na Laurel Heights, Katherine sentia-se triste sempre que olhava para ela. Não queria vê-los destruir aquela garotinha da forma como a destruíram. Não queria ver Mallory crescer.

Ela forçou um sorriso, moveu a peça.

Mallory conseguiu a princesa Pirulita e gritou de alegria.

Era um caminho rápido da princesa Pirulita para o Rei dos Doces. Quando Mallory venceu o jogo, Katherine ainda estava na Montanha das Jujubas.

— Vamos brincar de quê, agora? — perguntou Mallory. — Cavalinho?

— Tenho uma ideia melhor.

— Não — disse Mallory na mesma hora. — Eu não gosto.

— Ah, vai. É o nosso segredinho.

— Eu tenho medo.

— Ah, uma menina corajosa como você?

Katherine foi até o esconderijo secreto no forro de madeira, a despensa que

o avô construíra nos tempos em que o piso térreo da casa era sua loja. Era relojoeiro, o avô. Ele adorava engrenagens e molas, truques mecânicos.

A porta era invisível lá de fora. Era preciso apertar no lugar certo para que a tranca de pressão cedesse. Lá dentro, cabia uma criança, ou um adulto bem apertado. O vão ainda estava atulhado de peças de relógio — bobinas de cobre, pesos e correntes, mostradores com luas e estrelas.

Ela se lembrava do avô dizendo: “Nunca dê corda para trás em um relógio, Katie. Nunca.” Ele sempre a chamava de Katie, nunca de Katherine. Chadwick explicara-lhe que o velho não suportava pensar na esposa, cujos pulmões de fumante pararam de funcionar enquanto ela esperava o nascimento da neta que receberia seu nome. “Dar corda para trás estraga o relógio. Sempre gire para a frente. Mesmo que queira atrasar uma hora, gire 11 horas para a frente.”

Ela se perguntava se o pai era feito de peças de relógio, como a tranca da despensa. Gostaria de poder dar corda nele para trás uma semana, para ver se alguma coisa se quebraria.

Katherine enfiou a mão na despensa, procurando o gancho enferrujado que só ela sabia que existia, e pegou uma cópia da chave do seu Toyota.

*Pode me botar de castigo, pai. Vá em frente.*

Ela se voltou para Mallory, que equilibrava o pônei da Barbie Amazona sobre o joelho.

Pobre Mallory — a filha da diretora. Sua vida na escola seria ainda pior do que a dela, Katherine. Ela gostava da pré-escola, mas e daí? Era apenas uma questão de tempo até sentir as paredes sufocando-a, o abismo se abrindo aos seus pés. Katherine sentia uma pontada no coração sempre que passava em frente às janelas da pré-escola e via Mallory acenando um oi grudento para ela, os dedos cobertos de cola colorida.

Não, Katherine não queria ver sua bonequinha crescer.

Ela sorriu para encobrir a escuridão.

— Vamos lá, Pinguinho. Vamos dar uma volta.

A escola Laurel Heights reluzia. Luminárias ladeavam a calçada. Arcos de lanternas de papel vermelhas e azuis iluminavam o pátio, transformando a quadra de basquete em uma pista de dança que ninguém poderia usar, graças ao frio.

O interior do prédio de dois andares era aquecido pelo jazz suave e pelas velas. Garçons se moviam apressados com bandejas de taças de champanhe e canapés, pais e mães riam alto demais, bebiam demais, aproveitavam a grande noite longe das crianças.

Para uma festa a céu aberto que precisara ser transferida para o interior do prédio no último minuto, Ann tinha que admitir que os funcionários da escola e o pessoal do bufê haviam feito um ótimo trabalho. Painéis de tecido tinham sido

estendidos sobre os armários em que se guardavam os materiais dos professores. Mesas de bufê substituíam as carteiras dos alunos. Uma centena de pequenas peças de roupa do painel de achados e perdidos fora guardada nos armários, e giz de cera e lápis de cor quebrados não cobriam mais o piso. Arranjos de flores recém-feitos decoravam o piano da professora de música. A mesa da professora da pré-escola fora convertida em bar.

A escola era pequena demais para tantas pessoas, mas isso apenas reforçava o ponto de vista de Ann, o propósito do leilão — a instituição precisava crescer. Eles já não eram mais a escola de bairro que haviam sido na década de 1920, com 15 alunos de Pacific Heights. Estavam agora superlotados, com 152 alunos de toda a Bay Area, a Grande São Francisco. Eles precisavam comprar a mansão vizinha, passar por uma ampla reforma, dobrar a área útil. O que poderia ser melhor para dar o pontapé inicial na campanha em busca de recursos do que reunir os pais e fazer com que vissem como os filhos passavam os dias?

Apesar disso, apesar do sucesso que a noite prometia ser, Ann estava péssima. As duas taças de vinho que bebera para acalmar os nervos borbulhavam como vinagre no seu estômago.

Ela deveria estar circulando e tagarelando, mas em vez disso estava sentada em um canto da única sala de aula vazia com Norma Reyes, as duas espremidas em cadeiras pequenas do primeiro ano, ela dizendo a Norma que a terapia de casais era uma ótima ideia. De verdade. Não era nada do que se envergonhar.

Hipócrita.

Ela rezava para que Chadwick se esquecesse do acordo deles, simplesmente esquecesse.

Ao mesmo tempo, torcia desesperadamente para que Chadwick tivesse mais coragem do que ela.

Norma chorava, xingava o marido.

Os pais passavam sem cessar pela porta aberta. Eles faziam menção de cumprimentar Ann, mas então viam as lágrimas de Norma e se afastavam como que atingidos pela corrente de ar de um túnel de vento.

— Quero matar aquele *pendejo* — disse Norma.

Ann enlaçou os dedos nos da amiga. Garantiu que Chadwick estava se esforçando ao máximo, que Katherine ficaria bem. O analista dela era ótimo. Havia ótimos programas de acompanhamento para usuários de drogas.

— Até parece — disse Norma. — Você está adorando isso. Você vem me alertando há anos.

Ann não disse nada. Ela tinha bastante prática em, diplomaticamente, ficar em silêncio.

Havia anos atuava como mediadora entre a família e os professores, que a questionavam — sem querer desrespeitar seu colega Chadwick — por que Katherine ainda não havia sido suspensa; por que ela não estava tomando a

medicação; quando chegassem à conclusão de que aquela escola simplesmente não servia para ela. Ann suportava as insinuações de que se Chadwick não fosse seu amigo de longa data, se ela não fosse amiga da família, teria enfrentado os problemas de Katherine com mais rapidez e firmeza.

Por outro lado, havia Norma, que nunca percebera o problema, ao menos não desde o sétimo ano, quando Ann os pressionara a buscar acompanhamento profissional para Katherine. Norma via apenas o lado bom da filha. A Laurel Heights estava exagerando. Ela nunca perdoara Chadwick por ter apoiado as recomendações de Ann para que sua filha passasse por testes psicológicos e terapia.

— Você sabe o que ele tem em mente, não sabe? — perguntou Norma.

Ann sentiu um aperto no coração.

— Como assim?

— Ah, vamos lá. A mim ele deixa no escuro. A você, nunca. Asa Hunter. A escola no Texas.

Ann sentiu os ombros relaxarem.

— Ele mencionou alguma coisa a respeito.

Ann não disse que Chadwick estava obcecado com a ideia, que estava irredutível apesar das reservas dela. Um internato militar? Terapia por meio do contato com a natureza? O que ela deveria dizer: sim, tranque sua filha com sargentos por um ano? Vire as costas para tudo o que a Laurel Heights representa — a filosofia centrada nas crianças, o ambiente estimulante — e dê a Katherine um corte de cabelo militar? A ideia apenas reforçava o quanto Chadwick estava desesperado para sair do seu casamento em ruínas.

Mas Ann concordara em dar a ele uma licença para fazer a viagem ao Texas, apesar da dificuldade que teria para encontrar um substituto, afinal, estavam às vésperas do feriado de Ação de Graças, e apesar de os alunos do oitavo ano odiarem quando Chadwick — seu professor preferido — se ausentava. Era do interesse de Ann que ele colocasse a cabeça no lugar — em relação a Katherine, em relação a tudo.

Mas o que a incomodava ainda mais era que se sentira tentada a endossar a ideia de mandar Katherine para longe. Falando de forma egoísta e pouco honrosa: isso não facilitaria as coisas?

— Nós duas sabemos — disse ela a Norma — que ele só quer o melhor para Katherine.

— Ele quer usá-la como um maldito rato de laboratório. — Norma pegou mais um lenço descartável da bolsa. — Meu Deus, devo estar com uma cara péssima.

*Ah, por favor,* pensou Ann.

Como se Norma pudesse algum dia ficar com uma cara péssima. Ela tinha o tipo de corpo mignon que Ann passara a odiar; Ann desejava ter, uma vez que

fosse, a aparência de Norma. Desejava poder chorar em público e chamar o marido de cretino sem dar a mínima à própria imagem.

Certo, ela sentia inveja. E odiava a si mesma por isso, passava horas pensando, à noite, *Não é esse o motivo. Não é esse o motivo.*

John apareceu à porta com uma margarita em cada mão. Ele avaliou a situação e sorriu, indiferente às lágrimas de Norma.

— Vocês não vão acreditar — disse ele. — O prefeito acha que o painel da Mallory para a colcha de patchwork é o melhor de todos da pré-escola. Vamos almoçar juntos na semana que vem, debater algumas ideias.

Ann reprimiu uma onda de irritação. Ela odiava a forma como John passava por cima do que as pessoas sentiam — tão completamente incapaz de ter algum tipo de compreensão que transformara numa missão pessoal fazer de conta que sentimentos ruins não existiam. Sempre se podia apostar que John contaria uma piada em um enterro.

— Almoço com Frank Jordan — disse Ann. — Muito bem, John.

Ele ergueu as sobancelhas para Norma.

— Eu consegui uma fatia do maior projeto de renovação da história da cidade. Era de se esperar que isso deixaria minha esposa satisfeita. Muito dinheiro. Muita publicidade. Mas pode ser que eu esteja enganado. Não deve ser nada de mais.

— Ei — disse Norma, esfregando o lenço de papel sob os olhos. — Hoje é para ser uma noite divertida. Lembra-se?

John ofereceu uma margarita a ela.

— Aquela loira estonteante, a Sra. Passmore, está monopolizando seu marido. Ela tinha uma pergunta sobre o projeto de história da filha. O cara não sai mais de lá, sabia?

Ann quis estapeá-lo.

— Estamos indo, querido — disse ela. — Por que você não confere como estão as coisas nos caixas?

— Claro, amor. Planilha. Impressora. Troco. Não se preocupe.

Ele dirigiu a Ann um sorriso presunçoso que confirmava o que ela já sabia: permitir que John ficasse à frente da campanha de arrecadação de recursos havia sido o maior erro da sua vida. Era um trabalho voluntário que renderia uma boa dedução de impostos, e uma vez que a escola não poderia arcar com a contratação de um diretor de desenvolvimento, Ann realmente precisava da ajuda dele. Mas como ela demorou a perceber, o trabalho voluntário fazia com que John se sentisse superior, enfatizasse sua crença de que o trabalho dela não passava de um hobby. Levantar os 30 milhões de dólares de que a escola precisava seria para ele o equivalente a ajudá-la a arar a terra para plantar um canteiro de tomates ou levá-la de carro à aula de ioga. *Minha esposa, a diretora. Ela não é uma graça?*

— Eu acompanho Norma até o segundo andar — disse John. — Vá na frente. Os professores provavelmente estão paralisados lá em cima, esperando suas ordens.

Ann conteve a fúria que sentia. Ela apertou a mão de Norma uma última vez e então saiu para participar da festa.

No segundo andar, a divisória entre as duas salas do ensino fundamental havia sido removida, criando espaço para o salão de jantar, onde seria realizado o leilão. Ann seguiu em direção à mesa da diretoria, abrindo espaço entre pais e estudantes voluntários, garçons e bandejas de salada. Chadwick estava conversando com um voluntário do segundo ano, David Kraft, que exibia uma nova safra de espinhas. Pobre rapaz. Ele fora um dos amigos de Katherine até o ano anterior, quando ela desistira dos amigos.

— Pode nos dar licença, David? — Ann sorriu. — O dever nos chama.

— Claro, Sra. Z.

— Você vai ficar de olho nos lances mais altos para nós?

— Sim, senhora.

— Esse é o meu garoto.

Ela conduziu Chadwick em direção à mesa dos professores.

— Como está Norma? — perguntou ele.

— Ela está bem. Sua ideia é péssima. Internato militar? Simplesmente péssima.

— Obrigado por ter a mente aberta.

— As coisas já não estão complicadas o bastante?

Eles se encararam, e ambos sabiam que Katherine não era o assunto mais importante que lhes passava pela mente. Que Deus os perdoasse, mas não era.

Ann queria ser responsável. Queria pensar no bem de Katherine e Mallory. Queria pensar na sua escola e agir de forma profissional, calma e sensata.

Mas parte dela queria rebelar-se contra tudo isso. Apesar da filhinha maravilhosa, do marido bem-sucedido, dos planos ambiciosos que acalentava para a Laurel Heights, parte dela queria sacudir os alicerces da própria vida, da forma que ela suspeitava que Norma faria se os papéis delas estivessem trocados. Norma, que se tornara uma amiga quase tão querida quanto Chadwick Norma, a mulher que Ann admirava mais do que qualquer pessoa.

Ela estava pensando, *Por favor, não diga nada hoje à noite, Chadwick.*

E, ao mesmo tempo, não conseguia esperar pelo fim do leilão, para que os quatro pudessem ir a algum lugar onde pudessem conversar.

Ann sentia como se fosse duas pessoas, que se separavam lentamente, como se a Ann da superfície fosse uma placa tectônica, deslizando precariamente sobre algo quente e fundido.

E, naquele exato momento, a Ann do subsolo desejava um terremoto.

Mesmo a quarteirões de distância no escuro, Katherine podia ver as árvores: quatro palmeiras enormes, altas demais para Oakland.

As palmeiras a lembravam Los Angeles; as viagens para visitar o lado Reyes da família a cada dois Natais, o pai sempre em busca de uma desculpa para que não fossem, a mãe atirando pratos e panelas pela cozinha até que elas concordasse.

Katherine antigamente pensava bastante em Los Angeles, em escapar, em morar lá com os primos. Os primos dela sabiam se divertir. Eles sabiam os melhores palavrões em espanhol e onde comprar bagulho. Os pais deles não eram malditos professores.

Mas fugir já não era uma fantasia na qual ela acreditasse.

Katherine estacionou o Toyota em frente à casa. Ergueu os olhos para o céu noturno, para as estrelas que se esgueiravam pela névoa e pelas folhas das palmeiras. As palmeiras morreriam naquela noite. Por maiores que fossem, elas não eram feitas para aguentar aquele frio. A temperatura faria mingau do interior delas. Essa certeza inabalável fez com que Katherine sentisse tristeza.

Quando tinha 8 anos, ela e o pai plantaram ipomeias no quintal. O pai a alertou a não ter muitas expectativas, já que o clima de São Francisco era frio demais para aquelas plantas. Mas, com o avançar do verão, as trepadeiras cresceram para além da treliça de metal e floresceram em vingança: flores vermelhas, roxas e azuis como um amontoado de olhos estranhos. Todo dia elas se fechavam, toda noite voltavam a se abrir.

— Elas nunca morrem? — perguntou Katherine.

O pai sorriu e acariciou com delicadeza a orelha dela.

— Não sei, meu amor. Pensei que fossem efêmeras. Agora vejo que não.

Katherine não sabia o significado da palavra *efêmera*. O pai nunca explicava as palavras, nunca adaptava seu vocabulário. Mas aquela palavra lhe souou bem.

Após um tempo, o peso das plantas acabou fazendo com que a treliça ruísse. O pai carregou o belo amontoado de plantas e ferro quebrado para a lateral do barracão de ferramentas, mas as flores continuaram a florescer por semanas a fio, sem as raízes, sem se dar conta de que estavam mortas.

— Katerim?

Ela se esquecera completamente de Mallory. Deviam estar em frente à casa já fazia alguns minutos, com Katherine olhando para as janelas escuras, para a porta da frente aberta. Ela devia estar apavorando a pobre menina.

— Sim, Pinguinho. Desculpe.

— Eu tenho medo.

— De quê?

— Dos animais. Dos rostos.

— É só decoração, Pingo. Você já viu tudo isso antes.

Mas Katherine olhou para a casa e pensou: *Mallory tem razão. Este lugar é mesmo meio sombrio à noite.*

Aquela seria uma casa comum de West Oakland — pequena, dois quartos e paredes amarelas —, não fosse o fato de que um antigo homem da casa, um escultor amador, adornara a parte externa com estranhos e retorcidos trabalhos em metal. Em vez de grades contra roubo, as janelas eram guarnecidas por belas vinhas de ferro. Silhuetas de chapa de metal recobriam as paredes: animais selvagens, máscaras africanas, mulheres grandes com quadris enormes ralhando com homens pequenos de chapéu. Um trenó de Papai Noel feito com tubos de aço, com direito a renas, decorava permanentemente o telhado.

Katherine adorava o trabalho em metal desde a primeira vez que fora até lá com o namorado — meu Deus, *ex-namorado* para ser mais exata. Como ele descobrira o lugar, Katherine não sabia. Era descolado demais para ele. As esculturas lembravam a Katherine as peças de relógio na despensa do avô, como se discos e engrenagens houvessem sido tirados de lá e plantados para crescerem livremente.

— Katerim? — disse Mallory. — Vamos para casa? Vamos?

Katherine estava tremendo, seus dentes tiritando de tal forma que mais pareciam um telégrafo.

Ela correu os dedos pela correntinha — um antigo presente de aniversário de seu pai. Ela odiava que a peça houvesse se transformado em um talismã, algo tão importante para acalmar-lhe os nervos, mas, desde que o ganhara de presente, era como se encerrasse em si algum tipo de força — a determinação silenciosa de um gigante.

Ela estava chorando agora. Não conseguia controlar as lágrimas. Precisava entrar antes que desmoronasse por completo.

— Volto em um minuto — disse ela a Mallory. — Quer ouvir rádio?

— Não, obrigada.

— Claro. Escute. Olha que música legal.

Katherine deixou o rádio ligado e saiu do carro. Ela escutava a voz do pai: *Isso não acabou, Katherine. Quero conversar sobre isso quando eu voltar.*

E Katherine sentiu aquele riso desesperado, o sorriso que antecedia a escuridão, repuxar-lhe os lábios. *Efêmero, papai. Quer dizer morrer cedo demais.*

O frio transformou a respiração dela em vapor ao subir apressada os degraus que levavam à porta.

John Zedman adorava aquilo.

Ao passar pelos armários dos alunos, o secretário de habitação, o supervisor do Distrito 1 e o presidente da maior construtora da cidade vieram apertar-lhe a mão.

Ano passado? O mesmo leilão. O mesmo John Zedman. Mas será que teriam falado com ele? Sem chance.

Era como se o cheiro da fumaça dos navios — a aura de graxa e motores fundidos que voltava para casa com o pai de John desde o cais de Embarcadero — ainda impregnasse o smoking de John, um odor indesejado que saía dos seus poros, se sobressaísse ao perfume de 500 dólares, anunciando: *Eu não sou um membro do seu clube. Não tenho o número do seu celular. Minha esposa não almoça com a sua, ela apenas ensina os seus filhos.*

Essa última parte era o que John mais odiava. Porque aquelas pessoas — para o inferno o que John pensasse —, para elas, não havia diferença alguma entre uma professora e uma empregada. Consuela, da Guatemala. Ann Zedman, da Laurel Heights. A mesma coisa. Você trabalha com os meus filhos, segura o futuro deles nas suas mãos? A minha empregada também.

Por mais que John tentasse reverter isto, os outros pais sempre o haviam olhado pelas lentes do trabalho da esposa, não do seu. Para simplesmente enxergá-lo, precisavam fazer um esforço consciente. Cumprimentá-lo não era algo que lhes ocorresse, assim como ele precisava se esforçar para se lembrar de cumprimentar o porteiro da escola.

Mas não naquela noite. Naquela noite os convidados mais ricos apresentavam a si mesmos, diziam a ele que precisavam marcar aquele almoço. Claro que tinham falado a respeito; quando fora mesmo, no mês anterior?

E John sorria, sabendo que eles estavam falando por falar, mas adorando.

Fazia três meses que John conseguira o primeiro contrato de mais de 1 milhão de dólares, e estava a pleno vapor desde então. Acordava à noite, ia até o banheiro, olhava para a nova pia de concreto Buddy Rhodes, para as torneiras folheadas a ouro, e dizia a si mesmo: “Você é um milionário. Caramba, você é um milionário, meu John.”

Nesta semana, com um contrato de 1 bilhão e 200 mil dólares nas mãos, bem, John estava com tudo. Ele nunca andaria para trás. A filha dele nunca saberia como é o cheiro de graxa e óleo de motor.

Ele atravessou o salão de jantar, levitando a cada passo.

Ele pensou no bairro em que antes viviam, a região sul de Portero Hill. Os caras mais espertos, aqueles que passaram dos 18 anos, haviam se alistado no Exército ou na máfia. John chegara perto de escolher entre os dois caminhos. Mas mesmo para chegar aonde se encontrava agora fora necessário fazer algumas coisas da pesada. Ele cuidara da sua cota de problemas, alguns deles fazia bem pouco tempo.

O que o prefeito diria se soubesse que John estava armado bem ali, agora? — o peso de uma 22 no paletó do smoking como a mão de uma criança insistindo em chamar sua atenção.

John precisava sorrir.

Dane-se se ele cometera alguns erros. Se fizera alguns inimigos.

Ele andara conversando com alguns amigos do clube de polo — eles diziam que era possível contratar um guarda-costas, um ex-militar mexicano, por algumas centenas de dólares por mês. O amigo de um amigo tinha o telefone do sujeito. E, caramba, John estava gostando da ideia de ter um sujeito às suas costas, um pouco de músculos para deixar as pessoas tensas. Que diabo, todo mundo tem guarda-costas hoje em dia. O pastor da igreja batista do centro, o radialista local.

Não se tratava de nervosismo. Nada a ver. Tratava-se de exibir sua influência. Fazer uma afirmação.

Dez metros à sua frente, John viu o dilema surgir — Chadwick sozinho ao lado do bar e, atrás dele, conversando com o presidente do Tribunal de Contas, Hays MacColl, o maior empreiteiro da península, um dos peixes grandes por trás da revitalização da orla de China Basin.

John precisava passar por Chadwick, sorrir para ele ou talvez dar-lhe um tapinha no ombro, e ir falar com MacColl. Testar seu novo poder.

Chadwick estava com um olhar desamparado. Caramba, bastaria botar uma peruca branca no sujeito e ele poderia ser George Washington — o mesmo queixo quadrado, a dignidade triste. John suspeitava de que era por causa de alguma espécie de carma genético que o cara ensinava história americana; como acontece com as pessoas que acabam ficando parecidas com seus cachorros. Chadwick também tinha a altura certa: quase 2 metros de altura. John nunca pensara em si mesmo como um sujeito baixo, até ficar amigo de Chadwick. Então, por comparação, as pessoas começaram a chamá-lo de “o mais baixo”. Logo ele virou o baixinho.

Ele deveria passar batido.

Os Chadwick eram amigos deles... que diabo, Ann e Chadwick companheiros desde os tempos de escola. E os quatro, socialmente juntos, desde que Ann o contratara, em... o quê, 1982? O mesmo ano em que Katherine entrara no jardim de infância, lá no primeiro andar.

Desde então essa amizade não lhes trouxera nada além de problemas. Assim como negócios e amizade, educação e amizade não se misturam. Você educa os filhos deles, e observa como eles os educam — e isso muda a sua perspectiva. Katherine, por exemplo. Meu Deus. John odiava a si mesmo por deixar Mallory na casa deles, apesar de saber que Norma e Chadwick ficariam magoados se não o fizesse, pois estaria transmitindo a mensagem de que não confiava a própria filha aos cuidados da deles.

E daí? Era verdade. Katherine era encrenca. John sentia pavor ao permitir que ela tomasse conta de sua filha. Mas o que ele mais temia era que a pequena Mallory seguisse os passos dela: frequentasse a escola de Ann, fosse aluna de Chadwick algum dia. Isso não podia ser saudável. A Laurel Heights tinha

prestígio, claro. Mas não era a única boa escola da cidade. Se apenas ele conseguisse convencer Ann a deixar o emprego, poderiam matricular Mallory na Burke ou talvez na Hamlin — algum lugar mais garantido, comum.

Não que John não houvesse se esforçado ao máximo para ser amigo de Chadwick. Quantos caras teriam feito tudo o que ele fizera? Mas Chadwick e Norma eram ruins para eles. E que história fora aquela dos carnívoros mais cedo? Mas que droga.

Ele estava preparado para passar direto por Chadwick — que se danem as consequências. O que era aquilo, estava ficando sentimental? Havia sido ideia dele que os quatro saíssem depois do leilão, bebessem alguma coisa, colocassem a velha amizade em dia. Ele odiava aquele sentimentalismo em si mesmo. Era uma fraqueza que ele sempre precisava reprimir.

Então os olhos dele encontraram os de Chadwick, que lhe dirigiu um daqueles sorrisos tristes, aquele olhar cansado, mas caloroso que o pai de John costumava usar com ele todas as noites quando chegava do Embarcadero, e foi como uma janela aberta para um mundo do qual John passara a vida toda tentando escapar. Apesar do que pretendia, John parou e se recostou no balcão do bar.

— Aí está você — disse ele.

— Perdemos nossas esposas, de novo.

— Não — disse John. — Não dá para eu perder a minha. Ela é sempre o centro das atenções.

De fato: lá estava Ann, aplaudindo e sorrindo enquanto o leiloeiro criava uma guerra de lances entre duas famílias que disputavam o sabe-se lá o quê de cerâmica que os filhos deles, do terceiro ano, tinham feito.

Hays MacColl se misturou à multidão com uma jovem no seu encaixe, e a oportunidade passara.

— E Norma? — perguntou John a Chadwick.

— Por aí. — Chadwick balançou a cabeça. — Achei que eu fosse conseguir entender as coisas, John. Achei que alguns dias longe de casa...

— Ei, cara — disse John. — Eu sinto muito.

E ele sentia. De verdade. Ele e Ann também tinham suas diferenças, Deus era testemunha. Eram um casal tão incompatível quanto Chadwick e Norma. Mas se John insistia em uma coisa, era no casamento. Ele vira o que o divórcio fazia com um homem, vira o que acontecera com seu pai depois que a mãe os deixara. Não. Não para John Zedman. A filha dele não cresceria daquele jeito. Era outro tipo de espelho que ele enxergava em Chadwick — do qual não gostava.

Chadwick entregou a ele o programa do leilão. Mais três itens: a viagem para Barbados, o fim de semana em Aspen e a colcha em patchwork feita pelo jardim de infância. John precisaria estar ali, é claro. Mallory fizera um dos

ainéis — um cavalo, naturalmente. Sempre um cavalo. Ele precisaria se juntar ao frenesi de lances para transformar uma semana de pintura a dedo no jardim de infância numa grana preta.

— Ainda está pensando em sair para beber alguma coisa depois? — perguntou Chadwick — Está meio frio lá fora.

John percebeu que perscrutava a multidão, devia estar parecendo um cão preso à coleira em um parque, pronto para sair em disparada. Chadwick o olhou com os olhos tristes, dizendo que podia ir circular sem problemas. Vá em frente. Mas John sentiu a apreensão no amigo, e sabia que Chadwick — o sujeito alto; o cara que podia enrolar um homem adulto em um poste — precisava dele.

Acima de tudo, John era um homem de ação. Ele não perdia tempo hesitando acerca do que fazer. Se cometesse um erro, não perdia tempo se lamentando.

Sem ele, Chadwick era uma massa de indecisão, fosse quanto à esposa, à filha ou aos planos de reviver a primeira saída a quatro deles, tantos anos antes, quando encheram a cara de Veuve Clicquot e caminharam por Pacific Heights cantando “When I’m Sixty Four” no escuro até que as velhas começaram a gritar com eles lá de suas mansões, usando palavras que velhas de mansões não deveriam conhecer.

John Zedman não tinha medo de viver.

Ele imaginava sacar a 22 ali, no meio da escola, e deixar Chadwick branco de medo.

*Você não precisa ter medo*, diria a Chadwick *Johnny vai tomar conta de tudo*.

A ideia o fez sorrir.

— Por que esperar? — disse ele. — Essa rodada é por minha conta.

Mallory sonhara duas vezes com aquela casa. Em ambos os sonhos as vinhas de metal que havia nas paredes começavam a se mover como cabelos e a porta escura se abria como uma boca, que passava a inspirar, tentando sugar Mallory para dentro.

Mallory tremia. Respirava dentro das mãos em concha e tentava capturar o calor, mas isso só servia para deixar as palmas das suas mãos grudentas.

Do rádio do carro saía uma música — homens com vozes engraçadas cantavam que estavam a 700 quilômetros de distância, mas que estavam voltando para casa.

Mallory não gostou da música, mas não queria tocar no rádio de Katherine. Tinha medo de aumentar ainda mais o volume.

Quando Katherine por fim saiu da casa, conversando com alguém na varanda, Mallory passou a pular no banco, ansiosa para que ela voltasse logo.

Mallory gostava da companhia de Katherine, assim como gostava da xícara que rodava no parque de diversões ou de quando o pai a virava de cabeça para baixo. Mas Mallory não tinha pesadelos com a xícara que rodava. Ela tivera pesadelos com a casa amarela de porta escura e de vinhas de metal.

Katherine se sentou no banco do motorista. Ela cheirava a fumaça. Trazia consigo um saco de papel pardo, daqueles de padaria, e Mallory perguntou o que tinha ali dentro, pois estava com fome.

— Remédio — respondeu Katherine.

— Você está doente?

Katherine sorriu.

— Vamos voltar para casa, Pingo.

— Por que você gosta de vir aqui, Katerim? Eu não gosto daqui.

Katherine colocou as mãos no volante; ela parecia sentir a peça como se esperasse por uma vibração especial.

— Precisava me despedir de uma pessoa, meu amor. Precisava contar uma coisa a ela. Não espero que você entenda.

— A gente não vai mais voltar aqui? — perguntou Mallory, cheia de esperança.

— Não — disse Katherine. — Nosso segredinho. Certo?

Katherine apertou o joelho de Mallory, seus dedos cortantes como gelo. A menininha ficou tão aliviada que lágrimas marejaram seus olhos. A casa parecia olhar para ela, esperando pela promessa.

— Segredo — disse Mallory.

Ela prometeu que nunca diria a ninguém nada sobre a casa. Nem em um milhão de anos.

Norma Reyes estava preocupada com as meninas.

Queria ligar para Katherine, ter certeza de que estava tudo bem. Queria puxar a filha pela linha telefônica — beijar-lhe a testa, apertar-lhe as bochechas, dizer *M'hijita, estou do seu lado. Não estou mais brava.*

Mas não podia ser a primeira a sugerir que ligassem. Isso provaria algo a Chadwick que ela não confiava em Katherine, que admitia que as coisas estavam tão ruins quanto ele acreditava.

Ele nunca aprovara a forma como Norma lidava com crises, e as crises sempre aconteciam sob seu comando, já que tudo era responsabilidade de Norma. Vinte e quatro horas por dia.

Norma aprendera a ser defensiva — a minimizar os problemas de Katherine, já que, se não o fizesse, Chadwick perdia a cabeça. Não emocionalmente. Nunca emocionalmente. Ele maquinava alguma ideia maluca — como a terapia. Como a medicação. Como mandar Katherine para o *pinche*

Texas. Ele levava para casa algum manual educacional ou o livro de psicologia infantil da semana e criava um plano para dar um jeito na filha como se ela fosse um carburador com defeito.

*Qué cacada.*

E ele ainda assim queria saber por que Norma não saíra correndo para lhe contar da heroína.

Agora ali estavam eles, no pátio da escola, congelando até os ossos, ela e Ann sentadas nos brinquedos do parquinho observando os maridos ensinarem caratê um ao outro como uma dupla de idiotas embriagados. John ria, a colcha do jardim de infância que ele arrematara por 7.500 dólares sobre os ombros. Ele parecia o chefe da tribo Crayola.

Todos já haviam ido embora, a não ser pelo pessoal da limpeza e alguns funcionários da escola, que colocavam as salas de aula em ordem.

O piso de madeira sob os pés de Norma parecia um bloco de gelo. Pontas de gelo escorriam das lanternas de papel acima delas. Dentro da escola, Juan Carlos, o zelador da noite, cantarolava canções de Natal de Frank Sinatra enquanto passava o aspirador de pó, limpando a bebida e as bolachas de canapé que os pais haviam espalhado pelo carpete das salas.

Aquilo não era diversão. Eles precisavam ir embora logo ou congelariam, mas quem seria o primeiro a admitir que a ideia havia sido um erro? Quem confessaria que estavam nervosos e infelizes e que apenas queriam ir para casa?

Em algum momento, a vida de Norma — o casamento, a amizade e até mesmo a forma como educara a filha — se transformara em um jogo da covardia. Ela e Chadwick avançavam a toda velocidade, fazendo de conta que não estavam em rota de colisão, tentando ser o último a desviar.

— Tem certeza de que não há nada que eu possa fazer? — perguntou Ann.

O que Norma escutou: *Você precisa de ajuda porque é um fracasso.*

Talvez não fosse culpa de Ann. Ela tinha o mesmo tom de voz de Chadwick — estável e calmo, desprovido de emoção, de modo que era preciso adivinhar o que ela sentia.

Norma crescera em uma família na qual se alguém estava bravo, se alguém tivesse um problema com você, você saberia. Viria voando na sua direção, na forma de uma *Bíblia*, uma prensa de *tortilla*, uma toalha de rosto... alguma coisa. Então você gritaria um pouco e estava acabado. Já a forma como Ann e Chadwick se expressavam... Norma aprendera a desconfiar de cada comentário, já que não eram óbvios. As críticas dos dois eram como tortura chinesa com água. Norma achava que devia ser coisa de professores.

John soltou a garrafa de champanhe no chão e tropeçou na borda da colcha.

— Está bem. Olha. Tem uma coisa que eles fazem com o cotovelo, sabe?

— Me dê essa colcha antes que você acabe com ela — disse Ann. — Estou congelando.

John atirou a colcha para ela e Ann a estendeu sobre os próprios joelhos e os de Norma — compartilharam a manta de forma automática, aproximando-se uma da outra. O tecido desprendia cheiro de tinta acrílica.

John desferiu um golpe de cotovelo contra Chadwick.

Chadwick balançou a cabeça melancolicamente.

— Isso nunca funcionaria.

— Não? Pergunte aos japoneses, cara.

— John, o caratê não é japonês. É de Okinawa.

— Ah, tanto faz. Olha, você é um cara da Força Aérea. Vamos, me dê um soco. Finja que eu sou um vietcongue ou coisa parecida. Eu vou lhe mostrar.

Eles prosseguiram. Chadwick entrando na brincadeira desanimado, John rindo, tentando instigá-lo.

— Patético — murmurou Ann.

John continuou a desferir golpes.

— Olha, Chadwick. Só estou dizendo que não se trata de músculos. Você poderia...

— Exato. Você tem que saber a hora de dar o fora.

— Você pode ter tido um pouco mais de treinamento do que eu, mas um golpe de cotovelo o derrubaria.

Norma sorriu, apesar de tudo. Era tão ridículo — seu marido enorme, incapaz de fazer mal a uma mosca. Se Chadwick tivesse metade da ousadia de John Zedman, ele teria o mundo na palma da mão. Pelo amor de Deus, o cara havia sido da polícia de segurança na Força Aérea, mas em 17 anos de casamento não dissera uma palavra mais dura. Nem um murro na parede. Nada. Aquilo deixava Norma louca.

Ela se casara com Chadwick porque ele era bonito, inteligente e servira na Força Aérea: tudo isso a lembrava o pai. Norma acreditara que acabaria conseguindo penetrar o silêncio dele. Sabia que havia algo ali — uma energia que aflorava nas poucas vezes que o vira numa sala de aula. Ou na época em que Katherine era pequena, quando Norma se esgueirava até a porta do quarto da filha à noite e ouvia as histórias de Chadwick, a forma como ele dava vida a tudo o que dizia. Mas para Norma? Ela tentava se lembrar de um tempo no qual ele ficara realmente apaixonado por ela, e precisava se convencer de que algo assim acontecera durante a lua de mel. Mais e mais, ela se perguntava se não era sua imaginação.

Teria sido um consolo aceitável, pensava ela, se Chadwick ao menos houvesse se determinado a ganhar algum dinheiro, se lançado numa carreira que os tirasse daquele cafofo herdado no Mission. Afinal, Norma não abrira mão dos próprios sonhos ao se casar com ele, não deixara a faculdade para cuidar da filha? Ele não podia fazer alguns sacrifícios?

Aparentemente, não. Ele ainda olhava para ela com culpa algumas vezes.

Culpa por ter perseguido seu sonho e se tornado professor. Culpa por não conseguir pagar a droga do cartão de crédito aquele mês. Mas ele fora feito para a sala de aula.

Durante o ano anterior, talvez um pouco mais ou um pouco menos, Chadwick passara a olhar para ela com a mesma expressão de culpa com a qual sempre voltava dos acampamentos com Hunter, sustentando inúmeras vezes a ideia de que talvez, apenas talvez, não fossem capazes de ajudar Katherine.

Ele estava muito enganado se acreditava que levaria o bebê dela para longe.

Ela sentiu um calafrio, o joelho direito tremendo contra o de Ann sob a manta.

— Certo, já basta — disse Chadwick a John, erguendo as mãos espalmadas.

— É, mas o chute é o melhor...

— Ora, John. Vamos parar, está bem?

— Ah, ficou com medo. O grandalhão ficou com medo.

— Estou convencida de que o oitavo ano é o limite — murmurou Ann.

— O quê? — perguntou Norma. — Limite para o quê?

— Para o amadurecimento dos homens.

Ann sorriu de forma conspiradora e Norma se perguntou: *Você vai me contar? É por isso que estamos aqui?*

Algo dizia a Norma que Ann abriria o jogo aquela noite. Ela esperava que sim. Afinal, a única coisa que Norma não conseguiria perdoar seria o desrespeito — o desrespeito de Chadwick e Ann acharem que ela era idiota.

Claro que Ann não acreditava que Norma não sentira o cheiro do perfume dela na camisa de Chadwick naquela vez, em outubro, ou a mudança sutil na forma de Chadwick dizer o nome dela, que se dera alguns meses antes. Durante o verão — o retiro dos professores. Uma semana naquela casa enorme em Stinson Beach, apenas os professores e Ann. Tiveram bastante tempo para se encontrar às escondidas, acreditava Norma.

O casamento de Norma era uma casca de ovo que permanecia no lugar graças a fita adesiva. Ela sabia disso. Sabia que havia pressionado Chadwick a ser algo que ele não poderia ser — pressionara tanto e por tantos anos que ele havia rachado, e o que quer que tivesse por dentro vazara, lentamente, até ele ficar oco para ela. Mas ainda assim Norma precisava acreditar que ele a respeitaria o bastante para admitir o caso. Esse era um dos motivos para ela preservar o casamento moribundo — além de Katherine.

Ela podia perdoar Ann. Amava Ann. Amava sua calma, algo que Norma nunca teria na vida, e a capacidade de Ann de realmente escutar. Quando Norma enfrentara o câncer de mama, fora Ann quem a ajudara. Sem pena, sem lugares-comuns, sem solidariedade falsa — ela esteve presente da segunda consulta com o médico em diante. Ajudou Norma a aceitar a mastectomia, a aceitar o fato de que agora Katherine seria para sempre sua única filha, já que a

quimioterapia destruíra seu útero.

E é claro que Chadwick se sentiria atraído por ela em busca de conforto. Ann era sua amiga mais antiga. Sempre platônico, ele jurara — *Ann me conhece bem demais para se apaixonar por mim*, ele dissera a Norma anos antes. Mas que diabo, as coisas mudaram.

Talvez Norma estivesse louca — por ainda desejar a amizade de Ann. Mas amor e perdão não têm nada a ver com lógica.

Aquela noite, apesar do problema com a heroína, Ann entregara Mallory a Katherine sem hesitar. “Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.”

Norma quisera abraçar Ann. Era um voto de confiança não apenas para Katherine, mas também para ela mesma. Era como dizer: “Sim, eu entendo que você abriu mão da sua vida para ser mãe e não acho que tenha fracassado.”

Norma esperava que Ann dissesse alguma coisa.

Os ponteiros do relógio brilhavam em sua posição, indicando que já passava da meia-noite. Eles realmente deveriam estar em casa a essa altura.

— Ah, eu desisto — disse John. — Não dá para vencer esse cara.

Ele deu um soco na barriga de Chadwick e foi até o parquinho, sorrindo.

— Abram essa manta, garotas. Vamos fazer um piquenique.

— Sem chance, *hijo* — disse Norma. — Está quentinho. E, além disso, é uma obra de arte de 7.500 dólares.

— Dedutíveis do imposto de renda — disse John.

— Você não vai sentar a bunda nele, John Zedman.

Ele riu e ergueu a garrafa de champanhe.

Chadwick ficou de lado, olhando para o céu em seu tom alaranjado turvo.

Subitamente, Norma sentiu saudades de Los Angeles. Ela queria noites quentes — shorts e camisetas, o vento cálido de Santa Ana. Já vivera tempo demais ali naquela cidade, permitira que a filha crescesse ali. Não era saudável. O tempo passara rápido demais.

Ela poderia ser uma gerente administrativa àquela altura — bancária, contadora.

Todos os seus colegas de escola sabiam que Norma Reyes venceria na vida. Ela respirava números como a maioria das pessoas respira ar. A primeira garota da escola a concluir o curso de cálculo avançado. Ela iria longe. Era uma ironia amarga que houvesse acabado como mãe em tempo integral em um bairro popular, assim como sua mãe.

Mas Norma ainda era jovem. Apenas mais dois anos e Katherine iria para a universidade. Katherine superaria os problemas — Norma sabia disso. Ela tinha enorme orgulho pelo fato de a filha ter herdado seu talento com os números. Katherine poderia estudar no MIT. Ou em Columbia. Ela também poderia conseguir uma bolsa.

Então Norma teria a própria carreira. Poderia deixar o casamento com

Chadwick desmoronar, se fosse preciso. Ou talvez, quem sabe? Que tipo de casal eles seriam sem Katherine? Eles nunca haviam tido a chance de descobrir. Talvez conseguissem se entender, no fim das contas.

— Ei, Chadwick — disse John. — O que foi? Perdeu alguma coisa lá em cima?

E quando Chadwick baixou o olhar, direto para ela, Norma soube o que estava por vir. Ela o conhecia bem o bastante para saber que ele estava planejando uma confissão.

Tudo bem, ela pensou. Precisamos de uma boa briga. Uma vez que seja, talvez — um verdadeiro caos. Talvez o jogo de covardia termine aqui.

E então a porta do andar de cima foi escancarada e Gladys, a secretária de Ann, desceu correndo do escritório, os saltos dos sapatos martelando os degraus de madeira, a respiração acelerada se condensando no frio.

— Acabaram de ligar. — Ela ofegou, parando no meio da escada, gritando para eles. — Ah, meu Deus. A polícia está à procura de vocês.

Às 22h30, Katherine acomodou Mallory em frente à TV, na poltrona reclinável do pai. A menina era tão pequena que parecia um bichinho de pelúcia em meio a tanto couro preto. Katherine vasculhou as fitas em busca de um bom filme — algo do baú de sua infância — e por fim se decidiu por *A pequena sereia*. Era uma cópia pirata, que o pai gravara para ela, por saber que a versão original em VHS só sairia alguns anos depois. Ela amou o filme quando o assistiram no cinema, apesar de já ter 12 anos, quase 13 — um pouco crescidinha demais para admitir que gostava de desenhos animados. O pai lhe contara a história muitas vezes quando ela era pequena, mas ela gostou ainda mais da versão da Disney, que tinha um final feliz. Ela acreditava que por isso o pai se esforçara tanto para conseguir uma cópia — foi a última coisa da qual ela gostou como criança, o último final feliz que teve qualquer apelo para ela.

Katherine colocou a fita no videocassete e esperou começar a música.

— Eu não gosto desse — queixou-se Mallory.

— É muito legal, querida. Eu amo esse filme.

— A gente pode brincar? Eu gosto quando a gente brinca.

— Talvez mais tarde. — Katherine tentava sustentar o sorriso. É tinta, ela disse a si mesma. Espalhe uma camada um pouco mais grossa, dê tempo para secar. — Vou deitar um pouco, está bem?

— Você está se sentindo mal?

— Só um pouco cansada. Vou ficar bem.

— Posso ir também?

O pedido apertou o coração de Katherine como um cinto de segurança. Ela sentiu a ânsia que vinha sentindo já fazia algumas semanas — doar tudo o que tinha, fazer com que Mallory soubesse que a amava.

— Aqui, querida. — Ela abriu o fecho da corrente de aniversário, colocou-o nas mãos de Mallory. — É um presente.

— Mas é seu. É seu preferido.

— Guarde para mim. Quero que fique com você, Mal. Eu te amo.

— Eu também te amo, Katerim.

— Que bom. Agora fique vendo TV um pouquinho.

Katherine fechou a porta de seu quarto e foi até o banheiro da suíte. Abriu a sacola de papel pardo e tirou a colher, a borracha de soro, o isqueiro, a seringa. Ficou surpresa com a cor da heroína — estava quase branca desta vez, como talco. Seus dedos estavam gelados, mas ela sabia o que fazer. Aprendera com um expert — mãos hábeis, sem medo, pegando-a pelo pulso, dando tapinhas na parte interna do braço dela em busca de uma veia. Como um enfermeiro. Meu Deus, Samuel. Ela iria sentir saudade dele.

Katherine injetou e imediatamente estremeceu. Assim era melhor. Ela podia sentir tristeza e felicidade ao mesmo tempo. O pai nunca voltaria para casa. Eles não discutiriam mais. Sua mãe nunca mais gritaria.

Katherine olhou para o espelho, sorrindo para a garota à sua frente. Parecia com a mãe, só que mais jovem, sem as frustrações de ter que criar uma merda de filha.

Katherine queria que a mãe tivesse voltado a estudar. Sim, era um saco ter que admitir, mas era o que ela preferiria. Seria melhor o pai ficar em casa, longe da Laurel Heights, e a mãe trabalhar para sustentar a casa. Eles não tinham pensado nisso? Não lhes ocorrera que todos seriam mais felizes dessa forma?

A sensação agradável de flutuar acima do chão não estava funcionando tão bem quanto Katherine esperara. Ela ouvia o caranguejo Sebastião cantando na sala de estar. Deveria ir lá ver se estava tudo bem com Mallory? Não. Estava tudo bem.

Katherine tentou se lembrar — já tinha injetado uma dose? Parecia que não. Lembrou-se do alerta do amigo: *Você pode não ter o barato garantido com esse lote. Pode ser que precise tentar um pouco mais.*

Era isso, Katherine concluiu. Drogas fracas. Fracas, como todo o resto.

Ela repetiu o processo: segurou o isqueiro sob a colher, recuando o polegar ao perceber que o estava segurando perto demais da chama sem sentir. A ponta parecia ter sido mergulhada em carvão. Ela a colocou na boca e passou a dar risadinhas. *Não chupe o dedo, m'hijita.*

Por fim injetou... pela segunda vez, será?

Ela se sentia melhor agora, como se envolta em algodão. Levantou-se do vaso e seus pés afundaram diversos centímetros no chão. Foi até a cama, caiu sobre os lençóis. Tentou tocar o rosto, mas não sabia se seus dedos estavam tocando um travesseiro ou a própria face.

Acima dela, de cabeça para baixo, estavam as figuras da cabeceira — a

vaca e a lua e as estrelas que lhe faziam companhia desde a infância. De onde surgiram? Ela não as havia coberto?

Ela ouvia a própria respiração, sentia-a voltar para seu rosto, como se estivesse de frente para uma janela.

Lembrou-se de ir até a cama dos pais quando criança, a cabeça ao lado da do pai, ouvindo seus sons enquanto dormia. Tentava igualar o ritmo da sua respiração com a dele, mas ele inspirava muito profundamente. Ela não conseguia segurar tanto ar nos pulmões, não conseguia manter um intervalo tão grande sem sufocar. Sentia-se uma fracassada por não conseguir acompanhar o ritmo do pai. Então ficava acordada, incapaz de dormir, analisando os olhos fechados dele, as leves sardinhas na pálpebra esquerda, os cílios loiros que eram imperceptíveis quando ele estava acordado.

Os sons de *A pequena sereia* vinham de algum lugar distante. A mãe e o pai queriam que ela ficasse na cama um pouco mais. Era cedo demais para se levantar — cedo demais até mesmo para desenhos animados.

Katherine fechou os olhos. Sentiu a respiração desacelerar, finalmente acompanhando o pai.

Mallory levantou uma vez durante o filme e foi até o quarto de Katherine. A jovem dormia na cama. O ar tinha um cheiro engraçado — como cheiro de torradeira.

Havia uma colher no chão; quando Mallory a pegou, viu que estava quente. Ela soltou a colher.

— Katherine? — chamou a menininha, se esforçando para dizer o nome certo. A professora estava lhe ensinando os sons. Elas brincavam de um jogo de cartas. *Galinha. Sapato. Katherine.*

Mallory sacudiu o ombro de Katherine, chamou-a outra vez. Mas a garota continuava dormindo.

Ela não queria que Katherine ficasse brava com ela.

Então voltou para a sala. Aninhou-se na enorme poltrona preta e esfregou a correntinha de Katherine entre os dedos. Havia um pingente retangular com uma inscrição no verso, mas Mallory lia muito poucas palavras. Estava no jardim de infância.

Ela voltou a assistir o filme.

Talvez seus pais chegassem logo. Se Katherine já estava dormindo, devia ser hora de ir para a cama.

Mas eles não voltavam.

O filme terminou. As imagens na tela deram lugar a chuviscos.

Mallory voltou ao quarto na ponta dos pés. Havia algo esquisito no rosto de Katherine agora. Era como se ela estivesse cochilando numa piscina, no fundo da

parte rasa. A pele dela estava com aquela cor.

Mallory tentou acordá-la, mas não conseguiu. A mão de Katherine estava muito gelada.

Mallory sentiu no estômago a mesma coisa que sentia quando comia balas demais.

Ela tinha medo de que Katherine acordasse e ficasse brava, e seus olhos e sua boca ficariam parecendo a casa escura. Mallory tentou pensar em como ligar para os pais. Ela sabia o número de casa, o decorara. Mas eles não estavam em casa. Estavam na festa da escola. Foi o que disseram.

A mãe a ensinara outro número, para emergências. Mallory estava com medo de brigarem com ela por discá-lo, mas tinha ainda mais medo de ficar sozinha com Katherine dormindo, o rosto dela com aquela cor estranha.

Ela ficou de pé no banco da cozinha para alcançar o telefone. Discou — da primeira vez, o número errado, 119, e nada aconteceu. Então lembrou que o nove vinha na frente, e discou outra vez.

A mulher do outro lado da linha fez a Mallory uma pergunta que ela não entendeu, mas mesmo assim Mallory disse qual era o problema. Com cuidado, ela disse: “A Katherine não quer acordar.”

A mulher fez mais algumas perguntas. Ela disse a Mallory para não desligar, mas Mallory ficou assustada com o tom de voz da mulher — duro, e não amistoso, como o de um robô, então desligou. Voltou para a sala e girou a poltrona preta para que ficasse de frente para a porta do quarto. O telefone tocou, mas ela não atendeu. Sabia que era a mulher com a voz durona — e ela não sabia o que mais dizer. *Anda logo. Diga aos meus pais para virem logo.*

Ela segurava a corrente de Katherine numa mão, enrolando e desenrolando-a no pulso. A prata tinha cheiro de vinagre.

Mallory não sabia ao certo o que esperava. Que Katherine acordasse e atendesse o telefone. Que os pais chegassem para atendê-lo. Alguém. Qualquer pessoa.

Anos depois, Mallory se perguntaria se algum dia desistiria de esperar, se um dia sairia daquela cadeira de couro preto, se pararia de olhar para a porta do quarto de Katherine, à espera de alguém que nunca mais voltaria.

## PARTE II

---

2002

Talia Montrose estava a uma hora de uma vida completamente nova.

Ela guardava 20 mil dólares em uma mochila de couro no porta-malas do seu LeBaron e, no bolso, um recibo de mais 230 mil, que acabara de depositar numa conta recém-aberta no Bank of America.

Ela encerrara a antiga conta corrente, sacara o pouco que conseguira juntar. Largara o emprego na Pay-Rite e mandara o gerente, Caleb, ir se foder dessa vez, em vez de foder as adolescentes que trabalhavam nos caixas.

Talia tinha três mudas de roupas de inverno, um álbum de fotografias, uma caixa de Tampax e um casaco de esqui, tudo bem dobradinho dentro de uma única mala de tecido estampado.

Sua mão ainda estava quente de ter cumprimentado o homem rico, os dedos doloridos de tanto assinar e rubricar contratos. Ela ainda sentia o cheiro do perfume dele — exótico e aromático, como uma bebida do Oriente Médio. Ainda via os olhos frios do mexicano que ficara atrás dele.

Depois de confirmar que ela entendia o acordo, de confirmar que ela assinara nos lugares certos, o homem rico sorriera, entregara-lhe a mochila e dissera: “Prontinho, pode ir.”

Tão fácil. Ela ainda estava em choque.

Às 8 horas, Vincent estaria esperando por ela na Pancake & Chicken House, na Broadway. Vincent tinha uma arma. Poderia protegê-la, e ao dinheiro. Eles apontariam o LeBaron para a direção de Lake Tahoe e nunca mais olhariam para trás.

Então por que ela estava voltando para a casa — o lugar do qual estava tão ansiosa para se livrar?

Entrou com o carro na Poplar, atravessou o bairro que conhecia bem até demais — os quintais minúsculos como uma cova, as paredes em cores pastel, as janelas de esquadria de alumínio e os canteiros de flores de concreto que mais pareciam cestas de Páscoa. Carros novíssimos e antenas parabólicas marcavam as casas dos traficantes. O velho Sr. Benjamin estava no quintal de camiseta regata branca e com o boné da Marinha, regando a grama.

Não era um bairro feio. As pessoas viam West Oakland no noticiário, ouviam falar da taxa de homicídios, de drogas e gangues, e pensavam que aquela era uma zona de guerra — com latões de lixo pegando fogo, prédios caindo aos pedaços e jovens mal encarados com metralhadoras.

Mas a verdade era ainda mais assustadora. A verdade era que West Oakland parecia um lugar comum. Limpo, organizado, habitado por uma maioria

trabalhadora, gente decente. Era preciso olhar com atenção para ver os buracos de bala nas portas e janelas. Era preciso ser azarado, ou apenas um completo idiota, para dar de frente com um crime. E quanto aos jovens... bem, não dava para distinguir os perigosos apenas olhando para eles. Talia sabia disso por experiência própria.

Ela virou à esquerda na Jefferson, passou por casas de amigos de infância — cada vez mais deles morriam, à medida que ela envelhecia. Passou por lugares nos quais crescera, criara os filhos, conhecera seus homens.

Seis casas adiante, à sua esquerda, os grandes tocos marrons do que costumavam ser suas palmeiras se erguiam em frente à casa como os dedos de um leproso. A pintura do lugar, outrora de um amarelo vibrante, tinha desbotado até ficar da cor de uma cueca encardida, tatuada com a ferrugem dos anos que passara sob uma tonelada de ornamentos em metal de Johnny Jay. O telhado estava afundado. Metade das janelas tinha o vidro marcado por teias de rachaduras.

Aquela casa não valia 250 mil dólares, mesmo que fosse verdade a conversa fiada do homem rico sobre um projeto de renovação. Não, aquele não seria o novo Emeryville. Eles não iriam construir lofts para artistas porcaria nenhuma. Ele apenas comprara o afastamento de Talia, pura e simplesmente — pagara-lhe para sumir dali.

Ela estacionou em frente à casa e tirou a mochila do porta-malas. Nunca deixaria um valor daqueles dando sopa no carro.

O ar do outono era macio como cetim.

Havia uma abóbora amassada na varanda. Alguém também pendurara um gato preto de papel na porta. Não ela, pois não aparecia em casa fazia quatro dias. Andara fazendo planos com Vincent, cheirando o pó dele, sonhando com notas de 50 e 100. De qualquer forma, nenhuma criança apareceria na porta da casa dela em busca de doces ou travessuras. Isso nunca acontecera.

Ela colocou a chave na fechadura e percebeu que a porta estava aberta. Merda. Tomara que os moleques não tenham destruído a casa. Talia acreditava que o negócio era definitivo, mas nunca se sabe — ela não entendera metade do que assinara. Não queria que nada desse errado.

Ficou parada ali no meio da sala, se perguntando por que se sentia culpada. Não havia nada na casa a não ser o piso de madeira, o velho sofá verde, a mesa de compensado. O sol da manhã entrava pelas janelas, inundando de luz as velhas cortinas acinzentadas.

Ela passara toda a porcaria da sua vida adulta naquela casa, falhara uma vez atrás da outra com os filhos, com os relacionamentos. Seu primeiro marido, Johnny Jay, o artista do metal, passara anos engaiolando a casa com seus trabalhos, como se aquilo compensasse o fato de que sua virilidade não conseguia segurar Talia em casa. O segundo marido, Elbridge, lhe dera mais quatro filhos e

um mundo de sofrimento antes de ser morto a tiros. Uma dúzia de outros homens: Bill, o gerente noturno da Pay-Rite, que fornecia medicamentos controlados para seus filhos; Ali, o guarda-costas muçulmano, com sua maldita gravata-borboleta e que considerava satânicos os trabalhos em metal de Johnny Jay e passava os fins de semana os arrancando, mas que também pintara o quarto de Talia e comprara eletrodomésticos. Acabou que ele gostava mais de meninas do que dela. E esses eram apenas os destaques. Todos deixaram marcas em Talia, nos filhos dela, naquela casa.

Então por que ela estava de volta ali?

Ela pensou em Vincent — com a arma, o dente de prata e o sorriso luminoso. Porteiro do Royale Club, ele sabia se portar. Era gentil com ela, e ficara ainda mais gentil depois que ela lhe contara sobre o dinheiro.

Talvez a sorte dela mudasse. Talvez Vincent fosse o homem certo.

Mas Talia sabia que seu otimismo era uma doença. Ela fora enganada pelos homens uma vez atrás da outra, e só permitira a si mesma continuar tentando porque esperança era a única coisa que lhe restava. Tivera filhos pelo mesmo motivo. Não podia sustentá-los, não podia se comprometer com eles, não podia dar-lhes apoio. E ainda assim os tivera. No fim das contas, eles eram um peso, a puxavam para baixo.

Ela seria capaz de deixar os filhos para trás? A resposta era fácil: já os deixara. Um morto. Dois presos. Outro tinha largado a escola e saído de casa. O único que terminara a escola... bem, quanto menos for dito a respeito, melhor. Todos traficando drogas, fazendo parte de gangues, ao menos em algum momento de suas vidas. Até mesmo seu bebê, Race: ela simplesmente não sabia o que fazer por ele. Ele agora sabia se cuidar, a maior parte do tempo — ficava na casa de amigos, da Vovó Louca, algumas vezes ali em casa. O dinheiro na mochila dizia que o melhor era seguir o planejado, levar Race com ela, afastá-lo da filha do homem rico. Mas Vincent não iria gostar disso. Race não desistiria daquela garota. Mesmo depois de ser expulso da escola, Race tinha se aproximado dela mais do que nunca. Ele nunca concordaria em ir embora, e já era grande demais para ser forçado a fazer qualquer coisa.

Além disso, aquela casa rendera a Talia um bilhete para longe de West Oakland. Vendê-la fora a única coisa certa que ela já fizera na vida. Ela se matou para comprá-la. Economizou, trabalhou honestamente. Agora estava colhendo bons frutos — quatro vezes o que investira. Era a primeira coisa justa, a primeira coisa boa que lhe acontecia. Quem podia culpá-la por ir embora sozinha, por recomeçar? De qualquer forma ela não fazia bem algum aos filhos, e todo mundo sabia disso.

Ela foi até seu quarto e o encontrou todo bagunçado — dois sacos de dormir no chão, em frente à TV. Race e a namorada estavam dormindo ali. Lá estavam as roupas dela, a bolsa, aquela correntinha. Nenhum sinal deles. Como na noite

anterior tinha sido Halloween, deviam ter ido para a rua arrumar confusão; saíram apressados para pegar uma carona e deixaram as coisas para trás. A garota era igual a Race nisso; esqueceria aquela cabeça presunçosa se não fosse presa ao corpo. Mas tinham dormido ali, talvez todas as noites que Talia passara fora. Se aproveitando da ausência dela.

Quinze anos e dormindo juntos. Eles diziam que não. Juravam de pés juntos. Mas Talia tinha mais ou menos a mesma idade quando conhecera Johnny Jay, pois é, e lhe doía lembrar.

Por puro hábito, Talia se agachou e revirou a bolsa da garota. Nove dólares. Colocou no bolso, pensando consigo mesma como aquilo era engraçado, com uma mala cheia da grana e ela ainda tinha a capacidade de roubar o que pudesse da carteira da garota. Cada dólar contava. Mas a garota não estava dormindo na casa dela? Por que Talia deveria se sentir culpada?

Ela pegou a correntinha, leu a inscrição no verso do pingente: *Para Katherine Elise Chadwick, no seu 13º aniversário.*

A garota tinha muito despeito, trazer aquele nome de volta para sua casa. Mas o que Talia esperava? Matricular Race naquela escola não fora um acidente. Também não se tratara de dar a ele uma boa educação. Mandá-lo para lá tinha sido uma vingança, e não faria aqueles dois pararem de andar juntos para cima e para baixo, ainda mais agora que Race fora expulso da escola. Nos últimos nove anos, Talia vivera nos limites de uma tempestade — os pelos dos braços arrepiados, o ar com cheiro de metal quente —, apenas esperando que a violência começasse. E ela sabia quando as coisas estavam para ficar violentas. Por Deus, sim, ela tinha experiência nisso. Talia não conseguiria conter a tempestade por muito mais tempo.

Será que o homem rico estava assim tão errado em querer afastar os dois adolescentes?

— Suma — ele lhe dissera. — Eu quero que você suma, desapareça. Você e seu filho. Esse é o acordo.

O sujeito mexicano ficara atrás dele, para deixar claro — em silêncio, mas com clareza — qual era a outra alternativa.

Talia de súbito sentiu raiva, mas não saberia dizer de quem.

Ela colocou a correntinha da garota no bolso.

Já eram 7h35.

Hora de ir andando, de ir até o centro da cidade encontrar com Vincent. Ele era um homem decente, mas ainda assim Talia estava nervosa. Ela provavelmente não deveria ter lhe contado sobre o dinheiro, mas precisava de um homem da mesma forma que precisava do álbum de fotografias, das roupas, do Tampax. Era um dos itens de viagem essenciais.

Ela queria que Race estivesse ali. Não queria ir embora sem ele. Era seu último bebê. Se já era tarde demais para os outros, talvez ela ainda conseguisse

fazer a coisa certa pelo seu caçula.

Talia lhe daria a notícia. Talvez ele percebesse a lógica. Ele arrumara encrenca naquela escola, de qualquer forma. Agora era um bom momento para ir embora. Afinal, ele não deveria estar ali, não deveria ficar com a garota branca. Fora um erro aceitar aquela bolsa de estudos parcial. Assim como fora um erro Talia entrar no Starbucks aquela manhã — um lugar no qual nunca pisara, no qual nunca desejara entrar. O que aquelas pessoas estavam pensando? Quanto por um café? Cacete.

Race não pertencia àquela escola da mesma forma que Talia não pertencia ao Starbucks. Ela o levaria para Tahoe. O garoto nunca vira neve. Ela daria um jeito nisso.

Talia sentiu-se melhor no instante em que tomou a decisão. Mais leve. Levaria Race, seria uma boa mãe. O filho teria toda a sua atenção, como deveria ser. E se Vincent não gostasse, ele que fosse passear.

Então Talia olhou pela janela, viu o Honda Civic preto estacionando em frente à casa, fechando o carro dela, e sentiu o novo mundo que vinha pintando para si mesma se fechar como uma flor noturna.

Samuel não planejara aquilo. Ele não pretendia perder o controle da situação.

Ele era o tipo de sujeito que tinha dado a volta por cima. Tivera sua cota de encrencas na adolescência. Agora trabalhava com crianças. Ajudava as pessoas. Levantava cedo, ia para o trabalho, era competente.

Mas, sabe, ele andara ouvindo aquelas histórias. Race havia sido expulso da escola. Estava arrumando encrencas por causa daquela garota, seguindo um caminho que ele conhecia bem até demais. E era Samuel quem pagava a escola, portanto era bom que Race frequentasse aquela droga.

A princípio, ele não se importara que Race andasse com aquela garota. Não era algo que Samuel pudesse ter previsto, mas ele sentia uma perversa satisfação naquilo. Race queria aprontar por aí com ela, enlouquecer os pais dela, lembrá-los do passado — tudo bem, vá lá, contanto que não arrumasse confusão demais. Mais três anos. Race concluiria o ensino médio naquela escola — a escola que Katherine nunca terminara. Iria para a universidade. Isso seria justa — um futuro conquistado por um futuro perdido. Então Samuel fecharia as contas, eles estariam quites. Ele prometera isso a si mesmo — a vingança chegaria ao fim. Tiraria algo de bom do passado.

Mas se Race começasse a comprometer suas chances de se formar, se fosse expulso da escola, ainda mais se fosse por culpa da garota... Não, isso não fazia parte do plano.

Samuel nunca aparecera na presença da garota. Ele tomara o cuidado de ficar de fora. Mas surgiria em cena, se necessário.

Ele esperava encontrar Race na casa àquela hora da manhã, talvez também

a garota, mas em vez disso lá estava o carro de Talia, e a própria Talia olhando pela janela da sala.

O que diabos ela estava aprontando?

Era cedo demais para ela. Devia ter passado uns dias fora com o último namorado — qualquer que fosse o nome do maldito sujeito. Samuel não conseguia acompanhar, foram muitos ao longo dos anos. Ele nunca perdera a cabeça. As lembranças assentaram nele como sedimentos, transformaram-se em rocha, até que seu toque mais suave fosse capaz de derrubar uma parede.

Esperou ao volante, tentando se acalmar. Por Deus, ele tentara ao máximo perdoar aquela mulher. Ele a ajudara com dinheiro, tempo, tudo de que ela precisasse. Passara anos dizendo a si mesmo que ela não tinha culpa de nada a não ser por ter nascido pobre e idiota em relação aos homens.

Samuel subiu os degraus que levavam à porta da casa. Chutou um pedaço de abóbora amassada para o mato, arrancou da porta o gato preto de papel. Ele odiava aquela merda — Halloween. Toda a ideia de crianças fantasiadas.

A primeira coisa que viu quando entrou na sala foi a mochila de couro aos pés de Talia. Esquisito — não era o tipo de coisa que ela carregaria. Ela usava as mesmas roupas de sexta à noite: calça jeans vermelha apertada, suéter de oncinha. Seus cabelos estavam da cor de ferrugem.

— Uau — disse ele. — Vai a algum lugar?

— Eu precisei.

A voz dela transbordava culpa, como sempre, mesmo quando não fizera nada.

Samuel podia sentir o cheiro dela, do perfume floral vagabundo. Será que era aquilo o que atraía os homens? Difícil dizer. Não conseguia nem se imaginar atraído por ela.

O que Talia estaria planejando, um fim de semana em Las Vegas? Não, Tahoe. Mais perto. Combinava mais com ela. Sem dúvida o namorado da vez esperava por ela.

Mas não era só isso.

Samuel levou a mão disfarçadamente ao bolso, bateu em busca do retângulo de madeira e metal — a faca de 15 centímetros que sempre carregava, desde os velhos tempos, desde antes de dar a volta por cima. Nunca planejara usá-la — certamente não naquela manhã, quando esperava colocar juízo na cabeça de Race. Mas ele a deixava sobre a cômoda toda manhã, e seus dedos coçavam até pegá-la e colocá-la no bolso, que era o lugar ao qual pertencia. Caso contrário, Samuel se sentia zozzo — fora do equilíbrio por uma questão de 200 gramas.

Ele tentou sorrir.

— O que você está aprontando, Talia?

— Queria o quê, que eu dissesse não? Ele me deu um montão de dinheiro.

Samuel podia jurar que ela o acusava — colocava a culpa nele.

Então ela acrescentou, como se só então tivesse se lembrado:

— O Race vai ficar bem.

— Ah, sim — concordou Samuel. — Ele sempre fica melhor sem você.

Talia deixou escapar uma lágrima, e Samuel pensou, *Legal. Agora você chora.*

Ela fez menção de partir, mas a raiva crescia em Samuel. Ele odiava aquela mulher. Ela estava sempre de saída — como uma barata. Cada vez que alguém acendia uma luz lá estava Talia, escapulindo.

Ele chutou a mochila para longe dela. A mochila abriu, e de dentro saíram maços de dinheiro.

Eles estavam tão próximos quanto numa dança, o dinheiro espalhado aos pés de ambos. O perfume de Talia queimava as narinas dele. Ela olhava para o punho, apertando-o.

— Veja só isso — disse Samuel. — Puta merda.

— Eu ia deixar um pouco pra você — disse Talia.

— O que você fez?

— E um pouco pro Race também. Vocês dois vão receber uma parte. Ele pode ficar aqui na casa mais alguns dias. Depois disso, acho que pode ficar com a avó.

Então Samuel entendeu — as peças se encaixaram nos devidos lugares.

— Qual foi sua parte no acordo?

— Só sumir daqui.

— Sumir daqui — repetiu ele. — E levar Race.

Ela olhava para o tapete.

A garganta de Samuel estava seca.

— Muito bem. Então é melhor você fazer isso.

Ela se dirigiu à porta, deixando o dinheiro para trás, mas Samuel disse:

— Não está esquecendo nada?

Ela se virou e olhou para baixo, para o dinheiro. Talia parecia nervosa e faminta, como um animal, esperando permissão para pegar comida.

— Você precisa sumir.

— É. O Vincent está me esperando...

— Esse é o nome dele. Vincent.

— É um bom homem.

— Ah, sim. Todos eles, bons homens. Então o que tinha na conta, na poupança, a própria casa... você transformou tudo em dinheiro, hein?

— Foi.

— Liquidado — disse Samuel. — Tudo o que diga respeito a você... espremido em notas de dólar. Como se você nunca tivesse existido. Para mim, para os seus filhos, para ninguém. É assim que você quer?

Os olhos de Talia estavam frágeis como bolas de árvore da Natal, da forma como sempre ficavam quando um homem a olhava irritado, pronto para fechar os punhos. Samuel já vira aquele olhar muitas vezes, e os ossos dos seus dedos sempre se transformavam em ácido.

— Eu te dou o dinheiro — disse Talia. — Me deixa levar o Race.

— Ah, agora você vai levar o Race.

— Ele é meu filho. Fica com o dinheiro. Eu te devo isso.

— O que você me deve?

Talia ficou calada.

— O que você me deve?

— Por favor.

— Olhe para mim. Diga meu nome.

— Eu preciso... são 8 horas... O Vincent, ele...

— Olhe para mim, garota.

Agora ele empunhava a faca, que se fundia à palma da sua mão, tornava-se uma extensão dos seus dedos.

— Samuel — murmurou ela.

— Você ainda não sumiu — disse Samuel. — Não exatamente. Você precisa sumir, garota.

Talia deu um passo para trás, presentindo o momento na beira do precipício, quando você ainda tem certeza de que é capaz de se recuperar, antes de cair e perceber que o vazio é o vazio. Que não existem segundas chances.

A faca de Samuel arremeteu, abrindo o tecido de oncinha como a mochila, espalhando tudo como o dinheiro, tudo que ela mantivera dentro de si todos aqueles anos — a doçura, o calor. Ele e Talia caíram juntos no chão, como amantes, os dedos dela cravados no ombro dele, seu perfume floral, seu cabelo cor de ferrugem e os sons baixos que ela fazia, murmurando enquanto Samuel a fustigava com golpes pesados e desesperados — tão parecido com fazer amor —, um jato quente molhando o rosto dele, ensopando a camisa, colando as mangas nos braços.

Ele parou apenas quando o cabo da faca escorregou de sua mão, a lâmina cortando-lhe o dedo indicador, se perdendo nas dobras do que antes fora o casaco de Talia. Samuel ficou de joelhos com as pernas abertas, sobre o corpo dela, arfando, e chupou o corte salgado no nó do dedo. Ele estava todo molhado, mas já começava a secar, a esfriar.

Depois de um longo tempo ele se levantou, flexionou os dedos para que não colassem uns nos outros. Olhou para uma nota de 20 dólares que flutuava em um halo vermelho molhado. Para o sapato de Talia, contorcido num ângulo estranho.

Foi até o banheiro, abriu o chuveiro. Despiu-se e entrou sob a água quente, nu, até que as agulhas de calor já não provocassem mais qualquer sensação nas suas costas. Ele olhou para as espirais de nuvens cor-de-rosa na água,

contornando seus dedos dos pés.

Samuel esqueceu onde estava. Esqueceu quem era. Sentia-se como se alguém houvesse lhe cortado a pele com um filamento quente, separando a pele dos músculos, de modo que seu rosto agora flutuava sobre o de uma outra pessoa — uma pessoa de quem não gostava, que não dera a volta por cima, que carregava uma faca e que passara cada hora escura da noite, nos últimos nove anos, observando um reflexo na lâmina, vendo os olhos de Talia, a boca de Talia, as maçãs do rosto de Talia.

Ele saiu do chuveiro, a casa silenciosa demais sem os ruídos da água.

O que ele faria se Race entrasse agora com a garota?

Ele ficou parado, nu, à porta do quarto, olhando para Talia no seu ninho grudento de dinheiro, os olhos cândidos e marejados voltados para o teto, olhando através do concreto para Jesus.

Algo brilhou na cintura da morta. Samuel se abaixou ao lado do corpo, colocou o dedo mindinho no laço de uma correntinha de prata e a tirou do bolso dela. Colocou-a na palma da mão, leu a inscrição. Seus olhos começaram a arder. Ele se lembrou de um pescoço moreno quente, de dedos finos erguendo a correntinha, esfregando-a com nervosismo em volumosos lábios vermelhos.

Olhou para a mochila de couro, agora murcha, aos pés de Talia. Imaginou o telefonema, a oferta para a compra da casa. Entendeu o acordo melhor do que Talia jamais entendera — o homem rico tentando contorná-lo, tentando assumir o controle da situação, libertar a filha da família Montrose.

Samuel tentara ser comedido. Tentara perdoar. E agora o pai da garota infringira as regras, ultrapassara os limites.

Ele queria um acordo final? Queria pagar o preço alto?

Samuel podia cuidar para que isso fosse feito.

Ele limpou a correntinha e então a soltou, deixando-a cair na poça de sangue ao lado do seio direito de Talia.

O telefonema atormentou Chadwick a semana toda.

Na segunda-feira, ele e Olsen, sua parceira em treinamento, haviam escoltado um estudante de Cold Springs para o campus de Hunter em Playa Verde, Belize. Durante todo o voo, a bordo de um 737 que rumava em direção ao sol, transformando em ouro o Golfo do México, Chadwick pensara em Ann Zedman.

— É Mallory — dissera ela, a voz tão embargada de preocupação que Chadwick mal a reconhecera. — Não sei a quem mais pedir ajuda.

Chadwick quis fazer mil perguntas, mas todas eram um salto sobre um abismo de nove anos. Ele sabia que não podia pronunciá-las.

Na terça-feira, ele e Olsen voltaram para os Estados Unidos para fazer uma escolta a partir de Los Angeles — uma jovem coreana chamada Soo-yun que usava lentes de contato azul-neon; ela sofria de um caso grave de bulimia e tinha a chave do armário de armas do pai. A menina trancara-se no banheiro do mercadão na Western Avenue, de propriedade dos pais. Chadwick tentou convencê-la a sair, mas quando isso não funcionou, derrubou a porta e tirou a arma das mãos da garota. Ela não estava carregada. Os pais assustados e aliviados deram a ele um cesto de mamões para levar no avião. Naquela noite, durante o voo em claro para o leste, com as roupas cheirando a fruta madura, Chadwick pensava em Ann Zedman.

— Não precisamos aceitar a garota — dissera-lhe Hunter. — Se isso o incomoda...

— Não me incomoda — respondeu Chadwick.

E os dois deixaram que a mentira ficasse suspensa entre eles como uma *piñata* à espera do bastão.

Na quarta-feira, Chadwick e Olsen deixaram Soo-yun na unidade Bowl Ranch de Utah, que é preparada para tratar de transtornos alimentares, e então seguiram para oeste, chegando à Grande São Francisco depois da meia-noite.

Não era a primeira vez que Chadwick voltava à sua cidade. Ele fizera dezenas de coletas para Asa Hunter na região desde que começara o trabalho, em 1994, mas cada vez que voltava temia a familiaridade dos morros, do cheiro de eucalipto no ar, das sombras dos cânions entre os arranha-céus do centro e da névoa sobre o monte Sutro. Temia a tristeza que invadia seus membros como um anestésico sempre que via algo que o lembrava Katherine.

Ele e Olsen passaram a quinta-feira à procura de Mallory Zedman, visitando todos os locais onde os amigos diziam que ela poderia estar, à procura

de um rapaz com quem ela costumava andar, um jovem traficante chamado Race Montrose. O sobrenome do rapaz incomodou Chadwick. E ele ficou ainda mais incomodado quando um dos amigos de Mallory disse que Race estudava na Laurel Heights. Ann não mencionara nada disso ao telefone, e Chadwick se esforçou bastante para acreditar que não ouvira bem o nome ou que fosse uma simples coincidência.

— Tudo bem? — perguntou Olsen.

Chadwick percebeu que fechara a mão com força.

— Sim. Só estou rezando para nunca mais ver um mamão na vida.

— Você conhece essa família, não é?

— Isso foi há muito tempo.

— E?

Chadwick dobrou os documentos que tinha em mãos e tirou da pasta uma foto recente de Mallory.

— Vá a Shattuck. Temos mais três ou quatro lugares a checar.

Eles viram Mallory em um café na esquina da College com a Ocean View, um pouco depois da divisa com Berkeley. Ela estava sentada a uma mesa com um rapaz negro e alto que vestia um casaco camuflado.

Chadwick estacionou do outro lado da avenida. Ele e Olsen observaram por vinte minutos até que o rapaz do casaco camuflado se levantou para levar a xícara de café até o balcão, deixando Mallory sozinha à mesa.

— Agora — disse Chadwick.

Olsen colocou a lata de spray de pimenta no bolso da jaqueta jeans. Suas mãos estavam trêmulas.

— Você vai se sair bem — disse Chadwick.

— Essa é a garota que atacou a mãe com um martelo, certo?

Olsen era uma sueca alta, ex-jogadora de basquete universitário que tinha um corte de cabelo militar e mestrado em psicologia infantil, mas no momento ela não parecia mais velha ou mais durona do que a garota ali à mesa.

— Não se preocupe — disse Chadwick.

— Não se preocupe. Tudo bem. Certo. O amigo dela é traficante. Você acha que ele está armado?

— Foi por isso que esperamos. Não queremos ser obrigados a machucar ninguém.

— Você deve estar de brincadeira.

Chadwick abriu a porta do carro e olhou para ela com expectativa.

— Não, não está — concluiu ela.

Eles desceram do carro alugado.

A neblina noturna caía sobre a East Bay como uma tampa de Tupperware, abafando os sons dos trens na estação Rockridge, o zumbido do tráfego na rodovia 24. O ar cheirava a café torrado e frísias recém-cortadas.

Felizmente havia passantes na College — mães com carrinhos de bebê, estudantes vestidos de preto a caminho da livraria ou da lanchonete de *burritos*. Quando se tem 2 metros de altura, qualquer ajuda para fazer sua aproximação passar despercebida é bem-vinda.

Mallory analisava um tabuleiro de xadrez sobre a mesa do café, o dedo médio repousado sobre um peão branco.

Ela agora tinha 15 anos. Seus cabelos loiros estavam tingidos de um misto de laranja e preto, pequenas tranças presas acima das orelhas como as faixas brancas da Adidas. O rosto amadurecera, tornando-a mais parecida com a mãe, mas ela ainda tinha o nariz fino e os olhos intensos do pai — olhos que podiam passar do bom humor para a raiva em uma fração de segundo. O casaco de couro que usava era grande demais para ela, e os jeans surrados estavam dobrados até os tornozelos. A pele sob os olhos tinha uma tonalidade azul de pneumonia, e, pela forma como ela tremia, Chadwick suspeitou de que ela estivesse faminta pela próxima dose.

Ele tentou imaginá-la como uma pequena massa de energia dentro de uma camiseta enorme, gritando de alegria ao voar para a cama de Katherine. Mas aquela garotinha se fora.

— Mallory — disse ele.

Ela levantou os olhos.

Nenhum reconhecimento — apenas medo. Ela olhou pela janela para o interior do café, viu o amigo Race de costas, conversando com o sujeito da máquina de espresso.

— Esse não é o meu nome — disse Mallory.

Mas então ela olhou mais atentamente e o medo se transformou em surpresa.

— Chadwick?

— Quanto tempo, querida. Esta é minha colega de trabalho, a Srta. Olsen.

— O que vocês... — O rosto dela ficou lívido. — Não machuquem o Race. Ele não fez nada. Meu pai está mentindo para vocês.

— Calma, querida.

Mallory começou a se levantar.

Olsen cometeu o erro de dar a volta na mesa e pegá-la pelo braço; Mallory o puxou, e com isso acabou virando a cadeira de plástico.

— Não vamos machucar ninguém — garantiu Chadwick — Sua mãe nos contratou. Vamos levar você para um internato, a Academia Cold Springs.

— Um internato... você está é louco, cara. Está de sacanagem comigo.

Dentro do café, o amigo de Mallory com o casaco camuflado ainda não se virara, mas era uma questão de segundos.

— A sua mãe tomou a decisão, querida — disse Chadwick — Cold Springs é um bom lugar para dar um novo rumo à sua vida.

— Eu não preciso de um novo rumo.

— Você está morando na rua com um traficante — ele a lembrou. — É isso o que você quer para a sua vida?

Mallory olhou para o tabuleiro: um jogo desigual em andamento, as peças brancas dominando o tabuleiro.

— Ele não é traficante — disse Mallory. — É meu amigo.

Chadwick não detectou convicção alguma na voz dela. Era uma menina tentando explicar um pesadelo.

— Vamos conversar no carro — disse ele.

— A mãe dele foi assassinada, porra. Ela morreu, Chadwick

— Certo, querida.

— Não posso deixar meu amigo. Ele está com problemas. Por culpa minha.

— Tudo bem, querida. Tudo bem.

Agora algumas pessoas nas mesas dentro do café os observavam através do vidro. Olsen mantinha os olhos nervosos no rapaz do casaco camuflado.

Chadwick queria que o traficante continuasse papeando com o atendente. Queria que Olsen ficasse tranquila. *Não pressione a garota. Não estrague tudo.*

— Mallory — disse ele. — Podemos dar um jeito em tudo. Eu não estaria aqui se não acreditasse que isso é o melhor para você. Venha conosco.

Chadwick sentia que eles estavam quase chegando lá, Mallory prestes a desmoronar, a se permitir voltar a ser uma criança e chorar, provavelmente pela primeira vez desde que fugira da mãe.

Então o rapaz do casaco camuflado, Race, se virou e os viu.

Olsen emitiu um ruído baixo com a garganta, como a mola de um colchão se soltando.

— Entre no carro — disse ela a Mallory. — Agora.

Ela agarrou o braço de Mallory, mas subestimou a força de uma adolescente desesperada.

Mallory a empurrou com a força dos seus 40 quilos, atirando-a sobre a mesa, que ruiu. Peças de xadrez se espalharam ruidosamente pela calçada e Mallory fugiu pela Ocean View.

Chadwick viu tudo acontecer em câmera lenta — Race sair pela porta, levar a mão ao casaco, Olsen se levantando, despreparada para se defender; Mallory Zedman entrando no beco atrás do café e se escondendo atrás de uma lata de lixo.

Chadwick praguejou, mas precisava deixar Mallory fugir.

Race vinha em sua direção.

Chadwick registrou a fisionomia do rapaz com a clareza instantânea que se tem ao olhar para uma pessoa que tenta matá-lo — cabelos cor de ferrugem, queixo alongado, nariz adunco e olhos duros e brilhantes como âmbar.

O rosto de Race o transfixou, fazendo ressoar uma lembrança antiga e

sombria, enquanto o rapaz sacava uma arma do casaco, o cano se elevando acima de sua cabeça.

Chadwick só saiu do transe quando Olsen gritou seu nome.

Ele acertou o nariz de Race com a mão direita, enquanto a esquerda avançava mais abaixo, acertando a barriga do rapaz com tanta força que o lançou de costas sobre a calçada, onde ele se encolheu num montinho humano de cores militares, a arma quicando no chão.

Olsen olhou para Chadwick sem expressão.

— Vamos — disse ela, e então ele começou a correr.

Chadwick perdera um tempo precioso, mas seus passos largos ajudavam. Ele viu Mallory no extremo oposto do beco. Ela trombou com uma banca de flores na calçada, derrubou um balde de rosas amarelas, disparou rua adentro e por pouco não foi atropelada por uma caminhonete.

Chadwick diminuía a distância entre eles. Quando ele saiu do beco, Mallory subia a escadaria da estação de trens que fica espremida entre as duas pistas da rodovia 24.

Um trem sentido leste da cidade parava na estação. Mallory conseguiria facilmente embarcar antes que ele a alcançasse.

Chadwick correu, levantou uma revoada de pombos, galgou os degraus de quatro em quatro. Entrou no terminal a tempo de ouvir um segurança gritar “Ei!” e ver Mallory saltar a catraca.

— Estou atrás dela! — gritou Chadwick ao saltar ele também a catraca.

O segurança da estação gritou então um “Ei!” ainda mais indignado.

As escadas rolantes da estação levavam todas para o sentido contrário — naquele horário, todos voltavam para Rockridge, e não o inverso. Chadwick parou e olhou rapidamente à sua volta. O vento e o frio eram intensos, e a vista, estonteante — morros cortados por neblina, as luzes das casas reluzindo etéreas; a planície Oakland-Berkeley se estendia a oeste, até as luzes vermelhas e prateadas da ponte; a baía em si, uma vastidão de alumínio líquido.

Então ele viu Mallory — 30 metros à sua frente na plataforma, esmurrando as portas fechadas do trem, tentando entrar. Ela enfiou os dedos nas borrachas de vedação. O trem entrou em movimento, arrastando Mallory por alguns metros, até que ela caiu para trás, praguejando.

Chadwick se aproximou, afastando a onda de pessoas a caminho da saída da estação. Mallory olhou para ele como um gambá encurralado.

Outro trem chegava, descendo os morros, seus faróis amarelos agora visíveis. Chadwick conseguiria pôr as mãos em Mallory antes que esse segundo trem chegasse à estação.

A menina recuou até o fim da plataforma e então olhou na direção dos trilhos: para a cerca de tela que separava a estação da rodovia.

*Não seja louca, pensou Chadwick.*

Ela saltou.

Trombou com a cerca, mas não conseguiu se segurar e caiu nos trilhos, batendo as costas contra o metal. Um maço de notas caiu do seu casaco. Seu pé estava a centímetros do terceiro trilho, o elétrico.

O trem se aproximava rápido — estava a apenas 500 metros de distância agora. Chadwick via as luzes da cabine do condutor, ouvia a buzina elétrica do trem gritar.

— Me dê a mão! — gritou ele.

Mallory não se levantava. A expressão nos olhos dela dizia a Chadwick que a paralisia era mais do que física — ela decidira não ir a lugar algum.

Chadwick saltou para baixo, ergueu-a como um saco de maçãs e a jogou na plataforma. Outro maço de dinheiro caiu do casaco. Chadwick se virou, viu o trem vindo na sua direção — viu os olhos do condutor, seu rosto pálido de terror, nem ao menos considerando a possibilidade de uma frenagem tão súbita — e pulou de volta para a plataforma.

O deslocamento de ar provocado pelo trem sacudiu suas roupas, levantou uma nuvem de dinheiro.

Chadwick deitou, incólume, em cima de Mallory, que não era um travesseiro dos mais macios.

Ele se sentou quando as portas do trem abriram, e se viu de frente para joelhos de passageiros, que hesitavam, olhavam para o dinheiro caindo do céu e então desviavam como se ele fosse uma pedra em meio à corrente. Nada surpreende um morador da Grande São Francisco por muito tempo.

Chadwick olhou em direção à estação e viu um segurança carrancudo correndo na direção deles, seguido pelo gerente da estação e por Olsen, que mancava.

Embaixo dele, Mallory chorava, enquanto notas de 5 e 10 dólares voavam ao redor, ficando presas nas solas dos sapatos dos passageiros e nas portas do trem que partia.

— Sr. Z., a polícia está aqui.

John estava de pé no seu deque, lendo a última carta que recebera.

Ele fechou os olhos, se dando conta de que as palavras ainda ardiam à sua frente, brancas na escuridão. Uma imagem em negativo, como tudo mais na sua droga de vida.

— Chefe?

Emilio Pérez o fitava com os olhos apertados devido ao brilho vermelho do sol, os ombros de sua jaqueta de couro reluzindo como a carne num açougue.

— Quem? — perguntou John.

— Aquele policial de Oakland outra vez, Damarodas. Um dos nossos, Prost, está segurando a coleira.

John olhou para a base da encosta, junto ao Pacífico. Houvera um tempo em que aquela vista significava alguma coisa para ele — a imensidão verde pontilhada por flores nativas azuis, a geografia irregular das Marin Headlands, a brisa fria que vinha do mar, 50 metros abaixo. Ele amassou com força a folha de papel e a atirou ao pôr do sol.

— O que dizia? — perguntou Emilio.

John se perguntava por que algum dia permitira que Emilio se transformasse em um confidente. A que ponto ele chegara, precisara do consolo de um segurança?

— Se quiser ler — disse ele —, vá pegá-la.

Os músculos do pescoço de Emilio se retesaram.

— Eu só estava querendo dizer que o senhor deixou essa merda ir longe demais. Deixa que eu cuido...

— Emilio.

O segurança olhou para o oceano lá embaixo, o bigode fino e o cavanhaque delicados demais para seu rosto, como um touro de batom.

— Eles estão na sala, chefe.

Quando deu um passo ao lado, Emilio contraiu a mão, como se segurasse um tubo de metal.

O sargento Damarodas, da Delegacia de Homicídios de Oakland, era um homem que não tinha presença. Seus cabelos eram castanhos e rebeldes, o rosto era flácido e trivial, com exceção dos olhos, e ele usava um terno barato sem cor definida. Todo o seu carisma havia sido drenado do restante do corpo para concentrar-se nos olhos de um azul límpido, perigosamente inteligentes.

Ele estava de pé ao lado do sofá de linho branco bebendo café, provavelmente providenciado por Emilio, examinando a colcha atrás de uma moldura de vidro acima da lareira. O detetive Prost, do condado de Marin, pairava atrás dele, observando as mãos de Damarodas como que para garantir que ele não roubasse nada.

John tentou se lembrar já conhecera Prost, uma vez que era um generoso contribuinte para o fundo de previdência do departamento. Ele então lembrou-se do Natal, quando jogaram golfe com o xerife. Depois de algum tempo, todos os xerifes assistentes tinham se transformado em facetas da mesma entidade para ele — um cão de guarda grande e amistoso lambendo sua mão.

— Perdão, Sr. Z. — disse Prost. — Eu tentei dizer ao sargento...

— Sem problema, detetive. Sargento Damarodas, me dê boas notícias. Você prendeu o rapaz Montrose.

Damarodas fez um gesto apontando para a manta na parede.

— Artista da região, senhor?

— A turma de jardim de infância da minha filha.

Os olhos de Damarodas cintilaram.

— Que alívio. Eu estava aqui pensando, isso parece ter sido feito por uma criança de 6 anos. E foi. Com a arte de hoje em dia, nunca se sabe.

Damarodas sorriu sob o silêncio que criara.

— Sargento — disse John —, pretende discutir algum assunto em específico?

Damarodas pousou a xícara de café, girando-a de modo que a asa apontasse para John.

— Na verdade, senhor, gostaria de fazer uma pergunta relacionada ao mercado imobiliário.

— Está em busca de uma casa no mercado de imóveis de luxo, sargento?

— Não, senhor. Descobrimos de onde veio o dinheiro.

— O dinheiro.

— Que havia na conta de Talia Montrose. — Damarodas arqueou as sobancelhas. — Sinto muito incomodá-lo com todos esses detalhes. O senhor se lembra de Talia Montrose. A mulher que foi esfaqueada até a morte.

— Sim, sargento — disse John. — Eu me lembro.

— Talvez eu tenha mencionado que alguém abriu uma nova conta bancária para ela, com um depósito inicial de 230 mil dólares. Acreditamos que ela estivesse em poder do restante, em espécie, quando foi assassinada.

— O restante.

— A Sra. Montrose conseguiu esse dinheiro com a venda da casa dela. A escritura foi registrada esta semana. Uma construtora comprou o imóvel; uma empresa de fachada, ainda estamos tentando descobrir os verdadeiros donos. Eles a revenderam imediatamente, com prejuízo, para uma imobiliária de

Berkeley. O senhor diria que a casa dos Montrose valeria 250 mil dólares?

— Eu precisaria conhecer a casa.

— Nunca foi buscar sua filha lá? Nunca foi até a casa?

— Não.

— O seu... hum... motorista, o Sr. Pérez, nunca a buscou lá?

— Não.

— A sua filha era amiga do filho da Sra. Montrose há quanto tempo... uns seis, sete anos?

— Sargento — entreviu Prost. — O Sr. Zedman disse não. Duas vezes.

— Minhas desculpas — disse Damarodas. — Sr. Zedman, um corretor com quem conversei me disse que a casa vale 100 mil, no máximo.

— Por que está me dizendo isso, sargento?

— Achei que o senhor pudesse me ajudar a entender como a Sra. Montrose conseguiu fechar um negócio tão lucrativo.

— Pergunte à família dela.

Um tique nervoso foi despertado no canto do olho de Damarodas.

— Eu adoraria. O senhor por acaso saber onde posso encontrá-los?

— Não faço ideia.

— Engraçado. Ouço bastante essa resposta. Os vizinhos nem ao menos sabem dizer quantos filhos ela tinha. A mãe de Talia Montrose... o senhor teve o prazer de conhecê-la?

— Não.

— Ela aparentemente tomava conta dos netos de tempos em tempos. Acontece que ela é uma esquizofrênica alheia a tratamento. Na manhã em que conversamos, estava ocupada demais tirando baratas cor-de-rosa do vestido, portanto não pôde responder às minhas perguntas. Isso nos deixa Race, que não é visto desde o assassinato; um namorado da vítima, Vincent, que parece ter deixado a cidade; e, é claro, a sua filha.

— Minha filha não tem nada a ver com isso.

— Provavelmente não. É possível que tiremos essa dúvida se pudermos fazer algumas perguntas a ela, já que Race é o melhor amigo da menina...

— Colegas de turma. — disse John as palavras com aversão. — Não melhores amigos.

— Certo — concordou Damarodas. — Colegas de turma que passaram diversas noites juntos. Objetos pessoais dela foram encontrados na cena do crime. A voz dela está na gravação da ligação feita para o número de emergência informando sobre o assassinato. Ela e Race desapareceram antes da chegada das viaturas...

— Sargento — voltou a interromper o detetive Prost.

Damarodas interrompeu a contagem dos itens, a ponta do indicador sobre a do dedo mínimo.

— O senhor tem tido notícias da sua filha, Sr. Zedman?

John odiava que seus lábios estivessem trêmulos. Odiava que aquele homem insignificante fosse capaz de deixá-lo nervoso.

— Eu já disse, sargento. Mallory fica comigo apenas dois fins de semana por mês. A mãe dela tem a guarda total.

Damarodas concordou com a cabeça, aparentemente desapontado.

— Engano meu, então. Vim até aqui acreditando que talvez o senhor tivesse tido notícias de Mallory hoje. Acreditei que ela pudesse estar aqui.

— E por que você pensaria isso?

— Tivemos uma pista sobre o paradeiro da sua filha — disse Damarodas. — Talvez alguém a tenha avistado.

— Avistado.

— Ainda estamos juntando as informações. Isso aconteceu há cerca de uma hora apenas.

John resistiu à ânsia por perguntar. Damarodas queria que ele o fizesse — queria aquele fragmento de poder —, mas John não lhe daria essa satisfação.

— A segurança do serviço urbano de trens e metrô — disse Damarodas por fim. — Um supervisor que eu conheço telefonou, informando que uma garota que se encaixa na descrição da sua filha foi vista na estação Rockridge. Ao que parece, ela provocou uma impressão e tanto no segurança em serviço. Saltou uma catraca, espalhou dinheiro pela plataforma, se atirou nos trilhos. Foi tirada de lá por um sujeito alto: branco, uns 2 metros de altura, cabelo loiro à escovinha, sobretudo bege. Ele disse que estava atrás da garota por ordem dos pais dela, tinha documentos para provar isso. O segurança da estação o liberou. O supervisor ficou sabendo do caso, fez a conexão e me ligou. Achei que ela já estaria por aqui a essa altura.

A garganta de John estava se fechando. Ele não conseguia respirar. Os olhos de Damarodas eram como o ar a 10 mil metros de altitude — claros, estreitados e ameaçadoramente brilhantes. Ele queria furá-los com o atizador de fogo da lareira.

— Senhor? — disse Damarodas. — O senhor conhece esse homem?

— Não contratei ninguém para caçar minha filha.

— Sua ex-esposa, então?

John de súbito teve uma lembrança vívida de si mesmo segurando Mallory nos braços no dia em que ela nascera; lembrou-se de passar o polegar no veludo morno da testa dela, de acariciar a penugem loira da cabeça da filha, entendendo como era amar alguém a ponto de ser capaz de levar um tiro por ela.

Ele se lembrou da noite em que Katherine morrera — de voltar às pressas para o Mission, de pegar Mallory no colo e embalá-la, sentado naquela poltrona de couro preto, enquanto ela tremia, tão pequena e fria, e mesmo então ele teve a certeza de que algo dentro dela se quebrara. No quarto ao lado, Chadwick

chorava, os dedos enroscados nos lençóis da cama vazia de Katherine, e John prometera: *Nada mais vai acontecer à minha menina. Nunca vou perdê-la de vista.*

Ele engoliu a amargura, o gosto de cobre do fracasso. Pensava nas exigências da última carta. Pensava em Chadwick, reaparecendo na sua vida, pegando sua filha.

— Eu conheço o homem que você descreveu, sargento. A minha ex-mulher deve tê-lo contratado.

John contou a ele sobre Chadwick, sobre o que sabia do emprego dele no Texas, o que não era muito — fragmentos de fofocas de Norma, rumores do patético autoexílio de Chadwick, que trocavam com desdém quando almoçavam no centro da cidade.

Ele devia ter previsto aquilo — a vingança de Ann por mais uma vez ele ter tentado mudar o arranjo da guarda de Mallory. Enquanto ele estava ocupado em tentar salvar a filha deles, Ann só conseguia pensar em feri-lo.

— Chadwick — Damarodas anotou o nome num bloquinho e ficou olhando para o papel. — Mas que diabo.

— Sargento?

Damarodas fechou o bloco.

— Péssimo momento para a sua esposa mandar a filha para fora do estado. O senhor sabia algo a respeito disso?

— Essa é outra pergunta que o Sr. Zedman já respondeu — disse o detetive Prost. — Acho que é hora de irmos andando.

Damarodas pegou a xícara de café, tomou um gole e a colocou cuidadosamente de volta na mesa.

— Agradeço a franqueza, senhor. Voltarei a entrar em contato.

Os dois policiais seguiram pelo vestibulo, Damarodas observando as reproduções de obras de arte com uma leve consternação, como que perguntando a si mesmo quais seriam trabalhos de profissionais e quais de crianças de 6 anos. John se deu conta de que a atitude nada marcante do sargento era uma arma — ele entrava na casa das pessoas e a infectava, fazendo com que tudo parecesse tão vazio quanto seu sorriso ou a cor do seu terno barato.

Damarodas lhe dirigiu mais um olhar avaliativo e tamborilou os dedos na porta de carvalho, como que a se perguntar se a madeira era de verdade.

Não era a primeira vez que Emilio via o chefe perder a cabeça.

John amaldiçoava os morros. Ele quebrou a xícara na qual o policial bebera café. Atirou uma peça de artesanato de 300 dólares na colcha, quebrando o vidro da moldura.

Então começou a chorar. Tocou o vidro partido como se quisesse acariciar

os retalhos da tapeçaria — os bonequinhos palito desbotados, os recortes de feltro descolando.

Emilio não sabia o que fazer por ele.

Imaginou-se escrevendo uma carta para a esposa, que morava em Monterrey e que fazia muito não via — *Querida Rosa, esses americanos são loucos*. Ele não chegou a escrever de fato, mas pensar naquilo fez com que sentisse melhor.

Emilio trabalhava com o Sr. Zedman fazia cinco anos, começara pouco antes de John se divorciar. O salário era bom; e o trabalho, fácil. Ele nunca usara a arma, nunca protegera o Sr. Zedman de ninguém além de mendigos.

Então um mês antes, inesperadamente, o Sr. Z. contou-lhe a respeito das cartas.

Ele não disse há quanto tempo as recebia, quais eram as exigências ou qual era o trunfo do chantagista, mas Emilio percebeu que aquilo vinha acontecendo já fazia um bom tempo, que era algo ruim o bastante para arruinar o Sr. Z. e que ele,, por algum motivo, estava convencido de que os Montrose estavam por trás daquilo.

Era por isso que, apesar de odiar aquele rapaz, Race, ou por mais que Race se aproximasse de Mallory, o Sr. Z. não permitia que Emilio tocasse nele. O chefe aturava que os dois andassem juntos. Suportava ouvir as histórias ruins que a Srta. Reyes lhe repassava após saber de tudo na escola da ex-esposa dele. E quanto mais Mallory esfregava o namorado punk na cara do pai, mais o Sr. Z. bebia, gritava com Emilio, roía as unhas e quebrava coisas no meio da noite. Por fim, depois da visita de Mallory três semanas antes, o Sr. Z. encontrara uma seringa no quarto dela. Aquilo o deixara completamente transtornado, fora de controle. Ele se sentou com Emilio e expôs seu plano — não do tipo que Emilio queria, do tipo simples e violento, mas um plano para acabar com a chantagem “de forma pacífica, de modo que todos fiquem satisfeitos, de uma vez por todas”.

A ideia doeu nos ouvidos de Emilio. Duzentos e cinquenta mil dólares. Pelo quê, silêncio? Paz de espírito?

Uma bala custava 75 centavos.

Ele se lembrou de Talia Montrose no Starbucks. Aquela puta desprezível por pouco não babou na mochila cheia de dinheiro. Emilio dissera ao chefe que era má ideia. Dinheiro não faz com que pessoas como Talia sumam. Emilio não estava nem ao menos convencido de que era ela a chantagista. A mulher não fazia o tipo.

E agora... O Sr. Z. tinha fodido a porra toda. Ele comprara a pessoa errada. Outra carta tinha chegado pelo correio, e, pela atitude do Sr. Z., ele suspeitava de que o valor havia subido. A polícia estava fazendo perguntas sobre o assassinato de Talia Montrose. Mallory havia sido sequestrada. Merda, se John Zedman fosse um número ele seria um 13 vermelho e gigante.

Mas, no fim das contas, talvez aquilo fosse um bom sinal. Talvez o chefe finalmente caísse em si.

Emilio se aproximou por trás do Sr. Z., esperou que ele parasse de chorar. O chefe havia cortado o dedo na moldura de vidro da colcha e agora pressionava o ferimento contra a camisa.

— Me deixe ajudar, chefe — disse Emilio.

O Sr. Z. o fitou com olhos marejados.

— Levaram minha filha embora, Emilio. Você sabe o que isso quer dizer? Sabe o que a policia vai pensar?

— Vamos trazer a menina de volta.

— Isso não era para ter fugido do controle. Eu só quero minha filha a salvo, Emilio. Foi só isso o que eu sempre quis.

— Eu sei. Mas o senhor me paga para quê? Dirigir?

O chefe enxugou as lágrimas. Ele precisou de alguns minutos para se recompor.

— O que você sugere?

Emilio observou um rastro fino de sangue do Sr. Z. escorrer pelo vidro e manchar o rosto de uma das figuras pintadas pelas crianças.

Ele se sentia como aquele manto — algo útil, mas preso numa moldura de vidro, juntando poeira. O que importava um pouco de sangue se isso implicasse quebrar o vidro de uma vez por todas?

— Para começar — disse Emilio —, quem diabos é Chadwick?

— Para onde você vai? — perguntou Olsen do banco de trás. — O aeroporto fica para lá.

Ela se inclinou para a frente, seus dedos apertando o encosto de cabeça como se quisesse arrancar um pedaço.

Chadwick entrou na saída da rua 9 e seguiu em direção ao centro.

— Preciso falar com a mãe dela.

— O nosso voo.

— Temos tempo.

— Isso é contra as normas, não é? Você me disse isso, não disse?

Chadwick ziguezagueou com o carro pelo cruzamento com a Market. As ruas brilhavam de neblina e neon, as calçadas ocupadas pelas multidões de sexta-feira à noite: trabalhadores voltando para casa e prostitutas, passantes e turistas, como cardumes de peixes famintos se misturando.

— Ei! — gritou Mallory, batendo na janela, chutando a parte de trás do banco de Chadwick com os pés atados. — Ei! *Ei!*

Chadwick não conseguia ver o que ela estava fazendo, provavelmente mostrando as mãos algemadas para alguém na rua. Alguém que ela reconheceria. Ou um policial. Havia poucas táticas de fuga que Chadwick não vira nos seus anos de trabalho fazendo escolta.

Olsen tinha razão. Ele não deveria estar fazendo aquilo. Os documentos estavam assinados. O avião sairia dali a duas horas. Não havia motivo para torturar a si mesmo, ou a Mallory, visitando a escola, encontrando Ann pessoalmente. A ideia por trás daquele trabalho era retirar o jovem do seu ambiente o mais rápido e tranquilamente possível. Sem retornos. Sem parar para trazer o passado à tona.

Mas o rosto de Race Montrose não lhe saía da cabeça — o cabelo cor de ferrugem, o queixo marcado, os olhos cor de âmbar. Quanto mais via aquele rosto, mais queria voltar a socá-lo.

Ele pegou a Divisadero Street, depois a California, chegando às ruas mais tranquilas de Pacific Heights. A noite caía e uma escura aurora púrpura cobria as copas dos eucaliptos. Chadwick entrou na Walnut e estacionou em frente à escola Laurel Heights.

Ele achara que o lugar estaria diferente, graças aos planos de reforma de Ann, mas o exterior permanecia inalterado: muros de madeira coberta de hera, detalhes em verde descascando, chaminé de pedra coberta de musgo. Preso ao telhado pendia um banner amarelo e comprido — OS SONHOS DAS NOSSAS

CRIANÇAS — FAÇAM ACONTECER! Um termômetro com 30 milhões de dólares como temperatura máxima tinha uma coluna central vermelha pintada até a altura dos 27 milhões. Pelo jeito, a campanha de arrecadação progredia mais lentamente do que o esperado.

Chadwick desligou o motor. Ele se virou para Mallory.

— Me fale a respeito de Race.

— Vai se ferrar — disse ela, mas sem muita força. A menina se cansara de tanto gritar e chutar o caminho todo, desde a Ponte da Baía.

— Ele era seu colega de turma — disse Chadwick — Sua mãe permitiu que ele frequentasse a escola.

— Você está parecendo o chato do meu pai. As notas de Race eram melhores do que as minhas, Chadwick. Cai na real.

— Você entende por que estou perguntando?

Algumas tranças de cabelos pintados de preto caíam-lhe pelo rosto, de forma que Mallory parecia olhar para ele de trás de uma jaula de alcaçuz.

— Pode parar com esses seus joguinhos, viu? Eu sei por que você está aqui. Isso é uma espécie de vingança ridícula pela Katherine.

— Eu estou aqui para ajudar você.

— Até parece.

Chadwick sentiu os olhos de Olsen cravados nele.

Ele olhou para a escola, para as pinturas das crianças penduradas na cerca para secar — uma corrente de rostos sorridentes, de todas as cores de pele, inclusive roxo e verde.

— Mallory, por que você fugiu?

— Minha mãe é uma vaca. Ela achou uma arma no armário do Race na escola.

— A mesma arma que ele apontou para mim hoje?

— Não, porra. Eles confiscaram a do armário. A de hoje era outra.

— Entendo — disse Chadwick — Outra da coleção dele.

Mallory deu de ombros, como se aquilo fosse óbvio.

— Minha mãe expulsou ele. Disse que eu não podia mais vê-lo.

— E você acha que isso foi... excessivo?

— Em primeiro lugar, ela não tinha o direito de mexer no armário dele, ou de puni-lo, nem nada. O Race precisa de uma arma.

— Por quê?

Ela tremia agora. Dores de abstinência da heroína, e provavelmente estavam piorando.

— Olha, deixa eu entrar e conversar com ela, tá bem? — Ela abrandou o tom de voz, adotando a estratégia de ir com calma. Adultos são idiotas; é preciso falar manso com eles. — Acho que eu perdi a cabeça com ela. Vou me desculpar.

— Você a atacou com um martelo. E fugiu para a casa do Race.

— Eu não machuquei ninguém, ouviu? E o Race também não. Eu não vou para uma escola de gente doida.

— O que aconteceu com a mãe do Race?

Os olhos dela evitaram os de Chadwick

— A gente... a gente não fez nada. Ficamos fora a noite toda, chegamos de manhã. Abrimos a porta... e...

A frase ficou no ar. Ela ergueu as mãos espalmadas para a luz, como que em busca de um lembrete que rabiscara na pele.

— Não o proteja — disse Chadwick — Race é um traficante de drogas. A família toda dele é nociva.

— Ele não é traficante porra nenhuma.

Chadwick correu os dedos pelo maço de dinheiro que caíra do casaco de Mallory: 630 dólares em notas novinhas em folha.

— Onde você conseguiu esse dinheiro, Mallory?

Ela tentou libertar os punhos das algemas de plástico.

— Fique com ele. Está bem, Chadwick? Fique com o dinheiro e me deixe ir embora. Ninguém precisa saber.

Ele olhou para Olsen. Com seus cabelos loiros e curtos, a calça jeans e o maxilar contraído, ela passaria facilmente por uma amiga de Mallory. Mas havia medo em seus olhos — um vazio evidente que florescera no momento em que Race Montrose apontara a arma para o peito de Chadwick

— Serei breve — prometeu ele.

— Ei — murmurou ela. — Espere...

Ele desceu do carro, e Olsen se inclinou por sobre o teto, protestando:

— Chadwick, que diabo...

— Só alguns minutos.

— E Mallory...

— Ela vai ficar bem.

— E o que eu devo fazer?

Chadwick sentiu a pontada de pânico na voz da parceira. Ele queria tranquilizá-la. Queria alertá-la que Mallory podia farejar seu nervosismo como uma piranha sente cheiro de sangue. Mas não podia dizer isso — não com Mallory presente.

— Ela está algemada. Apenas tranque as portas e espere por mim.

— Quem diabos é Katherine?

Ele a deixou olhando por sobre o teto do carro, os dedos espalmados sobre o metal preto, agarrando o reflexo da lâmpada de um poste.

No pátio, meia dúzia de crianças esperavam pelos pais. Duas meninas pequenas brincavam no balanço de pneu. Três alunos do ensino médio jogavam basquete, os refletores amarelos sobre eles envoltos numa nuvem de mariposas.

Uma monitora sonolenta estava sentada em uma caixa plástica, lendo um livro para a faculdade. Ela não ergueu os olhos quando Chadwick passou.

Assim que entrou no prédio ele ficou completamente desorientado. As portas não estavam onde deveriam estar. As paredes eram brancas demais, o piso de linóleo brilhante demais. Até mesmo o cheiro era diferente. Os velhos odores — décadas de maçãs com pasta de amendoim, massa de modelar seca, pipoca e giz de cera — haviam sido substituídos pelo cheiro industrial de limão típico de um edifício comercial.

A primeira fase do projeto de expansão de Ann, lembrou Chadwick remodelar o interior do prédio para maximizar o espaço.

A bola de basquete caiu lá fora.

De certa forma, Chadwick estava aliviado por olhar em volta e não ver quase nada do que se lembrava. Por outro lado, as mudanças na escola eram tão desconfortáveis quanto as mudanças que ele próprio atravessara — a reorganização das paredes internas, a instalação de carpete para ocultar o piso antigo, tudo para que ficasse o mais diferente possível. Mas a estrutura era a mesma. Não era possível mudar o tamanho e a forma das fundações.

Ele ainda tentava se orientar quando um rapaz desceu as escadas. Devia ter uns 20 e poucos anos, seus cabelos eram loiros e curtos e ele vestia um terno azul escuro. O pai de uma das crianças do jardim de infância, concluiu Chadwick.

— Sr. Chadwick?

Foram precisos alguns instantes para que a mente de Chadwick processasse as feições do rapaz — para que Chadwick visse o adolescente que ele fora, um garoto estranho com espinhas, acenando com um lenço vermelho para indicar os lances mais altos.

— David Kraft?

David sorriu.

— Isso é incrível. O que o senhor está fazendo aqui?

Chadwick trocou um aperto de mão com o rapaz, esforçando-se para não aparentar ser um homem a caminho do cadafalso.

— Não me diga que você já é pai...

— Meu Deus, não. Quero dizer, não, senhor. Ann... a Sra. Zedman... me contratou para ajudar na administração. Estou ajudando na campanha de arrecadação de fundos.

— Você já se formou?

— Sim, senhor. Trabalho meio expediente aqui. Estou fazendo um MBA.

Chadwick sentiu como se tivesse agulhas nos olhos. Claro que David já se formara. Ele devia ter 24 anos agora. Um adulto. Ele era da mesma turma de Katherine.

Chadwick tentou se livrar da segura da garganta.

— Meus parabéns, David. Isso é ótimo.

David corou, da mesma forma como no oitavo ano, quando recitara a Declaração de Independência para a turma. E já no ensino médio, quando pegara um trem lá longe em Berkeley, onde morava, para aparecer à porta de Chadwick pedindo para ver Katherine — explicando ao professor de uma forma tocatamente envergonhada, honesta e galante, que estava ali para... você sabe, *vê-la*. Não mais como um amigo. Tudo bem?

David olhou para o chão, ajeitando a gravata de seda.

— Sr. Chadwick, eu nunca tive a chance de dizer... quero dizer, depois do enterro... eu quis escrever, ou alguma coisa.

— Tudo bem, David.

— Não, eu quero dizer... O senhor foi o melhor professor que tive na vida. Esse lugar não foi mais o mesmo depois que o senhor foi embora. Só queria lhe dizer isso.

Chadwick sentiu como se estivesse prestes a pisar em uma armadilha para animais. Se David dissesse mais alguma coisa, se falasse o nome de Katherine...

— Obrigado, David — ele conseguiu dizer. — Olha, eu realmente preciso subir.

— Ah. Claro. — David apontou para o lugar de onde viera. — Ann está em uma reunião sobre... há... a campanha. Com a Srta. Reyes.

— Tentarei ser breve — respondeu Chadwick — Foi bom vê-lo, David.

E deixou para trás o sorriso amarelo de David Kraft — o olhar de um aluno que acabou de ganhar 8,5 num trabalho ao qual se dedicou de coração.

No segundo andar, a antiga sala dele não existia mais, o espaço havia sido transformado em um laboratório de informática e na sala dos professores. A porta, onde ele e John conversaram durante o leilão, tantos anos antes, era agora uma parede sem nada.

Os escaninhos dos alunos, que Katherine tanto odiava, haviam sido substituídos por uma longa fileira de armários vermelhos de metal. Qual seria o de Race Montrose? Chadwick tentou imaginar Ann abrindo o armário, encontrando a arma — na Laurel Heights, onde os alunos não podiam brincar nem mesmo com pistolas d'água. Alunos do jardim de infância cantavam “Dez indiozinhos” no primeiro andar. O paraquedas colorido sendo aberto no pátio para a típica aula de educação física americana.

A sala de Ann ficava no lugar de sempre, ainda dominado por uma janela enorme, a mesma cortina japonesa na entrada. O lema de Ann: abertura. Não havia portas fechadas entre ela e a escola.

Ela estava de pé atrás da mesa, Norma mostrando-lhe algo em um laptop sobre a mesa, onde também se viam sanduíches embrulhados em papel-manteiga e garrafas de água mineral.

Chadwick abriu a cortina.

Norma foi a primeira a sentir sua presença. Ela se virou, e a expressão em

seu rosto atravessou diversas fases distintas, como alguém em busca da imagem certa em um projetor de slides.

Ela tocou o braço de Ann.

— Você tem visita...

Ann parecia mais nova do que da última vez que Chadwick a vira — mais magra, os cabelos castanhos claros mais compridos, os olhos com um brilho novo, mais intenso. As lembranças de Chadwick eram de uma garota cheinha e gentil que ficara do seu lado quando ele mais precisara no colégio, o aconselhara e orientara desde a adolescência; mas aquela Ann parecia ter se concentrado apenas no essencial. E o desconcertante era que ela o lembrava os jovens que passaram pela Cold Springs.

— Cadê Mallory? — perguntou ela, sem cumprimentá-lo.

Ele olhou de relance para Norma.

— Está tudo bem — disse Ann. — Ela sabe.

— O que não quer dizer que eu aprove — intrometeu-se Norma. — Você a encontrou?

— Ela está no carro — disse Chadwick.

— Ela está bem? — perguntou Ann.

— Sim.

— Sozinha? — perguntou Norma.

— Minha parceira está com ela. Mallory ficou agressiva. Tivemos que algemá-la.

Ann apertou as pontas dos dedos contra a mesa, como que reunindo forças através da madeira.

— Obrigada, Chadwick. Eu sabia que você a encontraria.

— Algemas — disse Norma. — Ele algema sua filha e você agradece.

Norma usava um vestido preto, como se nunca houvesse mudado de roupa desde o enterro. Parecia fria, bela de um jeito desolado, como uma fotografia em preto e branco de si mesma. Amigos e ex-colegas de trabalho mantinham Chadwick a par de sua nova vida, mesmo quando ele não o desejava. Ele sabia que ela se formara em contabilidade, sabia dos contatos a que John Zedman recorrera para ela, os fundos de milhões de dólares que ela agora administrava. Sabia que Norma tomara o lugar de John como diretor de desenvolvimento após o divórcio dos Zedman, e que ela continuava amiga de ambos.

Chadwick tentava acreditar que um dia tocara aquela mulher, que um dia fora próximo dela, que criaram uma filha juntos, dividiram uma vida. A ideia agora parecia algo disparatado. Uma bomba fora atirada naquela existência; um holocausto de sofrimento tão poderoso que sugava todo o ar da velha casa no Mission — amor, raiva, memórias —, criando um vácuo onde nada poderia viver, nem mesmo ódio, sem ser exposto à radiação.

— Norma — disse Ann em voz baixa. — Terminamos isso mais tarde.

— Ela não tem dinheiro. — Os olhos de Norma estavam cravados nos dele.  
— Quero que saiba disso, Chadwick. Ela já recorreu à Justiça três vezes para manter a guarda de Mallory. Hipotecou a casa.

— Norma... — tentou Ann.

— A mulher está fazendo das tripas coração para levantar 30 milhões de dólares para a escola, para ajudar as crianças. Enquanto isso, luta para pagar as contas de luz e gás. E agora você a convence a colocar a filha nessa merda de internato militar no meio do nada, e ela não tem dinheiro para pagar as mensalidades. Espero que isso faça com que se sinta melhor.

— Ann me ligou — disse Chadwick.

Norma fechou o laptop irritada.

— Tentei fazê-la mudar de ideia. Tentei convencê-la de algo que eu já sei há muito tempo, Chadwick; de que a única coisa boa que você já fez foi ir embora.

— Eu estou aqui para ajudar Mallory — disse ele. — Não para discutir com você.

Ela investiu intempestiva, arranhando-lhe o rosto com as unhas.

— *Cabrón*.

Ann tentou segurar o braço da amiga, mas Norma a repeliu, derrubando uma garrafa de água.

— Você não ajuda jovens, Chadwick — disse ela. — Você os rouba. Você é um merda de um ladrão de adolescentes.

Ela o empurrou para o lado ao sair. Se houvesse uma porta no escritório, Chadwick tinha certeza de que ela a teria batido.

Chadwick sentiu o calor do sangue escorrendo até o queixo. Tirou um lenço de papel do bolso e o pressionou contra o rosto.

— Me desculpe — disse Ann. — Eu não sabia que você viria.

As pernas de Chadwick estavam trêmulas. Passar semana após semana perseguindo jovens, impedindo que se suicidassem, arrastando-os sob gritos de protesto em aeroportos — isso ele conseguia suportar. Mas alguns minutos com Norma e seus nervos ficavam em frangalhos.

Seus olhos se voltaram para o saco de dormir enrolado em um canto, para a mochila apoiada entre a parede e o fax.

— Você está dormindo aqui?

Ele pretendia transmitir preocupação com o comentário.

Mas quando Ann olhou para ele, uma lembrança indesejada aflorou entre eles — a noite de agosto uma década antes, em Stinson Beach, dois sacos de dormir abertos sobre as dunas. Eles passaram a noite em claro durante o retiro dos professores, admirando a Ursa Maior erguer-se sobre o Pacífico. Falaram de uma vida que poderia ter sido se houvessem sido mais sábios na juventude — uma vida impossível agora que ambos tinham famílias. Mas, mesmo assim,

fingiram o contrário naquela noite.

— Ainda não estou vivendo na rua — disse Ann —, se é isso o que você quer dizer. Passo algumas noites aqui para dar conta do meu trabalho.

— Cold Springs custa 2 mil dólares por mês.

— Eu sei disso.

— A permanência média é de um ano.

— Por que está me desencorajando? — Sua voz decrescia. — Tem ideia do quanto foi difícil ligar para você, admitir que preciso de ajuda com minha própria filha?

— Acho que faço ideia.

Os olhos dela ficaram vermelhos.

— Não, Chadwick Não. Eu odeio o seu trabalho. Odeio a filosofia de Asa Hunter. Ela vai contra tudo o que defendo como educadora. Já como mãe...

Ela ergueu as mãos, desconsolada.

Do lado de fora da janela aberta, a neblina noturna rolava do Pacífico, tufos brancos avançando no escuro como fantasmas em meio aos galhos dos eucaliptos. No andar de baixo, uma mãe deu boa-noite ao porteiro, e então passos soaram na escadaria da frente e a conversa milenar entre mãe e filho gradualmente se perdeu na quietude da Walnut Street: “O que você fez hoje?” “Nada.” “Nada? Não acredito que você não tenha feito nada.”

Chadwick conferiu o lenço descartável que pressionava contra o rosto. O sangue deixara uma fileira de pontos vermelhos indistintos no papel, como o Cinturão de Órion.

— Por que a Cold Springs, Ann? Por que agora?

— Eu já disse...

— A verdade, desta vez. O amigo com quem Mallory estava... o nome dele é Race Montrose.

— Sim.

— Você o aceitou como aluno aqui.

— O que você esperava que eu fizesse? Que o punisse pelos erros do irmão mais velho?

Chadwick vinha tentando convencer a si mesmo de que não havia uma conexão entre os dois. Mas o fato de haver, e de Ann obviamente saber disso, acendeu uma fileira de traques no estômago dele.

— Samuel Montrose era o fornecedor de Katherine — disse ele, com gravidade. — Ele arranjou as drogas que a mataram. Sua própria filha identificou a casa à qual elas foram naquela noite.

— Sim. E você foi embora, e no ano seguinte a mãe de Race matriculou o filho aqui. Não foi um acaso. Ela conhecia a escola por causa de Katherine. E desejava desesperadamente que o filho caçula tivesse uma boa educação.

Tudo o que Chadwick podia fazer era olhar para ela; esperar por algo. Uma

desculpa? Uma explicação? Algo.

Ann deu a volta na mesa e se sentou na beirada, em frente a ele. Os cabelos dela, Chadwick percebeu, estavam pontilhados com tons de grisalho quase imperceptíveis. Uma fina teia de rugas se espalhava no canto dos seus olhos. O perfume dela lembrava o cheiro do Natal — sidra e noz-moscada.

— Você teria me aconselhado a recusá-lo? — perguntou ela. — Race tem três irmãos mais velhos, todos criminosos. Samuel deixou a cidade há alguns anos. Os outros dois, gêmeos de 19 anos, estão na prisão pelo assalto a uma loja de conveniência. Ele tem uma irmã de 16 anos que está grávida, mora em Los Angeles com o namorado, além de uma avó esquizofrênica e uma mãe que tem atração por homens violentos. Por que você acha que Talia Montrose trouxe o filho mais novo para mim, Chadwick?

— Despeito.

— Você sabe que não foi por isso. Ela queria o melhor para o filho. Queria que um dos filhos, o caçula, escapasse. Talia percebia que ele era especial e não sabia mais para onde ir. E ele é brilhante, Chadwick. Eu notei isso já no primeiro ano. Eu deveria rejeitá-lo porque alguém da família dele fez algo terrível? Olhar nos olhos daquele menino de 7 anos e dizer: “Me desculpe, você não pode estudar aqui. Sou forçada a presumir que você se tornará uma pessoa ruim quando crescer”?

— Você está racionalizando.

— Estou?

— Porque agora está pagando o preço. Race se tornou o melhor amigo da sua filha. Você queria que isso nunca tivesse acontecido.

— Você está falando exatamente como o John. É por isso que ele quer tanto a guarda de Mallory. Ele afirma que nossa filha é uma vítima inocente e que não sou digna de ser a mãe dela porque não a protegi das más influências. Mas o seu bom-senso vai além disso, Chadwick. Mallory é quem ela é. Ninguém a corrompeu. Ninguém a *transformou* em uma adolescente problemática. Nem Race, nem Katherine. — Os olhos de Ann estavam da cor de uma cachoeira. — Nem mesmo eu ou você.

Chadwick se esforçou para sentir raiva dela. Ressentia-se por ela conhecer tão bem sua culpa. Ressentia-se por ela ter ao menos considerado dar uma chance a Race Montrose.

Mas aquela era Ann; o que ele sempre amara e temera nela. Sua infinita e irritante capacidade de ter fé. Ela acreditou em Chadwick na escola, o encorajou a entrar para a Força Aérea pelos benefícios educacionais, disse para que não se contentasse com um emprego medíocre. Vendeu-lhe o sonho de que algum dia seriam professores juntos, ofereceriam aos jovens mais ajuda do que haviam recebido. Acreditou no plano de reconstrução da Laurel Heights, ignorando a incontestável realidade de que 30 milhões era uma meta ousada demais para

uma escola tão pequena. E perdoou Chadwick após a morte de Katherine, imediata e incondicionalmente. Insistia em que ele não era culpado, que ainda podiam ficar juntos. Esse foi o verdadeiro motivo para que ele deixasse a Laurel Heights. Não a condenação de Norma, nem mesmo as lembranças de Katherine ou a dor de ver a turma da filha seguir em frente sem ela. Chadwick não podia suportar ser perdoado. Não conseguia permitir a si mesmo estar próximo de Ann, por temer que passasse a acreditar nela.

A viagem dele naquela noite até a outra margem da Ponte foi muito parecida com outra que fizera anos antes, vindo da delegacia de Oakland, quando Katherine admitira o que estava fazendo na festa, a que ponto era capaz de chegar pelas drogas de Samuel Montrose.

Depois da morte dela, a polícia não encontrou Samuel para interrogá-lo, nunca buscou com afinco, não fez qualquer tipo de justiça. Katherine teve uma overdose com heroína quase pura, mas o caso foi tratado como suicídio. Se Chadwick queria culpar alguém, diziam os olhares dos policiais, talvez ele devesse olhar no espelho.

E agora Ann ousava acreditar no irmão de Samuel, mesmo que isso implicasse riscos para a própria filha. Como Chadwick poderia aceitar aquilo? Se ele fosse John, será que também não exigiria a guarda total da filha?

— Race trouxe uma arma para a escola — disse ele.

Ann confirmou.

— Um aluno o denunciou a mim. A arma era... esqueci o que o policial disse. Uma 38.

— Por quê?

— Por que Race a trouxe? Ele negou que fosse sua, se negou a me dar uma explicação. Não consigo imaginar que ele pretendesse usá-la, mas é claro que tive que expulsá-lo. Você pode imaginar o pânico que isso provocou nos pais.

— E ainda assim você não se arrepende de tê-lo aceito.

— Sinceramente, Chadwick? É claro que há momentos em que me arrependo. Mas isso não é justo com Race. Até o incidente da arma, há duas semanas, era Mallory a responsável por eles se meterem em tantas encrencas.

— Ele fornecia heroína para Mallory.

— Race não é traficante.

— Ann, ele estava armado outra vez hoje à noite. Quase me matou.

— Não. Race era um bom aluno; revoltado, sempre se esforçando para fazer parte, mas não um rapaz mau. Quando foi expulso, recebeu a punição com calma. Simplesmente foi embora. Mallory quebrou tudo na nossa casa. Fugiu para ficar com ele.

— E alguns dias depois a mãe dele foi assassinada.

— Mas que droga, Chadwick.

Ann o esmurrou no peito, mas ela não era Norma. Não tinha experiência ou

talento para ferir. Chadwick agarrou-a pelos pulsos.

— A polícia quer conversar com Mallory — ele supôs. — Foi por isso que você me telefonou. Você precisa afastá-la da polícia.

— Chadwick, ela só tem 15 anos. E já passou por muita coisa. Você, mais do que qualquer pessoa, precisa entender isso.

— Você não foi honesta comigo.

— Eu não sabia a quem mais recorrer.

— Você acha que ela testemunhou o assassinato?

— Não. Não, é claro que não.

— Mas a polícia acredita que sim?

— Eu não disse isso.

— Você está com medo.

— Por que será?

— Sua mão está tremendo.

Ann ergueu o olhar para ele, aqueles olhos azul-acinzentados pressionando o coração de Chadwick com o peso das Cataratas do Niágara.

Então ela enlaçou o pescoço de Chadwick com a mão e o puxou para um beijo, seus lábios inesperadamente amargos, como noz-moscada.

— Leve minha filha para longe, Chadwick. Cuide de Mallory. Você nos deve isso.

— A polícia...

— Confie no seu coração uma vez na sua vida, seu idiota. Qual é a coisa certa a fazer por ela?

Ann traçou a linha do queixo dele com o dedo e ficou na ponta dos pés para beijar os arranhões provocados por Norma.

— Prometi a mim mesma no último ano do colégio que nunca diria que te amo. Que nunca estragaria uma boa amizade. Eu sou uma idiota.

Chadwick involuntariamente viu Mallory na linha do trem, e os olhos dela eram os mesmos da garotinha encolhida na poltrona de couro na casa da Mission Street.

Então olhou em direção aos armários dos alunos e viu alguém — David Kraft, os observando fazia tempo o bastante para registrar o que estava vendo. Então ele sumiu nas escadas.

Chadwick se afastou de Ann.

— Preciso ir.

— Norma sabe de nós dois — disse ela. — Caso você esteja se perguntando. Ela sabe que planejávamos dar a notícia naquela noite. Depois que lhe contei isso, ela não falou comigo por quase dois anos. Agora... é engraçado. Com o tempo, a gente percebe como é difícil excluir uma pessoa da nossa vida.

— Ligo para você do Texas — murmurou Chadwick — O Dr. Hunter enviará um relatório.

— Norma já não nos culpa pelo que aconteceu com a Katherine, Chadwick. Ela superou isso. Por que você não pode fazer o mesmo?

Chadwick fechou a cortina japonesa após sair da sala e desceu as escadas. David Kraft e o monitor ficaram em silêncio quando ele passou; nenhum dos dois o olhou.

No balanço, as duas últimas crianças cantarolavam uma canção de pular corda, balançando em um círculo de luz e mariposas enquanto esperavam para ver se os pais a haviam realmente esquecido.

Até Race tentar roubar seu dinheiro, Samuel estava tendo uma boa semana.

No trabalho, as crianças corriam até ele quando ele chegava ao portão, deixando as bolas de basquete para trás. Elas o empurravam em direção ao banco, imploravam por uma história, se acotovelavam pela chance de se sentar no seu joelho, às vezes duas ao mesmo tempo, até que Samuel dizia que elas o estavam esmagando como a um sanduíche de abobrinha, e elas gargalhavam. Pediam por Anansi, Brer Rabbit, a Caixa de Pandora. Ele sempre cedia. Fazia tudo que elas quisessem.

Afinal, aquele era o sonho de Samuel. Ele tinha feito faculdade para poder trabalhar com crianças. Fazer a diferença. E agora ali estava ele, fazendo o que sempre quisera.

Mas a máscara escorregava um pouco algumas vezes. Ele poderia estar preparando o almoço na sala dos funcionários, prestando atenção ao micro-ondas ou cortando cenouras, e se flagrava olhando para as próprias mãos, mas não eram as suas. Eram as mãos de Talia: dedos longos e finos, esmalte vermelho, anéis dourados.

Ele sabia que isso era insano. Olhava para a lâmina da faca de cozinha e a observava cortar a polpa cor de laranja da cenoura, produzindo rodelinhas que eram pequenos alvos, e se lembrava de Talia cortando os legumes para um ensopado. *Você segura a faca assim, entendeu, meu bem? Corta pra longe do seu corpo.*

Ele imaginava Ali, o pior namorado dela, entre as pernas de Talia à noite, batendo a cabeceira da cama na parede e clamando por Deus ao chegar ao clímax, as crianças dando risadinhas no quarto ao lado e tentando ficar quietas, porque sabiam que o homem não era um fracote — se Ali era capaz de arrancar os adornos de metal das paredes da casa, ele poderia muito bem arrancar-lhes as cabeças.

Só que na visão Samuel via a si mesmo sob aquele grande homem, o hálito azedo dele no seu rosto, a barriga esmagada pelo peso de Ali, o osso do quadril contra a parte interna das coxas dele. E Samuel precisava soltar a faca, com muito cuidado, e convencer a si mesmo a voltar à realidade, pensando, *Ah, qual é. Samuel fez algo de bom da vida dele. Sobreviveu. Pare com isso.*

Talia estava morta. Ele estava vivo.

Não importava que certas vezes tivesse dificuldade para se convencer disso, ou que algumas vezes se distraísse quando as crianças lhe faziam perguntas, ou que deixasse o sorriso enfraquecer com frequência. Ele sumiria dali em breve.

No momento em que colocou a última carta na caixa do correio, soube que tinha feito a coisa certa. Contentara-se com muito pouco por tempo demais, tentando manter a situação estável pelo bem de Race. Mas o prêmio estivera sempre ali, amadurecendo, à espera de ser amealhado. Ele pensava naquilo fazia anos. E agora que, de qualquer forma, a Laurel Heights era passado para Race... que se foda.

Ele e Race limpavam São Francisco da sola dos sapatos como se limpava bosta de cachorro. Iriam para outro país, teriam um recomeço. México, El Salvador. Um lugar quente, capaz de cozinhar os pensamentos ruins que surgiam na mente de Samuel.

Tudo o que Samuel precisava fazer era encontrar a garota, essa era a chave de tudo. O velho trunfo já não era o bastante. John deixara isso claro quando tentara comprar Talia. Mas a garota... John queria proteger a garota. E Samuel podia controlar essa variável. Ah, como podia.

Ele saiu mais cedo da escola na noite de sexta-feira, cansado mas satisfeito, entrou no Honda Civic já muito rodado e voltou para Berkeley, para seu apartamento nos morros.

O lugar era caro demais, em um condomínio de prédios azuis e marrons logo acima do túnel Caldecott, em uma área na qual as árvores ainda não haviam crescido desde o incêndio em Oakland Hills. Samuel olhava para aqueles morros a vida toda. Ele os vira arder em chamas em 1991; o horizonte coroado por fogo, as cinzas caindo e chegando a alcançar o Papai Noel que tinha no teto da sua casa em West Oakland, o cheiro de madeira e alvenaria queimadas impregnado na cidade por alguns dias. Depois, ele acompanhara a reconstrução: as casas novas, todas pomposas, erguidas com o dinheiro do seguro, os prédios novos em folha nas encostas enegrecidas. Ele amava aqueles prédios desde que ainda eram apenas estruturas de madeira, nos velhos tempos em que ele também estava passando por uma reconstrução, recriando a si mesmo do zero. Ele fantasiava de que um dia iria morar ali, bem acima de todos — um castelo nas cinzas.

Seus vizinhos eram todos jovens e ricos. Dirigiam caminhonetes Land Rover, tinham shih tzus de estimação, vestiam roupas para caminhada da North Face mas nunca caminhavam. Todas as manhãs cumprimentavam Samuel com sorrisos educados e nervosos, se perguntando como aquele merdinha conseguira comprar um bilhete para desfrutar da companhia deles.

Em breve ele poderia mandar todos eles irem se foder. Quando estivesse de saída da cidade, talvez roubasse um daqueles cachorrinhos de cara estranha, levasse o bicho até West Oakland e encontrasse um pit bull para brincar com ele. Devolveria ao dono o que restasse, junto com uma carta. Assinaria da mesma forma como assinara as cartas para John naqueles nove anos. *Um grande abraço, Samuel.*

Ele pensava nessa possibilidade, sorrindo consigo mesmo, quando

estacionou na sua vaga e viu a mountain bike suja de lama próxima ao portão dos fundos da casa.

Tateou o bolso em busca da nova faca que comprara para substituir aquela que agora repousava no leito da represa Lafayette.

Entrou no quintal e viu a porta de vidro aberta. Dentro da casa, a TV estava ligada, os sons de uma série qualquer se misturando aos do programa de entrevistas na rádio AM que tocava no banheiro e à música que vinha do aparelho de som do quarto — todas as vozes que Samuel mantinha ligadas, 24 horas por dia, para abafar as que ele ouvia na sua mente.

As janelas do quarto, abertas, davam para a vista que justificava metade do valor do aluguel: a rodovia 24 imediatamente abaixo, uma fita de luzes cortando caminho pelos morros até a planura de Berkeley, em direção ao lençol de neblina que cobria a baía.

Race estava ajoelhado ao lado da cama, de costas para a porta. Ele remexia na mochila de couro de Talia, tirando dinheiro, e havia uma arma sobre os lençóis.

— Sua mesada já acabou? — perguntou Samuel.

Race se virou de súbito, os olhos o procurando. Seus dedos envolveram a arma.

Samuel não se preocupou com isso. A arma não era em nada diferente do travesseiro que Race costumava carregar para todo lado quando tinha 2 anos, ou do carrinho de quando tinha 5; apenas algo ao que se segurar.

— O que aconteceu com seu nariz? — perguntou Samuel.

Parecia que alguém havia enfiado um morango na sua narina esquerda e o esmagado.

— Preciso de dinheiro.

— Você pode experimentar pedir. Eu nunca disse não para você, não é verdade?

Race contraiu os lábios, se esforçando para não chorar, e esfregou o nariz com o punho.

— A mamãe morreu — disse ele, como se não soubesse daquilo fazia já uma semana.

— É — concordou Samuel. — E você sabe muito bem quem vai levar a culpa se não trouxer sua namorada até aqui pra gente dar um jeito nessa situação.

— Eu preciso ir para... pro Texas, algum lugar. Preciso comprar uma passagem de avião. Mallory...

— Do que você está falando? Cadê ela?

— Ela se mandou.

— Como assim, se mandou?

Race contou tudo ao irmão. Descreveu o homem que o esmurrara no café,

a fuga de Mallory. Contou que depois a vira ser algemada e forçada a entrar no carro do homem, sob o olhar de alguns seguranças da estação. Race conhecia o homem... um sujeito que antigamente ensinava na Laurel Heights e agora trabalhava em uma escola para jovens problemáticos no Texas.

Mas Race não precisava dizer isso a Samuel.

Samuel também conhecia o homem. E sabia o que aquilo — permitir que a garota Zedman escapasse das suas mãos — significava para os seus planos.

O pai de Katherine, que fora embora da cidade, alguém que Samuel lutara tanto para tentar esquecer, por acreditar que ele já havia sido punido o bastante.

Ele teve uma sensação morna, como uma máscara de esqui cobrindo-lhe o rosto.

E se lembrou dos gemidos de lamento de Talia, do cheiro de flores no cabelo dela. Ao olhar para Race e ver a mesma culpa, os mesmos olhos de âmbar de Talia, Samuel soube que precisava engolir a fúria. Engoli-la rápido, antes que ela o matasse.

Do rádio vinha uma música de que ele não gostava, uma merda qualquer da Britney Spears. Ele deu um murro na caixa de som. Pegou o aparelho e o atirou na parede, o fio voando atrás como o rabo de um rato.

Foi bom.

Ele olhou para Race, pensando como o garoto seria bonito, tão parecido com o irmão mais velho, se apenas se cuidasse um pouco. Race não precisava cheirar a leite azedo, usar aquela jaqueta amarfanhada, andar a pé pela cidade da casa de Talia para a casa da avó e sabe lá Deus para onde mais. Ele precisava fazer algo da própria vida. Samuel sacrificara tanto por ele. Tanto.

Ele engoliu em seco outra vez, mas havia pouco que pudesse fazer para conter a fúria quando viu a forma patética como Race segurava a arma; até parece que ele algum dia seria capaz de atirar em alguma coisa.

— O que você está olhando?

— Você matou a mamãe — choramingou Race. — Esse dinheiro... era dela, não era?

— O que você vai fazer com essa arma? Vai até o Texas matar alguém? Vai matar gente por aquela garota, é?

— Eu preciso ajudar Mallory.

— Você não precisa fazer porra nenhuma.

Com um tapa, Samuel tirou a arma da mão do garoto, atirando-a no chão. Ele a pegou, e por um perigoso segundo a arma pareceu trabalhar contra ele, buscando carne como uma forquilha buscando água.

Samuel odiou aquele momento, odiou Race por ver o descontrole em seus olhos.

Ele pressionou o cano da arma contra o colchão e atirou, vezes seguidas, gritando obscenidades que foram abafadas pelo barulho, até que o pente estivesse

vazio.

A mão dele ardia. Os lençóis cheiravam a ozônio. Havia um buraco preto no colchão, abrindo caminho até o estrado da cama.

*Idiota*, ele disse a si mesmo. *Os vizinhos vão chamar a polícia.*

Mas ele sabia que os vizinhos ainda não estavam em casa. Todos trabalhavam até tarde na cidade. Não havia ninguém no condomínio àquela hora da noite, só algumas dezenas de shih tzus.

Quando o zumbido nos seus ouvidos cessou, ele voltou a ouvir o programa da TV na sala, a rádio AM resmungando no banheiro.

Race estava encolhido em um canto, ao lado da mesa de cabeceira, as mãos agarrando os cabelos. Ele tremia, um fio de saliva brilhava no seu lábio superior. Quando chorou, emitiu sons molhados entrecortados.

Samuel sentiu a mente partir-se ao meio.

A raiva que sentia se esvaiu, substituída por um profundo desejo de proteger, uma ternura tão grande por Race que o fez desejar cortar a si mesmo para provar seu amor.

Ele tentara proteger a família com todas as suas forças. Mandara Race para a Laurel Heights pelas oportunidades que o menino obteria com isso, não por vingança. E mesmo quando aquela garota se aproximara demais do irmão dele, Samuel não os afastara. Ele esperava que se tornassem amigos — *desejava* isso.

Então, na casa de Talia... Samuel ficou mortificado ao saber que Race descobrira o corpo, que a polícia queria falar com ele. Ele não desejava nada disso para Race. Ninguém deveria passar por aquilo, descobrir um cadáver.

Mas, ao mesmo tempo, Samuel sabia que isso aconteceria. Ele deixara Talia para ser encontrada. Queria que Race a visse: aquela puta, despojada da possibilidade de ir embora, de deixá-los na mão, de mentir. E ele jogara a correntinha da garota no sangue, imaginando que o técnico da polícia a pegaria com pinças, a veria reluzir à luz do sol, leria a inscrição.

Samuel por fim entendeu por que tinha feito aquilo. Entendeu o padrão tecido pelo seu inconsciente, a rede escura tomando forma sob a corda bamba.

Chadwick Todo o resto havia sido apenas um ensaio.

Engraçado como podemos construir algo a vida toda sem nem sequer perceber.

Ele se ajoelhou ao lado de Race, afagou seus cabelos. O garoto parecia ter 5 anos, tremendo, seus olhos brilhando de medo.

Samuel imaginou uma daquelas noites, muitos anos antes, depois que Ali fazia o seu serviço. Ele imaginou Talia — seria mesmo Talia? — saindo do quarto cambaleando e pegando Race no colo, dizendo: *Tá tudo bem, meu amor; eu estou bem. A gente vai tirar você daqui. Você vai para uma boa escola. Samuel vai te ajudar. Ali não vai mais tocar na gente.*

E Samuel cuidara de Ali.

Samuel sempre protegia os irmãos; porque, se ele não o fizesse, quem o faria?

Anos antes, ele tentara mandar a irmã para longe, para protegê-la de Elbridge, mas, como isso não deu certo, ele pegou a arma de Johnny Jay na caixa de ferramentas, na garagem, e esperou por Elbridge no fim da rua, escondido no mato. Elbridge sempre voltava para casa da sinuca pelo mesmo caminho. Elbridge tinha muitos inimigos; não deixaria saudades em ninguém.

Samuel não podia deixar os irmãos e irmãs sozinhos. Ele não suportava vélos machucados, como também não suportava a morte de Katherine, sua única amiga no mundo, a única pessoa que entendera a escuridão dentro dele.

Ele tocou Race no rosto.

— Aonde você acha que vai?

— Vou atrás de Mallory.

— Não. Eu tenho uma ideia melhor.

— Você vai matá-la.

— Não, Race. Me escute. Eu vou tomar conta de você, mas você precisa me escutar. Ninguém mais vai se machucar. Nem a sua garota. Nem você. Ninguém que importe.

E Samuel pintou um quadro para o irmão, simples e bonito. Muito dinheiro, um novo lar em um país distante, ele e a namorada juntos, Samuel os protegendo, cuidando deles. Explicou como tudo ia acontecer, queria que Race entendesse, reconhecesse a beleza do plano. Race era inteligente, ele sabia somar dois mais dois.

— Você não pode fazer isso. Eles vão te pegar.

— Fique por aqui alguns dias, certo? Ninguém vai pensar em procurar você aqui, esse é o último lugar no mundo onde vão procurar Race Montrose. Me espere. Vai ficar tudo bem com a sua namorada.

Samuel podia ver nos olhos dele — o desejo desesperado de acreditar naquele sonho. Ele sabia que Race estava aterrorizado, que queria fugir. Mas Samuel não estava preocupado com isso.

No fim das contas, Race vinha até ele como as crianças da escola faziam: se sentava no seu joelho para ouvir uma história. Samuel era capaz de fazer o irmão acreditar no que ele quisesse. Ele também faria a garota acreditar. E quando chegasse a hora de mudar a história — de riscar a garota do plano, Samuel o faria sem maiores problemas. Race superaria isso.

Porque as crianças têm instinto de sobrevivência. Elas são como animais, sabem quem se importa com elas, em quem confiar. Elas não se sentam no colo de qualquer um.

— Fique aqui — disse Samuel. — E, Race, eu conheço todos os seus esconderijos. Não fuja. Entendido?

— Entendido.

— Agora vá lavar o rosto. E aumente o rádio quando estiver no banheiro. Está tudo muito quieto aqui.

Race se levantou, ainda trêmulo, e limpou o sangue e a saliva da boca. Foi fazer o que lhe fora sugerido e deixou Samuel olhando pela janela, para o vale cortado pela rodovia como uma artéria a sangrar, espalhando suas luzes de freio vermelhas pela baía.

Chadwick o desrespeitara outra vez.

Se Samuel algum dia duvidara de que Deus tinha um plano para ele, já não duvidava mais.

Ele recebera um sinal. Não deveria partir antes do acerto de contas. Não deveria deixar pedra sobre pedra.

E, com a graça de Deus, ele obedeceria.

— Zedman!

Mallory queria gritar uma resposta. Ela ruminava todos os impropérios que poderia usar com aquele cretino, mas pensava no que tinha acontecido com o último que o mandara ir se foder.

O instrutor gritou seu nome outra vez.

Mallory não ergueu os olhos. As botas vieram amassando o cascalho do caminho.

— São instruções simples, Zedman — gritou o sujeito, como se estivesse na outra margem de um rio, como se quisesse que todas as malditas aves de rapina circulando à sua volta o ouvissem. — Quando eu disser seu nome, você responde “Aqui, senhor”.

A náusea de Mallory estava piorando; os calafrios, as navalhas no seu ventre. Ela disse a si mesma que estava sentada com um propósito, para protestar, mas a verdade é que ela não sabia se conseguiria se levantar. As dores nunca tinham chegado a esse ponto. Todo o seu corpo se transformava em gelo e derretia de dentro para fora. Ela precisava de uma dose. Fantasiava, imaginando Race a encontrando, invadindo o internato com um fuzil e a resgatando. Mas Race não apareceria. Ele estava mais encrenado que ela.

Era difícil controlar os tremores, mas Mallory decidiu que não vomitaria outra vez. Não daria esse prazer ao instrutor.

O assistente do instrutor, um jovem loiro, também passou a gritar com ela: “Venha cá! Levante seu traseiro gordo daí e volte para a linha!” Mas isso era apenas um ruído de fundo. Mallory sabia que a verdadeira ameaça estava bem à sua frente.

Ela ergueu os olhos, apenas porque assim conseguia se impedir de vomitar.

O negro não ficara nem um pouco mais bonito. Ele era grande; talvez não tão alto quanto Chadwick, mas largo, forte como um tanque, de camiseta preta e calça camuflada e botas de combate, como um dos personagens dos jogos de que Race gostava.

Ela imaginou Race apontando uma arma de plástico azul para o sujeito, a cabeça do instrutor explodindo na tela. E então sorrindo com ternura, dizendo, *Viu? Não era nada.*

O pensamento fez com que se sentisse um pouco melhor.

— Eu tenho o dia todo — disse o negro. — O dia todo e a noite toda.

Mallory olhou para os outros três adolescentes. Eles já haviam desistido. Estavam em pé na fila, segurando seus suprimentos. A gorda tinha as bochechas

listradas de rímel de tanto chorar.

O instrutor assistente andava de um lado para o outro atrás deles, gritando nos ouvidos dos alunos sempre que eles se moviam, murmuravam ou olhavam numa direção de que ele não gostasse. O garoto que mandara o cara ir se foder estava amordaçado com fita adesiva — uma maldita mordaça.

Dane-se, pensou Mallory. E sua mãe que se danasse também, por tê-la mandado para aquele lugar.

A velha não devia saber como era aquele lugar, *sem chance*. Sem chance que fosse algo legal botar uma mordaça no garoto. Se conseguisse chegar a um telefone, ela poderia ligar para a mãe. Tinha pensado nisso no aeroporto, mas Chadwick sempre parecia saber no que ela estava pensando. Não conseguira fugir dele. Talvez aquele negro não fosse tão esperto quanto Chadwick.

Por fim, um dos garotos da fila gritou com ela:

— Levante, Zedman!

Pela primeira vez, o instrutor assistente não o calou, nem ao menos agiu como se alguém houvesse falado.

— Não vou ficar o dia inteiro de pé por sua causa — gritou o garoto. Era o gorducho, o garoto com cabelo sebento e espinhas. — LEVANTA... DAÍ!

Vá pro inferno, pensou Mallory.

Mas então ela pensou em algo novo. Talvez ela *devesse* fazer o jogo deles. Fingir. Assim seria mais fácil chegar a um telefone. Se conseguisse ligar para a mãe, poderia engolir a raiva o bastante para pedir desculpas, chorar um pouco, dizer como era aquele lugar. A velha cairia na dela. A tiraria dali. Mallory sabia que sim. E então ela poderia fugir de novo... só que dessa vez não a encontrariam.

Tentou ficar de pé. Não era fácil. Sua cabeça girava e suas pernas estavam trêmulas.

Ela estava de pé, mas não olharia para o negro. Sem chance.

— Zedman! — gritou ele.

— Aqui — murmurou ela.

Ela ouviu os passos do instrutor no cascalho.

— Aqui, *senhor*.

Ela mordeu a língua para não gritar xingamentos. Concentrou-se em Race. Precisava voltar para Race.

— Aqui, senhor.

— Já ouvi criancinhas falarem mais alto que isso. Você é uma criancinha?

— AQUI, SENHOR!

Mallory chorava, mas não dava a mínima. Ela apenas esperava ter perfurado os tímpanos daquele filho da puta.

— Entre na fila, Zedman.

Ela foi cambaleando; no meio do caminho, parou e se curvou. O mundo à

sua volta estava espesso como mel; todos olhavam para ela, esperando que morresse.

Os olhos do instrutor pareciam os de seu pai. Frios e reprovadores, insistentes, como na última discussão que tiveram, *Se você não ficar longe dele, eu vou fazer com que ele fique longe. Não aguento mais, Mallory.*

Ela finalmente conseguiu chegar à fila, então estendeu os braços e o instrutor assistente enfiou-lhe um embrulho. O rapaz gritou ordens até que ela estivesse em posição de sentido, segurando suas coisas com os cotovelos a um ângulo de 45 graus, os antebraços paralelos ao chão. O embrulho não era tão pesado, mas ali em pé, em posição de sentido, seus braços ficaram doloridos em pouco tempo.

O instrutor assistente arrancou a mordaca do garoto que xingara.

— Eu digo *Olhos à frente* — bramiu o negro — e vocês dizem *senhor*. E vocês ficam olhando para mim. Olhos à frente!

— Senhor — todos responderam.

— Patético. OLHOS À FRENTE!

— SENHOR!

O negro estava se divertindo com aquela demonstração de poder, intimidando adolescentes. Ocorreu a Mallory que um daqueles instrutores poderia de fato agredi-la. A ideia provocou nela a sensação da picada de uma seringa de heroína: dolorosa, mas salgada, prazerosa de uma forma doentia. Mallory mostraria as marcas no tribunal. Riria quando aquele lugar fosse fechado e todos aqueles brutamontes fossem atirados atrás das grades.

*Apenas finja um pouco*, ela disse a si mesma. *E chegue a um telefone.*

— Senhoras e senhores — disse o negro —, esta é a Academia Cold Springs. Eu sou o Dr. Hunter. Sou o dono e diretor desta instituição. E, enquanto estiverem aqui, eu dirijo vocês.

Ele não disse *Eu sou o dono de vocês*, mas foi o que Mallory ouviu.

— Vocês agora estão no Nível Preto — disse Hunter. — Vocês têm em mãos dois conjuntos de uniformes pretos, dois conjuntos de roupas de baixo, um par de sapatos, um cobertor, uma barra de sabão, um rolo de papel higiênico e uma escova de dentes. Tudo mais, todos os privilégios, deverão ser conquistados. Todas as regras devem ser seguidas. Vocês não sairão do Nível Preto até que demonstrem ter conquistado esse direito. Entendido?

— Sim, senhor — murmurou Mallory.

É claro que nem todos fizeram o mesmo, então eles tiveram que repetir, gritando *SIM, SENHOR!*

— Corram sem sair do lugar — disse Hunter. — AGORA!

*Você só pode estar brincando*, pensou Mallory.

Mas o instrutor assistente gritava no ouvido dela:

— MEXA-SE! JOELHOS PARA CIMA! CORRENDO!

Mallory tentou. Ela tinha certeza de que devia estar parecendo uma idiota, segurando aquela porcaria e correndo, com ânsias de vômito.

Logo ela estava suando, desejando ter tirado o casaco. O ar estava frio, ainda mais frio do que em São Francisco, mas também mais seco. Sua boca e suas narinas ardiavam. A dor nas entranhas era insuportável.

— Alto! — gritou Hunter.

O segundo instrutor estava no fim da fila, gritando com o garoto que fora amordaçado. Ele jogara os suprimentos no chão e os chutara para longe.

— Eu vou embora! — gritou o garoto.

Ele tinha cabelos arrepiados, pintados de loiro, e, com o rosto vermelho e irritado, a cabeça dele parecia um fósforo gigante.

— Vão se f... — Mas o garoto se conteve, lembrando-se da mordaça. — Podem esquecer esse tal de Nível Preto. Vocês não podem me obrigar a ficar aqui.

O Cabeça de Fósforo começou a correr, mas logo percebeu que não sabia para que direção fugir.

Eles estavam no meio de uma clareira do tamanho de uma quadra de vôlei, cercada por árvores e vegetação esparsa. Aparelhos de ginástica estavam espalhados ao redor: uma barra, uma pista de pneus, paredes de alvenaria de tamanhos variados. A única estrada seguia em direção a uma grande casa de madeira — a construção pela qual haviam passado ao chegar, e ela ficava a uns bons 500 metros dali. O furgão que os deixara ali se fora. O horizonte era marcado por nada além de morros cor de vômito em todas as direções. Mallory sabia por Chadwick que eles estavam em algum lugar do Texas, literalmente no meio do nada.

O Cabeça de Fósforo seguiu pela trilha, mas então parou bruscamente. Um terceiro instrutor surgira à sua frente, como se estivesse esperando na mata. O sujeito segurava algo que parecia uma tenda de escoteiro com uma corrente de bicicleta costurada na lona.

— Se não se esforçarem para avançar nos níveis, ninguém sai daqui. Como será sua estada, isso depende de vocês.

Então Mallory percebeu que a lona era uma espécie de camisa de força. Os filhos da mãe acorrentavam as pessoas até o pescoço.

Mallory encarou Hunter, sem acreditar que aquela coisa seria mesmo usada, mas o sujeito não parecia estar blefando.

O Cabeça de Fósforo não se movia.

— Seus suprimentos estão no chão — disse Hunter. — Você não vai receber outros.

Lentamente, o garoto se virou, foi até suas coisas e começou a recolhê-las do chão.

O garoto estava chorando. Era provavelmente um ano mais velho que

Mallory, mas lá estava ele, chorando. Mallory ainda podia ver as marcas da mordaca — linhas vermelhas ao redor de sua boca.

Quando o Cabeça de Fósforo voltou para a fila, Hunter latiu mais ordens: meia-volta, marchar. Coisas militares. Nenhum dos jovens causou mais problemas.

Mallory desligou o cérebro, tentou não pensar na dor. Concentrou-se nos seus pés se movendo, nas ordens dos instrutores.

Ela odiava a mãe por tê-la mandado para aquele lugar. Odiava Chadwick por tê-la encontrado.

Mas acima de tudo, odiava a lembrança que a presença dele reforçara: o rosto de Katherine, os dedos frios dela no joelho de Mallory, o sorriso quando disse *Guarde para mim. Quero que fique com você, Mal. Eu te amo.*

A definição de amor de Mallory fora formada naquela noite. Uma pessoa faz você admirá-la, precisar dela, desejar sua aprovação, para depois abandonar você, deixar você segurando... algo. Uma correntinha. Dor. Seus pensamentos mais sombrios. Seu caminho.

Anos se passaram até que Mallory sentisse raiva. Ela crescera com um medo mortal de terminar como Katherine, mas quando tentava conversar a respeito com os pais, o analista, os professores, não via qualquer conforto em seus olhos, apenas o mesmo terror. Tratavam-na como se ela houvesse sido infectada, como se a correntinha de prata que ela trazia no pescoço fosse uma ampola de nitroglicerina. Olhavam-na com doçura. Usavam vozes gentis. Se Mallory se irritava, eles recuavam. Exatamente como Katherine: sempre virando fumaça.

Então Mallory passara a sentir raiva. Ah sim, ela ficaria com aquela maldita correntinha. Seria amiga de Race. Experimentaria heroína. Foda-se. Validaria o medo deles. Os deixaria com as fotos de sua infância, se perguntando o que diabos havia dado errado. Isso era amor.

— Vocês descansarão quando for hora de descansar — gritou o Dr. Hunter. — Trabalharão quando for hora de trabalhar. Farão o que lhes mandarem fazer, e salvarão a própria vida antes de sair daqui. Isso, senhoras e senhores, é uma promessa. Vocês verão que cumprio minhas promessas.

Ela tentou afastar a raiva, o desejo de gritar palavras até que a amordaçassem. Pensou em sua casa: em Race e no mundo de problemas no qual o deixara.

Ela não podia deixá-lo agora.

Sempre que fechava os olhos, ela via Talia Montrose; os cortes, seus dedos contraídos como garras, a enorme mosca preta passeando sobre sua pálpebra. O som que saiu da garganta de Race, o lamento ferido, oco, que estava além da dor; o som de um animal que não aprendera qualquer linguagem. O olhar que ele lhe dirigira — que não sugeria nada, não acusava, mas deixava claro que era

tudo culpa dela. Seu pai ameaçara algo do tipo. E ainda assim ela e Race ficaram juntos. Fugiram. Dormiram em lugares horríveis demais para lembrar, em colchões fedendo a urina e gordura. Fizeram amor de um jeito estranho, pela primeira vez, ao contrário do que pensavam seus pais, atraídos um ao outro por dor e medo, pela necessidade de acreditar que havia algo capaz de queimar a imagem de morte em suas mentes. Ela tentara consolá-lo. Eles tentaram elaborar um plano. Race colocou o dinheiro em sua mão e disse: “Posso conseguir mais. E vou conseguir. Fique com esse por enquanto, até a gente poder ir embora.”

Ela queria acreditar na bela visão de Race, de que eles poderiam fugir juntos. Ele tinha sonhos maravilhosos, melhores do que qualquer um que Mallory tivera na vida.

Mas ao mesmo tempo ela atrasava a partida. Arranjava desculpas, impedia-os de deixar Oakland. Parte dela ansiava por confusão da mesma forma que por heroína; da mesma forma que ela desejava deitar e sentir a vibração dos trilhos do trem até que o céu escurecesse e o mundo acabasse. Parte dela queria seguir Katherine até aquele quarto escuro e fechar a porta.

*Não, dizia Mallory a si mesma. Apenas sobreviva. Saia daqui.*

E então ela começou a marchar, o homem com a camisa de força gritando ao alcance de sua visão periférica, como se sempre houvesse estado ali, à espera de que ela tentasse ir na direção errada.

Mais uma semana de escoltas: Nova York, Utah, St. Louis, Belize. Chadwick perseguiu um garoto por um telhado, prendeu-o à antena de TV e o arrastou pela nuca por cinco lances de escada. Arrancou uma garota de um esquema de prostituição infantil depois de quebrar uma tábua na cabeça do cafetão com um pouco de satisfação demais.

Olsen fazia seu trabalho com discreta eficiência. Ela se dava bem com os jovens, os tratava com a combinação certa de respeito e firmeza. Não voltara a trair seu nervosismo, a exalar o cheiro do medo. Trabalhava melhor do que a maioria das jovens que ele treinara naquele ano; sempre mulheres, uma vez que as regras de Hunter previam que as duplas de escolta seriam necessariamente formadas por um homem e uma mulher. Por outro lado, naquela semana ela devia ter falado no máximo umas 12 frases quando não estavam trabalhando. Ele podia senti-la escorregando para fora daquilo, se afastando daquele trabalho, como tantas outras.

O índice de rotatividade de novas parceiras era de oitenta por cento. O trabalho era simplesmente intenso demais. Não demorava para que as novatas deparassem com uma missão que abalasse sua coragem, uma situação que se repetisse em seus pesadelos como o soar de um acorde menor. No caso de Olsen, por algum motivo, isso aconteceu quando eles foram buscar Mallory Zedman.

Eles voltaram para o Texas na sexta-feira à noite.

Na manhã de sábado, após quatro horas de sono, Chadwick estava sentado no terraço da sede, supervisionando uma sessão de estudos de alunos do Nível Branco. Ele pegou o celular e discou um número com o polegar, tranquilamente.

Nas mesas de piquenique atrás dele, uma turma de dez internos do Nível Branco estava concentrada em suas atividades: escreviam redações, estudavam para provas.

A manhã estava clara e fria como a parte de baixo de um travesseiro. Nuvens de inverno altas riscavam o céu, e o sol banhava os morros e as asas dos gaviões-de-cauda-vermelha. O que parecia passar despercebido pelos alunos. Eles trabalhavam em tal silêncio que uma família de cervos pastava numa encosta a menos de 100 metros de distância.

No último ano de seu casamento, quando ainda morava em São Francisco, Chadwick vivia fantasiando com a região do Hill Country, no Texas. Imaginava-se acordando todo dia naquele lugar, ensinando jovens naquele complexo, reinventando suas vidas. Agora que estava ali, ele pensava em São Francisco.

Fechou os olhos e se concentrou em 1994, o ano em que começara a trabalhar com escolta.

Sempre que a sensação quente e vazia queimava no seu estômago, sempre que tinha vontade de derrubar uma parede a pontapés, ele se acalmava calculando a história de trás para a frente, saltando de um acontecimento para outro como sobre pedras na travessia de um rio, traçando uma linha contínua até o passado. Podia fazer isso baseando-se em séculos ou milênios, qualquer medida maior que a própria vida.

1894. Eugene Debs e a greve dos ferroviários.

1794. Tratado de Jay.

1694...

Ele respirou fundo, ligou o celular e então discou um número que nunca esquecera.

Ele foi transferido de uma secretária a outra da Zedman Development, deu a elas seu nome, disse que tinha notícias sobre a filha do Sr. Zedman.

Quando John finalmente surgiu na linha, sua voz era firme e familiar, como se Chadwick já houvesse ligado outra vez naquele mesmo dia, apenas cinco minutos antes.

— Diga.

— Mallory está bem.

— Você só me liga agora. Rouba minha filha e liga uma semana depois. Péssima noção de tempo, meu velho camarada.

Ele se esforçava para parecer duro, mas Chadwick percebeu a emoção infiltrando-se na voz do amigo. Será que John sentia falta das conversas deles sobre basquete e política? Será que se perguntara onde Chadwick teria passado a virada do milênio, ou se conseguia enfrentar o Dia de Ação de Graças sem pensar em como costumavam passá-lo juntos, as duas famílias, agora irremediavelmente separadas.

— Eu não sabia a respeito de Race Montrose — disse Chadwick — Não sabia sobre o assassinato.

— E agora o quê, quer se desculpar?

— Precisamos conversar sobre isso, John.

— Só vou falar uma vez. Traga minha filha de volta.

— Ela está melhor aqui. Mallory precisa de ajuda.

— Até mais, Chadwick

— Race Montrose levou uma arma para a Laurel Heights. Mallory disse que ele precisava de proteção. Você o ameaçou?

— Eu tentei não culpar você, Chadwick Mas aí você vem e leva minha filha embora sem minha autorização, sem nem ao menos me alertar. Quer saber? Foda-se. É tudo culpa sua *sim*. A morte da Katherine, minha mulher ter me deixado, minha filha ter se voltado contra mim... tudo culpa sua.

— Eu não sou seu inimigo, John.

— Ah, é? Me diga que tem recebido as cartas, Chadwick Me diga que tem lido com elas da mesma forma que eu.

— Cartas?

John soltou uma risada tensa.

— Que bom, meu camarada. Tenho certeza de que Samuel está se divertindo pra cacete... até não poder mais.

— John...

Mas ele estava falando sozinho.

Chadwick olhou para o telefone, para a mensagem na telinha LCD perguntando se ele queria gravar o número na agenda para discagem rápida. Exatamente de que ele precisava: um dilema moral criado pelo celular. Chadwick apertou *sim*.

Ele fez uma ronda pelas mesas dos alunos, flexionando os dedos, que subitamente ficaram gelados. Os garotos do Nível Branco estavam concentrados. Nenhuma pergunta. Nenhum problema. Ninguém precisava ir ao banheiro.

Chadwick afastou um pouco a cadeira no terraço e fez outra ligação. Para Pegeen Riley, uma mulher com quem trabalhara no Centro de Serviços Sociais do Condado de Alameda.

Depois de conversarem por dez minutos, ele ligou para a Delegacia de Homicídios de Oakland. Ficou observando os cervos até que o sargento Damarodas atendesse a ligação.

— Sr. Chadwick Imagine minha surpresa.

A voz do investigador lembrava a de um instrutor que Chadwick tivera na Base Aérea de Lackland, um buldogue que cantava canções de bar alemãs enquanto os recrutas cavavam trincheiras.

— Sargento — disse Chadwick —, a assistente social Pegeen Riley me informou que o senhor é o responsável...

— Sim. Ela acaba de ligar. Peg é uma boa mulher. Serei franco, Sr. Chadwick Sem a recomendação dela, duvido que o senhor estivesse na minha lista de cartões de Natal.

— É sobre Mallory Zedman...

— O senhor transportou uma testemunha importante para fora do estado. Pegeen me disse que o senhor era professor. É de se imaginar que um professor tivesse mais bom-senso.

Chadwick tentou interpretar a voz do homem. Havia algo além de irritação, um incômodo que ele não compreendeu.

— Escute, sargento, a Sra. Zedman é uma mãe preocupada. Ela está tentando fazer o melhor pela filha.

— Eu tenho outra mãe com quem me preocupar. O nome dela era Talia Montrose. Ela levou 32 facadas.

O vento soprou. Na encosta, milhares de gafanhotos levantaram voo do mato e passaram a rodopiar como fumaça sobre o granito vermelho.

— Sargento, o senhor sabe muita coisa a respeito da família Montrose?

— Sei o bastante para me irritar — disse Damarodas. — Sei que a dona tinha seis filhos, talvez sete, a depender do vizinho com quem se conversa. Nenhum deles foi até o Instituto Médico Legal para identificar o corpo. Sei que a mãe da vítima é louca de pedra, mora em um edifício condenado no centro e reagiu à morte da filha me perguntando se eu já tinha saído do planeta. Sei que o filho caçula, Race, dividia um saco de dormir na casa da mãe com a anjinha do senhor, Mallory, na semana do crime. Então sua preocupada amiga, a Sra. Zedman, pagou sabe Deus quanto dinheiro para que a filha fosse resgatada e contrabandeada para a bela instituição do senhor. Estou esquecendo alguma coisa, Sr. Chadwick?

— A menina disse que ela e Race estavam em uma festa de Halloween. Eles chegaram em casa, encontraram o corpo e ligaram para a emergência.

— E então fugiram.

— Eles têm 15 anos. Entraram em pânico.

— O senhor poderia me explicar por que a ligação para o número de emergência foi feita de um telefone público na Broadway, quase do outro lado da cidade? Eles estavam calmos o bastante para sumir da cena do crime antes de fazerem a ligação. A voz da garota na gravação... ela ensaiou o que ia dizer, Sr. Chadwick. Que tal o senhor colocá-la na linha?

— Isso não será possível.

— E a casa de Talia Montrose? Sangue para todo lado. Parecia que tacaram sangue num ventilador. As feridas foram provocadas por um pequeno objeto de lâmina, de 15 ou 16 centímetros de comprimento. Impressões digitais para todo canto na cena do crime. Amostras de sangue. Amostras de cabelo. Receberemos os resultados das análises amanhã ou depois. Enquanto isso, posso dizer que tenho praticamente certeza de que Race e Mallory eram os únicos que estavam dormindo na casa. Talia estava na casa do namorado, se preparando para deixar a cidade, deve ter voltado para dar um *hasta la vista* para Race. Acreditamos que ela tivesse mais de 20 mil dólares em seu poder quando foi assassinada. A não ser por algumas poucas cédulas grudadas no sangue, o dinheiro desapareceu.

Chadwick se lembrou dos 630 dólares que tirara do bolso do casaco de Mallory — notas novinhas.

— Os Montrose não são santos. Faça uma busca pelo nome. Confira as fichas dos filhos. A do mais velho, Samuel. Ele já deve ser adulto.

— O que eu encontraria, Sr. Chadwick?

Algo no tom de voz de Damarodas eriçou os pelos do pescoço de Chadwick. O detetive estava brincando com ele, jogando uma isca.

— Só estou dizendo, sargento, que Mallory Zedman não criou problemas

para aquela família. Não acredito que ela se envolveria em um assassinato.

— Sabe o que aconteceu semana passada? Eu prendi uma vovó de 72 anos que guardava o namorado num freezer, cinco pedaços do cara embalados em papel alumínio, para poder sacar os cheques da aposentadoria do sujeito. Eu também não acreditava que ela pudesse estar envolvida em um assassinato. Pretendo ir até aí e fazer algumas perguntas a Mallory Zedman.

— A Cold Springs é uma instituição fechada. Sem exceções.

— Isso é uma investigação de assassinato, Sr. Chadwick. Já pedi uma ordem judicial à promotoria do condado de Alameda.

— Eu não seguiria por esse caminho, sargento. Os advogados do Dr. Hunter têm bastante prática. Eles transformarão sua ordem judicial em uma guerra de trincheiras.

Chadwick observou o sol se levantando sobre o morro, derretendo as sombras do pelo dos cervos.

Por fim Damarodas suspirou.

— Talvez o senhor possa me ajudar com uma outra coisa.

— Pois não, sargento.

— Um objeto que encontramos próximo ao corpo da Sra. Montrose. Meio que uma joia improvável de ser achada mergulhada no sangue da mulher.

Chadwick sentiu uma vibração distante, como um trem cortando um túnel escuro.

— Uma correntinha de prata — disse Damarodas. — Com uma inscrição. Aposto que o senhor pode adivinhar o que é.

O ar da manhã pareceu mais frio, mais pesado, rodopiando, até que tudo ficou imóvel.

— Sr. Chadwick, qual era o nome da sua filha? — perguntou Damarodas. — Era Katherine Elise?

Chadwick tirou o telefone do ouvido, mesmo sabendo que era a coisa errada a fazer. Não fuja desta conversa. Não desligue.

— Sr. Chadwick? — ele ouviu Damarodas dizer.

Então desligou.

Ele não sabia havia quanto tempo estava ali sentado, observando os cervos pastarem na encosta do morro, até que Asa Hunter surgiu ao seu lado.

Hunter pegou uma cadeira e a arrastou até onde Chadwick estava.

— Estamos mal, hein?

— O quê?

Hunter descansou as botas sobre a balaustrada e enlaçou a xícara de café com os dedos.

— Você parece acabado, amigo.

— Culpa do meu chefe. Me faz trabalhar demais.

Hunter lhe dirigiu o mesmo olhar cético que fazia desde quando tinham 18 anos e eram sentinelas numa base em Korat, Tailândia. Uma expressão que continha a seguinte pergunta retórica: *De onde surgiu esse branquelo bobo e grandalhão?*

— Escute, amigo, se eu soubesse que aceitaríamos Mallory Zedman faria com que você se sentisse pior e não melhor...

— Como ela está se saindo?

— Agrediu o treinador assistente ontem. Arranhou e mordeu um garoto do Nível Branco anteontem. Três dias atrás, chutou o saco do conselheiro. Três confinamentos na solitária. Nenhum privilégio extra. Os problemas de sempre.

— Os de sempre no padrão dos leões raivosos.

O rosto de Hunter poderia ter sido montado com peças de um bombardeiro invisível: contornos lisos e suaves, cabeça raspada tão escura que parecia sugar a luz. Seus olhos aprisionavam, analisavam e libertavam apenas quando estivessem satisfeitos.

— A garota é resistente. Vamos alcançá-la.

— Ela fala sobre por que está aqui?

— É preciso esperar o programa fazer efeito, amigo. Você sabe muito...

Um garoto do Nível Branco chamado Aden Stilwell estava de pé a uma distância respeitosa, à espera de ser notado. Chadwick o chamou. Aden perguntou educadamente se poderia entrar e usar o computador para consultar o dicionário. Chadwick puxou a caixa de material de referência ao seu lado e sacou um livro, então explicou ao rapaz como o dicionário funcionava. Aden olhou para o livro estupefato e se afastou, folheando-o.

Hunter forçou um sorriso.

— É difícil acreditar que esse é o mesmo garoto que tentou atropelar você há um ano e meio, hã? Algum dia... vai acontecer o mesmo com Mallory Zedman.

— Ela vai tentar me atropelar?

— Você entendeu.

— Preciso voltar para São Francisco, Asa.

— Pode me dizer por quê?

Chadwick falou sobre o assassinato de Talia Montrose, sobre a correntinha de Katherine na cena do crime. Falou sobre as cartas de Samuel mencionadas por John, da ordem judicial que o sargento Damarodas ameaçou conseguir para interrogar Mallory.

Hunter olhou na direção das montanhas. Observou um cervo sobre os bicos das botas de combate, como que calculando o tiro.

— Você acredita que esse rapaz... Samuel... está tentando uma espécie de vingança?

— Não sei.

— Vingando-se de quê? Do que aconteceu à Katherine?

Chadwick ficou em silêncio.

Hunter suspirou.

— Escute, amigo. Samuel Montrose era o quê, o traficante de quem ela comprava? Então talvez ele tenha ficado encrencado por você ter acusado o cara de fornecer a heroína que matou a sua filha. Talvez ele tenha sido forçado a deixar a cidade por algum tempo. E daí? Caras como ele... eles têm um intervalo de atenção de três segundos. Usam as pessoas, jogam elas fora e esquecem que existiram. Você está sugerindo que ele passou nove anos planejando algum tipo de plano para se vingar? Que mataria a própria mãe para chegar até você? Isso não faz sentido.

— Mallory está seguindo pelo mesmo caminho de Katherine, com o irmão menor do sujeito. Será coincidência?

Hunter contraiu o maxilar, como se estivesse mastigando algo pequeno e duro. Chadwick conhecia o sinal de alerta. Ele vira Hunter fazer aquilo em Korat, quando um soldado vietnamita riu à custa de Hunter depois de contar uma piada racista. Hunter postou-se atrás do soldado, com toda a calma do mundo, arrancou-o da cadeira pelos cabelos e enfiou a cabeça do sujeito na parede de madeira.

Anos depois, Hunter convidou Chadwick para mostrar-lhe o terreno de 2.500 hectares que se tornaria a Cold Springs, a terra que comprara com o capital inicial de 5 milhões de dólares que levantara com empréstimos, hipotecas de três casas e décadas de sangue e suor. Quando estavam chegando aos portões, xerifes-assistentes mandaram o carro encostar, sob o pretexto de que Hunter se encaixaria na descrição de um estuprador procurado pela polícia. Hunter contraíra o maxilar ao explicar-lhes que não se importava que fosse o único negro que eles viam naquele mês. Que agora era o maior proprietário de terras da região e que era bom que se acostumassem com a ideia. Ele manteve a calma, mas passou o resto da tarde próximo ao rio, atirando a faca em uma árvore, enterrando a lâmina 3 centímetros na madeira.

— Esse Samuel — disse Hunter. — Ele tem algum tipo de trunfo contra John? Algo que possa usar para chantageá-lo?

— Não sei. Já faz muito tempo.

— Você chegou a conhecer esse Samuel pessoalmente?

— Uma vez. De certa forma.

— De certa forma.

— Eu estava buscando Katherine em uma delegacia. Ela tinha sido presa numa festa na casa dos Montrose. Samuel estava na cela ao lado, olhando para mim. Os olhos dele... lembra do Galen, o garoto incendiário que recebemos há alguns anos, aquele que ateava fogo nos sacos de dormir dos moradores de rua?

— Era nesse nível?

Chadwick confirmou.

— Depois que Katherine morreu, Mallory identificou a casa dos Montrose como o lugar aonde elas tinham ido para buscar a heroína. A polícia procurou por Samuel. Pelo que sei, nunca o encontraram.

Os dedos de Hunter formaram uma garra contra suas calças camufladas, como se estivesse prendendo alguma coisa com as mãos. O maxilar dele ainda estava contraído de raiva.

— Olha, amigo, eu conheço você desde antes de Norma, antes de Katherine, antes de Deus entrar na puberdade. Estou certo? Eu entendo de culpa. E sei que você ajuda esses garotos porque sente que falhou com Katherine. Mas Mallory Zedman não é sua filha. Se você estiver tentando salvar o passado por meio dela, então eu cometi um erro ao aceitá-la.

A amargura na voz dele feria como uma chuva pesada de pingos grossos.

Hunter estava certo, claro, sobre conhecê-lo. Apenas Ann o conhecia fazia mais tempo. Esse era um dos motivos que levaram Chadwick a aceitar o emprego, quando sua vida estava no ponto mais escuro, pouco depois da morte de Katherine, quando lhe custava um esforço consciente se levantar da cama e tomar banho.

Com Hunter, Chadwick quase podia acreditar que sua vida adulta era como uma concha, uma camada de anos que podia ser arrancada, deixada de lado por algum tempo, examinada de forma imparcial.

— Você pode ajudá-la — disse Chadwick — E foi por isso que a aceitou.

— Já venho dizendo há muito tempo, você é duro demais consigo mesmo. Katherine não foi culpa sua, droga.

— Mas?

— Mas também não foi culpa do traficante. Talvez eu não goste que você acredite com tanta facilidade que a sua filha foi corrompida pelo garoto negro e pobre com quem ela andava. Talvez isso venha me incomodando há muito tempo. Agora você me diz que o irmão mais novo dele está corrompendo Mallory Zedman.

— Não se trata de eles serem negros.

— Ah, não? O que ensinamos aqui? Honestidade. Responsabilidade. Katherine era responsável pelas ações dela. Mallory é responsável pelas dela. Ponto final.

— Não posso simplesmente voltar atrás, Asa.

— Essa correntinha. Katherine a deu para Mallory antes de morrer, certo?

— Certo.

— Tudo o que isso me sugere é que Mallory a deixou na cena do crime. Se alguém está enviando uma mensagem de ódio, é a garota.

— Se você acha que ela está envolvida, talvez deva entregá-la à polícia.

Hunter mexeu o café na caneca.

Chadwick se perguntou se ele via algo no líquido; os rostos do mais de mil jovens que passaram por suas mãos, a maioria ricos, a maioria brancos. Será que Hunter algum dia se ressentira da sua clientela?

Com seu carisma, seu doutorado em administração educacional, sua experiência empresarial depois que saíra da Força Aérea, levantando dinheiro para ONGs, Hunter poderia estar onde quisesse, ser superintendente de qualquer grande distrito escolar do país. Poderia ser um modelo para jovens que cresciam da mesma forma que ele crescera: pobre, metido com gangues da zona leste de San Antonio, perpetuamente revoltado.

*Não quero ir ao trabalho e ver a mim mesmo todos os dias*, Hunter dissera a Chadwick certa vez. *Se você quer ajudar alguém, é preciso manter alguma distância. Jovens brancos, no meu caso. Posso salvar as vidas miseráveis deles.*

Quando Hunter disse isso, Chadwick teve a desconfortável impressão de que ele estava falando também da amizade deles.

— Ninguém tem acesso ao Nível Preto — decidiu Hunter. — Se eu abro uma única exceção, corro o risco de comprometer a integridade de todo o programa. Por outro lado...

Ele olhou para Chadwick, parecendo pesar opções desconfortáveis.

— Esse sargento Damarodas... ele pode estar na nossa porta semana que vem. Ordens judiciais eu posso combater. Mas preciso saber contra o que estou lutando, e por quê. Não gosto de estar sendo deixado no escuro pela mãe dessa garota.

— É como eu disse. Me deixe voltar para São Francisco.

— Você tem uma série de escoltas programadas, e vai precisar treinar uma nova parceira.

— E quanto a Olsen?

— Ela pediu transferência para outra função. Acho que você já esperava por isso.

— Vou convencê-la a ficar — disse Chadwick em voz baixa.

— Não vai adiantar.

— Asa, eu tive quatro parceiras nas últimas cinco semanas. Não vou perder mais uma.

Hunter ergueu uma sobrancelha.

— Por que a insistência, amigo? O que torna Olsen diferente das outras?

— Posso falar com ela ou não?

Hunter olhou para os morros, para a terra que era sua até onde a vista alcançava.

— Não vou impedi-lo. Mas agora por que não descansa um pouco? Eu cuido da turma.

Chadwick estava quase declinando a oferta, mas a expressão no rosto do amigo sugeria que era melhor não discutir. Ele deixou Hunter ali no terraço, o sol

avermelhando a fumaça que subia da xícara de café em suas mãos.

Dentro da cabana principal, internos do Nível Marrom cuidavam de suas tarefas — esfregar o chão, limpar janelas, varrer a enorme lareira em antecipação ao frio daquela noite.

Quando Chadwick se aproximou, a turma ficou em posição de sentido. Ele se lembrava de cada um deles pelo nome e cidade de origem, e por como tinham se saído na Semana de Sobrevivência, que ele muitas vezes supervisionava. Sarah, de Albuquerque, que não conseguia acender uma fogueira; Lane, de Rochester, que comia qualquer coisa, por pior que fosse a gororoba; Tyler, de Houston, que nunca acampara na vida e teve a maior pontuação da sua equipe. Chadwick conversou com cada um deles, disse que estavam fazendo um bom trabalho. Ele esperava que seu tom de voz não estivesse tão tenso quanto imaginava.

Hunter tinha uma máxima: os funcionários da Cold Springs definem o próprio nível, e então se vestem de acordo. Não era uma exigência, mas um fato.

Hunter se vestia de preto, assim como a maioria dos caras que faziam o estilo sargento instrutor. Eles quase se sentiam em casa com os novos alunos. Apreciavam o confronto.

Aqueles com habilidades práticas, acostumados à vida em fazendas, especialistas em atividades educacionais ao ar livre que não exatamente se encaixavam no Nível Preto, estes usavam a cor de segundo nível, cinza.

Os conselheiros, os professores, os tipos estudiosos que preferiam trabalhar com os jovens da forma como um joalheiro trabalha num anel, todos usavam a cor do quarto nível, branco.

Mas o marrom era o invisível terceiro nível. Os internos do Nível Marrom cuidavam das tarefas domésticas, tinham uma rotina tranquila, não combatiam nada além do tédio. Eles aprendiam a ter tranquilidade por meio da humildade. Trabalhavam na cozinha. Limpavam os banheiros. Não eram o centro do mundo. Suas sessões de terapia focavam na máxima mais elusiva do programa de Hunter: honestidade.

Pouquíssimos funcionários se vestiam na cor deste nível. E apesar de o seu trabalho não ter nada em comum com o dos marrons, Chadwick sempre vestia essa cor.

Em parte por invejar a invisibilidade deles, algo raro para um gigante como Chadwick. Se havia outros motivos, Chadwick nunca pensara a respeito. Talvez por isso ainda usasse aquela cor.

Ele seguiu pela ala norte, passou pela academia de ginástica, pelo refeitório, pela enfermaria — todas instalações de primeira linha, construídas com os lucros crescentes do império de educação alternativa de Hunter. Oito anos antes, quando Chadwick começara a trabalhar ali, a Cold Springs não tinha nenhum

daqueles luxos. Agora Hunter tinha quatro unidades em três países diferentes.

O apartamento dele ficava no dormitório dos funcionários, no segundo andar. Ele não percebeu que suas mãos estavam tremendo até procurar a chave certa no chaveiro.

Todas as chaves da Cold Springs eram idênticas, a não ser pelo número, e Chadwick nunca tivera paciência de diferenciá-las com etiquetas coloridas. Ele parou ao ver a única que destoava, a chave dourada da casa no Mission, então disse a si mesmo pela milésima vez que deveria tirá-la do chaveiro, colocá-la em uma caixa qualquer. Ele não vendera a casa, se recusara a isso, porque, segundo os termos do divórcio, precisaria dividir o dinheiro com Norma. Mas não pisava nela havia anos. E não tinha a menor intenção de fazê-lo.

Ainda assim, sempre que olhava para o chaveiro, lá estava ela. Ele visualizava a porta verde com a maçaneta de cobre, os números de cobre acima da fenda do correio. Imaginava a si mesmo abrindo aquela porta, gritando para a escada que chegara em casa.

O que Hunter dissera sobre não tentar salvar o passado?

Ele e Chadwick tinham saído juntos do Sudeste Asiático para nunca serem perseguidos por flashbacks. Viram crianças que pisaram em minas terrestres, membros murchos de vietcongues pendurados em colares de juta parecidos com *milagros* mexicanos, soldados americanos mortos transportados de helicóptero até a base, seus corpos cozidos pelo mesmo napalm que Chadwick e seus companheiros carregavam nos aviões. Nada disso afetava muito Chadwick, não mais. Nada disso o fazia suar frio.

Mas quando pensava em São Francisco, na sua casa no Mission, suas mãos ainda tremiam.

Ele colocou as chaves de volta no bolso e seguiu pelo corredor até o apartamento de Olsen.

Precisou bater várias vezes na porta até que ela a atendesse.

Olsen olhou para ele sonolenta, o quarto atrás dela numa escuridão absoluta com cheiro de sono e dos bagels integrais que ela trouxera de Nova York

— Que bom que você está acordada — disse Chadwick — Podemos conversar?

— Você está louco? Acabei de me deitar.

— No seu quarto ou no meu?

Ela o olhou contrariada. Com os cabelos curtos, o uniforme folgado e o rosto sem maquiagem, Olsen parecia uma menina de 12 anos. Chadwick se perguntava por que mulheres jovens que tentam adotar uma aparência masculina sempre acabam parecendo frágeis e vulneráveis.

— No seu — ela decidiu. — Deve estar mais limpo.

O comentário forçou Chadwick a pensar em como estaria seu quarto. Limpo, sem dúvida, mas como um quarto de hotel, não um lar. Ele nunca

solicitara móveis novos desde os tempos de orçamento apertado na Cold Springs. Ainda tinha a escrivaninha de aglomerado, a cama de casal barata, o CD player da Sears. Os lençóis e as roupas no armário estavam dobrados com precisão militar, mas havia poucas coisas com significado pessoal. Algumas fotografias e uns poucos livros essenciais. Heródoto. Mark Twain. David McCullough.

Ele abriu a porta de correr de vidro que dava para a varanda, deixando entrar o cheiro de cedro e o som do murmúrio distante do rio.

Olsen examinou os porta-retratos sobre a escrivaninha. Os dedos dela se demoraram sobre a fotografia de Katherine: uma menina de 8 anos, no verão em que eles plantaram as ipomeias, com um sorriso amplo de satisfação, as flores formando um arco colorido à sua volta. Felizmente, os dedos de Olsen seguiram adiante. Ela pegou uma foto antiga de Chadwick com uma turma de oitavo ano na Laurel Heights, todos em roupas coloniais.

Olsen olhou para o Chadwick do presente, depois de volta para a foto, onde ele usava uma peruca branca.

— Alguém já disse que você...

— Que eu pareço George Washington — interrompeu ele. — Infinitas vezes.

Olsen deu um sorriso de canto de boca.

— E essas crianças na foto...

— Alunos. Ex-alunos.

— Por que você parou de lecionar?

— Minha filha estudava lá — disse Chadwick — Ela cometeu suicídio.

Os lábios de Olsen se contraíram, como se pensasse que ele estava brincando, e então, quando teve certeza de que era sério, colocou o porta-retratos de volta no lugar, com cuidado, como se fosse o detonador de uma bomba.

— Katherine — deduziu ela. — Era sobre ela que Mallory estava falando no carro aquela noite.

— Ela se matou enquanto tomava conta de Mallory Zedman; tomou uma overdose de heroína enquanto Mallory assistia à *A pequena sereia*. Ela tinha 6 anos. Ficamos fora algumas horas a mais do que deveríamos. Mallory ligou para a polícia.

Olsen afundou numa cadeira. Ela esfregou o rosto, puxando os cantos dos olhos.

— Meu Deus, Chadwick Caramba. Que droga. Me sinto uma escrota agora.

— Como você pode ver, sou uma companhia divertida.

— Fiquei irritada uma semana porque você não falou comigo a respeito de Mallory. Não explicou por que estava agindo de forma estranha. Por que me deixou no carro quando foi falar com a mãe dela.

— Então não desista do trabalho. Eu preciso da sua ajuda.

Olsen se inclinou para a frente, enlaçou os dedos e olhou por entre eles.

Seus cabelos brilhavam na luz. Sua pele exibia uma coloração amarelada, como leite semidesnatado. Uma vez naquela semana, no voo para Nova York, uma comissária de bordo dissera a Olsen, como elogio, que ela se parecia muito com o pai, e então indicou Chadwick com um gesto. O comentário pesou como chumbo no peito dele.

Ele lembrou como muitas vezes precisava explicar que era o pai de Katherine. Sim, ela, a menina latina. Aprendera a lidar com a descrença momentânea das pessoas, sua vergonha e sua confusão. Lembrava-se de pensar que nunca conseguiria apontar qualquer traço seu em Katherine, então precisaria destacar outra coisa nela: personalidade, interesses ou carreira semelhantes. Algum dia, ele pensava, depois que ela crescesse, as pessoas olhariam para Katherine e diriam, *Ela se parece muito com o pai.*

— Eu deveria ter contado a você que ia pedir para trocar de função — disse Olsen. — O problema não é com você, Chadwick. É comigo. Não fui feita para esse tipo de trabalho.

— Eu não concordo.

— Ah, por favor. Eu não posso fazer o que você faz... não a intervenção direta.

— Foi você quem pediu para ser encaixada na escolta.

— Eu me precipitei. Queria ser a salvadora, aquela que tira os jovens das encenras. Achei que eles reagiriam bem a mim, uma vez que eu já estive lá. Eu estava enganada.

Ela já estivera lá.

Chadwick lembrou-se da entrevista de Olsen, como ela falara vagamente que vinha de um lar conturbado, como isso a fizera se interessar por psicologia infantil. Chadwick não tinha insistido para saber os detalhes.

— Você não pode esperar que esses jovens agradeçam — disse ele. — Quanto mais eles lutam, mais precisam de nós.

Ela fez que não.

— As coisas que Mallory me disse no carro enquanto você estava na escola... Nada sobre sua filha. Nada sobre aquilo. Mas coisas terríveis. Ela me lembrou...

Olsen deixou a frase no ar.

Pela janela viam-se lá fora três gaviões sobrevoando o rio, circulando em busca do café da manhã.

— Adolescentes como Mallory — disse Chadwick — aprenderam que são capazes de fazer figuras de autoridade recuarem se apenas agirem com revolta. Esse é um poder aterrorizante nas mãos de um jovem. Eles amam essa capacidade que têm, mas também a odeiam. Então ficam cada vez mais revoltados, na esperança de encontrar os limites. Precisam bater num muro, de alguém que finalmente diga: “Basta. É aqui que você para.” Quando um

adolescente resiste e luta, ele está nos testando para ver se somos mesmo firmes. Nunca se esqueça disso. Não esqueça que você está lidando com um jovem assustado, por maior que ele seja, ou por mais que grite ou se descontrole.

Olsen olhava para a fotografia de Chadwick com a fantasia colonial: o Pai da Nação. Ele subitamente odiou aquela foto.

— Algumas das coisas que Mallory me disse... foram a seu respeito. Sobre você e a mãe dela.

Chadwick fez um esforço consciente para não desviar o olhar. Ele sabia que deveria ser franco com Olsen, assim como sabia que não deveria ter desligado ao falar com o sargento Damarodas, que deveria ter confessado o segredo a Norma naquela noite fria, tantos anos antes, em vez de esperar que tudo viesse à tona.

Mas era difícil. Era como forçar a mão a tocar a grade quente de um forno.

— Preciso voltar a São Francisco — disse ele. — Aquele garoto, Race... preciso encontrá-lo, perguntar algumas coisas a ele. Vou ter que fazer isso durante a semana, entre uma escolta e outra. Prefiro ter você comigo a uma novata. Você pelo menos conhece parte da história.

Olsen passou o nó do dedo sobre a moldura da fotografia de Katherine.

— Aquele dia em Oakland — disse ela — você hesitou tanto tempo que Race poderia ter atingido você. Eu quase o vi morrer, Chadwick.

Não era uma pergunta, nem mesmo uma acusação. Apenas uma expressão de tristeza, de preocupação, e, antes que se desse conta, ele estava colocando a mão na grade quente, contando a ela a história que nunca dividira com Ann ou Norma, com ninguém.

— Em 1973 — disse ele —, Hunter e eu estávamos na Força Aérea, baseados na Tailândia. Tínhamos 18 anos, servíamos na polícia de segurança. Oficialmente, a Guerra do Vietnã havia acabado. Oficialmente, nenhum de nós nem estava ali. Passamos um ano em Korat, guardando aviões que oficialmente nunca bombardearam ninguém.

Ele fez uma pausa, sem saber por que contava aquilo a Olsen, uma mulher que conhecia havia apenas duas semanas; mas algo nela arrancava aquilo dele, como veneno de cobra.

— Certa noite, Hunter e eu estávamos de guarda, como sentinelas. Um homem tinha invadido a base algumas noites antes, um norte-vietnamita com um *claymore* preso ao peito, em quem atiramos quando estava a 50 metros da cerca. Estávamos com os nervos à flor da pele. Estávamos em um dos extremos da base, a 100 metros de qualquer coisa, quando uma pessoa surgiu no meio de um campo de arroz a poucos metros de distância, apontando uma pistola para nós. Disparei com a minha arma e Hunter com um fuzil M-16, e o sujeito caiu no chão. Só que depois descobrimos que tínhamos matado um garoto de uma vila próxima, um menino de 12, 13 anos. A pistola era ferro velho, não dispararia

nem se estivesse carregada. Não sei por que ele fez aquilo. Talvez um americano tenha feito algo com a família dele. Não sei o que diabos se passava na cabeça dele. Mas quando trouxeram o corpo para a base, eu vi o buraco da bala de 38 no peito, pouco acima do coração.

Chadwick fez uma pausa, ficou ouvindo o murmúrio do rio, impossível de distinguir do rugido do sangue em seus ouvidos.

— Não penso muito naquele garoto. Não que eu pudesse ter agido diferente, ou que nenhum garoto tenha apontado uma arma para mim desde que vim trabalhar aqui. Mas se eu hesitei um pouco em Rockridge... agora você sabe.

Os olhos de Olsen eram vidro fundido — ainda não haviam se solidificado em algo definitivo.

— É por isso que você trabalha com adolescentes?

— O quê?

— Por causa desse garoto. Foi por isso que você se tornou professor?

— Talvez. Talvez em parte.

— Aquela escolta mexeu comigo, Chadwick Mallory Zedman mexeu comigo.

— Não fuja disso.

— Você não me entende. — Ela fez uma pausa; parecia desconfortável com o que estava para dizer. — Isso que você faz.. você vive de crise em crise. Está sempre no ponto de intervenção. Se eu continuasse a fazer isso, indo de um jovem a outro, aí sim eu estaria fugindo. Preciso de uma solução; preciso ajudar um de cada vez. Foi por isso que pedi para ficar como conselheira. Pedi para trabalhar especificamente com Mallory Zedman.

Chadwick sentiu como se ela houvesse atravessado seu peito com a mão — gentilmente, como a mão de um fantasma — e lhe apertado o coração.

— Você será uma boa escolta — ele conseguiu dizer. — Eu quero trabalhar com você.

Olsen se levantou.

— Acho você uma boa pessoa, Chadwick. Mas não posso. Me desculpe.

Muito depois que ela se foi, depois do aperto de mão desconfortável e de ter se dissipado o cheiro de sabonete e bagel integral, Chadwick olhou para as sombras compridas que o sol da manhã descascava das árvores e sentiu todo o peso do problema que conscientemente amarrara no pescoço: Mallory Zedman.

Não havia diferença entre aquele nome e o Smith & Wesson 38 que ele mantinha trancado numa caixa debaixo da cama, ou a foto com fantasias coloniais sobre a escrivaninha ou a chave de casa ainda no seu bolso. Certas coisas, depois de colocadas no seu chaveiro, jamais podem ser removidas.

Mallory sonhava que tinha 6 anos e estava sentada no velho Toyota esperando Katherine.

Seus dentes tiritavam. Ela se sentou sobre as mãos, pressionou as costas contra o assento de vinil rachado e enterrou o queixo na gola, mas a noite fria penetrava as roupas — atravessava o casaco, passava por baixo da camiseta e deslizava pela pele como gelo seco.

O painel tremia com a música no rádio — um pulsar forte de baixo e bateria, vozes australianas cantando sobre a volta para casa com vogais frenéticas. Ela sentia o cheiro do aromatizante de limão que Katherine pendurara no retrovisor para que os pais não notassem o cheiro de cigarro.

A casa dos Montrose tinha a mesma aparência de sempre: os adornos de metal subindo pelas paredes amarelas como fumaça de óleo em chamas, a porta escancarada. Na área da frente, quatro palmeiras se erguiam contra o céu frio e alaranjado.

Então a cena mudou rapidamente, com a sutileza de uma figura hológica, e o pai dela estava sentado no banco do motorista.

Mallory sabia, na lógica dos sonhos, que tinha agora 10 anos, mas também 6, e que seus pais haviam acabado de se divorciar. O pai a vira voltando da escola para casa a pé e a levava para o carro a fim de explicar a situação — pedir desculpas por ter sido cruel, por ter gritado, feito a mãe dela sair de casa alguns meses antes, levando-a, as mangas do seu pijama pendendo da mala feita às pressas.

— Não tive a intenção de assustá-la — disse ele, segurando o punho da filha, os olhos como os de um louco.

As palavras da mãe lhe soavam na cabeça, *Fique longe dele, Mallory. Sinto muito, mas é necessário. Receio que ele possa machucar... alguém.*

O pai lhe dizia que o divórcio não havia sido ideia sua. Era a mãe que os estava separando. Ann não tinha bom-senso para criá-la. Ele queria a guarda da filha, queria ficar com Mallory. Não era isso que ela queria também?

E Mallory sabia muito bem sobre o que os pais discutiam na noite em que ele batera em Ann. Ela se lembrava das palavras deles, que atravessavam a parede do quarto dela, lembrava-se do som que pôs fim à gritaria — como uma folha de isopor quebrada com o joelho.

Ela perguntou ao pai:

— Por que você odeia Race?

Os olhos dele se fecharam, seus dedos ainda cravados no punho de Mallory.

Ele encostou a testa no volante e começou a chorar. O pranto dele a assustou mais que o seu olhar, do que sua mão a apertando, mais até do que o som do tapa desferido contra a mãe.

O sonho mudou novamente e agora era Emilio, o segurança do pai, que estava ao volante. Mallory tinha 15 anos — era o último fim de semana em que ela visitara o pai, a última grande discussão, apenas algumas semanas antes.

Emilio a levava à escola naquela manhã de segunda-feira — Mallory tentava ignorá-lo, tentava não se concentrar no medo absurdo que crescia em suas entranhas como uma bola de basquete todas as vezes que o pai a deixava com aquele homem.

Os pais de vários de seus amigos contratavam babás, motoristas ou assistentes pessoais. Mas ninguém tinha um Emilio — um homem sem alma por trás dos olhos.

Normalmente ele a levava direto para a escola, colocava na calçada suas bolsas com as roupas para o fim de semana sem dizer uma palavra e ia embora. Os amigos assistiam a tudo de trás da cerca e depois iam até ela, dizendo:

— Caraca, Mal. Aquele cara anda armado, não anda? O seu pai é tipo... da máfia? Que legal!

E ela fechava as mãos com força, porque aqueles eram os mesmos amigos que perguntavam se ela já havia “ido até o fim” com Race, se não estava cansada de andar pelos bairros pobres com o amigo.

Mas na manhã retratada no sonho, Emilio fez um caminho diferente.

Ele estacionou em frente ao supermercado Safeway de Mill Valley e, quando Mallory perguntou o que ele estava fazendo, o homem respondeu:

— Você não traz nada além de sofrimento para o seu pai. Estou avisando, é melhor parar com isso.

— Vai se foder — disse ela.

Mas os olhos do homem absorveram as palavras, assim como absorviam tudo o que vinha dela. Era como se ela fosse apenas uma forma numa nuvem prestes a desabar em tempestade, como se não valesse a pena tratá-la como ser humano.

Então ela tinha 10 anos novamente e era Emilio quem segurava seu punho. Depois ela tinha 6, e Emilio apontava para a casa da família Montrose, dizendo:

— Se não fosse por eles, sua putinha, seu pai estaria bem. Ele não vai te dizer isso, mas eu digo.

— Vou contar ao meu pai que você falou comigo dessa forma — disse Mallory. — Ele vai demitir você.

— Diz alguma coisa a ele, vai — disse Emilio —, e o seu namorado vira comida de tubarão nas ilhas Farallon. Entendeu?

E ela sabia que Emilio falava sério — da mesma forma como sabia que o Dr. Hunter não estava brincando, nem Leyland, nem qualquer outro maldito

instrutor da Cold Springs.

— Seu pai quer ficar com você — disse Emilio. — Ele já planejou tudo, mas essas pessoas perturbam ele, apontam uma arma para a cabeça dele; e ele ainda tenta resolver tudo na paz, por que não quer magoar a garotinha dele. E como você retribui? Com desrespeito. Diz que não quer mais passar os fins de semana com ele. Sabe o que eu acho?

Agora Katherine voltava para o carro correndo pela calçada da casa dos Montrose, a respiração se condensando no frio e uma sacola de papel pardo na mão. A Mallory de 6 anos pulava no assento, com medo de que Katherine fosse direto ao encontro de Emilio.

— Acho melhor você mudar — dizia Emilio. — Larga daquele garoto, antes que a gente faça isso por você.

A Mallory de 10 anos tentava se desvencilhar de Emilio, mas agora quem a segurava era o pai — e, por mais que tivesse medo dele e até o odiasse às vezes, ela não queria ouvi-lo chorar. Não queria deixá-lo para sempre.

Uma voz vinha da casa dos Montrose. Alguém estava na varanda, chamando Katherine. Alguém estivera na entrada da casa naquela noite, observando Katherine ir embora, dando adeus — visível apenas por um segundo.

Por que Mallory não tinha se lembrado disso antes?

Ela tentou olhar, ver quem era, mas a silhueta lhe dava medo.

— Vou fazer com que ele fique longe — dizia o pai. — Tenho que fazer isso.

Algo estava fora de lugar. Havia algo errado nas palavras de Emilio e do seu pai. Algo a respeito da silhueta na varanda.

Então Katherine abriu a porta do Toyota e afundou no banco do motorista, transpassando o corpo de Pérez.

E os olhos de Mallory se abriram de repente.

Instrutores gritavam, arrancando-a do saco de dormir. Suas lanternas cortavam a escuridão, iluminando as paredes de blocos de concreto do alojamento.

— Levantem seus traseiros preguiçosos! — gritou Leyland. — Acham que estão num hotel fazenda? Acham que estão no Club Med?

O frio não era sonho. Estava mais gelado do que naquela noite no Toyota. Era o pior frio que Mallory já sentira, pois já sofria com ele fazia alguns dias. Seu corpo todo doía de tanto tremer.

Ela não queria abandonar a pequena piscina de calor que se formara no saco de dormir.

Os instrutores que se danassem. Ela não sairia do lugar.

Mas Leyland e outro instrutor fizeram-na ficar de pé à força e lhe atiraram uma camisa que cheirava a bicho morto — seu próprio cheiro. Forçaram-na a se vestir no escuro, o que a fez lembrar-se de que estava usando o mesmo uniforme

preto e sujo do dia anterior, porque havia se recusado a lavá-lo no rio quando mandaram.

— Vocês estão aqui — anunciou Leyland a todos — porque *vocês* têm problemas.

Ele caminhava de um lado para o outro entre Mallory e os outros, observando-os vestir as roupas atabalhoadamente.

— Estão aqui porque falharam com suas famílias — disse ele —, e não o contrário.

Os dedos de Mallory estavam muito dormentes para puxar o zíper. Sua respiração parecia neblina, como se ela tentasse expelir o restante do sonho.

A cabana de blocos de concreto que fazia as vezes de dormitório não tinha eletricidade, aquecimento ou água encanada. Mallory se lembrava amargamente de como, um milhão de anos antes, esperara encontrar um telefone. Não havia nenhuma droga de telefone. Não havia uma droga de mundo exterior.

— Isso não tem nada a ver com seus pais — continuou Leyland. — Isso não tem nada a ver com os probleminhas que vocês tiveram no início das suas vidas mais que privilegiadas. ISSO TEM A VER COM VOCÊS!

Mal sabe ele, pensou Mallory com amargura.

Ela não conseguia tirar a imagem de Emilio da cabeça — aqueles olhos castanhos a perscrutando como um médico legista, ou um dentista, alguém sem nenhum interesse nela além da ponta do bisturi.

Os instrutores os reuniram do lado de fora e os chamaram pelos sobrenomes — Zedman, Morrison, Smart e Bridges.

Ainda não tinha clareado, mas Mallory sabia que eram 5 da manhã em ponto. Era sempre nesse horário que eles vinham.

A lua cheia brilhava entre os galhos mortos dos carvalhos, dando aos bulbos das trepadeiras a aparência de pelo prateado. O ar cheirava a gelo e madeira apodrecida, e os morros gemiam de forma indistinta, como faziam a noite toda.

Não havia com o que se preocupar, os instrutores lhe tinham dito sobre o gemido — era apenas um bilhão de toneladas de granito se contraindo com a queda de temperatura. Mas Leyland sorria maliciosamente, como se soubesse que Mallory havia ficado acordada à noite de olhos bem abertos, com vergonha de pedir ajuda, de admitir que estava morrendo de medo de fantasmas. Será que o Texas era tão ruim que até as colinas gemiam?

— Mexam-se! — ordenou Leyland.

Eles começaram a correr, seguindo o caminho que Mallory já conhecia bem até demais, até mesmo no escuro — 800 metros pela floresta, descendo por degraus íngremes de madeira fixados na lama. A corrida não a aquecia, apenas a fazia suar, fazia com que o frio grudasse em seu corpo e o vento atravessasse suas roupas finas.

O horizonte começava a ficar cor-de-rosa quando chegaram à margem do rio.

Depois de passarem pela pista de obstáculos, Mallory avistou o objetivo: os penhascos na beira do rio, afloramentos rochosos que os instrutores chamavam de os Cogumelos. Para Mallory, eles pareciam cicatrizes: inchadas, esfoladas, rosadas.

Se todos os quatro alunos do Nível Preto conseguissem chegar até lá, atravessando 100 metros de puro inferno, os instrutores haviam prometido que eles nunca mais voltariam a ver a pista de obstáculos. Mas eles ainda não haviam nem ao menos chegado perto disso — ainda não.

Há quanto tempo estavam fazendo aquilo? Uma semana? Dez dias?

Mallory se rebelava todos os dias. E todos os dias ela apanhava, ficava presa por algum tempo e então era levada de volta para o moedor de carne.

Ela não fingia mais estar cooperando. Agora, tentava resistir de todas as formas possíveis — sentando, gritando, batendo, chutando. Se conseguisse resistir por tempo suficiente e com bastante determinação, acabariam expulsando-a do programa; ligariam para sua mãe e lhe diriam que ela era um caso perdido.

Agora ela sabia como era vestir a camisa de força. Sabia quantos tijolos havia na parede da solitária. Sabia como era ser amordaçada com fita adesiva.

Já estava com raiva havia tanto tempo que começou a se sentir como uma lâmpada queimada. Ainda assim, tinha que continuar resistindo.

Os conselheiros estavam no outro extremo da pista de obstáculos — jovens em moletons brancos, prontos para perturbar a cabeça deles quando a tortura física terminasse. Mallory já havia visto TV o suficiente para reconhecer o engodo do bom e do mau policial — os instrutores os intimidavam; os conselheiros se faziam de amigos, eram gentis e, então, lhes escancaravam as entranhas como nozes podres.

Um monte de merda.

Mas Wilson, que seria o conselheiro de Mallory, não estava mais na fila. Ela chutara o saco do sujeito no primeiro encontro e ele não voltara desde então. O Dr. Hunter ainda devia estar procurando um substituto louco o bastante para lidar com ela.

— Em fila! — Leyland levou o apito aos lábios.

Aquele era o momento de causar problemas, de resistir às ordens. Ela poderia fugir, bater em alguém ou simplesmente se sentar e se recusar a percorrer a pista de obstáculos.

Mas seu olho começou a estremecer quando ela se lembrou da camisa de força e dos insultos que os outros lhe lançavam sempre que fazia o grupo todo sofrer pelo seu mau comportamento.

Leyland a fazia pagar caro por cada infração. Mas quando ela cooperava, mesmo que apenas um pouco, ele lhe concedia alguns privilégios: cinco minutos

a mais de sono, um sabonete novo, limonada em vez de água.

Ela odiava isso, mas sentia uma pontada de prazer quando o sujeito lhe fazia até mesmo o menor dos elogios e lhe dizia “É por aí, Zedman”, para então encher seu copo com uma gororoba aguada e rosada que Mallory não usaria nem para lavar o banheiro da sua casa.

*Não, pensou ela. Não colabore.*

Mas então o apito soou, e Mallory se atirou de peito na lama e começou a se arrastar por baixo da rede de cordas.

Leyland gritou:

— Não ouse encostar nas minhas cordas, Zedman! Não deixe essas suas costas imundas tocarem as minhas cordas!

Então ele se virou e gritou para Morrison, que estava ficando para trás.

Morrison criava problemas quase tanto quanto Mallory, e não porque fosse rebelde, mas por ser uma gorda preguiçosa e fraca que nunca conseguia completar o percurso. Ela sofria todo tipo de humilhação que os instrutores conseguiam imaginar, mas todos os dias ela não chegava nem na metade do caminho. Todos tinham que esperar a garota enquanto ela tentava várias vezes e chorava, até que, finalmente, os instrutores a levavam até o fim e castigavam o grupo todo pelo que ela não conseguia fazer.

Mas Mallory se sentia aliviada pela presença de Morrison — aliviada por não ser a única garota do grupo. Por Morrison às vezes sofrer a agressão dos instrutores em seu lugar.

Mallory sentia como se houvesse espinhos saindo dos seus cotovelos, empurrando-a pela lama.

— Mexa-se, Zedman! — gritou outro instrutor. Sempre uma nova voz, outro demônio anônimo com um tridente. — Foi para isso que vocês fugiram, não foi? Estão bem crescidinhos agora! Podem cuidar das próprias vidas!

Mallory cerrou os dentes para não gritar obscenidades.

Ela saiu de debaixo da rede de cordas e seguiu para a pista de pneus.

Os dois garotos do grupo — Bridges e Smart — já estavam à frente. Smart era o rapaz do cabelo amarelo espetado, aquele que fora amordaçado por falar palavrões no primeiro dia. Desde então os instrutores se divertiam chamando-o de Espertinho, como se a piada fosse engraçadíssima.\*

Bridges era o gorducho cheio de espinhas. Apesar disso, era sempre o primeiro a chegar até as cordas.

Mallory não sabia o primeiro nome deles. Não se dava ao trabalho de saber.

Atrás dela, Leyland gritava:

— Anda, Morrison!

Mallory ouvia os choramingos da garota, o que era previsível, assim como qualquer outra coisa naquele maldito lugar. Todos os dias ela era acordada aos gritos, exercitava-se até a morte e comia pão e água no café da manhã. Então os

malditos conselheiros os levavam para algum lugar a sós para falar sobre o “programa” — sermões que ninguém queria ouvir, seguidos por oportunidades de falar que ninguém aproveitava. E então vinha o trabalho escravo — construir um novo alojamento para o grupo seguinte de vítimas.

O que Race acharia daquilo? Mallory tentava imaginá-lo ali. Race lutaria com os instrutores, pensou ela. Ele conseguiria fazer aquilo que ela fracassava.

Ela diminuiu o passo nos pneus. O novo instrutor assistente veio perturbá-la, ordenando aos berros que erguesse mais os joelhos. Mallory não olhou para ele, mas sabia que era um dos internos mais velhos — do tal Nível Branco. Ninguém jamais faria uma lavagem cerebral daquelas em Mallory.

Ela tentou se concentrar em Race. A culpa voltou a dominá-la — por tê-lo deixado, sem ao menos saber onde ele estava agora ou se a polícia o havia encontrado.

Tudo tinha dado muito errado. Sua mãe ter encontrado a arma no armário — alguém devia ter contado a ela, mas Mallory não conseguia imaginar quem poderia ter sido. Então a discussão das duas, a fuga junto com Race e aquela semana na casa de Talia que parecera um pesadelo. A festa de Halloween, chegar em casa e encontrar o corpo. E depois... esconder-se com Race, abraçá-lo enquanto ele chorava, fazer amor na escada daquele edifício abandonado.

Tudo havia sido um erro — até mesmo o sexo.

Agora ela entendia por que chamavam aquilo de *perder* a virgindade. Mallory perdera uma parte de si, e o que recebera em troca? Ela nem ao menos sentia o que mais queria — uma maior intimidade com Race.

Ela tropeçou no último pneu e caiu de cara no chão. Virou-se, ofegando, os olhos ardendo por causa da lama, e olhou para a copa dos ciprestes acima. O cara do Branco a rodeou e gritou para que se levantasse.

Mallory ficou de pé e conteve-se para não esmurrar o garoto. Quando é que havia tentado fazer isso — ontem? Ela tinha dado um soco no olho de um instrutor e pagara com quatro horas na solitária, trancada em uma cabana sem luz até começar a ver pontos como águas-vivas flutuando na escuridão.

Ela saltou para alcançar a barra de ginástica — ainda pensando em Race e nas palavras de Emilio. *Se não fosse por aquelas pessoas, seu pai estaria bem. Elas ficam com uma arma apontada para a cabeça dele o tempo todo.*

Mallory não era burra. Ela não conhecia o irmão mais velho de Race, mas sabia que Samuel costumava fornecer drogas para Katherine. Entendia por que o pai não gostava de ela conviver com os Montrose. Ainda assim, o ódio na voz dele quando falava daquela família... para Mallory, era bem mais que medo. Era um instinto assassino.

E a ideia de que ele planejava algo, de que os Montrose tinham uma arma apontada para a cabeça dele — o que diabos aquilo significava?

Ela tentara conversar com Race sobre isso, mas ele ficou mudo.

Ele admitiu que o irmão havia sido traficante, um sujeito barra pesada. Disse que Samuel costumava bater nos namorados da mãe — homens feitos, com o dobro do seu tamanho. Samuel já fizera Race ficar à espreita na esquina para o caso da polícia aparecer. No mesmo ano em que Mallory entrara no jardim de infância, Race estava trabalhando no mundo das drogas.

Mas isso acontecera havia muito tempo, e Race fora inflexível quanto a isto — Samuel não estava mais na jogada. Ele não quis contar para onde o irmão fora, mas Mallory tinha certeza de que Race dizia a verdade, pelo menos em relação a isso.

O que a incomodava, quanto mais pensava no assunto, era algo que Race dissera depois que eles fizeram amor, quando ela lhe perguntara se ele poderia recorrer a algum parente, alguém em quem ele confiasse.

Race ergueu o torso, apoiando-se nos cotovelos, e ficou olhando por sobre os ombros dela para um trem que passava, barulhento, lá fora da janela empoeirada, até ele sumir de vista.

— A loucura corre nas veias da minha família, Mal. Não confio em ninguém. Ninguém.

Ele abriu a mão. As unhas deixaram meias-luas profundas na sua linha da vida.

Desde aquela noite ela vinha pensando. Coisas pequenas, como o fato de ter acordado, na manhã após o Halloween, no sofá de uma casa abandonada e Race não estar lá. Ele logo aparecera com donuts e cerveja para o café da manhã, mas Mallory não tinha ideia do tempo que ele havia ficado fora. E depois eles foram juntos para a casa da mãe dele.

Aquilo não significava que ele havia matado Talia. É claro que não.

Mas e se a polícia a questionasse, se eles fossem até a Cold Springs e a pressionassem como os instrutores, dissessem que era ela ou o namorado — o que ela diria? Será que teria coragem de mentir? De ser o álibi de Race?

Ela estava ficando para trás na pista. Chegou às barras paralelas, avançou com as mãos e alcançou Bridges e Smart, que se atiravam inutilmente contra o muro.

— Andem! — berrou Leyland. Ele trocara de lugar com o garoto do Branco, deixando-o torturar Morrison por algum tempo. — Esse muro é *baixo*, Zedman. A minha avó sobe nisso aí. Quero ver essa sua cara patética lá em cima. ANDA!

Mallory sabia que o muro não tinha mais que 1,80 metro, mas parecia ser bem mais alto. Ela conseguia tocar o topo com as pontas dos dedos, mas não tinha força suficiente para içar o corpo até lá em cima. Chocava-se contra ele de forma atabalhoada, agarrava a borda, sentia as bolhas surgirem nas mãos nos mesmos pontos de quando fizera o mesmo exercício no dia anterior. Mallory acabou esparramada no chão, encarando os blocos de concreto cinza. Agora,

toda a sua maldita vida se resumia a blocos de concreto: dormia sobre eles, os escalava, construía com eles. Os instrutores logo a faziam comer aquele troço.

Smart e Bridges não estavam tendo mais sucesso do que Mallory. Smart não tinha força suficiente. Já Bridges era gordo demais; ele conseguia colocar as mãos rechonchudas lá em cima, mas então escalava cerca de meio metro e ficava ali pendurado como um saco de areia para depois cair de bunda no chão.

Mallory se levantou e tentou de novo, odiando o muro, desejando que ele explodisse.

Morrison se aproximou dela, ofegando e gemendo, e Mallory se deu conta de que ninguém a havia carregado desta vez. Ela conseguira atravessar a pista sozinha. Mallory não sabia por que, mas gostou de ver Morrison derrotando aqueles idiotas, mostrando que podia chegar até ali.

Ela olhou para as mãos esfoladas. Estava prestes a se atirar contra o muro novamente, mas então parou.

Lembrou-se de algo que acontecera no seu segundo ano, a aula da Sra. Sanford, na Laurel Heights, quando o aluno novo, Race, estava encolhido sob a mesa porque os garotos haviam implicado com ele por usar o mesmo tênis cinco dias seguidos, perguntando se a mãe dele nunca tinha ouvido falar no Exército da Salvação. E a Sra. Sanford não via nada disso — era cega a tudo o que acontecia embaixo do seu nariz, como todos os professores. Assim como a mãe de Mallory.

Mallory foi para debaixo da mesa com Race e se desculpou, mesmo não tendo feito nada. Naquele instante eles criaram uma amizade, e escreveram o nome um do outro na madeira. Os dois se uniram e passaram a ser o terror da classe.

— Ei — disse Mallory a Morrison —, vem cá!

Ela entrelaçou os dedos, formando um apoio para o pé. Morrison a olhou como se ela fosse de Marte.

Morrison perdera todos os vestígios do rímel carregado que usava no primeiro dia, mas seus olhos ainda estavam inchados de tanto chorar. Seus cabelos eram tingidos de quatro cores diferentes e estavam emaranhados e grudados nas bochechas, dando a impressão de que vários animais diferentes haviam rastejado até a cabeça dela e morrido lá.

— Não brinque comigo, Zedman — murmurou ela, mas parecia ser só da boca para fora.

Os instrutores ainda gritavam, mas não especificamente com as duas. Mallory sentiu como se uma bolha de espaço neutro houvesse se criado de repente e as baboseiras do instrutor flutuassem ao redor.

— É sério — disse ela a Morrison. — Leyland que vá para o inferno. Venha!

Morrison hesitou e, então, de uma forma esquisita, colocou o pé nas mãos

em concha de Mallory. Ela quase caiu tentando equilibrar-se, mas conseguiu apoiar as mãos em cima do muro e se segurar. As bolhas esfoladas de Mallory doiam, mas ela manteve os dedos entrelaçados e se levantou, erguendo a perna de Morrison. Era como tentar equilibrar um haltere segurando por apenas uma extremidade, mas Mallory continuou levantando e logo Morrison chegou ao topo, e então transpôs o muro com um baque doloroso.

Mallory havia esquecido como era gostoso sorrir.

Bridges e Smart a encaravam como se tivessem certeza de que ela acabara de assinar os atestados de óbito das duas.

— Em frente, Zedman! — gritou Leyland.

E Mallory ouviu algo novo em seu tom: aprovação.

Era aquilo que eles queriam. Trabalho em equipe.

Mallory estava prestes a oferecer uma mãozinha para Smart subir no muro quando o apito soou duas vezes — o sinal que significava “de frente para o muro”. Os alunos do Nível Preto não podiam ver ninguém que não fosse da própria equipe, não podiam fazer contato visual com qualquer visitante. Smart e Bridges se viraram, seus narizes tocando o bloco de concreto.

Morrison veio se arrastando do outro lado do muro para juntar-se ao grupo. O lado esquerdo do corpo dela estava todo coberto de lama, mas ela lançou a Mallory um olhar estranho que a fez sentir como se agora tivessem uma nova relação, uma aliança.

— Para o muro! — gritou o aluno do Branco.

Mallory cometeu o erro de olhar para trás antes de obedecer e, ao fazê-lo, viu o Dr. Hunter com seus visitantes.

Havia uma jovem negra. Pelas roupas casuais dela e pela linguagem corporal de Hunter, era óbvio que estava sendo apresentada ao lugar — talvez fosse uma mãe ou uma jornalista. A outra recém-chegada era a loira de ar masculino que estava com Chadwick no dia em que buscaram Mallory.

Qual era mesmo o nome dela...? Owens? Não. Olsen.

Ela usava um moletom branco e se uniu à fila de conselheiros no fim da pista de obstáculos.

Então Mallory entendeu o que a mulher estava fazendo ali; ela substituiria Wilson, o cara que ela tinha chutado no saco. Dar-se conta disso foi como beber ácido.

Leyland agora gritava com ela, dizendo-lhe para colocar o nariz no concreto, mas ela não obedeceu.

Olsen sorriu para ela, mas o sorriso lhe pareceu frio. Parecia que a mulher a estava examinando, tratando-a como um objeto em exposição, uma peça que ela acrescentara à sua coleção de bizarrices.

De jeito nenhum ela aceitaria aquela mulher como conselheira.

— Para o muro, Zedman! — gritou Leyland novamente.

O Dr. Hunter parou de conversar com as convidadas. Se ele se metesse, estaria tudo acabado. Mallory seria forçada a obedecer, seria dobrada em qualquer droga de posição de G.I. Joe que Hunter quisesse e — se não levasse mais um tapa na cara, afora o prazer de ter visto Olsen — poderia até acabar se submetendo.

Ela não conseguia acreditar que se importara com Morrison, que se sentira bem por ter ajudado a gorda preguiçosa a transpor o muro. Mallory se deu conta de que estava prestes a ceder ao programa, a cooperar.

Voltar a ver Olsen deu a ela um alvo para sua raiva. Mallory lembrou-se da viagem de avião — de Chadwick a tranquilizando, tratando-a com firmeza, mas respeito, o que de certa forma fora a pior trapaça, uma mentira maior do que se a houvesse tratado como faziam aqueles instrutores idiotas. Chadwick a fizera pensar que a Cold Springs não era tão ruim. Tinha manipulado a mãe dela para mandá-la àquele lugar — sua mãe, que sempre gostara de Chadwick, que sempre lhe demonstrara mais afeição do que pela própria filha. Chadwick provavelmente tinha mandado Olsen para ficar de olho nela.

— Zedman! — gritou Leyland.

A convidada de Hunter perguntou-lhe algo baixo demais para se escutar, e Hunter respondeu:

— Observe.

Mallory deu um passo à frente, depois outro, seu corpo todo tremendo. Ela não seria uma peça de exposição, não entraria no jogo deles.

Um dos garotos, Bridges ou Smart, gritou:

— Zedman, volte aqui!

Eles sabiam que ela estava prestes a render-lhes horas extras de exercícios.

Eles serão ótimos Brancos algum dia, pensou Mallory, mas eu não.

Ela avançou em direção a Olsen.

— *Você fez isso comigo!*

Os instrutores ainda gritavam, mas com o canto do olho ela viu o “segurança”, o membro da equipe que sempre ficava por perto com a camisa de força primitiva, pronto para agir rápido como a Morte quando as coisas saíam do controle. A camisa de força era para ela. Toda a equipe de instrutores cairia sobre Mallory se ela não obedecesse.

Mas Mallory não podia colaborar. Ela se lembrara de si mesma.

— Vai se foder! — gritou ela para Olsen. — Diga a Chadwick.. diga a ele que estou feliz por Katherine estar morta. Diga isso a ele! Diga!

Um Branco a imobilizou enquanto o sujeito com a camisa de força se aproximava.

Ela se odiou por estar chorando, mas não conseguiu se segurar. Se a colocassem naquele saco, ela encontraria uma forma de se matar. Nunca mais pisaria naquela maldita pista de obstáculos. Morreria se passasse mais um dia na

solitária.

Mallory chutava enquanto eles amarravam suas pernas.

— Você mentiu! — gritou ela para Olsen.

Olsen ficou em silêncio.

A única satisfação de Mallory era a tristeza nos olhos da mulher, como se ela a tivesse magoado de verdade. Mas, pensando melhor, ela não tinha certeza se aquela expressão nos olhos de Olsen era nova.

A mordaça foi colocada na boca de Mallory, e o segurança e o Branco a arrastaram até a cabana de blocos de concreto embaixo do cipreste, onde ela passaria mais tempo na escuridão.

O apito soou. O treinamento foi retomado sem ela, e Hunter e as convidadas voltaram a conversar. Hunter gesticulava na direção de Mallory como se ela acabasse de proporcionar um testemunho para o programa que ele tentava vender.

Nota:

\* No original em inglês, há uma brincadeira com o nome do rapaz — Smart —, que quer dizer “esperto”. (*N. do E.*)

A casa de Norma em Telegraph Hill era uma cunha de estuque branco, como uma fatia de bolo de casamento que fora escrupulosamente guardada até se transformar em um bloco petrificado e não comestível.

Ela nem sempre a vira dessa forma.

Anos antes, logo depois de receber a primeira grande comissão, Norma amava a casa que John encontrara para ela. Era espaçosa, clara, silenciosa, segura — tudo o que a do Mission não era.

Agora, porém, ela tinha medo de voltar para seu lar.

Ela passava as tardes na Laurel Heights, trabalhando com Ann, com o conselho escolar e com David Kraft — o velho amigo de Katherine, seu primeiro namorado. Norma organizava reuniões para tratar da reestruturação da escola, acompanhava o andamento da arrecadação de recursos e sempre que David sorria, pensava na filha — no fato de ela nunca ter se formado, ou ido para a faculdade ou conseguido um emprego. Então Norma ia para casa, sua bela e vazia casa, seus ouvidos ainda zunindo com os gritos das crianças.

Ela se torturava sem necessidade. E sabia disso.

Mas Norma queria ajudar Ann. Ela se via negligenciando os clientes e investindo tempo demais no trabalho na Laurel Heights, que não lhe rendia dinheiro algum.

Sempre que falava sobre isso com John — que ainda entendia mais do que ela sobre as finanças da escola, que abrira todas as contas de investimento —, ele ficava perplexo com o comprometimento dela.

*Mais do que qualquer um, dizia John, você é a pessoa que mais deveria torcer pelo fracasso de Ann. O que ela não tirou de você?*

Norma sabia o que estava em jogo para Ann. Vira isso nos rostos dos membros do conselho — Ann estava em dificuldade. As famílias se preocupavam com a estrutura dilapidada, com o programa que parecia estagnado no fim dos anos 1970, quando Ann assumira o comando, e com o tempo que ela levava para atingir as metas da campanha de arrecadação de recursos. Os pais tinham ouvido falar sobre os problemas de Mallory e sobre a arma encontrada na escola — e se perguntavam, intranquilos, se não seria mais simples matricular os filhos em outro lugar.

Mas se o projeto de reestruturação de Ann fosse bem-sucedido, ela poderia dar a volta por cima, dirigir a escola até se aposentar e deixar um legado permanente. Caso contrário, ela teria apostado toda a sua vida profissional na Laurel Heights. O que teria de bom para mostrar?

Norma também tinha motivos menos altruístas para ajudar.

Quando pensava em britadeiras destruindo o parquinho, em escavadoras abrindo um caminho lamacento na lateral do morro, atropelando as azaleias e hortênsias que estavam lá fazia oitenta anos — ela sentia uma satisfação sombria, a mesma satisfação que sentira ao passar a noite em claro no banheiro contando pílulas para dormir na palma da mão, desejando ter a mesma coragem da filha.

Ela não conseguiria dar um fim à própria vida. Não fazia parte de sua natureza. Mas podia enterrar as lembranças da Laurel Heights: demolir o lugar que engolira todo o tempo de seu ex-marido, arruinara seu casamento e falhara de forma terrível com Katherine. Poderia ajudar a substituir a escola por algo limpo e grande, sem história, assim como sua casa.

Começou a chover quando ela entrou na Greenwich Street. Turistas com rostos afogados arrafavam morro acima com as câmeras enroladas em sacos plásticos e exemplares do *Bay Guardian* cobrindo as cabeças. O rastafári vendedor de flores que às vezes dava rosas a Norma carregava, apressado, buquês da calçada para a van.

Quando Norma viu a BMW preta estacionada em frente à sua casa, seu coração acelerou como numa palpitação provocada por cafeína.

Ela estacionou o carro em frente à residência.

John saiu pela porta da frente, sorrindo à luz dos faróis.

Ela não deveria ter ficado surpresa. John e Ann tinham as chaves. Mallory também, a propósito. Ela não tinha deixado claro para todos os três que a casa era tão deles quanto dela? Ela os queria em sua vida. Queria ser neutra, um canal pelo qual todos pudesse interagir.

E era quarta-feira — a noite em que ela costumava jantar com John. Mas isso só deveria acontecer mais tarde, e eles geralmente se encontravam em um restaurante.

Então, o que ele estava fazendo lá?

Pelo menos Emilio não estava lá, ao que tudo indicava. Disso ela não abria mão — John jamais deveria levar aquele homem à sua casa.

Emilio a assustava de um modo instintivo. Norma sabia que ele era mexicano, mas o comportamento militar e os olhos cruéis daquele homem traziam de volta muitos pesadelos da sua infância, as histórias que o avô contava sobre os soldados de Fidel Castro.

Ela puxou a bolsa para fora do carro e a atirou para John.

— Estava limpando a casa para mim?

Apesar do sorriso, ele parecia cansado, nervoso, como se tivesse acabado de gritar com alguém.

— Como se você precisasse limpar a casa. Cinco anos, Srta. Reyes. Quando vai fazer a mudança?

Norma deu um soco no braço dele.

— O que está fazendo aqui?

— Venha ver.

Lá dentro, velas na mesa de jantar. Comida chinesa em caixinhas brancas de papel, pauzinhos e uma garrafa aberta de Chardonnay. As portas da varanda dos fundos estavam abertas para a noite chuvosa. A baía cintilava abaixo, e o neon suave da cidade iluminava o rastro de espuma da balsa de Sausalito.

O som estava ligado, mas não era música clássica, a favorita de John. Ele sabia que esse estilo faria Norma se lembrar de Chadwick. Ele escolhera *Los Lobos, La Pistola y el Corazón* — um disco com o qual Norma costumava sonhar acordada antigamente. Ela devia ter dito a John que amava aquele disco; deveria se sentir lisonjeada por ele ter se lembrado.

Mas a música trouxe lembranças da buganvília na janela da antiga cozinha, de Katherine brincando no quintal, de Chadwick corrigindo provas na mesa de fôrmica amarela e massageando o calcanhar dela com os dedos dos pés. Ela engoliu a tristeza.

— Espero que seja um prato típico da província de Sichuan.

— Só tem quatro tipos de pimenta.

— *Ay, qué buena.* O que estamos comemorando?

John puxou uma cadeira para ela e serviu-lhe uma taça de vinho. Somente depois que ela se sentou e permitiu que ele colocasse frango com amendoim em seu prato é que ele disse:

— Vim pedir desculpas.

— Pelo quê?

— Pela forma como agi quando Mallory foi levada. Você sabia e não me contou.

Norma sentiu as faces esquentarem.

— Tudo bem — disse John. — Eu fiquei bravo a semana inteira. Então percebi... que Ann a colocou numa situação delicada. Você não poderia trair a confiança dela. Não seria justo da minha parte esperar que fizesse isso, certo? Apenas prometa que me dirá se um dia eu lhe colocar em uma situação difícil como essa, se lhe forçar a escolher entre um de nós. Está bem?

Norma respirou fundo, tensa.

Algo a incomodava. Por trás do ar diplomático, das palavras cuidadosamente ensaiadas, John parecia... faminto. Ávido.

— Me desculpe — disse ela. — Se isso ajuda, saiba que eu disse a Ann que ela estava louca.

— Mallory também é minha filha. Eu não tenho o direito de dar a minha opinião nesse assunto?

O sorriso de John tinha um ar perigoso.

Norma pensou na noite do leilão, em John e Chadwick brincando de caratê, bêbados, no parquinho da escola — como estavam ridículos. Nunca lhe ocorreria

sentir medo de John Zedman.

Se bem que ela nunca sentira medo de nada ao lado de Chadwick. Por mais pacífico que ele fosse — convenhamos, é preciso ser louco para enfrentar um homem daquele tamanho. Aquela sensação de segurança, de imunidade ao perigo, ela a via como algo certo, natural, até que voltou a ficar solteira.

Agora, sozinha com John, Norma sentia um calafrio de medo subindo-lhe pela espinha, mesmo sabendo que era absurdo. O sujeito era um dos seus amigos mais antigos.

Ela espetou um cubo de frango com o garfo e tirou uma lâmina de pimenta vermelha. A comida estava apimentada demais até mesmo para ela. Não era exatamente uma refeição, ou um pedido de desculpas. Era mais como um castigo culinário.

— Pensei que você tivesse me perdoado — disse ela.

— E perdoei. Só estou pensando... você sabe. Você deixou que ela chamasse Chadwick? Quero dizer... o que foi aquilo? Insanidade temporária, Norma?

Ela dobrou o guardanapo, levantou-se e recolheu o prato.

— Obrigada pelo jantar, John.

— Ei. Só estou tentando entender as coisas, está bem?

— Não tente fazer com que eu me sinta culpada. Eu não sou...

Ela se calou.

— Você não é como a Ann — ele completou para ela. — Eu sei disso, Norma. Meu Deus, eu sei que você não é.

Ela foi até a bancada da cozinha, onde colocou o prato.

— Ah, vamos lá — insistiu ele —, termine de comer.

Norma derramou sua taça de vinho na pia e congelou ao sentir a respiração de John no seu ombro.

— Como foi — perguntou ele — voltar a ver Chadwick?

Ela se virou.

— Ele foi mesmo até a escola — deduziu John. — E conversou com a Ann... em particular?

Um instinto lá no fundo a alertou a não contar o que David Kraft lhe contara — sobre Ann e Chadwick terem se beijado na sala dela. Por mais que aquela informação a houvesse irritado, por mais que desejasse desabafar com alguém, algo nos olhos de John dizia que o assunto era perigoso.

Ela pousou a mão de leve no peito de John. Lembrou-se de ter arranhado o rosto de Chadwick quando o vira, de ter chorado muito depois, de ter esfregado obsessivamente o sangue dele de sob as unhas.

— Mallory precisava de ajuda — disse ela.

— Ann a afastou de uma investigação policial. Agora eles pensam que minha filha matou aquela vadia Montrose. Vou conseguir a guarda dela, Norma.

Vou levar Ann aos tribunais até que ela não tenha um centavo para pagar um advogado. Você sabe que Mallory vai ficar melhor comigo, não sabe?

— Um minuto atrás você me pediu que lhe dissesse caso me colocasse em uma sinuca.

O hálito de John cheirava a vinho e pimenta. Ao fundo, os Los Lobos cantavam uma letra que Norma sabia que ele não entendia — sobre o poder de uma arma.

Ele colocou a mão nas costas de Norma, os dedos abertos para contê-la o máximo possível.

— John.

— Por que está se punindo, Norma? Por que ainda está sozinha depois de nove anos?

O calor irradiou pelo corpo dela. Não era exatamente excitação, era mais como a sensação de derrapar em uma estrada cheia de neve.

Quantas vezes ela desejara que Chadwick fosse mais como John? E agora lá estava John, o corpo contra o seu — beijando-a, sua boca ardendo da comida de Sichuan —, e ela só conseguia pensar em Chadwick, na tristeza devoradora que a fizera atacá-lo, arranhar seu rosto, porque precisava ter certeza de que ele ainda era real.

— Ei — murmurou ela —, pare com isso.

John correu um dedo pelas costas de Norma, procurou sua boca novamente. Tudo o que ela precisava fazer era fingir — só um pouco.

Ela o afastou.

— Estou falando sério, John. Pare.

Os olhos dele recuperaram o foco, cintilando de raiva. Então ele deu um passo para trás e esboçou o sorriso autodepreciativo que era sua especialidade.

— Acho que exagerei no vinho — disse ele. — Me desculpe.

— Acho melhor você ir embora.

— Tudo bem. Claro.

Ele apanhou o paletó, olhou para a garrafa de vinho como se pensasse em levá-la, e então pegou apenas sua pasta. Norma não reparara na pasta antes. Por que ele a levava consigo para o jantar?

— Eu te ligo — disse ele. — Imagino que esteja ocupada com o leilão.

— É na próxima sexta.

— Se eu puder ajudar...

— Está tudo sob controle.

Ele ergueu os dedos numa despedida apática.

— Vai completar exatamente nove anos. Difícil de acreditar.

John deu um último sorriso, como se o comentário não tivesse sido calculado para feri-la.

Norma observou as luzes traseiras da BMW desaparecerem morro abaixo.

Então foi até a sacada. Um barco de passeio passava sob a Golden Gate. A chuva batia na varanda e enchia os vasos de flores vazios.

Ela tirou a comida chinesa da mesa para não precisar sentir o cheiro. Desligou o som, foi até seu escritório e olhou para a tela escura do computador, a mesinha vazia do fax. Tudo estava exatamente como ela deixara.

Ora essa. Como se John pudesse roubar o número do cartão de crédito dela ou algo do tipo. Até parece.

Então por que a visita dele aquela noite a incomodara tanto?

A investida romântica não era algo novo. Ele já havia tentado duas vezes; nunca com tanta voracidade, mas Norma tinha que relevar — o cara estava sozinho. Ele estava lidando com um divórcio muito mais recente do que o dela. Norma era um alvo seguro. E sim, o aniversário da morte de Katherine seria na semana seguinte. Ela não seria a única a ter problemas em encarar o fato.

John entendia o significado de um “não”. Se fosse justa, Norma sabia que podia contê-lo. Precisava ser mais firme, parar de fazer joguinhos com o cara. Por que deixara aquilo ir tão longe?

Ela tomou um banho demorado e pensou ter ouvido John na cozinha, fazendo barulho ao mexer na louça, mas sabia que era imaginação sua. Então, lembrou-se de que não havia trancado a porta da frente, nem mesmo fechado as portas de vidro da varanda.

Norma sabia que não havia nada a temer — aquele era um bairro seguro. Mas seu coração bateu mais rápido mesmo assim. Ela fechou o chuveiro e não ouviu nada além da chuva.

Então vestiu o roupão de banho.

Chovia forte agora — algo raro, principalmente naquela época do ano. A chuva escorria pelos toldos e tamborilava no telhado.

Foi descalça até a sala, o cabelo molhado e frio sobre a nuca, e o viu — a silhueta esguia de um homem contra a porta da varanda. Não, não era um homem. Um adolescente. Norma se afastou e agarrou o telefone enquanto o garoto vinha na sua direção. Ele usava uma camiseta suja de lama, calça jeans ensopada até as coxas e uma jaqueta surrada com estampa de camuflagem.

Ela discou o número de emergência.

— Srta. Reyes — disse o rapaz —, espere!

Ela tropeçou em uma cadeira ao se afastar pelo corredor. O número estava chamando.

— Srta. Reyes — repetiu ele —, sou eu.

Ela se deu conta de que conhecia aqueles olhos, o cabelo avermelhado, a estranha constituição da boca e da mandíbula, como se ele tivesse sido esticado ao sair do útero da mãe. Ela ouviu-se dizer:

— Race?

A atendente estava na linha.

— Por favor — disse Race —, por favor, apenas ouça.

— Central telefônica do 911 — repetiu a atendente. — Qual é a natureza da sua emergência?

O medo de Norma se transformava em raiva. Como Race se atrevia — logo ele?

Ela disse ao telefone:

— Alguém invadiu minha casa.

— Não — disse Race. — Não. Escute.

Norma passara anos tentando seguir o conselho de Ann — não culpar o garoto pelo que a família dele fizera. E Race facilitara as coisas para ela na maior parte do tempo. Ele parecia entender o ódio dela. Reagia com educação, ia contra a própria natureza tratando-a com respeito. Quanto mais ele crescia, mais Norma passava a gostar dele, e ela tinha raiva de si mesma por permitir que isso acontecesse.

Mallory teria sido uma criança comportada, teria superado a morte de Katherine, mas os Montrose entraram em sua vida, como monóxido de carbono, envenenando-a lentamente.

*A vadia Montrose.* Será que John estava de fato errado em chamá-la assim?

Norma lembrou que alguns meses antes da morte de Katherine, logo após Chadwick ir para o Texas, Talia Montrose aparecera na Laurel Heights em uma calça cor-de-rosa, uma blusa de cetim barato e os cabelos pintados de loiro, parecendo uma prostituta. Sua boca tremia, mas os olhos eram desafiadores, cheios de uma vingança que ela não tinha o direito de desejar. Talia disse que queria matricular o filho mais novo na escola. Quatro dias depois, quando Ann contou que aceitaria o menino, Norma explodiu. Ela trouxe à tona o caso com Chadwick, forçou Ann a contar a verdade. Elas disseram coisas horríveis e dolorosas uma à outra, ficaram sem se falar por dois anos.

Tudo isso era culpa dos Montrose, e Race não era melhor do que nenhum dos outros. Ele tinha levado uma arma para a escola, fora expulso, levava Mallory a se envolver com drogas e em um assassinato.

Por que apareceria ali agora?

— Senhora? — disse a telefonista. — A senhora pode sair da casa em segurança? A polícia está a caminho. Existe alguma janela ou porta...

— Por favor, Srta. Reyes — implorou Race. — Me ouça. Por favor.

O garoto tremia. Ele estava mais assustado do que ela. Parecia que Race não comia nada fazia uma semana — seus olhos estavam amarelados, os lábios secos e rachados.

Seu instinto materno aflorou, contra sua vontade, assim como quando Mallory aparecia, fugindo das discussões dos pais. Ela se sentava à mesa de jantar, bem ali, e deixava Norma acariciar seus cabelos enquanto chorava.

Norma afastou o telefone da orelha e o desligou.

— É melhor você se explicar — disse ela a Race. — O que está fazendo na minha casa?

O queixo do garoto começou a tremer. Sujo de lama e folhas, ele se sentou no sofá, passando os dedos pelos cabelos ruivos.

— Não conte a ninguém que eu vim aqui. Por favor, não conte a ninguém. Certo? A senhora tem que prometer.

— Race, não posso prometer isso. A polícia está à sua procura.

— Minha mãe... Ela foi assassinada.

As palavras saíam como se estivessem sendo cortadas dele, e de súbito Norma se lembrou da primeira reação que tivera ao saber que Talia tinha morrido. *Bem feito*, ela pensara.

Agora se deu conta do quanto aquilo era cruel, de como Race não merecia aquela dor.

— Sinto muito, querido — disse ela. — Sinto muito mesmo.

— Mallory estava comigo. Minha mãe, ela foi... — Ele fechou a mão, como se tentasse agarrar a imagem. — Ela foi esfaqueada...

— Querido — disse Norma —, você precisa falar com a polícia.

— Não! A polícia não. Eu sei em quem eles vão pôr a culpa. A senhora tem que me ouvir. Ela não vai ficar satisfeita enquanto os dois não estiverem mortos.

— Quem, meu amor? De quem você está falando?

Race engoliu em seco, estendeu a mão e a observou tremer. Norma teve a sensação desconfortável de que Race estava falando da mãe morta — como se Talia sussurrasse no ouvido do garoto.

— O dinheiro — disse ele. — Pode conferir o dinheiro, se não acredita em mim...

Então ele parou. Norma ouviu as sirenes uma fração de segundo depois, distantes ainda, mas se aproximando.

— Race — disse Norma —, fique aqui comigo. Fale com eles...

Mas ele já havia saído pela porta de trás, mais rápido que Norma acreditava ser possível. Pulou a balastrada da varanda e a cerca e desceu a encosta, escorregando pela lona preta de plástico instalada para evitar deslizamentos de terra em noites como aquela. Abriu caminho em meio a *manzanitas* molhadas e desapareceu em um barranco de 3, talvez 4 metros de altura, que dava na Columbus Avenue.

Quando Norma se virou, percebeu que a polícia já estava mais perto do que ela imaginava. As luzes vermelhas pulsavam contra a janela e formavam quadrados cor de sangue no teto.

John parou no Palace of Fine Arts. Ele ainda não podia encarar o trânsito da ponte Golden Gate, sabia que Emilio faria perguntas e o amolaria assim que

chegasse em casa — e não estava pronto para isso.

Ficou caminhando de um lado ao outro sob a enorme construção central abobadada — as colunas gregas rosadas iluminadas para mais ninguém, o parque vazio e desolado, a chuva fria caindo lá fora.

Colocou o laptop sobre uma lata de lixo.

John não se deu conta de que havia chegado ao limite até um mendigo sair das sombras, atraído pelo brilho da tela, e dizer, num tom submisso:

— Tem um trocado, senhor?

John empunhava a 22. Ele enfiou o cano embaixo do nariz sujo e cabeludo do velho e disse:

— Quer alguma coisa?

— Epa! — Os olhos do vagabundo ficaram completamente esquizofrênicos, saltando para fora da realidade como uma pedra no curso de um rio. — Cacete!

O mendigo se afastou, e logo suas mãos brancas espalmadas sumiram na escuridão. Apenas quando se transformou em um minúsculo borrão no outro lado do lago é que ele gritou:

— Feliz Dia de Ação de Graças, babaca!

John soltou uma risada que soou meio louca, até mesmo para ele próprio, e guardou a arma de volta no bolso do casaco.

Tremia tanto que parecia que ia desmontar. Era um avião de teste no limite da barreira do som, e os parafusos das asas começavam a se soltar.

Meu Deus. Norma. Onde ele estava com a cabeça?

Ele não deveria ter se encontrado com Norma aquela noite. Dissera a si mesmo que precisava conferir o computador dela uma última vez, só por segurança. Precisava ter certeza de que as senhas não haviam sido alteradas.

Mas não tinha sido por isso que esperara por Norma, que comprara o jantar, acendera velas e colocara a música preferida dela para tocar.

John esperava ter coragem para contar-lhe a verdade. Pensara que, se olhasse no fundo dos olhos dela, conseguiria confessar no que tinha se metido tão a contragosto, o quanto havia afundado na lama sem chances de escapar. Explicaria que os seus motivos foram os melhores possíveis — só queria salvar a filha.

Norma entenderia na mesma hora. Estenderia os braços na mesa e pegaria a mão dele, o rosto cheio de beleza e compaixão sob a luz das velas. Não o condenaria, não o chamaria de monstro. Conversariam sobre o problema até encontrar outra forma de salvar Mallory, e a ele próprio.

Seria bem diferente de como tinha sido com Ann — a última e terrível discussão do casamento deles, quando ele tentara falar sobre as cartas de Samuel. Mas a conversa tinha se perdido, transformando-se em mais gritaria, ele insistindo que ela deveria deixar o emprego, que Mallory deveria ir para outra escola e se afastar de Race. Por fim, a paciência de John se esgotara — anos de

frustração e ódio descarregados em um único e brutal tapa no rosto da mulher.

Não havia perdão para aquilo. Não havia uma segunda chance.

Depois que se perde o controle, as mulheres nunca mais voltam a confiar em você. Norma tinha deixado isso bem claro esta noite, com o medo nos seus olhos.

Ele fitou a tela do computador. A conexão sem fio acessava uma conta bancária do outro lado do mundo.

A amargura tinha gosto de uísque barato na sua língua.

Por que não, merda?

Todas as ligações haviam sido feitas. O esquema era perfeito. Agora só faltava um mero e-mail.

— Ele não vai embora — alertara-lhe Emilio aquela tarde. — Você dá mais dinheiro a esse tal de Samuel, entra nesse joguinho barato e acha que ele vai te deixar em paz?

Emilio estava carregando sua arma na mesa da cozinha, colocando os cartuchos 9 mm no pente com a atenção de um farmacêutico contando comprimidos.

— Só preciso de duas passagens de avião, chefe. Tenho um amigo que pode ajudar. A gente traz a menina de volta e dá uma lição nesse tal de Chadwick. Aí damos um basta no blefe desse filho da puta desse Samuel. Ele vai mostrar a cara, e eu meto uma bala na testa dele.

O plano era interessante.

Porém, não era exatamente por isso que John hesitava.

Ele odiava admitir, mas começava a ver bom-senso no que Ann fizera, chamar Chadwick. Pelo menos Mallory estava fora de perigo. Pelo menos ela estava longe dos Montrose. E depois de todos aqueles anos sonhando em destruir Ann, agora que isso era possível, ele não conseguia ir em frente com aquilo.

John poderia fechar o laptop, ir para casa.

Ele conseguiria lidar com a polícia. Já havia começado a mexer os puzinhos sobre o problema de Talia Montrose, informando a alguns amigos na polícia de Oakland que um certo sargento da Delegacia de Homicídios precisava de ajuda para diferenciar um cidadão preocupado de um suspeito. A única pessoa a temer era Samuel. E o que Samuel poderia fazer a ele? Revelar os pecados do passado de John? Isso já não significava mais coisa alguma, contanto que a filha estivesse a salvo.

A tela solicitou um comando.

Quanto tempo demoraria? Dez minutos? Menos. Ele planejara tudo muito bem.

Do outro lado da baía, a balsa de Sausalito voltava de sua última viagem da noite. John imaginou o pai nas docas do Embarcadero, quarenta anos antes, sentado em sua caixa de ferramentas e limpando a graxa da testa com as costas

da mão enquanto esperava o barco. Ele estaria exausto dos muitos reparos que fizera desde as 6 da manhã, mas ainda teria energia para sentar-se com John e contar-lhe histórias sobre a Guerra do Pacífico. Quando a balsa atracava, ele tinha exatamente dez minutos, das 19h50 até as 20 horas, para conferir o motor uma última vez antes de mandá-la para o outro lado da baía, para Sausalito, onde atracaria.

— Esse barco não é nada bobo — dizia o pai, desgrenhando o cabelo de John, que ficava cheirando a graxa de motor por uma semana. — Trabalha aqui, mas vai dormir lá no norte com os riquinhos.

O pai então ria, exibindo os dentes tortos — os dois da frente foram quebrados numa briga de bar anos antes —, mas John via a tristeza em seus olhos, o espírito que se partira quando a mãe fora embora.

John prometera a si mesmo que nunca ficaria como o pai.

Ele seria um daqueles riquinhos do outro lado da baía. Sustentaria a sua família. Quando garoto, acreditava que se conseguisse a primeira parte, a segunda viria de forma natural.

Ele pegou o celular e conferiu o número que lhe fora enviado na última carta.

*Ligue quando estiver feito, dizia a carta. O número só vai funcionar uma vez. Desque 23 12 e desligue. Eu retorno a ligação.*

23/12. John não estava alheio ao significado daquilo. Era o aniversário de Katherine Chadwick

Ele discou como fora orientado, depois desligou.

Por mais que já estivesse esperando, o toque do telefone o fez dar um pulo.

— Olá, John.

A voz estava distorcida. Poderia ser um homem, uma mulher, uma criança.

Mas John finalmente falava com o fantasma — aquele que transformara sua vida em um inferno nos últimos anos.

— Não vou continuar com isso — disse John. — Faça o que quiser. Você não vai receber nem um centavo.

Houve um som distorcido de movimento ao fundo — talvez uma estrada ou um rio. Não dava para saber direito.

O fantasma disse:

— Acha que vai escapar de mim, John? Acha que eu perdoei você?

— Não me importa mais.

— Muito corajoso. Sabe o que sua filha fez hoje?

— Ela está longe de você, seu filho da mãe.

— Ela comeu uma fatia de pão — continuou o fantasma. — Bebeu um pouco de água do rio. Gritou com os instrutores na pista de obstáculos e foi colocada em um saco, John, um troço grande feito de tecido grosso, com uma corrente. Amordaçaram a boca da garota. E deixaram ela trancada numa

salinha sem janela por duas horas.

John caiu de joelhos, o telefone contra o ouvido, a testa quase encostando na calçada fedida a fezes de pombo e chuva.

— Posso me aproximar dela a qualquer momento, John, fazer o que eu quiser.

Toda a confiança de John foi pelo ralo. Mallory era uma garotinha novamente, tremendo em uma enorme poltrona preta, à espera que ele a resgatasse, os olhos o acusando por ter ficado longe tempo demais.

— Por favor — ele disse —, deixe-a em paz.

— Você recebeu as instruções, John. Vai colaborar. Sabe que é o melhor a fazer. É isso que todos nós queremos, não é? Queremos um final feliz. Não é o mesmo?

— Minha filha...

— Ela está dormindo agora, em uma cabaninha de cimento. Tremendo de frio. Não tem aquecimento. Ela está com fome. Eles gritam com ela todo dia; de manhã, de tarde e de noite. Se tivesse a guarda, você poderia assinar alguns papéis e levar sua menininha para casa. Ou prefere que eu tome conta dela por você?

— Estou on-line.

— Que bom. O problema é que você já usou a sua ligação. Faça o que eu disse. Entrarei em contato. E John... você não tem controle sobre nada. Entendeu? A linha ficou muda.

John olhou para a tela do laptop — o descanso de tela formava espirais alaranjadas na escuridão.

Ele lembrou-se dos olhos do pai, brilhantes como vidro rachado, fitando as luzes de Sausalito como se fossem destroços de navios em chamas no Mar de Okinawa.

Então ele começou a digitar.

— Kindra Jones... Chadwick — disse Hunter. — Já fiz as honras da casa.

Eles se cumprimentaram. Chadwick tentava ocultar a preocupação, pensando em quantas vezes ensaiara aquela cena com outras mulheres.

Kindra Jones era ágil, atlética, trancinhas rentes ao couro cabeludo. Tinha as feições perfeitas de uma Nefertiti. O pescoço era longo e ligeiramente inclinado para a frente. Usava óculos com armação de tartaruga, piercing no nariz e roupas que pareciam ter sido escolhidas ao acaso em uma lavanderia — peças camufladas e de veludo; verde-oliva, marrom e azul-lama.

Ela tinha um aperto de mão firme e um sorriso arrogante do qual Chadwick gostou imediatamente — e então, também imediatamente, ficou apreensivo ao pensar que ela estava destinada a ser mais uma moeda perdida no poço dos desejos.

— Kindra é da Califórnia — completou Hunter. — Vocês vão se dar bem.

Como se todos os californianos fossem uma grande família feliz. Mas Chadwick fez que sim educadamente.

— De onde? — perguntou ele.

— Alameda — respondeu Kindra. — E Sacramento. E mais alguns lugares. Meu pai era um *rolling stone*.

Ela não tinha idade suficiente para conhecer a música, e o fato de conhecer quase fez Chadwick sorrir.

Hunter deu a eles algumas instruções: precisavam agendar as datas das escoltas de 12 clientes, além das transferências de 24 jovens dos níveis Cinza e Marrom para outras unidades. Os negócios iam bem. Não havia vacas magras no trabalho de escolta.

— E agora, Srta. Jones — disse Hunter, entregando a ela uma pilha de pastas para ler —, se me dá licença, tenho alguns assuntos a tratar com Chadwick

— Até mais — disse Kindra, e o sorriso sugeria que ela estava mesmo ansiosa para começar a trabalhar.

Quando ela saiu, Chadwick disse:

— Essa promete.

— É — disse Hunter, distraído. — Formada em letras. Boas recomendações. Tenho certeza de que você vai conseguir fazê-la sair correndo.

— Cínico.

Hunter empurrou para o lado um prato de papel com restos de comida do refeitório — peru assado, molho de frutas silvestres e pão de abóbora. Ele ligou

um monitor e começou a rebobinar uma fita com imagens esverdeadas das câmeras de segurança.

— Você saiu cedo da festa dos funcionários — disse Chadwick.

Hunter ignorou o comentário com um aceno.

— Venha aqui. Quero que veja isto.

Chadwick puxou uma cadeira. Ele via a fita voltando — silhuetas fantasmagóricas se movendo para trás, ruído visual de estática.

A verdade era que ele também tinha ficado feliz em ir embora da festa. Tinha sido a primeira vez que vira a ex-parceira Olsen desde que ela deixara o serviço de escolta. Ele não era bom em evitar as pessoas, mesmo estando claro que era isso o que Olsen queria. Ela vestia o novo uniforme branco e conversava com um grupo de conselheiros, tentando não fazer contato visual com Chadwick, mas não era fácil. Devido à estatura de jogador de basquete de ambos, eles eram as pessoas mais altas da festa.

— Aqui — disse Hunter, pausando a fita e dando o play.

As imagens mostravam a Clareira Três do Nível Preto — um ângulo de cima de um galho de árvore bem do lado de fora do alojamento. Era uma filmagem noturna, então tudo brilhava. Os internos do Nível Preto estavam sendo passados em revista para os exercícios do amanhecer. O instrutor era Frank Leyland. Os conselheiros ainda não deveriam estar em serviço — eles geralmente se juntavam à diversão apenas depois do treinamento matutino —, mas Chadwick reconheceu Olsen. Ela estava de pé, encostada em uma algarobeira. Os cabelos loiros e o uniforme branco apareciam borrados como uma mancha de alvejante.

Mallory Zedman saiu cambaleando do alojamento.

Um instrutor assistente gritava logo atrás dela, apesar de não haver som. Mallory se esquivava dele, recusando-se a entrar na fila. Então Olsen se aproximou, colocou a mão no ombro de Mallory, disse algo. Relutante, Mallory se pôs em formação atrás dos outros.

Leyland andava de um lado para o outro, dando ordens, sermões — assim como em qualquer inspeção matinal. Então Mallory saiu da fila. Foi em direção a Olsen segurando algo que brilhava na mão.

Olsen só a viu se aproximar quando a garota já estava bem perto. Era tarde demais. Mallory golpeou com o braço e saiu correndo.

Caos na fila. Internos corriam para todos os lados. Olsen cambaleava, segurando o ombro. O instrutor assistente correu para socorrê-la. Leyland foi atrás de Mallory.

Hunter pressionou o botão de pausa, congelando Leyland em meio a um passo largo, projetando-se para a frente como a estátua de um deus do Olimpo.

— Faça de cozinha — disse ele. — Ela a escondeu na manga do moletom.

— Os garotos do Preto comem no acampamento. Eles não chegam nem

perto do refeitório. Onde ela pode ter conseguido isso?

— Um funcionário deve ter se descuidado, deixado a faca em algum lugar. Vou descobrir quem foi e dar uma dura neles. A questão é que Zedman é esperta. E determinada.

— Acabei de ver Olsen na festa. Ela não disse nada sobre isso.

— Ela insistiu para não darmos muita importância ao assunto. Levou três pontos e uma antitêtica e quer continuar trabalhando com Zedman. A garota é corajosa, amigo. Entendo por que quis mantê-la como parceira.

Hunter apertou outro botão num painel de controle e surgiu uma imagem ao vivo.

Era como olhar em um poço — apenas tijolos cinza em perspectiva. Mallory estava sentada com as costas apoiadas na porta, como se impedisse que entrasse gente ali. Ela murmurava algo que poderia ser uma canção de ninar, a julgar pela expressão no seu rosto.

Como se soubesse que eles estavam assistindo, ela parou de cantar e olhou diretamente para a câmera. Seus olhos pareciam os de um maratonista no meio no percurso, no momento exato em que surge a dor.

— Ela tem se alimentado? — perguntou Chadwick.

— Não come nada faz dois dias. Vamos ter que forçá-la em breve. — O tom de Hunter foi seco. Alimentação forçada era uma das medidas drásticas de que nem mesmo ele gostava. — Não que a gente já não tenha lidado com coisa pior...

— Me deixe falar com ela — disse Chadwick.

Hunter recostou-se em sua enorme cadeira de couro e olhou para a única foto que havia sobre a mesa — seu pai, o reverendo Asa Hunter.

Hunter costumava dizer que não gostava do pai, que fugira de casa aos 15 anos e se alistara na Força Aérea aos 17. Ainda assim, lá estava a foto do reverendo — o implacável metodista episcopal africano que fizera do filho o ateu com maior conhecimento bíblico do mundo.

— Falei com o seu amigo da Delegacia de Homicídios de Oakland — disse Hunter a Chadwick —, o sargento Damarodas.

— Desde quando ele é meu amigo?

— Eles identificaram o sangue de duas pessoas na cena do crime. Uma delas é Talia Montrose. O outro, em menor quantidade. Acreditam que seja do assassino. O teste de DNA diz que há uma probabilidade enorme de que o criminoso e a vítima sejam da mesma família.

— Samuel Montrose?

— A polícia ainda está procurando o irmão mais novo, Race. Eles ainda querem falar com Mallory. Damarodas acha que ela pode ter presenciado o assassinato.

— Você está considerando a possibilidade de deixá-lo entrar?

Difícilmente alguém além de Chadwick teria percebido o desconforto de Hunter; sutil, oculto, tão invisível quanto uma armadilha.

— Você conhece um sujeito chamado David Kraft? — perguntou Hunter.

— Era amigo da minha filha. Trabalha na Laurel Heights agora.

— Damarodas conversou com ele; queria informações suas, de Katherine, daquele colar que encontraram. David Kraft disse que namorou sua filha. Admitiu que uma vez, para comprar maconha, levou-a a um lugar que ele conhecia, a casa dos Montrose. Foi ele quem os apresentou a ela.

Chadwick contraiu os dedos, que pareciam ter ficado duros e inchados.

— Não há por que trazer isso à tona agora.

— Foi o que eu disse a Damarodas. Exceto pelo fato de que, segundo David, a sua filha simpatizou imediatamente com o traficante, Samuel. Ela terminou com David pouco depois disso. Ele alega que Katherine e Samuel se envolveram... profundamente. Romanticamente.

Na tela da câmera de segurança, Mallory cantava para seu joelho, cutucando-o com o dedo como se houvesse um besourinho ali.

— Na noite sobre a qual eu lhe contei — disse Chadwick —, a única vez que vi Samuel, eu tinha buscado Katherine na delegacia de Oakland, estava levando-a para casa, e ela me falou sobre ele. Disse que estava apaixonada, que ia fugir com ele.

— Foi por isso que você veio falar comigo — deduziu Hunter. — Precisa virá-la de lá, trazê-la para o Texas. Mas, antes que conseguisse fazer isso, ela cometeu suicídio. É por isso que você está com medo de Samuel. Você acha que ele o responsabiliza pela morte da sua filha.

Chadwick ficou em silêncio.

Hunter se inclinou para a frente.

— Não gosto dessa situação, amigo. Não gosto de descobrir coisas a seu respeito por intermédio de um policial.

— Asa, eu não contei a ninguém sobre Katherine e Samuel. Nem mesmo a Norma.

— E agora a polícia está atrás de uma interna minha para conseguir incriminar um pobre garoto negro.

— Incriminar?

— A polícia não acredita na teoria do envolvimento de Samuel Montrose. Eles não vão fazer esforço algum para encontrar o cara. A aposta mais fácil é Race.

— Damarodas disse isso?

— Não precisava. Talvez eu esteja lendo nas entrelinhas, dando crédito demais a Damarodas, mas me pareceu que ele estava me alertando. Disse que viria aqui. Até me deu uma data: na outra segunda.

— Você vai deixá-lo entrar?

— Não se eu puder evitar. Acontece que Damarodas sugeriu que John Zedman está mexendo os pauzinhos; almoçando com o chefe de polícia, coisas do tipo. Tenho a impressão de que eles estão tentando fechar um acordo, retirar as acusações de que Mallory foi cúmplice se ela testemunhar contra Race Montrose. Damarodas me disse que Talia Montrose vendeu a casa pelo dobro do que valia pouco antes de morrer. Damarodas tem plena certeza de que John Zedman fez o acordo, subornou a mulher por algum motivo. Tudo isso está sendo ignorado pelos superiores de Damarodas. Não acredito que ele esteja exatamente feliz.

— Nesse ponto, nós concordamos.

— Então, vou lhe perguntar novamente: os Montrose poderiam ter algum trunfo contra John Zedman? Saber de alguma coisa que ele queira esconder?

— Não sei — disse Chadwick, sustentando o olhar de Hunter. — Mas Damarodas não precisava esperar tanto para vir fazer a visita. E também não precisava alertar você. É quase como se estivesse nos dando tempo para descobrir.

O olhar de Hunter se voltou para o monitor. Ele bateu o nó do dedo contra a imagem da testa de Mallory Zedman.

— Não gosto disso, Chadwick. Essa menina vai tentar se livrar de nós à primeira oportunidade. Quando falar com ela, diga que vou salvar a droga da vida dela de qualquer forma. Ela vai terminar o programa, queira ou não.

Chadwick forçou um sorriso.

— Obrigado, Asa.

— Se ela quiser lhe contar algo, tudo bem. Mas não negocie com ela. Isso diz respeito a aquiescência à autoridade, não a cooptação.

Chadwick estudou o rosto inflexível do reverendo Asa Pai e se perguntou se aquela citação seria dele, mas não disse nada.

— Atenha-se ao cronograma semanal. Agendei uma escolta para você em Menlo Park na quinta-feira. Kindra Jones vai junto. Vou considerar horário de trabalho, mas você precisará passar o dia na Grande São Francisco. Para o caso de querer fazer alguma coisa. Entendido?

— Você é o melhor, Asa.

— Vou ficar alguns dias na unidade de Playa Verde — disse Hunter —, mas você tem meu número. Se descobrir alguma coisa, quero ser o primeiro a saber. Estamos entendidos?

O tom da voz de Hunter era neutro, mas o maxilar contraído e as veias saltadas como raízes na cabeça careca fizeram Chadwick lembrar uma tarde, muito tempo antes, quando Hunter atirara uma faca em um carvalho diversas vezes, até que a sua mão ficou cheia de bolhas e a casca da árvore se transformou em uma erupção de farpas brancas e úmidas.

— Estamos entendidos — prometeu Chadwick.

Ao sair, três pessoas olhavam para ele: Hunter, o reverendo e o espectro brilhante de Mallory Zedman, entoando para ele uma canção de ninar inaudível.

Opunho esquerdo dela estava algemado à mesa de piquenique.

Olsen sentou-se ao seu lado, uma marca reluzente da cusparada de Mallory no ombro do seu casaco de lã.

Fazia frio, e a tarde estava avançada demais para que qualquer outra pessoa usasse o terraço. Cervos pastavam na encosta. O ar cheirava a fumaça de algarobeira e os juníperos estalavam à medida que o gelo se expandia nas juntas dos galhos.

Chadwick sentou de frente para Mallory e deslizou um prato de comida sobre a mesa.

Ela torceu o nariz para o peru e o molho.

— O que é isso, Ação de Graças?

Ela empurrou o prato de volta.

— Sim. Você precisa comer.

— Como se eu tivesse muito o que agradecer. Obrigada, Chadwick. Obrigada, Srta. Piranha-sentada-do-meu-lado-com-uma-coleção-de-algemas-de-plástico.

— Mallory — alertou Olsen.

A garota virou-se para o outro lado.

Olsen tirou o relógio do pulso e o colocou sobre a mesa, ao lado do prato.

— Dez minutos. Esse é o tempo que você tem que ficar aqui.

— Ele arruinou a droga da minha vida. Dormiu com minha mãe, fez Katherine se matar e me trouxe para cá. E *você* o ajudou. Por que é que eu deveria dar ouvidos às merdas que você diz?

Os cervos na encosta levantaram as cabeças e movimentaram os traseiros.

— Deixe a raiva de lado — disse Olsen. — Guarde-a por dez minutos e ouça.

Mallory agarrou o garfo. Enfiou-o sob a algaema e tentou se soltar, mas o talher era de plástico frágil. Os dentes se quebraram. Ela atirou em Chadwick o que restou.

— Dez minutos sem dar um ataque — disse Olsen. — A partir de agora.

Olsen olhou para Chadwick, e ele se deu conta de que o prazo — o tempo máximo que ela toleraria na presença dele — era imposto principalmente a ele.

Ele contou a Mallory sobre a investigação policial do assassinato de Talia Montrose — sobre as manchas de sangue, a visita do sargento Damarodas e o fato de que Race e ela deveriam prestar declarações. Mallory manteve os olhos fixos no vapor que saía do peru e se perdia no ar.

— O Dr. Hunter vai proteger você se puder — disse Chadwick —, mas precisamos saber o que você viu naquela noite. O que você fez.

— Nada. Eu não fiz nada.

— Quem matou a Sra. Montrose?

— Não sei. Não quero saber.

— O assassino provavelmente é da família — disse Chadwick — Foi Race?

— Não. Seu maldito. Não.

— Um dos irmãos dele?

O rosto da garota ficou sombrio.

— Você se refere ao Samuel. Race me disse... jurou que Samuel tinha ido embora. Tipo, embora para sempre. — Ela puxou o braço algemado. — Mas afinal, por que diabos você se importa com isso? Você adoraria ver todos eles mortos.

— Três minutos, Mallory — disse Olsen.

— Me tranquem logo — murmurou Mallory. — *Vão se foder.*

O tempo continuava correndo. O relógio tinha um mostrador transparente que mostrava as engrenagens, o que fez Chadwick lembrar-se da relojoaria do pai.

Será que a despensa da casa no Mission ainda estava cheia de peças velhas de relógio? Ele lembrou-se de Katherine brincando de esconde-esconde na casa, surpreendendo-o ao saltar de dentro do armário oculto no forro de madeira, cheirando a poeira e cobre engraxado e abraçando seu pescoço.

— Mallory, o seu pai alguma vez disse algo a respeito de Samuel?

A pergunta a fez empalidecer.

— Não. Por que ele diria?

— Ele comprou a casa de Talia Montrose. Por um preço muito maior do que ela valia. Talvez estivesse pagando para que ela fosse embora, para que levasse Race para longe de você. Mas não acho que seja apenas isso. Acredito que alguém da família Montrose o estivesse chantageando.

A atenção de Mallory parecia se concentrar em coisas cada vez menores — o modelo do prato de papel, o relevo do tampo de madeira da mesa.

— Talia Montrose devia ter muito dinheiro com ela quando morreu — disse Chadwick — Mas a polícia não encontrou nada. Quando a pegamos em Rockridge, você tinha mais de 600 dólares em espécie.

— Foi Race que arrumou.

— Onde?

— Ele só disse que... não sei. Não lembro o que ele disse.

— E seu colar?

Ela passou a mão no pescoço involuntariamente.

— Eu não... eu deixei...

— Você o deixou na casa de Talia Montrose. Foi encontrado ao lado do

corpo dela.

— Não. Eu estava com Race. A gente entrou na casa e a mãe dele... ela estava no...

Uma lágrima escorreu pela face da garota. Ela a esfregou como se fosse outra coisa — um inseto ou uma gota de chuva.

— O tempo acabou — disse Olsen.

— Vou voltar a São Francisco — disse Chadwick a Mallory. — Me diga onde posso encontrar Race.

— Para você entregá-lo à polícia?

— Para eu poder conversar com ele.

Mallory umedeceu os lábios, e Chadwick teve a desconfortável sensação de que ela estava decidindo se ia mentir ou não.

— Sr. Chadwick — disse Olsen, pegando o relógio.

— Na casa da avó — disse Mallory. — Ela mora no centro de Oakland, na rua 14.

— A polícia já foi até lá.

— Mas é para lá que ele iria. É o único lugar para onde ele poderia ir. — Os olhos de Mallory tinham um verde intenso, como os do pai. — Veja se está tudo bem com ele, Chadwick. Ele não fez nada.

Chadwick não prometeu nada, mas ficou com a sensação ruim de que fizera uma barganha da qual não poderia voltar atrás — uma barganha que o prendia à mesa com mais força do que a algema de plástico no punho de Mallory.

Ele olhou para a encosta, onde os cervos tinham voltado a pastar, e se perguntou se a grama tinha gosto diferente no Dia de Ação de Graças.

— Vou fazer o que puder — disse Chadwick —, se você se concentrar no programa.

— Eu odeio o programa.

— Vá aos poucos. — Ele se lembrou da garotinha que roubava a carne branca assim que ela era cortada, e então corria pela casa, rindo loucamente, enquanto o pai fingia persegui-la. — Você gosta de peru. Coma um pouco.

Mallory olhou para o prato de comida, agora fria. Ela pegou um pedaço da carne e deu uma mordida. Ia devolver o restante ao prato, mas mudou de ideia e deu outra mordida.

— Vou tirar a algema — disse Olsen. — Quando você terminar de comer, a gente leva você de volta para o alojamento.

Enquanto Mallory comia, Chadwick fez um sinal para Olsen. Ela foi com ele até as portas de correr de vidro.

— Ela está escondendo alguma coisa — disse ele.

Olsen cruzou os braços, o curativo no ombro fazendo barulho quando pressionado contra o tecido do casaco. A pele em volta dos olhos dela se contraiu.

— Durante toda a vida, as pessoas traíram essa garota; Katherine, você, os

pais dela. Agora ela está se perguntando se Race também mentiu para ela. É claro que ela está escondendo alguma coisa.

— Você é contra eu falar com ela.

— As suas prioridades estão erradas. Você está mais interessado em se torturar com a morte da sua filha do que em ajudar Mallory.

Ele sentiu a raiva crescendo no estômago, mas principalmente porque receava que ela tivesse razão.

— Você está progredindo com ela — disse Chadwick — Estou impressionado.

— Sabe por quê? Eu disse a ela que não vou embora, não importa o que acontecer. Ela não pode me afastar. Aprendi isso com você.

Ela não se parecia em nada com a jovem apavorada no café de Rockridge. Havia determinação em seus olhos, convicção absoluta de que iria ajudar a menina. Chadwick então lembrou por que a tinha escolhido como parceira: tinha um bom coração, e isso não se consegue fingir. Não é algo que se obtém com treinamento. E não era algo que ela aprendera com ele.

— Tenha cuidado com ela.

— Ela me deu uma facada. É claro que vou ter cuidado.

— Não. Eu quis dizer para cuidar dela.

— Tem medo de que alguém venha atrás dela? É disso que está falando?

— Não sei; é só um pressentimento.

Ela olhou para Mallory, mas parecia olhar além — direto para o passado.

— Vou estar por perto — prometeu Olsen. — Esse é o meu trabalho.

Chadwick sabia que ela não tinha dito isso com a intenção de acusá-lo, mas se lembrou das suas palavras no dia em que ela deixara a função de escolta — que o trabalho dele era uma forma de fuga perpétua. Ele teve o mesmo ressentimento melancólico que sentira no avião quando a comissária de bordo pensou que fossem pai e filha.

— Você se identifica com ela — disse Chadwick

— Sim.

— Eu também a lembro alguém, não é? Mas não uma boa lembrança. Na verdade foi por isso que você não conseguiu trabalhar comigo.

Ela não disse nada.

— Posso perguntar quem é?

— Poderia — disse ela —, não fosse por duas coisas.

— O quê?

— Eu disse que as suas prioridades são erradas. Posso muito bem admitir que as minhas talvez também sejam.

— E o outro motivo?

Ela arqueou a sobrancelha, como se a resposta fosse óbvia, e deu um tapinha no relógio de pulso.

— Seu tempo acabou.

Olsen voltou para a mesa de piquenique onde Mallory comia o jantar frio de Ação de Graças sob a luz decrescente do entardecer.

Na segunda-feira, Chadwick e Kindra Jones pegaram um avião para Boston. Apanharam um garoto de 13 anos que tinha sido expulso da escola por tráfico de ecstasy e o levaram para a unidade Green Mesa, na Carolina do Norte; um trabalho fácil. O garoto sabia que era ou o Dr. Hunter ou um centro para menores infratores.

Kindra usava outra combinação de veludo e flanela, e suas tranças recém-feitas brilhavam de gel. Ela passou a viagem inteira discutindo com o garoto sobre quem era o maior gênio da música: Lauryn Hill ou Dr. Dre. Chadwick, que não tinha opinião a respeito, leu dois capítulos de uma biografia de Theodore Roosevelt.

Ele ligou para John Zedman do aeroporto internacional Raleigh-Durham, mas a ligação caiu na caixa postal. Deixou um recado, dizendo que estava indo para a cidade e queria encontrá-lo.

Então ligou para a Laurel Heights. Quem atendeu foi a secretária, que disse que Ann estava em uma reunião com a Srta. Reyes — nada de interrupções.

Na manhã de terça-feira, ele e Kindra transferiram para o Bowl Ranch, em Utah, uma interna do Nível Cinza diagnosticada com anorexia. Novamente, Kindra conversou despreocupadamente com a jovem, desta vez sobre a morte do estilo realidade na TV. Enquanto esperava a conexão no aeroporto Dallas/Forth Worth, Chadwick telefonou tanto para John quanto para Ann, mas não conseguiu falar com nenhum dos dois. Na última ligação para a casa de John, um homem com um leve sotaque espanhol atendeu.

Quando Chadwick disse seu nome, o homem ficou em silêncio por tanto tempo que parecia ter desligado.

Por fim, o homem disse:

— Aqui é Emilio Pérez. Vou te dar um conselho.

— Eu preferia que você chamasse o seu chefe.

— Se você aparecer aqui, é melhor que seja para trazer a garota.

— Esse assunto não está aberto para discussões, Sr. Pérez.

— O Sr. Z? Ele se lembra do quanto vocês eram amigos. E é só por isso que ele ainda não me deixou pendurar você num gancho de carne. Mas eu? Eu não tenho problemas sentimentais. Sei que tipo de gente você é. Conheço seu jogo. Se der as caras aqui, vou fazer o assassinato de Talia Montrose parecer brincadeira de criança.

A linha ficou muda.

Kindra Jones voltou da TCBY, uma loja de sorvete de iogurte, e estendeu-

lhe um copo com confeitos coloridos e uma colher de plástico cor-de-rosa.

— Trouxe de chocolate, para mim e a garota — disse ela. — Achei que você tivesse mais cara de baunilha.

Na noite de quarta-feira no Bowl Ranch, Chadwick olhou pela janela do prédio principal e avistou quilômetros e quilômetros de arenito vermelho — formações rochosas e juníperos raquíticos pontilhados de neve, como num Natal marciano.

Ele pensou em Mallory Zedman na varanda da Cold Springs.

Ouviu mentalmente a voz de Olsen — Olsen, a quem ele acusara de fugir dos próprios medos.

Desde o momento em que ele jogara a primeira pá de terra sobre o caixão de Katherine, Chadwick soube que se mudaria para o Texas. Dedicaria sua vida a tirar jovens problemáticos de crises, reescreveria por cima do seu fracasso com a filha. Agora, dizia a si mesmo que o trabalho era uma dura penitência. Durante aqueles anos, já vira sua cota de suicídios. Fora alvo de tiros, cusparadas, xingamentos e processos por parte dos mesmos pais que o contrataram. Ele mudara vidas, levava muitos jovens para os cuidados de Hunter.

Mas emocionalmente, o trabalho era uma zona de conforto: um serviço breve, que seguia um roteiro definido e cujo sucesso era fácil de avaliar. Não muito diferente das suas aulas de história na Laurel Heights ou da forma como seu pai lidava com crianças — como compromissos marcados, engrenagens a serem lubrificadas, correntes a serem balanceadas; com cuidado e habilidade, mas sem envolvimento emocional. Chadwick era capaz de ajudar crianças nesse nível. E excepcionalmente bem.

Mas quando o assunto eram compromissos permanentes — viver com uma criança, deixá-la ver seus defeitos, sem roteiros ou certezas, ficar com ela aconteça o que acontecer, mesmo se ela gritar, bater ou se afastar — Chadwick nunca fora bom nisso, nem mesmo com Katherine. Muito menos com Katherine. Ele havia falhado com a filha, e nada do que fizera nos últimos nove anos — nem todas as escoltas e os adolescentes que tirara de situações horríveis — compensava esse fato.

Na manhã seguinte, quando chegaram ao balcão de uma locadora de automóveis em São Francisco, Chadwick perguntou a Kindra se ela queria dar uma volta pela cidade.

Ela abriu um sorriso espontâneo.

— Eu percebi que você escolheu o voo mais cedo que tinha, mas a nossa escolta é só à noite.

— Tenho que dar alguns telefonemas.

— Sei. Posso saber sobre o quê?

— Prefiro não mencionar.

Ela pegou a chave do carro da mão dele.

— Neste caso, eu dirijo.

A princípio, Chadwick ficou impressionado com a desenvoltura de Kindra no trânsito terrível da cidade. Depois de alguns quarteirões, porém, percebeu que ela estava era *causando* o trânsito terrível. Os meios-fios eram irrelevantes para ela, assim como as calçadas, os pedestres, os semáforos, os canteiros centrais e o para-choque de outros carros.

Depois de dez minutos de um esporte mortal na Highway 101, antes de ziguezaguear pelo centro da cidade brincando de quase atropelar meninos de bicicleta, Kindra encontrou um trecho livre na Van Ness e seguiu para o norte. Ela entrou na California Street com a traseira do carro sacudindo de um lado para o outro, fez estudantes e profissionais da saúde carregando copos de café saltarem pelas suas vidas e engatou a quarta marcha para percorrer o último quilômetro.

— É aqui — alertou Chadwick — É aqui. Era ali.

Kindra entrou derrapando na Walnut, subiu numa calçada onde era proibido estacionar e bateu em uma lata de lixo a alguns metros da Laurel Heights.

Chadwick respirou pela primeira vez depois de mais de 2 quilômetros.

— Você praticamente não matou ninguém.

— É inveja sua — disse ela. Então ela apontou para algo com o queixo. — O que está acontecendo ali?

Meio quarteirão acima, do outro lado da rua, estava estacionada uma unidade móvel da CBS. Um jornalista estava de costas e o câmara filmava na direção deles. O tema da reportagem era a Laurel Heights.

Um frio começou a subir pelo peito de Chadwick.

O leilão aconteceria no dia seguinte — a primeira sexta-feira depois do Dia de Ação de Graças. Talvez Ann tivesse conseguido alguma publicidade, mas o pôster de termômetro que antes havia na fachada da escola não estava mais lá. Não parecia lógico tirá-lo antes do fim da campanha de arrecadação, ainda mais com a imprensa ali.

Kindra abaixou os olhos de tartaruga pretos e deu uma conferida na Laurel Heights: alta e aconchegante no alto de sua colina.

— Então essa era a sua escola? Para um bairro tão esnobe, eles bem que poderiam mandar pintar, hein.

— Quer entrar?

— E fazer o quê, conversar com os faxineiros? — Kindra reclinou o assento do motorista e apoiou um romance de April Sinclair no volante. — Não, obrigada, Chad.

Antes que pudesse abrir a boca a respeito do apelido inconveniente, ele viu Norma descer correndo os degraus da escola. Pela rigidez dos ombros e pela maneira como segurava o jornal enrolado, Chadwick soube que ela havia discutido com alguém.

Ela congelou quando viu a van da emissora de TV, depois prosseguiu na direção de seu Audi, que estava estacionado logo em frente.

Chadwick desceu do carro.

— Ei — gritou Kindra atrás dele —, a gente recebe por hora, não é?

Norma estava prestes a apertar o botão do alarme do carro quando Chadwick alcançou.

Sua maquiagem estava borrada de lágrimas e seus cabelos eram um redemoinho caótico de fios pretos. O vestido amassado e o sobretudo eram de dois tons de vermelho que não combinavam. O semblante furioso dava a impressão de que ela tinha acabado de sair de uma tempestade de areia.

— Ah, então você veio confortá-la de novo? — perguntou ela.

— O quê?

Ela atirou o jornal nele.

— Boa sorte.

Era o caderno A-1. Abaixo da dobra, a manchete dizia: *Escândalo de 27 milhões descoberto em escola da Grande São Francisco.*

— O garoto estava certo — disse Norma. — Ele me disse para conferir a conta e, Deus que me perdoe, a porra do dinheiro tinha sumido. Tudo. Transferido para a África.

— O quê? Que garoto?

— Race Montrose. Que diabo, Chadwick, eu não fiz nada com a informação por uma *semana*. Dei a ela a chance de se explicar. Mas eu não podia mais ficar calada. Isso não foi um erro nas contas, cacete.

O repórter da TV os observava, murmurando algo para o câmera. Chadwick sentiu-se como se estivesse sangrando, como se os arranhões que Norma fizera em seu rosto três semanas antes, na sala de Ann, estivessem se abrindo novamente.

— Você chamou a imprensa? — perguntou ele. — Você disse aos jornalistas que a Ann roubou dinheiro da própria escola?

— Foda-se a imprensa. Conte à polícia e ao conselho. Só duas pessoas tinham acesso à conta, Chadwick Ann e eu. Acha que eu não vou levar isso adiante? Acha que vou correr o risco de ir para a cadeia e ter minha carreira arruinada? *Chingate.*

— Duas pessoas? E quanto ao John?

— Ah, não, não. — As mãos de Norma voaram à sua frente como se ela estivesse fazendo um feitiço para se proteger. — Nem tente isso. Você sabe muito bem que John não precisa do dinheiro. Ele não arriscaria a carreira dele.

— E Ann arriscaria?

A raiva nos olhos dela evaporou.

— Não vou discutir com você. Não vou discutir outra vez com você sobre os Zedman.

— O que Race lhe disse? Como ele sabia sobre o dinheiro?

— Não — repetiu ela. — Eu não vou...

O repórter gritou:

— Srta. Reyes? Norma Reyes?

Os lábios de Norma começaram a tremer.

Chadwick avançou em direção a ela, um reflexo involuntário lhe dizendo para protegê-la apesar de toda a história dos dois. O familiar aroma de rosas dos cabelos dela o fez sentir-se oco, faminto de uma forma que ele não queria admitir. Ele segurou-a pelo braço.

— Entre no seu carro. Vá.

Norma se desvencilhou dele.

— Volte para o Texas, Chadwick. Sabe... vá embora, está bem?

Ela entrou no Audi, deu partida no motor e saiu, quase batendo na perna do repórter. A leve essência de rosas permaneceu nas roupas de Chadwick.

— Senhor? — chamou o repórter.

Chadwick atravessou a rua. O repórter o seguiu e o câmera foi atrás, andando desajeitado sob o peso.

— Senhor? Com licença...

Chadwick virou-se de repente, e o repórter recuou, trombando com a lente da câmera.

Ele não devia ter mais de 25 anos. Qualquer atitude dura que ele tivesse assumido de manhã depois de passar base e ruge desmoronou imediatamente.

— Vá embora — disse Chadwick.

— Mas...

— Agora — insistiu ele, fazendo um rolo mais apertado com o jornal de Norma. — Ou eu lhe mostro por que prefiro os jornais impressos.

— Ah — disse o repórter.

Ele caminhou apressado em direção à van, puxando o câmera pelo passador do cinto e sussurrando para o colega:

— Você não estava filmando? *Como assim* não estava filmando?

Um minuto depois eles tinham guardado os equipamentos e ido embora.

Chadwick olhou para o carro alugado.

Se Kindra Jones tinha assistido à discussão, não deu qualquer sinal. Ela ainda lia o romance, mascava chiclete e sacudia a cabeça ao som de fosse lá que música estivesse ouvindo no rádio.

Chadwick ergueu os olhos para a Laurel Heights.

Parecia impossível que as figuras feitas com carimbos entalhados em batata ainda estivessem penduradas nas janelas com pregadores, que as crianças ainda se divertissem aos gritos no parquinho. Se os 27 milhões realmente haviam desaparecido, aquele lugar iria desmoronar. O pátio ficaria em silêncio, o portão seria isolado com fita preta.

Subitamente, a cor e a energia da Laurel Heights o fizeram ressentir-se, assim como nove anos antes, quando, também daquela vez, o mundo não parou de girar.

Ele respirou fundo e subiu os degraus da escola.

Ann não permitiria que seus joelhos vacilassem. Nunca permitiria que suas mãos ficassem trêmulas, que sua voz falhasse.

Ela disse a si mesma que deveria manter o controle. Aquela era a sua escola — seu legado. Não lhe tirariam a Laurel Heights com aquela preocupação bem intencionada deles, as perguntas educadas, os silêncios desconfortáveis.

Sentaram-se em um semicírculo, uma sala de conselho improvisada com as carteiras dos alunos: cinco membros do conselho e Mark Jasper, o presidente, que até então havia sido o maior defensor de Ann. David Kraft, o pobre David, que estava acordado havia 48 horas seguidas, tentando ajudá-la a entender aquele desastre, estava recostado no aquecedor no canto da sala, os olhos vermelhos, a camisa para fora da calça.

— Então você não sabe — disse Mark Jasper, erguendo as mãos. — Não tem a menor ideia.

Ele fora até lá direto de seu ateliê, ainda cheirando a terebintina, a camisa polo e a calça jeans desbotada manchadas da tinta de qualquer que fosse a encomenda de 1 milhão de dólares na qual estivesse trabalhando.

Seu semblante era calmo e conciliador, mas Ann sabia que não podia confiar na amizade dele. Mark era o arquétipo de pai/mãe da Laurel Heights: um artista liberal que também era um homem de negócios implacável. Por mais que afirmasse amar a visão idealista de Ann para a escola, bastaria passar a vê-la como uma ameaça que orquestraria sua demissão com o mesmo remorso que o diretor de uma montadora sente ao assinar um corte de pessoal.

— Estou cooperando com a polícia — disse Ann. — Estamos trabalhando nisso de forma incansável.

— Incansável — repetiu ele. — Gostaria de poder dar à comunidade da escola uma resposta melhor do que essa, Ann. Estamos falando de muito dinheiro.

Os outros membros do conselho a perscrutavam com rostos carrancudos, a raiva fumegando sob a superfície. Ann sabia o que estavam pensando. Ela insistira tanto naquela campanha de arrecadação, deixara que se arrastasse por dez anos. Fizera questão em dizer que o novo prédio era a resposta para os problemas de espaço da escola. Envolvera a comunidade da instituição em uma infinidade de eventos para arrecadar dinheiro. E agora, a 3 milhões de dólares do objetivo, na véspera do leilão final... acontecia aquilo. Uma cratera, aberta no meio da sua carreira.

O fundo estava no nome dela. A culpa também devia ser dela.

— Você pediu a Norma Reyes que esperasse uma semana para dar a notícia a quem quer que fosse — disse Mark — Até mesmo para nós. Estou enganado?

— Mark.. era o fim de semana de Ação de Graças. Eu não queria provocar pânico se fosse algum... engano. Eu não queria...

— Então, quando Norma a informou, hoje de manhã, que *precisava* contar o ocorrido a este conselho, você pediu ainda mais tempo. Estou enganado?

O chão era como areia, erodindo sob seus pés. Com o canto do olho, ela viu Chadwick surgir na porta da sala: uma torre bege, com o semblante tão grave quanto os dos membros do conselho. A mente dela só podia estar lhe pregando peças; falta de sono, dias demais de estresse. Chadwick estava no Texas. Mas fazia sentido que ele aparecesse para ela agora, como um fantasma jacobiano.

Mark pigarreou.

— Escute, Ann, a dispensa administrativa...

— Não aceitarei uma dispensa administrativa.

Do pátio vinham os sons da aula de educação física do segundo ano. Risos e o apito do professor.

Ann desejou estar lá embaixo com as crianças. Desejou estar nas salas, tranquilizando os professores, que tinham acordado naquela manhã com os telefonemas dos repórteres.

Havia uma resposta, que ela poderia dar se conseguisse aguentar tempo o bastante e encontrar provas. Ela sabia quem era o responsável. Ah, se sabia.

Ann não era uma pessoa violenta. Mas quando compreendera a extensão da maldade de John, quando entendera como tinha subestimado a capacidade dele de odiar, ela o quisera morto.

— Infelizmente temos que insistir — disse Mark — Ann, o que eu quero dizer...

— Eu tenho uma escola para dirigir. — Ela fechou os punhos. — Não aceitarei uma dispensa administrativa no momento em que a Laurel Heights mais precisa de mim. Se vocês quiserem me demitir, me demitam. Mas até que isso aconteça, vão ter que me desculpar. As turmas do fundamental voltam do intervalo em 15 minutos, e eu agradeço se colocarem as carteiras de volta no lugar.

Ela deixou a sala, consciente dos olhos às suas costas, consciente de que Chadwick não estava mais à porta, de David Kraft vindo encontrá-la.

— Ann? Ann?

— David, por favor... você vai ter que me desculpar.

— Será que eu posso fazer...?

— *Não*. Não, querido. Não pode fazer nada por mim. Por favor.

— Eles não podem demiti-la, certo? Afinal... seria loucura, certo?

Ann seguiu em frente, deixando David para trás na escada.

Ela abriu as cortinas japonesas do escritório, desejando pela primeira vez ter uma porta para trancar, persianas para isolar as janelas, qualquer coisa que a permitisse se esconder.

Chadwick estava sentado na cadeira em frente à mesa, seus olhos azul topázio, suas roupas como as camadas formadas pelo vento numa duna de areia; ele se assemelhava tanto a uma formação natural que Ann quase conseguiria acreditar que sempre fizera parte da cadeira. Uma ilusão de sombras, à espera de que a luz delineasse suas formas em ocasiões especiais: o dia em que pedira uma licença para ir ao Texas, o dia em que anunciara sua demissão, o dia em que fora buscar Mallory para levá-la à Cold Springs.

Só então ocorreu a Ann por que ele poderia estar ali, e as preocupações com a escola evaporaram.

— Mallory...?

— Ela está bem — disse Chadwick, apesar de seu tom de voz sugerir que ele estava ocultando muitos problemas.

— Então por que...

— O assassinato de Talia Montrose. Vim até aqui na esperança de esclarecer alguns detalhes. Então encontrei Norma e uma equipe da CBS na rua.

Ann sentou-se pesadamente na beirada da mesa à frente dele, levou as mãos ao rosto.

Meu Deus, o que ela não daria para estar em outro lugar... A casa do retiro dos professores em Stinson Beach, caminhando na areia, admirando as luzes dos barcos de pesca no horizonte. Ou numa serra, ou no rio Russian... todas aquelas viagens de camping que Chadwick e ela tinham planejado fazer quando suas vidas estivessem em ordem. Aquela era a segunda vez que ela o via em um mês, depois de nove anos sonhando com o reencontro... e eles estavam presos ali, no mesmo lugar em que haviam se despedido, na sala onde ela passara quase toda a vida adulta mediando crises.

— John roubou o dinheiro — disse ela. — Ninguém acredita em mim.

— Você tem provas?

— Ele abriu a conta. Havia uma cláusula de autorização por voz... Norma me disse isso, mas eu juro por Deus que, se algum dia eu soube qualquer coisa a respeito, esqueci. John fez isso para que eu fosse a principal signatária. Eu poderia... eu poderia transferir o dinheiro para outra conta com um simples telefonema, contanto que a outra conta também estivesse no meu nome.

— Mas você não deu o telefonema.

— O banco diz que sim, que eu liguei semana passada, solicitando uma transferência. Era uma voz de mulher. Ela tinha os números certos. Conhecia o saldo e sabia como o dinheiro seria aplicado. Eles receberam um e-mail aparentemente enviado por Norma, confirmando a retirada. O dinheiro foi transferido eletronicamente para uma nova conta em meu nome, e depois para

uma conta numerada nas Ilhas Seychelles. Você já tentou conseguir informações de um banco nas Ilhas Seychelles, Chadwick? Não se dê ao trabalho. E o banqueiro? O sujeito que atendeu a ligação? Ele faz negócios com John há anos. Deduza por si mesmo.

Ela não percebeu que estava chorando até que Chadwick a ofereceu um lenço, um quadrado de linho branco imaculado.

Quantos homens ainda carregavam um lenço no bolso? Ann se perguntou se aquela era uma ferramenta do novo trabalho dele. Será que precisaria daquele lenço diariamente, assim como precisava do spray de pimenta e das algemas de plástico? Ela enxugou as lágrimas.

— É só eu abrir a aboca para falar de John... que o conselho, a polícia... eles veem isso como uma defesa em vão. Rancor. É claro que eu colocaria a culpa nele. Ninguém acredita em mim.

— Eu vou falar com ele — disse Chadwick.

— Para quê? Você sabe por que ele fez isso... para me arruinar. Para conseguir a guarda. Mais um ano, Chadwick, e Mallory vai fazer 16. Ela pode se recusar a receber tratamento, sair por livre vontade de qualquer programa. Se John conseguir a guarda agora, eu nunca terei a chance de ajudá-la. Vou perdê-la para sempre. Assim como aconteceu com a Katherine.

Ela imediatamente desejou poder retirar aquele comentário.

Chadwick virou o rosto, como que evitando uma rajada de vento gelado. Ela desejou poder beijá-lo, como tinha feito da última vez que ele estivera ali, quando todo o mundo momentaneamente entrara em perfeito equilíbrio. Mas ele a afastara, e Ann se sentira vulgar e desesperada.

Chadwick era muito diferente de John. Ele era uma estrutura com colunas de aço, e, apesar de saber que não precisava de um homem para se sentir segura, algo em Chadwick fazia Ann ter vontade de dobrar-se dentro dele, despirmos a armadura mental que precisava usar como líder, profissional, mediadora, deixar que ele a protegesse.

Nos velhos tempos, nos tempos de escola, tinha sido exatamente esse o sentimento que a fizera temer um romance com ele. Ela poderia ser sua amiga, mas sabia instintivamente que, caso se envolvessem, nunca se tornaria quem precisava ser. Seria sempre uma sombra de Chadwick.

E desde então ela se sentira atraída pelo tipo errado de homem — volúveis, exibidos, homens que precisassem dela como mulher forte, como alguém calmo e firme para dar-lhes equilíbrio. Ela se lembrou do dia em que conheceu John, durante o seu primeiro ano como professora de jardim de infância numa escola em Noe Valley que já fechara havia muito. Ele namorava uma mãe solteira cujo filho era seu aluno, e apareceu em um piquenique da escola no parque Golden Gate. John encostou-se num eucalipto, rodeado por crianças, e passou a atear fogo em lenços de papel e soltá-los no ar para as crianças verem, um show

de mágica perigoso e altamente inapropriado. Ann soube que ele era encrenca, e que se casaria com ele, praticamente naquele instante.

O que havia de errado com ela para que precisasse se casar com a pessoa errada para apenas então conseguir reconhecer a certa?

— Uma mulher ligou para o banco — disse Chadwick

— John tem várias secretárias.

— Talvez.

Mas Ann percebeu que ele não estava satisfeito com aquela explicação.

Ela pensou em Norma, no e-mail que supostamente fora enviado do seu computador. Na semana anterior, Ann tivera seus momentos de dúvida. Seria a amizade de Norma, o aparente perdão dela por ter-lhe roubado o marido, um engodo para permitir-lhe fazer isso, vingar-se daquela forma avassaladora? Mas isso era loucura. Norma não era uma conspiradora. Não era capaz de ocultar seu ódio daquela forma.

— Talia Montrose tinha algum tipo de ligação com John? — perguntou Chadwick

— Como assim?

— Race Montrose alertou Norma sobre o dinheiro. Ele sabia que isso ia acontecer.

Ouvir o nome de Race provocou um calafrio em Ann. Transportou-a de volta ao dia em que ela pegara a pistola preta da lancheira do rapaz, o cheiro da arma se misturando ao de lápis, mortadela e maionese.

— Não vejo como — disse ela. — John odeia Race. Os Montrose são as últimas pessoas a quem ele diria qualquer coisa.

— Por que a mãe de Race o matriculou na Laurel Heights?

— Eu já disse...

— Race é inteligente. Ela queria o melhor para o filho. Mas ainda assim, na véspera do assassinato ela vendeu a casa, sacou todo o dinheiro da poupança e se preparou para deixar a cidade, provavelmente sem ele. Por quê?

Ann queria ir em defesa de Talia. Ela sabia que, nos seus melhores momentos, Talia realmente se importava com o filho. Mas também se lembrava da reunião de pais e mestres na qual aparecera chapada, das muitas outras às quais não tinha sequer comparecido, dos documentos que nunca enviara. Lembrou-se de quando Talia mudou o número do telefone e esqueceu-se de informar a escola — Race teve uma reação alérgica à picada de uma abelha, a ambulância estava a caminho, e nada de informações para casos de emergência na pasta do aluno. Lembrou-se de uma certa discussão entre Talia e John, que interrompera a apresentação dos filhos, então no quinto ano, um show de talentos da escola. Mallory e Race assistiram a tudo do palco, vestidos de Susan B. Anthony e Booker T. Washington, enquanto o pai dela e a mãe dele discutiam aos gritos nos fundos do auditório sobre qual filho era a má influência. O pesadelo foi

tamanho que Ann bloqueou em sua mente quais foram exatamente as palavras ditas por Talia naquela noite, mas ela criticara a Laurel Heights, como se Race estivesse ali contra a sua vontade. Como se houvesse sido ideia de outra pessoa. Dois dias depois, John e Ann tiveram a discussão final do casamento. Ele a agrediu, destruindo permanentemente qualquer ilusão de que poderiam ficar juntos pelo bem de Mallory.

— Talia não era uma santa — disse Ann. — Mas se você está pensando que ela seria capaz de fazer algum tipo de acordo com John, esqueça. Eles se odiavam.

— Race tinha bolsa?

— Parcial.

— De quanto, 8 mil por ano?

— Por volta disso.

— Ela sempre pagava em dia?

— Não vejo o que isso tem a ver, mas sim. Pagamentos trimestrais. Um cheque administrativo era enviado pelo correio. Nunca atrasava.

— E a letra no envelope era dela?

— Meu Deus, você quer que eu pegue um no arquivo?

Os olhos de Chadwick se mantiveram fixos nela, e Ann começou a entender o porquê da pergunta.

Talia nunca tinha atrasado o pagamento da escola. Nem uma vez sequer. E nunca o fizera pessoalmente. Sempre um cheque administrativo, nunca o cheque de uma conta corrente pessoal.

— Datilografado — lembrou Ann. — Os envelopes eram datilografados.

— A cidade de postagem?

— Você está sugerindo que outra pessoa pagava pelos estudos do Race?

— Estou sugerindo que alguém estava chantageando John, tirando dinheiro dele e o usando para pagar os estudos do Race na Laurel Heights. Talia foi cúmplice disso, mas não acho que tenha sido ideia dela.

— Isso é loucura.

— Se você quisesse punir John, fazê-lo perder o controle pra valer, pode imaginar algo melhor do que aproximar a filha dele de Race Montrose, depois do que aconteceu com Katherine?

— Eu sustento o que disse antes... Race não corrompeu Mallory.

— Mas sabe algo a respeito do dinheiro que sumiu. Ele tentou alertar Norma. Acho que John não sabia ao certo quem era o chantagista. Ele acreditava que fosse Talia. Mas acabou se cansando da situação, estava assustado por Mallory e quis fazer um acordo definitivo, então ofereceu comprar a casa dela por uma fortuna. Talia aceitou, não se deu ao trabalho de dizer que não era a chantagista. O verdadeiro chantagista ficou sabendo, se enfureceu com ela por ter feito o acordo pelas suas costas e a matou.

— Chantagem? Meu Deus, Chadwick Chantagem pelo quê?

Os olhos dele estavam fixos na janela interna, em frente à qual agora passavam os membros do conselho.

Ann não se virou para olhar. Ela de certa forma esperava que Mark entrasse e a demitisse sem maiores discussões, mas não... Mark Jasper não a confrontaria daquela forma. Ele ligaria para ela à noite, ao estilo dos covardes, informando que não se incomodasse em ir trabalhar no dia seguinte.

— O dinheiro da campanha de arrecadação — disse ela a Chadwick — Se os Montrose descobrirem que John roubaria o dinheiro da escola para me desacreditar... se eles tiverem alguma prova, pode ser que o estejam chantageando com isso.

Chadwick mexia no forro do casaco. Não disse nada, mas Ann já duvidava da própria teoria. Se a bolsa de estudos de Race vinha sendo paga com dinheiro de chantagem, então isso já vinha acontecendo fazia nove anos. Como era possível pressionar alguém a respeito de um plano que nem ao menos havia sido colocado em prática? Qual seria o trunfo que deixara John nas mãos de outra pessoa por tanto tempo, desde...

Ela se lembrou da conversa que tivera com o policial de Oakland. “A correntinha de Katherine foi encontrada no sangue de Talia. Seria algum tipo de mensagem?”

Os olhos de Chadwick ficaram completamente imóveis, o brilho que emitiam os fazia parecer frios.

— Pretendo perguntar a John quando for vê-lo.

Ann se lembrou da correntinha no pescoço de Mallory, de como tinha sido difícil permitir que a usasse depois da morte de Katherine. Mas eles tiveram medo de ser ainda mais prejudicial proibi-la de usar o cordão; estariam, talvez, tirando da filha o instrumento que a permitia conviver com tudo o que presenciara. Mallory se agarrara àquela correntinha, insistia em que era um presente de Katherine. Então, desde que a menina tinha 6 anos, Ann não conseguia olhar para a própria filha sem pensar na noite do suicídio, sem ver as palavras gravadas por Chadwick no pingente.

— John me arruinou — disse ela. — Os Montrose não são o problema, Chadwick. Eles não roubaram o dinheiro da escola.

— Mas se Race sabe quem roubou, está correndo ainda mais perigo do que qualquer um de nós. Pode ter sido por isso que ele trouxe uma arma para a escola, por isso que fugiu da polícia. E se ele contou a Mallory o que sabe...

Todas as articulações do corpo de Ann congelaram. Ela contornou a mesa, sentou-se na cadeira e começou a mexer aleatoriamente numa pilha de papéis. Formulários de matrícula, folhetos informativos sobre o leilão, ordens de compra... nada daquilo fazia sentido naquele momento.

Ela ouvia as vozes dos alunos do ensino médio subindo a rua, voltando da

aula de educação física no Presídio, os inconfundíveis gritos induzidos por hormônios das adolescentes: os colegas de Mallory.

— Os alunos do ensino médio estão subindo — disse ela. — Preciso de alguns minutos sozinha, está bem?

Chadwick se levantou.

— Vou encontrar Race. Vou descobrir o que está acontecendo.

Ann tentou não olhar para ele, tentou se concentrar nos papéis enquanto os alunos subiam a escada em grupos, corriam pelo corredor, jogavam mochilas uns nos outros.

— Só me diga uma coisa, Chadwick. Promete?

Ele esperou em frente à cortina da entrada, uma enorme coluna de areia pairando na periferia.

— Na noite do leilão — disse ela —, antes de a polícia ligar. Você ia contar a John e Norma, não ia? Você teria contado sobre nós?

Ann não olhou, mas sentiu que Chadwick lutava com a resposta. Então ele partiu, em silêncio, sua presença deixando de bloquear a porta.

Ann levou o lenço de linho à boca.

Os alunos agora subiam em grandes grupos as escadas, passando como um furacão pela janela, energizados por suco de frutas e lanches gordurosos, gritando e se acotovelando a caminho das salas. Os professores passaram em seguida, com olhares preocupados voltados para a sala de Ann, se perguntando se continuariam a ter um emprego no dia seguinte ou se passariam o Natal lendo os classificados.

Ann sentia como se fosse ela a se mover, e não eles, como se a sala avançasse em alta velocidade por uma rua tão escura e fria como aquela que a levava ao Mission, anos antes, em direção à sua filha, que ela encontrara encolhida em uma poltrona de couro preto, olhando para o vão da porta vazio.

Chadwick encontrou David Kraft sentado na escadaria que dava para a entrada principal da escola, acendendo um cigarro para Kindra Jones.

— Caramba — disse Kindra. — Achei que os canibais tivessem te comido, cara. Quase fomos atropelados por uma horda de puberdade.

— As coisas ficaram complicadas. Vocês se conhecem?

— Agora sim — disse Kindra. — O cara tem cigarros.

David deu uma última tragada e então atirou o seu, ainda aceso, num canteiro de flores.

— Eu estou desempregado, Sr. Chadwick? Foi isso que Ann disse?

— Não faça isso.

David coçou a sobrancelha.

— O senhor se refere a fumar?

— Não me chame de “senhor”. Kindra, você se incomoda de me esperar

no carro?

— Nossa, Chad. Alguém mijou na sua biografia de Roosevelt?

Chadwick olhou para ela.

— Eu espero no carro — decidiu Kindra. — Cara, você precisa relaxar.

Chadwick foi até o canteiro e pescou a guimba de cigarro, para depois apagá-la e atirá-la no colo de David.

O rapaz parecia um pouco mais abatido do que três semanas antes, como se o houvessem enfiado no compartimento de bagagem de um avião para um voo internacional. Ainda assim, ele voltava para o ex-professor o mesmo olhar reverente, os olhos tristes de um admirador platônico.

— Senhor, eu fiz alguma coisa que o irritou?

Chadwick contou mentalmente até cinco antes de responder:

— David, você teve acesso às contas da Laurel Heights?

— Não, senhor. Eu só fiz ligações para ex-alunos. Coordenei o leilão... É claro que vão cancelar agora, mas também coordenei as doações. Não tive acesso ao dinheiro.

Chadwick lembrou-se de David no leilão de nove anos antes. Um adolescente desajeitado com um caso crônico de espinhas, acenando com uma bandeira vermelha para sinalizar os lances mais altos.

— Você ainda mora por aqui?

— Sim, senhor. Moro em Berkeley. A casa é dos meus pais, na verdade, mas eu pago aluguel.

— Seu nome surgiu durante as investigações da morte de Katherine feitas pela polícia em 1993 — disse Chadwick — Acredito que você saiba disso.

As orelhas e o pescoço de David ficaram de uma tonalidade vermelho viva.

— Como eu disse antes... eu quis escrever...

— Você apresentou Katherine a Samuel Montrose, levou minha filha até lá para comprar drogas. E depois que ela terminou com você, você sabia que ela estava saindo com Samuel, usando heroína, falando sobre fugir de casa. E não disse nada.

David limpou as cinzas deixadas pela guimba do cigarro na camisa.

— Eu a levei lá uma vez — disse ele, a voz mais tensa agora. — E só. Nunca mais voltei àquele lugar. O senhor não pode fazer com que eu me sinta ainda mais culpado.

— Tem visto Samuel?

Aquilo despertou a atenção de David. Chadwick não teve certeza do que leu nos olhos do rapaz. Apreensão? Medo?

— Não — respondeu ele. — É claro que não. Não o vejo há anos. Se eu tivesse...

— Teria dito a alguém. Você tem um desejo imenso de ser útil, David. Você ligou para o sargento Damarodas e falou com ele a respeito da minha

filha... deu a ele uma ligação entre a minha família e os Montrose. Ligou para a imprensa para falar sobre o desvio do dinheiro.

— O quê? Eu não...

— Deve ter ligado para os jornais ontem à tarde — disse Chadwick—, antes mesmo que Norma informasse o conselho, só para ter certeza de que a notícia sairia hoje.

Os olhos de David ficaram mais escuros, mais duros, como se mãos invisíveis houvessem decidido remodelá-los. Chadwick via aquilo com frequência durante as escoltas: uma mudança química, alterando os jovens para o modo de enfrentamento, no momento em que eles percebem que não podem convencer aquele homem a deixá-los ir nem enganá-lo.

— Quer saber? — disse David. — Eu deveria ter ido embora há anos, mas acabo sempre voltando para essa *merda*. Essa escola foi uma porcaria para Katherine. Você foi uma porcaria como pai. Sabe quando falei que queria ter escrito uma carta? Era isso que eu diria. Espero que os bancos fechem as portas da Laurel Heights. Espero que passem o rolo-compressor nessa merda de lugar.

E então David Kraft, seu ex-aluno — que ficara vermelho durante toda a sua leitura da declaração de independência para a turma do oitavo ano, que tinha namorado sua filha, e cujo nome era com frequência precedido pelo adjetivo *pobre* —, atirou para longe a guimba de cigarro apagada que tinha sobre o colo e subiu as escadas com a determinação de um bombeiro a caminho de um edifício em chamas.

Uma semana depois da conversa com Chadwick, Mallory não conseguia acreditar em quanto havia mudado. Depois que se permitira aceitar o programa, tinha sido como voltar a proa de um barco a favor da corrente. Em pouco tempo ela estava navegando em alta velocidade.

O grupo dela concluiu a pista de obstáculos. Eles construíram um alojamento para o grupo seguinte de novatos: a primeira coisa que Mallory construiu com as próprias mãos na vida. Então, no dia anterior, foram promovidos à tarefa de demolição. Receberam marretas e foram instruídos a destruir o alojamento no qual vinham dormindo.

*Como uma cobra trocando de pele*, dissera Leyland. *Hora de crescer*.

Mallory odiava admitir, mas adorou derrubar as paredes. Dava alguns bons golpes com a marreta e em pouco tempo conseguia soltar os blocos de concreto o bastante para derrubá-los com os pés.

Ela nem se incomodou de dormir ao ar livre. O acampamento não estava muito mais frio do que dentro do alojamento, e eles tinham conquistado novos sacos de dormir: esses eram de primeira, nada daquela porcaria de algodão de antes.

No dia seguinte começariam o treinamento para a Semana de Sobrevivência. Ninguém do grupo sabia exatamente o que isso queria dizer, mas os Brancos falavam da Semana de Sobrevivência como algo sagrado. A expectativa deles era contagiante.

Mallory ainda sentia falta de Race. Temia por ele, sentia raiva, estava preocupada com a possibilidade de ele ter mentido para ela. Também estava preocupada com o pai. Mas, basicamente, aliviada por ter entregado o problema para Chadwick, como Olsen a havia aconselhado. Chadwick tomaria conta da situação — tomaria conta de Race. Veria se estava tudo bem com o pai dela. Mallory tinha certeza de que Chadwick poderia até mesmo lidar com Emilio, se fosse necessário. Pensar em Chadwick era como tocar em metal: liberava energia estática por algum tempo, permitia que ela se ocupasse com as tarefas do dia.

As noites eram piores. Mallory acordava no escuro, os morros gemendo, os guaxinins revirando a lixeira perto do rio à procura de sobras, guinchando como bebês mutantes. Ela tremia dentro do saco de dormir, sentindo cada pedrinha sob as costas, olhando para o borrão escuro dos galhos dos ciprestes contra o brilho da lua, tendo absoluta certeza de que alguém a observava dormir.

Ela sabia que era loucura. Aqueles temores eram tão ridículos quanto as

histórias de fantasmas que costumava ouvir no acampamento de verão quando pequena. Não havia fantasmas na Cold Springs. Se houvesse, os instrutores os colocariam para trabalhar derrubando paredes. Mas ainda assim ela estava acordada, pensando no corpo dilacerado de Talia Montrose.

As perguntas de Chadwick tinham despertado algo em sua mente, algo sobre o irmão de Race. Ela não tinha certeza do quê. Mas estava lá, crescendo como um cristal de sal.

Quando pegava novamente no sono, Mallory estava de volta no velho Toyota, vendo Katherine descer os degraus da casa da família Montrose.

Ela forçava a si mesma a olhar para aquela figura ali no umbral da porta, que se despedia de Katherine antes de voltar a sumir na escuridão.

Hoje ela se atirara à exaustão no trabalho, na esperança de não sonhar à noite, não ficar acordada até os instrutores chegarem para arrancá-los do saco de dormir.

Mallory passou a tarde derrubando as últimas paredes, fazendo de conta que cada bloco era o rosto da mãe — transferindo para ela toda a raiva que sentira do programa; afinal, era esse o devido destino de sua ira: Ann.

Ela trabalhou lado a lado com Morrisson, mas nenhuma das duas disse nada. Isso não a incomodava, já que nas poucas vezes que haviam conversado sempre acabavam se desentendendo. Quando ficavam em silêncio, formavam uma ótima dupla.

Mallory estava ficando mais forte. Não sentia mais os calafrios da heroína — as lâminas nas suas entranhas agora se transformavam em uma fome vazia que ela geralmente conseguia ignorar. Suas mãos agora pareciam luvas de couro, as bolhas haviam cicatrizado. Ela suava bastante e provavelmente fedia terrivelmente, mas iriam todos ao rio na manhã seguinte: o banho mais gelado do mundo, além de uma oportunidade para lavar as roupas.

Ela trabalhou com tanto afinco que só percebeu que era hora de encerrar as atividades do dia quando Leyland começou a gritar.

Até a voz de Leyland mudara na última semana. Ele agora parecia mais um professor de educação física e menos um demônio. Não que ele houvesse deixado de gritar de forma humilhante se ela não entrasse na fila, mas isso não a incomodava mais. A voz de Leyland se transformara em um reflexo involuntário de seu corpo.

A corrida de volta até o acampamento foi de cerca de 800 metros; do alojamento destruído, passando por um trecho plano com mato rasteiro pontilhado por saboeiros, *whitebrushes* e *cacto nopal*, plantas que Mallory não conseguiria identificar apenas um mês antes. Agora, depois das palestras de Leyland sobre sobrevivência na natureza, ela sabia que podia lavar as roupas com alguns frutos amarelos dos saboeiros. Sabia que os espinhos dos *whitebrushes* eram só aparência — totalmente inofensivos. Que o pó branco que se acumulava

nas juntas do cacto ficava vermelho ao contato com a pele humana: pintura de guerra apache.

Outra frente fria se aproximava. Os dias ensolarados com temperatura agradável estavam para acabar.

Ainda impressionava Mallory o fato de olhar para o céu e conseguir perceber a mudança no tempo: uma massa de nuvens azuis como uma rede de pesca se aproximava ao sul, encobrendo o entardecer. O céu nunca era tão dramático em São Francisco. O clima em sua cidade natal era mais parecido com a sua mãe: moderado, suave e sem espinhos.

— Vai chover hoje à noite — anunciou Leyland, correndo ao lado dela. — Você vai poder testar a sua barraca.

— Sim, senhor.

— Estamos mimando você, Zedman.

— Sim, senhor.

Eles passaram pelas cocheiras e pelo pasto e Mallory olhou de esguelha para os cavalos. Uma égua baía, uma égua alazã, um cavalo malhado de preto e branco... ela não lembrava o nome daquela coloração.

O grupo seguiu correndo, passando pelo barracão da solitária, depois pela maldita clareira com piso de terra batida onde tinham começado o Nível Preto, um trilhão de anos antes. Cada vez que passava por aquele lugar, ela sentia vergonha e raiva pelo primeiro dia. E tinha certeza de que era exatamente por isso que os instrutores escolhiam aquele caminho.

Mais 100 metros e ela já conseguia ver os conselheiros reunidos no acampamento base, localizado no topo de um morro com vista para o rio. O vento levantava mato e poeira sobre o granito, e a temperatura havia caído.

Mallory tentou preparar-se mentalmente para o encontro com Olsen.

Com seus cabelos loiros e curtos e a pele clara, Olsen não se parecia em nada com Katherine Chadwick. Nem ao menos se comportava como Katherine. Mas quando falava com Mallory sobre dar um rumo em sua vida, tinha no olhar a mesma fome que havia nos olhos de Katherine no momento em que ela abria o fecho da correntinha.

Aquilo aterrorizava Mallory.

Ela temia gostar de Olsen; passar a confiar na conselheira, para então acordar um dia e dar-se conta de que ela havia ido embora, substituída por uma outra pessoa que não dava a mínima.

Mas até o momento Olsen ficara do lado dela, mesmo depois de ter sido atacada com a faca. Uma ou duas vezes durante a sessão de terapia em grupo Mallory ficara tentada a contar seu sonho a Olsen, para ver o que ela diria.

*Não, Mallory dizia a si mesma. Se abrir a sua mente, eles vão ver como você é louca. Não fazer de tudo para mantê-la aqui.*

Ela ouvia atenta as histórias dos outros adolescentes. Soube que Morrison era

espancada pelo padrasto. Soube por Smart como era o submundo das drogas em Des Moines; era inacreditável que tivessem laboratórios de metanfetamina por lá, e não apenas fazendeiros e milho. Smart tinha sido preso porque seu quarto explodira enquanto ele estava na escola. E ouviu de Bridges, que já estivera em dois outros internatos militares: “Um garoto morreu em um deles, então eu tive que ir embora.”

Então, na noite anterior, Mallory se abriu pela primeira vez.

Era uma coisa idiota a se fazer, contar a história da sua vida para pessoas que nem ao menos a conheciam. Mas era difícil de explicar... era como se estivesse no prato mais leve de uma balança, subindo e subindo à medida que os outros falavam, então teve a sensação de que o acampamento estava em desequilíbrio, e se sentiu a estranha no ninho, como se tivesse sido erguida acima de todos.

Talvez o programa estivesse começando a fazer efeito. Toda aquela conversa sobre como ela era responsável por tudo o que acontecia consigo mesma, como era infantil colocar a culpa em todas as outras pessoas. Ela não tinha se livrado da raiva que sentia dos pais. Nem um pouco. Mas São Francisco parecia uma outra vida — a 3 mil quilômetros dali.

Então Mallory falou um pouco a respeito de si mesma. Contou a eles sobre Race, sobre como tinham ficado amigos no segundo ano do fundamental, sobre o dia em que encontraram um isqueiro no Presídio e atearam fogo no mato enquanto o resto da turma brincava de pique-bandeira. Se eles foram expulsos? É claro que não. A mãe dela era a diretora da maldita escola.

Era uma história insignificante, mas o grupo gostou de ouvir, o que foi um alívio tão grande que Mallory quase disse o que realmente estava no seu peito, algo que pesava mais do que qualquer droga de bloco de concreto: a suspeita de que talvez, apenas talvez, houvesse dormido com um assassino.

O acampamento base foi erguido no topo plano de um morro de granito, marcado por buracos erodidos tão grandes quanto pegadas de dinossauro. A maior dessas fendas, que tinha mais ou menos a profundidade de uma banheira, era usada para acender a fogueira, mas ainda não havia fogo. Eles teriam que fazer fogo do nada, e apenas depois da sessão de terapia.

Os sacos de dormir novos estavam enrolados em frente a um cavalete com um quadro negro, onde os quatro grandes princípios do programa estavam escritos em cores diferentes:

*Responsabilização*

*Competência*

*Honestidade*

*Confiança*

Abaixo havia uma linha, e depois as duas atividades da noite, nas quais Mallory reconheceu a letra de Olsen:

1. *Assumir a responsabilidade por uma mentira da qual você saiu impune. Contar qual era a verdade.*
2. *Cartão-postal.*

O segundo tópico deixou Mallory apreensiva, já que ela não entendeu do que se tratava.

Olsen estava ao lado do quadro esperando por eles com uma prancheta sob o braço, as mãos enfiadas nos bolsos de um sobretudo bege que fez Mallory lembrar-se de Chadwick. Os outros conselheiros estavam a alguns metros de distância, tirando canetas e cartões-postais de sacos plásticos e contando-os.

O grupo de jovens acomodou-se nos sacos de dormir. Sentaram-se de pernas cruzadas, as costas eretas e as mãos no colo. Primeiro Olsen pediu que fizessem um *brainstorming* relacionado à palavra *responsabilização*, o que àquela altura já não era novidade, e sim algo praticamente automático. Então pediu voluntários que falassem sobre uma mentira da qual tinham saído impunes.

Silêncio.

— Qualquer coisa — disse Olsen. — Mesmo uma mentira pequena.

Ela olhava para Mallory.

— Não lembro — murmurou Mallory. — Não consigo pensar em nada.

Smart, Bridges e Morrison estavam igualmente taciturnos.

O vento agitava as folhas da prancheta, presas no lugar com cliques. Uma gota de chuva manchou o último “o” de *Responsabilização*.

— Nunca mentiram, hã? — disse Olsen, que se sentou com o grupo e sinalizou para que Bridges e Morrison formassem um círculo. — Querem que eu comece?

Os alunos olhavam para os próprios sapatos.

Ela tinha pena de Olsen por ter que lidar com eles. Mallory nunca seria professora. Nunca trabalharia com jovens e crianças.

Olsen segurou os tornozelos, puxou as pernas.

— Eu não conheci meu pai, certo? Cresci com um padrasto, que abandonou minha mãe quando eu tinha 8 anos. Na época da faculdade, eu contratei uma pessoa para procurá-lo.

Bridges perguntou se Olsen se referia ao pai ou ao padrasto.

— Meu padrasto. Eu não tinha interesse em encontrar o meu pai biológico. Nunca tive. Não sei por quê. Mas enfim, eu descobri o paradeiro do meu padrasto, mas quando minha mãe perguntou, falei que ele tinha simplesmente morrido. Ela acreditou. Acho que ela ficou aliviada por saber que era por isso que ele nunca tinha voltado. Mas eu menti para ela.

Até mesmo Smart, um caso clássico de TDA/H, estava prestando atenção.

— Qual era a verdade? — perguntou Morrison.

Olsen arqueou as sobrancelhas.

— Primeiro vocês vão ter que contar as suas mentiras.

Todos desviaram o olhar.

O espartinho Smart balbuciou alguma coisa sobre ter aprendido na infância que quem mente vai para o inferno, e que, portanto, nunca mentia, sério mesmo. Ao que Morrison reagiu com um gemido de descrença. Smart a mandou calar a boca.

Bridges emendou com uma história furada de que disse à mãe que dormiria na casa de um amigo, quando na verdade estava com uma garota. Mallory sabia que a maior mentira naquela história era que algum dia aquilo tivesse de fato acontecido.

Mallory se viu observando Olsen. Não sabia por que, mas sentia que um fio de compreensão as ligava, ténue mas terno. Ela queria saber o fim da história dela.

— Semana passada, no feriado de Ação de Graças, eu menti para Chadwick

Olsen tentou manter o semblante padrão dos conselheiros, mas seus olhos ficaram inquietos.

— Sobre o que você mentiu?

— Sobre meu amigo Race.

— O garoto que ajudou você a botar fogo no parque? — perguntou Bridges.

— É. Eu disse ao Chadwick que estava com Race quando... num momento muito importante. Eu meio que fui o álibi dele. Eu meio que menti.

— Não entendi. — Smart fazia que não com a cabeça. — O que você quer dizer com *meio que*?

Mallory olhou para Smart. Com os cabelos cor de laranja cortados a máquina, o machucado feio no lábio, de quando ele tinha batido na barra da pista de obstáculos, e os olhos vidrados, ele aparentava ter, no máximo, uns 89 de QI, e isso com o vento a seu favor. Ela olhou para Morrison e Bridges. Todos esperavam uma resposta.

Mallory de repente sentiu vergonha, raiva, como se tivesse se exposto. Ela traía Race para cair nas boas graças de Olsen.

— Claro que você não entendeu, Smart. Você é um idiota.

— Ei!

— Epa — entrevistou Olsen. — Pare com isso, Mallory. Já deu.

Mallory contou de vinte até zero em silêncio. Uma gota de chuva acertou seu olho e a fez piscar.

— Quer terminar a sua história antes? — perguntou Olsen.

Mallory fez que não. Estava mortificada por os outros pensarem que ela estava chorando.

Olsen permitiu que o silêncio caísse sobre o grupo, esperando que Mallory o preenchesse, mas ela não o fez.

— Mais alguém, então? — perguntou Olsen.

A possibilidade de abertura tinha se evaporado. Smart, Bridges e Morrison permaneceram mudos.

Mallory esperou que Olsen encerrasse a atividade. Ela poderia ter chamado os instrutores, dito que o grupo não estava cooperando, poderia tê-los obrigado a ir deitar sem fogueira, sem jantar. Mas em lugar disso ela disse:

— Vamos passar para a próxima atividade. Dispensados. Cada um com seu conselheiro agora.

Os outros três internos se levantaram. Mallory ficou onde estava.

— Tem certeza de que não quer me contar nada? — perguntou Olsen.

— Tenho.

— Sobre Race?

— Esquece. Eu só estava tentando achar alguma coisa para contar, entendeu? Foi idiotice minha.

Olsen deixou passar. Ela puxou um cartão-postal da prancheta e o entregou a Mallory. Em uma etiqueta colada no verso estava escrito:

**Sra. Ann Zedman  
Coit Dr., 200  
São Francisco, Califórnia. 94611**

A parte esquerda estava em branco.

— Essa é a sua primeira chance de escrever para casa — disse Olsen. — Também será a última até que termine o Nível Preto. Não precisa dizer muita coisa. Apenas que está bem.

Mallory olhou para a metade em branco do cartão-postal.

Um espaço de 5 por 7 centímetros nunca lhe pareceu tão grande.

Ela pensou na mãe na última vez que a vira: os olhos inchados de tanto chorar, as mãos nas têmporas para conter a dor de cabeça, pedindo aos gritos que Mallory parasse. E Mallory, em transe, pegando o martelo numa gaveta do armário da cozinha, quebrando pratos e canecas e seguindo a mãe pelo corredor, estilhaçando as molduras das suas fotografias de quando criança nas paredes, reduzindo vasos a cacos de porcelana, gritando que Race era a última pessoa de quem ela, sua mãe, deveria ter medo.

Era como se aquilo houvesse acontecido com outra pessoa, mas a lembrança não lhe provocou arrependimento. Toda aquela raiva ainda estava ali dentro dela. A mãe nunca estava por perto quando ela precisava. Estava sempre fugindo: do seu pai, da filha, de qualquer coisa que não fosse a sua preciosa escola de merda.

O que Olsen esperava que ela fizesse? Rabiscasse uma mensagem rápida? *Oi, mãe. Eu te amo.* Com carinhas sorridentes e um coração no lugar do pingo do

í? Algo que ela pudesse arquivar no escritório, naquela pasta de papel pardo etiquetada *Zedman, Mallory*?

Do outro lado do buraco da fogueira, Bridges chorava. Mallory nunca imaginaria aquilo, mas lá estava ele, ganindo como um bebê de 90 quilos.

Smart estava sentado na borda do penhasco, curvado sobre o cartão-postal, escrevendo cada palavra como se fosse o próprio obituário.

Morrison estava sentada estática, o rosto pálido, a caneta pousando congelada acima do cartão.

Mallory devolveu o seu para Olsen.

— Não consigo — disse ela. — Pode me trancar.

Havia nos olhos da conselheira algo que Mallory não via fazia tanto tempo que a princípio ela não reconheceu: compreensão.

— Ah, vamos lá — disse Olsen, gentil mas firme.

Elas caminharam pela trilha sob a noite que caía, a garoa molhando suas roupas, até que chegaram à cerca que delimitava a área onde os cavalos pastavam.

Mallory sabia que um Branco as seguia, a 5 ou 10 metros de distância — sempre havia um instrutor de plantão, de olho em tudo —, mas de alguma forma isso não a incomodou. Era como se ela e Olsen estivessem sozinhas.

A conselheira se recostou na cerca e tirou um saco plástico do bolso do sobretudo: fatias de maçã. Ela apontou para um dos cavalos, a fêmea baia.

— Aposto que aquele marrom viria até aqui se você oferecesse a ele alguma coisa.

Mallory sentiu as faces esquentarem.

Uma das molduras que ela tinha quebrado na casa da mãe tinha sido o desenho de um cavalo que ela fizera no jardim de infância. O painel dela para a colcha do leilão aquele ano: também um cavalo. Ela era obcecada quando pequena, e provavelmente teria continuado com essa obsessão não fosse pelo suicídio de Katherine.

Depois daquela noite, Mallory se transformou na “menina que tocou uma pessoa morta”. E meninas que tocam pessoas mortas não se divertem com cavalinhos de brinquedo. Elas se sentam num canto da sala de aula e fazem desenhos sombrios, sob o olhar preocupado da professora. Essas meninas crescem rápido, adquirem maus hábitos, fazem as amizades erradas, com os colegas que os demais desprezam. Começam a namorar cedo e botam fogo nas coisas. E é claro que os pais delas se divorciam. Desnecessário dizer. Meninas que tocam pessoas mortas não têm tempo para cavalos.

— Não, obrigada.

— Ah, vamos — disse Olsen. — Essas maçãs estão no meu bolso há horas. Quem mais vai comer isso?

Olsen passou o saco por sobre a cerca e o abriu, ao que a baia

imediatamente ergueu as orelhas. A crina e o rabo do animal eram de um preto sedoso, os flancos de um marrom quase vermelho de tão aveludado.

— Não vou escrever o cartão-postal — disse Mallory —, se é isso o que você pretende.

Mas ela levou os dedos ao saco e tirou uma fatia de maçã; morna, escorregadia, manchada de marrom. Estendeu-a por sobre a cerca e o cavalo veio lentamente em sua direção, farejando com seu focinho aveludado.

A égua era enorme, seus ombros ultrapassando a altura de Mallory, os cascos do tamanho de ferros de passar. Nada parecido com os desenhos fofos que ela fazia quando criança. O cavalo real era todo músculos e fremidos. Perigoso, poderoso. O focinho estava morno de muco e saliva, e ele soprava vapor na palma da mão de Mallory ao lamber a maçã e levá-la à boca. Aquilo era nojento, ela pensou.

Mallory deu o restante das fatias de maçã ao animal, uma de cada vez, acariciando-lhe o focinho entre uma dentada e outra.

Olsen colocou um pé na travessa mais baixa da cerca.

— Sabia que no Nível Cinza vocês escolhem uma atividade específica para aprender? Uma delas é tratar de cavalos. Você podia fazer isso, se quisesse.

A égua farejou o saco vazio, então empurrou de leve o queixo de Mallory, com o focinho.

— Por que está me dizendo isso? Você curte cavalos ou algo assim?

— A verdade?

— É.

— Não sei nada de cavalos. Tenho medo. Eu não sabia nem se eles gostavam de maçã.

Um sorriso formou-se nos lábios de Mallory.

— Acho que agora eu preciso escrever aquele cartão-postal.

— Depois que eu trouxe você para ver os cavalos e nem surtei? É, acho que você me deve isso.

— Por que é tão importante que eu escreva para a minha mãe?

— Não é importante para mim. É importante para você. As pessoas da sua vida nunca vão embora, Mallory. Não vão embora quando você foge, nem quando magoam você. Você precisa encontrar uma conexão com elas que funcione. Precisa começar de algum lugar.

Olsen pegou o cartão-postal e os estendeu a Mallory.

A égua farejou para ver se havia mais alguma oferta de comida e então, desapontada, cheirou-lhe os cabelos.

Mallory pegou o cartão-postal, subitamente gostando da ideia de mandar para a mãe algo em que o cavalo tinha babado.

*Querida mãe, eu estou bem. Me desculpe por tentar agredir você,* escreveu.

Assinou e devolveu o cartão a Olsen. Suas mãos tremiam muito pouco.

Olsen enxugou os pingos de chuva do cartão e o guardou no bolso do casaco.

— Então onde estava Race? — A pergunta era tão discreta quanto o ruído da chuva no mato. — Se não estava com você, onde estava?

— Eu já disse, estava apenas falando. Não foi nada.

Olsen amassou o saco plástico e o colocou no bolso junto com o cartão.

— É a quarta coisa a se dominar, Mallory, o último dos princípios do Dr. Hunter. *Confiança.*

— É? E qual é o final da sua história?

Olsen olhou para ela.

— O lance do seu padrasto, a mentira que você contou para a sua mãe. Isso tem alguma coisa a ver comigo, por que você virou conselheira, não tem? Eu te lembro alguma coisa que aconteceu com você.

Os olhos de Olsen eram azuis, mas refletiam o céu que escurecia.

— É melhor você ir dormir agora, menina. Essa vai ser uma noite importante.

— Você não quis dizer que amanhã vai ser um dia importante?

Olsen hesitou, e, por um momento estranho, Mallory acreditou que a conselheira conhecia seus sonhos, sabia como ela algumas vezes acordava suando frio.

— Vá se deitar. A gente se fala em breve.

Aquela noite, depois de comer, Mallory foi autorizada a acender a fogueira.

Ela envolveu um galho com mato seco, tentando protegê-lo do frio chuvillar que caía.

Pensou em Katherine, no que ela estaria fazendo agora se ainda fosse viva. Talvez estivesse ali, na Cold Springs, ajudando jovens da mesma forma que Olsen.

Ela conseguiu fazer com que o mato soltasse fumaça, então algumas brasas se acenderam e logo vieram as chamas.

Mallory quebrou um galho de algarobeira que parecia um osso do desejo. Atirou o pedaço menor no fogo e então observou o contorno avermelhado da outra parte, que agora lembrava uma mula.

*Responsabilização.*

*Competência.*

*Honestidade.*

*Confiança.*

Ohomem que abriu a porta da casa de John Zedman tinha cavanhaque fino, a compleição física de um peso médio e uma tatuagem mexicana de uma águia e uma cobra no antebraço. Ele lembrou Chadwick os primos de Norma de Los Angeles, aqueles que atiravam granadas em viaturas policiais vazias.

— Você deve ser Emilio — disse ele. — Ouvi coisas maravilhosas a seu respeito.

— O senhor não é muito bom em receber advertências, não é mesmo, Sr. Chadwick?

Nenhuma hesitação. Nenhuma dúvida em identificá-lo. Os olhos de Emilio brilhavam como a lente de uma lupa sobre gravetos.

— Esta é a Srta. Jones, minha parceira — disse Chadwick — Queremos falar com John.

— Está armado?

— Nós pegamos aviões o tempo todo. Seria difícil carregar pistolas.

Emilio levou a mão às costas, à altura da cintura, e sacou uma 9 mm.

— Não tenho esse tipo de problema. Entrem.

Chadwick olhou para Kindra.

— Eu disse, você devia ter esperado no carro.

— Depois de ficar sentada por uma hora da última vez? Porra, Chad. Até esse palhaço é mais interessante.

— Estou sendo hospitaleiro — alertou o segurança. — Calem a boca e entrem.

Todos os vestígios de Ann haviam sido apagados da casa. Não havia mais orquídeas nas janelas, assim como a palmeira sob a claraboia. As mesas de centro não estavam atulhadas de artesanato. Nenhum porta-retratos sobre a lareira. Tudo era imaculadamente branco e preto, bem ao estilo de John.

O som tocava Debussy, as paredes eram decoradas com pinturas pós-modernas. O único sinal de que Mallory um dia vivera naquele lugar era o velho manto do jardim de infância sobre a lareira. A moldura de vidro estava rachada, faltava um pedaço triangular à altura do punho de um homem.

Emilio parou Chadwick quando chegaram ao sofá, virou-o de costas e pediu que abrisse o sobretudo. Então olhou para Kindra, que poderia esconder seis ou sete armas na sua calça baggy de flanela.

— Você não vai me revistar, Juan Valdéz — disse ela. — É bom ir se conformando.

Ao que parece, Emilio decidiu que ela não valia a dor de cabeça.

— Podem ir — disse ele. — O Sr. Z. está no terraço dos fundos. Sigam em frente e...

— Eu lembro onde fica — disse Chadwick.

Eles passaram pela cozinha, acompanhados de perto pela segurança, que se posicionava de modo a maximizar o desconforto de Chadwick. A presença daquele homem reavivava instintos de combate que ele não usava havia anos: lembranças do treinamento corpo a corpo em Lackland, a antecipação para um golpe de cassetete desferido em qualquer ângulo, a tentativa de ampliar a visão periférica.

— Você poderia não fungar nas minhas tranças? — pediu Kindra.

John Zedman estava no terraço dos fundos, falando ao celular, com o oceano Pacífico brilhando a seus pés. A brisa cheirava a mar e mata molhada. Ele percebeu a presença dos visitantes e estendeu a mão, como que para agarrar uma bola de beisebol.

— Sim — disse ele ao telefone. — Dividido em vinte lotes de 80 mil metros quadrados. Exato.

Era meio-dia, mas John ainda vestia a calça do pijama e uma camisa de linho aberta sobre uma camiseta regata. Na balaustrada havia uma caneca e um prato com waffles.

O cabelo dele tinha rareado, estava grisalho nas têmporas. Seu rosto tinha um ar abatido, como o de alguém gripado. Ele ganhara um pouco de peso na barriga e seus olhos estavam injetados. No início dos anos 1990, Chadwick imaginava que John envelheceria em melhor forma, que o dinheiro o lubrificaria como a uma máquina. Mas cada um daqueles anos parecia ter sido sugado de John com injeções dolorosas.

Ele encerrou a ligação e apertou alguns botões no telefone, como que fazendo uma conta. Parecia sem pressa alguma de falar com eles.

— Diga ao seu porteiro para guardar o brinquedinho dele.

— Acho que não — disse John. — Emilio tem um ótimo faro para pessoas poucos confiáveis.

— Vinte e sete milhões foram roubados da Laurel Heights, John. Do fundo que você criou.

John colocou o celular sobre a balaustrada e pegou a caneca.

— Você tem muita audácia de vir aqui. Ann rouba a escola e você vem reclamar de mim.

— Pare de brincar comigo.

John apontou para Emilio, que estava imóvel à porta.

— Eu estou de brincadeira, Emilio?

— Não, senhor.

— Viu? Emilio é o homem com menos senso de humor que eu conheço. Ele saberia se eu estivesse de joguinhos.

— Você tem visto Samuel Montrose? — perguntou Chadwick — Digo: tem se encontrado com ele?

A reação de John foi imediata e negativa, como um homem com uma forte alergia alimentar. Seu rosto ficou manchado de vermelho.

— Emilio, você ofereceu um café para o Chadwick? E para a senhorita...?

— Jones — completou ela. — Não. Ele estava muito ocupado exibindo a pistolinha dele.

Chadwick manteve os olhos em John. Era melhor que Kindra tivesse ficado no carro como ele pedira, que Emilio saísse de perto. John pavoneava-se demais quando estava na companhia de outras pessoas. Chadwick nunca teria uma resposta direta daquela forma.

— Há quanto tempo você vem sendo chantageado? — perguntou ele.

— Não. Não vamos ter essa conversa.

— Seu dinheiro pagou a escola de Race Montrose. Você comprou a casa de Talia Montrose. E agora você roubou o dinheiro da campanha da Laurel Heights. Não acredito que tenha feito isso só para voltar com Ann ou para conseguir a guarda de Mallory. Acho que foi obrigado pelo chantagista. O que ele prometeu, John? Que sumiria da sua vida?

— Eu podia perder uns três minutos com você, Chadwick. Infelizmente acho que o seu tempo acabou.

— Vou manter Mallory em segurança. Prometo.

John soltou uma risada amarga.

— Ele é capaz de descrever o dia dela, Chadwick. Sabe o que ela comeu no café da manhã, onde dormiu e cada punição a que você a submeteu.

O piso pareceu oscilar sob os pés de Chadwick.

— Quem disse isso? Quando?

— Você já significou muito para mim. Isso já era. Saia da minha casa, porra.

— Fale comigo, John.

— Me diga uma coisa. Na minha cara. *Você* recebeu alguma carta? Samuel entrou em contato com você?

— Não.

John desviou o olhar.

— Você deveria ter mentido, Chadwick. Deveria ter respondido que sim.

— Eu posso ajudar. Eu entendo...

— Você não entende nada. Você fugiu, Chadwick. Eu fiquei aqui. Tive que limpar as suas merdas como se fossem minhas. Então não venha me dizer que entende, porra. Você não faz a menor ideia.

— John, é da sua filha que estamos falando...

— *Minha* filha, Chadwick. A sua morreu, lembra? A sua morreu, e você não vai ter uma segunda chance com a minha.

O corpo de Chadwick já não lhe pertencia. Seus dedos agarraram a camisa de John, amassando o tecido, erguendo o ex-amigo como que para forçá-lo a ficarem frente a frente.

— Ei, Chad. — A voz de Kindra, uma oitava mais alto do que de costume. — Hã... tem alguém aqui querendo se meter na conversa.

De modo indistinto, Chadwick teve consciência da presença de Emilio, da 9 mm dele a 1 centímetro de sua têmpora. Sob o rugido nos ouvidos, ele ouviu John dizer:

— Abaixei a arma, Emilio.

Ele abaixou a arma.

Chadwick colocou John de volta no chão, soltou sua camisa.

Deu um passo para trás, a raiva sendo drenada dele com a mesma rapidez que o tomara, deixando-o envergonhado e oco.

— Não quero ser seu inimigo, John.

— Você roubou minha mulher, depois minha filha, e não é meu inimigo? Dá o fora, Chadwick

Ele se virou e despejou o café no vento, o líquido se espalhando como uma névoa de algodão marrom ao cair.

Depois que Chadwick saiu, John ficou em frente à balaustrada, olhando para o waffle comido pela metade, para o próprio reflexo no brilho amarelo do prato Fiestaaware.

Ele parecia contaminado por alguma praga.

Pior. Lembrava a si mesmo o pai no último ano de vida, entornando gim no El's Tavern, sofrendo pela esposa que o deixara e pelo filho que agora o temia... até que o fígado finalmente se transformou em argila.

Os homens que não liberam a raiva acabam se roendo por dentro. John sabia disso. Ficam deformados. Eles bebem, ou brigam, ou buscam consolos ainda mais sombrios.

Chadwick parecera maior, perigoso de uma forma que John nunca imaginara.

Ele sempre fora tão reservado. Como alguém podia ser daquela forma o tempo todo? Como conseguia impedir que os sentimentos extravasassem em algum lugar?

— Chefe — disse Emilio.

*Eu não quero ser seu inimigo.*

— O dinheiro — disse ele. — O senhor já enviou os números da conta?

— Não. Ainda não.

— Não envie.

John ergueu os olhos.

— Minha filha. Samuel vai matá-la.

— Samuel Montrose não é o chantagista. É esse cretino do Chadwick. O senhor viu os olhos dele quando ele agarrou o senhor?

Se Emilio não houvesse dito nada, John poderia ter deixado o momento passar; poderia ter deixado a dúvida revolver na sua mente e então evaporar. Mas Emilio também viu.

Como o chantagista poderia ser capaz de descrever tão bem o dia de Mallory na Cold Springs? Por que Chadwick fora poupado das cartas e John não? E o mais importante, quem sabia sobre aquele erro que John cometera, nove anos antes, o trunfo que era a principal arma do chantagista?

Por mais que o pesadelo assombrasse John, ele sempre tinha suspeitado de que o chantagista não podia ser Samuel.

Tinha que ser Chadwick

O suicídio de Katherine tinha feito desengrenar seu plano de roubar Ann. Chadwick ficara sozinho, amargo, extirpado do passado. Naturalmente, ele procuraria alguém além de si mesmo para culpar, alguém para odiar. Devia olhar para John, que ainda tinha a esposa e a filha, e sentir raiva. Se ele não podia ser feliz, John também não seria. A chantagem destruíra o casamento de John. Agora ele estava perto de perder a filha. Aquilo não era obra de Samuel Montrose. Era obra de um amigo amargurado, que acabara de olhar-lhe nos olhos e dizer que queria ajudar.

— Deixa que eu tomo conta disso — disse Emilio. — Vou trazer sua filha de volta. Vou cuidar de Chadwick. É só eu ligar para um compadre meu.

As mãos de John tremiam. Chadwick. Seu mais antigo amigo.

A vida da sua filha.

O gosto na boca era como arsênico. O reflexo no prato amarelo olhava para ele: angustiado, duro, velho. Envelhecendo sozinho. Sem a filha, sem a esposa.

— Do que você precisa? — perguntou ele a Emilio.

E pela primeira vez que John se lembrava, o mexicano sorriu.

O centro de Oakland fumegava com vapor de eucalipto e escapamento de carros e fumaça de óleo de amendoim dos restaurantes chineses. Na Broadway, mulheres orientais passavam pelas bancas de verduras empurrando carrinhos de bebê. O ruído de britadeiras ecoava nos cânions entre os prédios. Engravatados conversavam sob os toldos vermelhos e dourados das bancas de comida chinesa.

Kindra entrou na rua 12 e encontrou uma vaga bacana em uma área de estacionamento proibido, em frente a uma construção cujos tapumes estavam decorados com grafites de César Chávez e Malcolm X.

A avó de Race Montrose morava do outro lado da rua: um edifício de tijolinhos de dez andares que deveria ter sido condenado décadas antes por oferecer risco em caso de terremotos. Ou talvez *tivesse* sido condenado. Metade das janelas estava coberta com tábuas, a outra metade não tinha vidros, como os alvéolos de um favo de mel apodrecido.

— Como é mesmo o nome do garoto?

— Race Montrose.

— E não estamos aqui para buscá-lo.

— É só um garoto com quem eu preciso conversar.

Kindra mascarou seu chiclete, depois balançou a cabeça.

— Certo, já passamos da fase do você-quer-me-contar e entramos na fase do você-realmente-precisa-me-contar. Que diabos está acontecendo, Chadwick?

Ele já esperava por um confronto. Durante todo o trajeto pela ponte San Rafael, Kindra estivera calma demais, dirigindo quase como um ser humano: ambas as mãos no volante, o velocímetro nem um quilômetro acima dos 110 permitidos. Ela não tinha nem topado com os carros que entravam na frente deles.

— Lamento pelo que aconteceu em Marin — disse ele. — Você não precisa entrar dessa vez.

— A ideia não é sermos parceiros?

Atrás das lentes dos óculos tartaruga, os olhos dela estavam tranquilos, quase sonolentos. Publicidade falsa.

— Você tem razão.

Chadwick contou a ela sobre Katherine e Samuel Montrose, Mallory e Race, o assassinato de Talia Montrose. Preencheu os vazios que ela ainda não ouvira da história do sumiço dos milhões de dólares da Laurel Heights, disse que Race tentara alertar Norma antes da fraude.

Kindra pereceu registrar as informações com uma raiva pesada e silenciosa

que o lembrou bastante Asa Hunter.

— Você está me dizendo que alguém que mora aqui — ela ergueu a mão na direção do edifício dilapidado — forçou o seu amigo rico de Marin a roubar 27 milhões da escola chique da ex-esposa? Eu entendi direito?

— Existe uma ligação entre o dinheiro e os Montrose. Race sabe qual é. É só isso o que eu estou dizendo.

— O garoto é negro.

— Sim.

— O Dr. Hunter sabe que você está investigando isso durante o horário de trabalho?

— Sabe.

— Mas acredita que alguma coisa não se encaixa na sua teoria. Ele tem medo de que esse tal de Race acabe preso por assassinato enquanto a sua amiga Mallory Zedman fica livre para voar. E está em dúvida se deve ou não proteger a menina.

— Mais ou menos isso.

Kindra soprou uma bola de chiclete e a mordeu.

— No dia da minha entrevista Hunter me mostrou a garota. Ela foi o exemplo A de como usar uma camisa de força.

— Ele a mostrou para você?

— Ele estava me apresentando às instalações e tal. A sua ex-parceira... a loira alta de cabelo curto... como é mesmo o nome dela?

— Olsen.

— Ela estava lá, acho que tentando iniciar a terapia com a garota. Você precisava ver como Mallory avançou pra cima dela. Aquelas duas têm uma história?

Ele se lembrou de Olsen e Mallory na varanda da sede, uma cusparada brilhando no ombro de Olsen.

— História nenhuma.

Kindra torceu o nariz.

— Se a polícia estiver procurando um assassino da categoria delinquente juvenil, eu não teria a menor dúvida de qual seria a minha escolha.

Um biplano zuniu acima deles, puxando preguiçosamente uma faixa com a propagando de uma cervejaria local. Chadwick pensou no tempo em que conseguia olhar para um avião pequeno e não se perguntar se era algum tipo de ameaça, algum louco pronto a espalhar gás tóxico sobre a cidade. Esse tipo de simplicidade parecia tão distante quanto a vida de Katherine, quanto os dias em que podia ir a Oakland e não ter pensamentos sombrios sobre os Montrose e o papel que desempenharam na morte de sua filha.

— Não estou dizendo que Mallory é uma vítima inocente.

— Mas você está determinado a salvá-la — disse Kindra. — Por causa da

sua filha, não é? E não tem razão alguma para ajudar os Montrose.

— Vou perguntar a verdade para o Race, convencê-lo a falar com a polícia.

— E se ele não fizer isso, tem sempre as algemas de plástico.

Chadwick ficou em silêncio.

— Hunter não permitiu que você entregasse o garoto?

— Não é por isso.

— Você prometeu a Mallory?

— Não.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Não me diga que é porque não acredita na polícia. Se eu ouvir isso da boca de um branco, toda a imagem que faço do mundo vai se decompor.

— Se eu entregasse Race, seria pelos motivos errados.

O biplano seguiu zunindo e fez uma curva sobre o lago Merritt.

Kindra abriu a porta do carro. A raiva enrijecia seus movimentos como uma cota de malha, mas ela o socou na perna como uma espécie de pedido de desculpas.

— Você está começando a me interessar, Chad. Vamos.

A porta de entrada do prédio estava bloqueada por um amontoado de cobertores verdes malcheirosos que bem podia conter um ser humano. Chadwick e Kindra passaram por cima e seguiram pela escadaria escura.

— Como você sabe para aonde estamos indo? — perguntou Kindra.

— Mallory disse quinto andar.

— Se a polícia está assim tão ansiosa para encontrar esse garoto, por que eles não estão de tocaia no prédio?

Chadwick se fazia a mesma pergunta. Apesar de qualquer departamento de polícia sofrer com a falta de pessoal, ainda mais em se tratando de delinquência juvenil, ele esperava encontrar algum tipo de vigilância na rua. Talvez tivessem chegado tarde demais. Talvez o sargento Damarodas já tivesse encontrado o rapaz.

De qualquer uma das janelas quebradas do quinto andar se tinha uma vista de um milhão de dólares: a luz da tarde sobre a água, a pátina das montanhas delineando o horizonte, o vento embalando velas brancas na baía. Dentro, a visão era a de uma masmorra do século XXI, com papel de parede descascado e tijolos caindo aos pedaços, pequenos trechos de carpete puído e mofado deixando aparecer o piso de concreto.

Eles seguiram até a única porta visível, de compensado ordinário. Uma música da Motown vazava pela fresta de baixo.

Chadwick bateu na porta. Depois bateu de novo, dessa vez mais alto.

Uma senhora negra de uns 60 anos abriu a porta. Era baixa e gorducha, tinha os olhos luminosos de Race Montrose, sua boca delicada. Seus cabelos cacheados cor de cobre penteados com gel a faziam parecer uma hidra, já que

havia pedaços de papel alumínio presos nas pontas dos cachos. Vestida como estava num conjunto de moletom cor-de-rosa, ela parecia ter acabado de sair correndo de um salão de beleza que estivesse pegando fogo.

— Sra. Ella Montrose? — perguntou Chadwick.

— Você é o homem — disse ela.

— Como?

— O homem do porrete. Porrete grande.

Ela mostrou o tamanho imaginário com as mãos e o olhou como se estivesse fazendo a acusação mais razoável do mundo.

Então ele sentiu o cheiro — o cheiro de rum que despedia da velha, denso como a atmosfera em volta de um posto de gasolina.

— Meu nome é Chadwick. Esta é a Srta. Jones. Estamos procurando por Race.

A velha sacudiu um dedo rechonchudo na direção de Kindra.

— E você é aquela mocinha. O que é que você tem na cabeça pra trazer um bicho desse tamanho pra casa das pessoas? Eu já não falei contigo?

Kindra apontou para Chadwick.

— Esse bicho aqui? Pois é, senhora... ele está quase domesticado. A senhora sabe onde Race está?

Ella Montrose ergueu as mãos em frente ao rosto e as empurrou para a frente.

— Não, não. NADA DE VENDER BAGULHO na minha casa. Eu sou CRENTE!

Ela começou a fechar a porta, mas Chadwick segurou a madeira com a mão espalhada.

— Sra. Montrose, Race está com problemas. Precisamos falar com ele.

O olhar assassino dela o fez lembrar-se de Samuel, naquela noite nove anos antes no centro de detenção juvenil de Oakland. Mas os circuitos que um dia haviam ligado o cérebro e o rosto de Ella estavam queimados havia muito. Em Ella Montrose, uma careta era tão ameaçadora quanto os olhos na asa de uma mariposa.

— Vocês dois não são reais — disse ela. — Eu abro o álbum de fotos e arranco vocês de lá. Que nem a minha Talia.

— Sra. Montrose — insistiu Chadwick —, Race está aqui?

— Eu não vou pra asilo nenhum. Eu não sou maluca.

— É sobre Mallory Zedman.

O nome pareceu provocar uma reverberação nos músculos faciais de Ella Montrose.

— Viu coisa demais quando pequeno, aquele menino. Vocês tratem de ficar longe dele, estão me ouvindo? Podem voltar pro álbum de fotos.

— Ei — disse Kindra. Ela pegou uma nota de 20 do bolso e a estendeu presa

entre dois dedos, falando lenta e claramente como se estivesse se dirigindo a uma criança: — Que tal a senhora dar um pulinho lá embaixo para comprar o almoço, hã?

— Srta. Jones...

A repreensão de Chadwick foi cortada pela voz de um jovem, vinda de algum lugar dentro do apartamento.

— Vó?

Ella Montrose lambeu os lábios.

— Ele mata vocês se eu deixar vocês entrar. Vocês têm que voltar pro álbum, sabe?

— Vá dar uma volta, vovó — sugeriu Kindra gentilmente. — Compre uma garrafa de Bacardi.

— Uma senhora crente — murmurou a Sra. Montrose. — A moça não devia fazer isso... um bicho desse tamanho.

Ella agarrou a nota de 20, empurrou Chadwick para o corredor e seguiu em direção às escadas. Os pedaços de papel alumínio brilhavam quando ela passava em frente às janelas vazias.

Chadwick olhou para Kindra.

— Nada de suborno daqui para a frente. Essa mulher é doente.

— Agora ela é uma doente 20 dólares mais rica. Vamos entrar ou não?

A voz de Kindra era dura e quebradiça, como se a velha a tivesse impressionado mais do que ela gostaria de admitir. Ela segurou a porta para Chadwick

Do outro lado não havia um apartamento, apenas um enorme espaço aberto, um vão com colunas de concreto banhado pela luz de janelas enormes. Uma sala de estar havia sido improvisada em um canto, um quarto em outro, de tal forma que parecia mais uma loja de móveis de terceira categoria do que um lar. Um incenso de jasmim barato queimava em algum lugar. Um aparelho de som tocava “Mustang Sally”. Um lençol manchado estava fixado entre duas colunas; atrás dele, Chadwick via a silhueta esguia de Race Montrose se vestindo.

Race gritou, sem alarme:

— Vó? Tudo bem?

Ele puxou o lençol. Usava a jaqueta camuflada, sem camisa por baixo. Calça jeans preta. Um Nike preto num pé, o outro na mão.

Ele olhou para Kindra e Chadwick. Então soltou o tênis e fugiu.

Quando Chadwick percebeu que Race estava buscando uma arma, uma pistola sobre o parapeito da janela, já era tarde demais. Race a pegou, mas, com uma parede branca de 2 metros de altura vindo em sua direção, o garoto abandonou a intenção de lutar. Ele se lançou em direção à janela, colocou uma perna para fora e apoiou um pé em uma escada de incêndio enferrujada. Chadwick o agarrou pelo braço e Race puxou, colocando todo o peso sobre a

estrutura decrepita.

O metal rangeu e a escada de incêndio começou a se desprender da parede externa do prédio, levando Race consigo. A mão de Chadwick escorregou para o punho do rapaz justo quando os pés dele perderam contato com a estrutura, fazendo-o chocar-se de frente contra a parede externa.

Race Montrose se contorcia sobre o vazio, a uma altura de cinco andares, ainda agarrando a arma com a mão livre.

Ele olhou para o amontoado de lixeiras no beco abaixo, quase do tamanho de travesseiros, depois para Chadwick. Fez uma tentativa estúpida e heroica de apontar a arma contra a cabeça do homem.

— Eu costumo soltar as pessoas quando elas atiram em mim — disse Chadwick — Solte a arma e eu puxo você para dentro.

Race suava, tornando ainda mais difícil segurá-lo pelo punho.

— Eu não sei de nada — disse ele. — Juro por Deus, porra.

Chadwick o segurou com mais força. Kindra estava bem atrás dele, agarrando o seu casaco, como se isso bastasse para evitar que caísse. Ela murmurava palavras de apoio e incentivo:

— Caralho, puta que pariu... doído filho da puta.

— Só queremos conversar com você — disse Chadwick ao rapaz. — Solte a arma.

Ele sentia o próprio punho contra os ossos do punho de Race, a linha de tiro da arma apontada contra sua testa oscilando.

A arma bateu numa lata de lixo lá embaixo, soando como um sino. Chadwick o puxou para dentro.

— Que merda! — exclamou Kindra, e chutou o pé descalço do garoto. — Porra, moleque! Onde você estava com a cabeça? Nasceu burro ou estudou muito para ficar assim, hein?

Race se encolheu contra a parede, empurrando as costas contra os tijolos. Ele era mais magro do que Chadwick lembrava. Pelo casaco aberto, era possível ver o peito ossudo e sem pelos do rapaz. Seus olhos estavam brandos, à beira das lágrimas.

— Eu não sei de nada. — A voz dele era trêmula. — Não falei nada.

— Não vamos machucá-lo — disse Chadwick.

— Ah é. Você veio do Texas pra me ajudar, que nem fez com Mallory.

Chadwick inspecionou com os olhos o lugar onde estavam: um canto ensolarado que fazia as vezes de quarto de Race. Um saco de dormir barato, de algodão, estava aberto sobre o chão de cimento ao lado de um amontoado de CDs, roupas, munição. Três livros de biblioteca encapados com papel celofane, cuidadosamente arrumados numa pilha encostada na parede, repousavam ao lado de um saco de dormir maior, verde, atado com um elástico vermelho. Chadwick olhou para o saco de dormir, se perguntando por que Race não o usava

em vez da peça ordinária de algodão, e então tendo a impressão de já tê-lo visto antes... o tecido verde, o elástico vermelho.

Letras apagadas estavam marcadas ao lado do zíper, AZ. Era o velho saco de dormir de Ann, aquele que ela levava para o retiro dos professores em Stinson Beach, quando admiraram juntos as estrelas.

— Mallory estava dormindo aqui?

Os olhos de Race vasculharam o espaço à sua volta, como se ele não tivesse visto algo que deveria estar por ali.

— Eu estava só... guardando o saco pra ela.

Chadwick se ajoelhou, pegou um dos livros. Havia sido retirado da biblioteca da Laurel Heights: um relato sobre os testes de DNA dos descendentes negros de Thomas Jefferson. Ele próprio o lera há coisa de um mês. O segundo título, de Howard Zinn, tinha uma etiqueta em que se lia *Doado por Ann Zedman*. O terceiro era *Black Athena*.

— Também está guardando esses livros para Mallory?

— Por que a pergunta? Acha o quê, que eu não sei ler?

— A Sra. Zedman me disse que você é um aluno acima da média.

— Tão acima da média que ela me chutou da Laurel Heights.

— Por culpa sua. Você levou uma arma para a escola.

— Levei droga nenhuma.

— Ela simplesmente apareceu no seu armário?

Race esfregou o nariz com o punho.

— Você não vai acreditar em mim mesmo. Olha só, os meus amigos estão vindo pra cá... eles vão abrir um buraco na sua testa assim que olharem na sua cara. Se você vai me matar, é bom andar logo. — Ele desviou o olhar para Kindra. — Por que você trouxe essa aí? Ela é a sua puta pistoleira?

— Olha essa boca, moleque — disse Kindra. — Antes que eu enterre minha bota nela.

Race lançou um olhar ameaçador, mas precisou piscar para conter o choro.

Chadwick pegou uma bala na confusão de roupas e girou-a com a ponta dos dedos.

— Prefere pistolas a facas, Race?

O rapaz abraçou o próprio corpo com ainda mais força.

— A sua mãe foi esfaqueada até a morte — continuou Chadwick — Uma lâmina de cerca de 15 centímetros.

Pela porta da frente, a música ainda invadia o apartamento: Marvin Gaye, ridicamente feliz no enorme vazio do prédio.

— Você acha que fui eu? — perguntou Race. — É isso que você pensa?

— A polícia encontrou sangue de duas pessoas na cena do crime. Do assassino e da vítima. Parentes, de acordo com os testes de DNA.

Race abaixou a cabeça, esfregou a testa nos joelhos.

— Não. Não, não.

— O pai da Mallory diz que vem recebendo cartas, sendo chantageado pelo seu irmão Samuel. Isso é verdade?

O rapaz tremia.

— Ei, rapaz — tentou Kindra, a voz mais suave agora. — Vamos. Responda.

Race disse algo entre os joelhos.

— O quê? — perguntou Chadwick

— Eu disse que sim. Samuel mandou as cartas. Disse que John ia ter o que merecia.

— Ter o que merecia. Pelo quê?

Race o encarou.

— Você sabe pelo quê... a sua filha. Ela aparecia por lá, andava com a ralé e tal. O Samuel não queria começar a gostar dela, mas gostou, mas aí você separou eles dois. Aí ela se matou e a polícia ficou tipo... como se ela estivesse infectada. Envenenada. Como é que você acha que ele se sentiu com isso?

Chadwick sentiu o olhar de Kindra Jones sobre si.

Do outro lado da janela, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, lançando um arco de luz amarela na parede do prédio em frente. Uma britadeira marcava o ritmo. A escada de incêndio sacudia e oscilava a 3 metros da janela.

— Por que os Zedman, então? — perguntou Chadwick — Se o Samuel estava com raiva de mim, por que descontou neles?

— Você foi embora, cara. Não era tão fácil te encontrar. E você não deixou nada pra roubar. Com o John... era diferente. Vocês são todos do mesmo mundo, cara... a Laurel Heights. Toda essa merda. O Samuel odeia todos vocês.

— E ainda assim matriculou você na escola.

O brilho no olhar de Race não era exatamente de raiva, mas de uma lembrança de raiva, como se ele escutasse uma história sussurrada ao telefone.

— Ele dizia que era minha obrigação. Ser melhor do que eles. Crescer. Mas ele odiava o lugar. Depois que me expulsaram, ele mandou um foda-se. Aquele pessoal... eu voltava pra casa chorando. Eles perguntavam qual era o carro da minha mãe. E eu ia dizer o quê? Que a minha mãe andava de ônibus? Que ela dirigia qualquer carro que o namorado dela tivesse? Eles perguntavam por que eu usava o mesmo tênis todo dia. Aí eu olhava pra eles tipo: “Esse é o único que eu tenho.” E eles ficavam me olhando, sabe? Ficavam cochichando o resto do dia. Crescer? Pra ficar igual a eles? Foda-se.

— O que o livro de Zinn fala sobre a Guerra de Secessão?

— Que não teve nada a ver com os princípios de liberdade, Locke, Hume e essas merdas todas. Que foi uma forma de os donos de terra brancos deixarem de pagar as dívidas que tinham com a Inglaterra, e com isso ficarem mais ricos e mais poderosos.

— O que você acha disso?

— Acho que o livro foi escrito por um branco rico. Então a Revolução deve ter dado certo.

Chadwick não conseguiu evitar um sorriso.

— Você deve ter tido algumas discussões interessantes na aula de história. A Sra. Zedman estava certa.

— Sobre o quê?

— Você. Ela acreditava em você. Ainda acredita. Disse que você foi um dos alunos mais inteligentes que já passaram por aquela escola.

Race enterrou o dedo no cimento, traçando letras cursivas invisíveis.

— Você realmente odeia a Laurel Heights?

— Foi o que eu disse, não foi?

— Então por que alertou a Srta. Reyes?

Ele ergueu o dedo, como se o chão subitamente houvesse ficado quente.

— O quê?

— Você apareceu na casa da Srta. Reyes na semana passada, disse a ela para ficar de olho no dinheiro da escola. No dia seguinte o dinheiro desapareceu. Por que você tentou alertá-la?

— É mentira dela.

— Oito anos da sua vida, Race. A Sra. Zedman sempre esteve por perto. Talvez você estivesse com raiva por ela tê-lo expulsado... talvez por isso tenha procurado a Srta. Reyes e não a Sra. Zedman, mas não acredito que você quisesse ver a escola destruída. Quem quer que tenha feito isso, conseguiu sair ileso. Você não deve lealdade alguma a essa pessoa.

— Samuel me protegeu. Ele foi bom...

— Trinta e duas facadas, Race. Sua mãe foi assassinada e ninguém a protegeu. A verdade.

— Sr. Chadwick — disse Kindra. A expressão dela era grave, marcada por uma empatia inflamada pelo rapaz. — Temos aquele outro compromisso, lembra?

Chadwick olhou para o apartamento à sua volta, tentando recuperar sua ideia de que Race era uma pessoa perigosa. Ele precisava acreditar naquilo, quase tanto quanto precisava acreditar que Samuel Montrose era perigoso. Mas viu apenas um jovem que precisava de menos ajuda do que a maioria dos adolescentes com quem trabalhava a cada ano. Cujas circunstâncias talvez fossem mais duras, mas não por culpa de nada que houvesse feito.

Chadwick entendeu o desejo de Ann de ajudá-lo, entendeu por que ela o queria na Laurel Heights. Mas também se perguntou se Ann fizera um favor a Race, se Asa Hunter não estaria certo em dizer que o rapaz é que tinha sido corrompido pela garota, e não vice-versa.

— Sua avó disse que você viu coisas demais na vida — disse Chadwick — O que ela quis dizer?

— A maior parte do tempo minha avó não sabe o que diz.

— Se você quiser conversar, se quiser sair daqui, se quiser qualquer coisa... me ligue.

Ele tirou um cartão de visita do bolso e o manteve estendido até Race pegá-lo.

O rapaz ergueu a cabeça, os olhos vermelhos, mas o olhar de desafio voltava a ganhar força.

— Como é esse lugar, Cold Springs?

— Rígido — disse Chadwick — É preciso passar por níveis, aprender técnicas de sobrevivência na natureza. Aprender uma atividade específica. A maioria dos alunos sai de lá com um diploma de conclusão do ensino médio. Alguns conseguem bolsas em universidades.

— Mallory? No meio do mato? — Race enxugou o nariz com as costas da mão. — Não consigo imaginar. O Texas... achei que fosse tipo um deserto.

— Não naquela região. Matas e montanhas. Tem um rio. É frio e chuvoso essa época do ano.

Race parecia estar imaginando o lugar, transportando a mente para um novo e estranho planeta.

— Guarde o cartão — disse Chadwick — Ligue para mim.

Race olhou de relance para Kindra.

— Tanto faz, cara. E antes que eu me esqueça, vai se foder.

Mas Race os chamou antes que chegassem à porta.

— Ei, Chadwick Você perguntou por que o Samuel não foi atrás de você, certo? Por que não se pergunta o que poderia ser pior do que te deixar do jeito que você já estava? Aí você vai ver se é esperto.

De volta ao carro, em um acordo tácito, Chadwick assumiu a direção. Suas mãos estavam dormentes, a visão concentrada na faixa no centro da pista e nos pés que cruzavam a faixa de pedestres. Ele não olhou para Kindra, não prestou atenção quando ela pegou o celular e conversou aos sussurros com alguém chamado Clarisse, algo sobre o restaurante King Hunan, se lá ainda servia ou não frango ao leite de coco. Alguns quarteirões à frente, depois de ela ter desligado e de já estarem em Berkeley havia algum tempo, ela disse:

— Encoste o carro. Você vai me deixar aqui.

— O quê?

— Encoste.

Ele parou em uma área para carga e descarga na esquina da College com a Ashby. Kindra abriu a porta, botou um pé para fora, virou-se para ele de volta:

— Eu tenho alguns amigos que trabalham na Teach for America. Eles moram bem aqui nessa rua. Vamos sair para jantar... assim você ganha algumas horas sozinho.

— Por quê?

— Porque isso é melhor do que eu te dar um soco — respondeu ela, séria.

— O que você estava pensando?... Confundir a cabeça do garoto daquele jeito?

— Eu não fiz isso.

— Ah, qual é, Chad. “Se precisar de alguma coisa, ligue.” Por favor. A mãe dele morreu. Você viu a avó. O garoto já sofreu demais, ele não precisa da sua falsa solidariedade.

— Eu fui sincero.

— E eu gostava mais de você quando era honesto, quando tinha medo de entregar o rapaze e se sentir bem com isso.

Adiante na rua, o distante campanário branco da UC Berkeley brilhava à luz da tarde. Chadwick desejou poder explicar as coisas a Kindra, mas sabia que não podia. Race Montrose e sua mãe morta rasgavam-lhe a alma, a consciência.

— Race não estava dizendo a verdade — disse Chadwick — Eu tinha que pressioná-lo.

— Você acha... — Ela interrompeu a si mesma, engolindo as palavras.

— O quê?

— Esquece.

— O que você ia dizer?

— Você o pressionou até ele falar do irmão. E conseguiu o que queria: você precisa assumir a culpa pela sua filha. Toda a culpa que conseguir engolir. Você o pressionou e agora acha que ele está mentindo. Talvez você devesse ter pressionado o seu amigo rico tanto quanto pressionou aquele garoto.

— John?

— Você deixou ele em paz, Chad. Ele disse para você ir embora e você foi. Mas não fez a verdadeira pergunta para o garoto: do que diabo trata a chantagem? Eles estão na cola do John há anos, não estão? E acho que você deve ter alguma ideia do que eles têm contra o seu amigo. O cara queria contar, mas não podia fazer isso comigo e aquele mexicano maluco por perto. Se quer saber, acho que você fugiu da escolha difícil, e é um idiota se não voltar lá, tentar falar com ele sozinho. É por isso que eu vou jantar com os meus amigos. Te dar uma chance de fazer a coisa certa, para variar. Agora some daqui. A gente se encontra... sei lá, umas 9. Na estação da Montgomery Street.

Chadwick esperou que seu estômago parasse de se contorcer. Kindra tinha razão, claro. Ele estava começando a entender, e não queria.

— Você conhece bem as estações do metrô?

Ela suspirou.

— Claro.

— A estação mais próxima daqui é a Ashby.

— Eu sei.

Um silêncio tenso caiu entre os dois.

— Olha — disse Kindra —, eu venho de uma família grande. Também tenho irmão menores, sabe? Acho que esse encontro com Race mexeu mais comigo do que eu tinha imaginado, só isso. Não tive intenção de ridicularizar você.

— Tudo bem.

— Você pode vir jantar comigo e os meus amigos — propôs ela, sem qualquer entusiasmo. — Esquece o que eu disse.

— Não, obrigado.

— Está bem. — A voz dela voltou a ficar tensa. — Sem problema. Nove horas.

Ela desceu do carro e bateu a porta.

Chadwick a observou abrir caminho em meio aos pedestres em direção a um restaurante chinês e desaparecer lá dentro. Ele fez um retorno e voltou na direção da Ponte, dizendo a si mesmo que não tinha um destino em mente, mas sabendo exatamente aonde aquele caminho o levaria, quisesse ele ou não.

John Zedman sonhava com um prédio residencial dilapidado, o tipo de propriedade que compraria apenas se tivesse planos de demolição.

No sonho, ele estava em um dos andares mais altos, as paredes internas todas demolidas, as janelas arrancadas permitindo que o vento noturno atravessasse o tecido do seu paletó e do seu suéter. À distância, as luzes nos morros tremeluziam como velas de aniversário.

Ele apontava a pistola 22 contra a testa de Chadwick, seu velho amigo Chadwick que atara suas vidas como galeões em chamas, dormira com sua esposa, destruíra sua família.

Chadwick estava ajoelhado à sua frente, de olhos baixos, à espera da decisão de John.

O dedo de John contraiu-se por vontade própria, como corda molhada retraindo por secar ao sol.

Quando acordou, sua mão doía de tanto apertar a arma, mas não era uma arma. Ele segurava um anuário da Laurel Heights. Tinha caído no sono olhando as fotografias do ano em que Mallory estava no jardim de infância, o único ano em que todos estiveram juntos: Mallory, Katherine, Ann, Chadwick. Todos vivos e bem, na mesma escola. 1993. Instantâneos do fim dos tempos.

John se lembrou de pensar, em 1993: *Podemos tomar conta disso.*

Lembrou-se da confiança, da euforia de surfar uma onda de sucesso financeiro, de sentir-se tão invulnerável quanto um deus ou um garoto de 16 anos que acabou de tirar carteira de motorista. Mas as lembranças eram frias e vazias. Aquele era outro homem, alguém que tinha secado e morrido na mesma noite que Katherine Chadwick.

Mesmo nas últimas horas do leilão, pagando uma bebida para Chadwick, brincando de luta no pátio, John tivera uma sensação de mau agouro. Ele soube, naquele momento, que sua vida chegaria àquele ponto: a família desintegrada, as amizades destruídas, substituídas por assalariados.

Mallory era tudo com que se importava, mas nos últimos nove anos ele tivera outra filha para criar — a culpa crescendo no peito, um fardo tão pesado que às vezes se transformava em ódio, levando-o a beber e a destruir porta-retratos e a afastar as únicas pessoas que importavam. Ele batera na esposa. Ameaçara a filha. Fizera coisas muito piores.

Ele queria explicar a Chadwick que não odiava Race Montrose. Pagara de bom grado pelos estudos do rapaz; sentira-se quase aliviado quando recebera a primeira carta da chantagem, anos antes.

Ele era pai, droga. Entendia que a culpa não era do menino. Não sentira rancor por Race, pelo menos não a princípio.

Mesmo quando Mallory e Race fugiram do controle, quando Race Montrose arruinou sua filha, ensinou-a a injetar, a chamar os pais de palavras obscenas, a abrir janelas à noite para fugir, John tentara salvá-la de forma pacífica. Oferecera dinheiro a Talia Montrose, em lugar de tirar a coleira de Emilio. Ele tinha certeza, então, de que as cartas vinham de Talia. Não podia explicar por quê, da mesma forma que não podia explicar quando sabia que um cliente fecharia uma compra, mas sentia a ira de uma mãe naquelas cartas. Por isso precisava encontrá-la frente a frente, tratá-la como um ser humano. E o plano tinha dado errado. Ele cometera um erro de julgamento fatal.

John engoliu o gosto amargo na boca, olhou para a sala de estar ao amanhecer até perceber com perplexidade nauseante que era o entardecer. Caíra no sono depois de tomar um Valium e meia garrafa de vinho — o mesmo maldito Chardonnay que pretendia dividir com Norma Reyes — e, mesmo depois disso, não conseguira atravessar a noite. Tinha só tirado um cochilo. Um maldito cochilo, como um velho.

Ele se sentou. Alguém martelava um prego em sua têmpora esquerda.

Sobre a mesa, havia um isqueiro prateado e uma caixa de lenços de papel dentro de um cinzeiro de barro: a única peça que Ann tinha esquecido de levar quando fora embora. Ou talvez a tivesse deixado de propósito. *Fique com o cinzeiro, John. Resolva o que fazer com ele.*

John não fumava, não conhecia ninguém que fumasse, mas mantinha o cinzeiro na mesa de centro. Ele pegou o isqueiro, arrancou um lenço de papel da embalagem.

Acendeu. Colocou a ponta do lenço sobre a chama e o lançou ao ar. O retângulo de papel irrompeu num emaranhado cor de laranja e sumiu, as cinzas tão pequenas que poderiam ser fragmentos de poesia.

As crianças adoravam aquele truque. As mulheres também; sorriam ao mesmo tempo que o repreendiam: *Você está dando más ideias a elas.* O problema é que o lenço se desfazia rápido demais. Menos de um segundo e o show estava acabado.

Ele jogou o isqueiro de volta no cinzeiro e foi até o terraço. As ondas quebrando lá embaixo eram frias e ritmadas. O vento estava ficando mais forte. Aquele havia sido um dia quente, mas isso estava mudando. O inverno começava a se fazer lembrar.

Ele quase chamou Emilio para que lhe pegasse um casaco, então lembrou que o segurança havia partido numa missão.

A coisa em seu estômago, o fardo de culpa do tamanho de uma criança, começou a se mexer, a chutar com seus pezinhos. Mesmo que Chadwick o estivesse punindo, mesmo que o pior fosse verdade, como poderia censurá-lo?

John merecia tudo de ruim que lhe impusessem. Por que tinha permitido que Emilio entrasse em ação?

A segurança da filha, ele lembrou a si mesmo. Isso tornava Emilio necessário. Precisava proteger a filha.

Já havia até mesmo planejado a fuga.

Ele manteria o dinheiro na conta das Ilhas Seychelles. Emilio resgataria Mallory, a traria de volta. Desta vez, ele não esperaria que os tribunais lhe permitissem ficar com a filha. Ele a pegaria à força.

Pais sequestram as filhas o tempo todo. Ele lia nos jornais. E a maioria desses pais não tinha os recursos que ele tinha.

Por que não tinha feito isso anos antes? Covardia. A necessidade de provar a si mesmo em sua cidade natal, vencer Ann, mostrar que não era o tipo de homem que desiste de nada. Mas que se fodesse tudo isso. Ele e Mallory recomeçariam em outro lugar, simples assim. Criariam um novo lar, uma nova vida. Se Chadwick podia fugir do passado, ele também podia.

John tentou saborear o sucesso iminente do plano, da forma como teria feito anos antes, mas agora estava atormentado por dúvidas. O FBI já entrara em contato, um agente especial chamado Laramie que queria falar com ele no dia seguinte sobre o fundo da Laurel Heights. Apenas rotina, garantiram-lhe seus amigos no Departamento do Xerife do condado. Mas o Departamento do Xerife não seria capaz de protegê-lo daquilo. Ele precisaria manter a calma. Precisaria agir como um ator, como o homem que transformara quarteirões de imóveis sem valor algum em bilhões de dólares, deixando nos compradores a certeza de que tinham descoberto a mais nova região de renascimento comercial. Nada de deslizos. Nada de fraqueza. Só precisaria enfrentar mais alguns dias sozinho, até que Emilio voltasse com Mallory e com a notícia de que um velho amigo seu tinha falecido.

Ele ouviu o ruído distante de pneus sobre o cascalho do acesso de veículos da casa e teve um lampejo de esperança de que fosse Emilio. Mas era impossível. Emilio ainda estava a caminho do Texas.

Então uma sensação mais morna o dominou — Chadwick voltara para se desculpar. É claro que sim. John notara a fragilidade na voz dele quando conversaram. Chadwick não permitiria que as coisas ficassem como estavam. Ele agora entendia o quanto John estava sofrendo — o que ele o obrigara a fazer. Ele voltaria, e então fariam as pazes. John diria: “Que bom que você veio. Eu estava prestes a mandar matá-lo.” E Chadwick, o bom e velho Chadwick, que sempre precisava ser guiado por John, passaria o resto da vida se perguntando se aquilo tinha sido uma brincadeira.

A campanha soou.

John foi atender a porta, um sorriso de esperança se formando em seu rosto pela primeira vez em semanas.

As begônias em frente à casa estavam morrendo havia muito tempo — a camada de folhas e flores secas era tamanha que a nova florada cor-de-rosa mais parecia insetos saindo das cascas.

Em outras circunstâncias, Samuel não teria percebido, mas vinha pensando em Katherine por toda aquela semana. Aquelas begônias eram o tipo de coisa que a açulava.

Ele se ajoelhou, pegou algumas folhas murchas, rasgou as teias de aranha entre o canteiro e a parede. Katherine sussurrou na cabeça dele, falava como na última vez que visitara a casa em West Oakland — sobre ipomeias mortas e palmeiras congelando e como queria fugir para um jardim em algum lugar e nunca mais voltar.

Será que ele estava enlouquecendo?

Da forma como ele via a situação, quando alguém importante morre — não importa se você a amava ou a assassinou —, é bom que se tire alguma coisa dela. É bom que se coma um pequeno pedaço de sua alma. Caso contrário ela terá simplesmente partido — sem ser capaz de ajudá-lo, sem mudar os próprios erros. Pensar nisso deixou Samuel inquieto. Sua mente passou a balançar na corda bamba, a rede de segurança abaixo se desfazendo na escuridão.

Ele ergueu os olhos para a porta da casa de John Zedman e voltou a sentir seu ódio crescer.

A semana não havia sido fácil. Primeiro a ligação de John, tentando escapar do acordo. Então Race o traíra, falando com aquela piranha da Norma Reyes. Samuel não gostava que as pessoas fugissem dele, tentassem se desvencilhar do seu controle. Se o fizessem muitas vezes, como Talia, isso o forçava a dar um jeito definitivo nelas.

Ele tocou a campainha, ouviu o som reverberar pela casa como um longo tinido de diapasão.

O sedã azul que ele alugara estava no acesso de carros da casa — inconspícuo, ótimo porta-malas, estacionado de ré o mais próximo possível da casa, de forma que ele pudesse sair rápido e fácil. Aquilo lhe custara uma fortuna — alugar o carro por duas semanas, deixá-lo num estacionamento perto de casa —, mas Samuel não sabia quando precisaria dele, apenas que o momento certo aconteceria sem sobreaviso. Aquela noite, o investimento seria recompensado.

Ele ouviu alguém vir atender à porta, viu uma sombra no vidro.

Tirou o DVD do bolso esquerdo do casaco, para o caso de ser recebido por John. A outra mão ficou no bolso, segurando a coronha da pistola, para o caso de ser recebido por Emilio.

John Zedman abriu a porta. O sorriso cheio de expectativa, do tipo eu-estava-esperando-minha-amante, se desfez num átimo.

— E aí — disse Samuel.

— O que está fazendo aqui?

John tinha bebido. Garoto mau. Seus olhos estavam injetados, o nariz cortado por uma teia de capilares. Pela forma como bloqueava a entrada — nervoso e pálido, olhando para a rua como que à espera da cavalaria —, Samuel soube que Emilio não estava na casa. Talvez John o houvesse mandado dar uma volta, para poder ficar um tempo sozinho e pensar. Ou melhor ainda — talvez John esperasse que Chadwick voltasse à sua casa.

— Tenho uma proposta de assinatura imperdível — disse Samuel. — Me convide para entrar.

— Por que diabos eu faria isso?

Ele ergueu o disco.

— É sobre Chadwick

Os olhos de John se voltaram para o DVD: sem entender do que se tratava, mas faminto por saber, como Katherine na noite da sua última visita.

Ele deu um passo para trás, deixando-o entrar.

Havia um leve cheiro de queimado na sala — as janelas dos fundos estavam abertas para o entardecer, o oceano da cor de cerveja.

— E então? — perguntou John, impaciente.

— Me fale sobre o dinheiro.

John olhou de relance para o DVD. Esfregou os dedos na parte de trás da camisa.

— Dinheiro? Eu não sei...

— ... do que eu estou falando? Não foi o que você disse quando me ligou na sexta-feira, John. Nem de longe.

A dúvida lentamente tomou conta do rosto de John, como uma injeção de novocaína entrando em ação. Samuel sabia o que ele estava pensando: *Essa não pode ser a pessoa que eu venho temendo.*

Samuel esperava por aquilo. Estava acostumado a ser subestimado.

— Chadwick mandou você — disse John. — É isso?

— Desculpe, John. Esse é um trabalho individual. E você nem entende por que, não é mesmo?

John lhe pareceu velho e curvado naquele figurino de camiseta regata amassada e calça de pijama folgada, como se faltasse apenas o andador.

— Vou providenciar seu enterro — disse ele. — Vou chamar a polícia e...

— E dizer o quê, John? Que você roubou 27 milhões? Vai contar como a gente se conhece?

John fechou os punhos, seu rosto ficou da cor das begônias moribundas.

— Você não pode ter feito isso sem ajuda. Você não tinha como saber.

— Sabe, John, você é bem idiota para um puta de um milionário.

John avançou contra ele, mas Samuel também esperava por aquilo. A arma já estava fora do bolso.

Ele bateu com a arma na face direita de John, atirando-o contra a lateral da lareira.

O homem lutou para se levantar, mas Samuel o atingiu na boca com a coronha da arma, mandando-o de volta ao tapete.

*Merda, disse ele a si mesmo. Vai com calma. Aqui não.*

John agitava os pés de forma lenta e desordenada, tentando se levantar. Seu lábio superior estava cortado e uma estalactite de sangue lhe escorria pelo queixo, gotejando sobre os tijolos brancos da lareira.

Samuel olhou para as gotas de sangue, mas não pensava em John Zedman. Lembrava-se da casa de Talia em uma noite fria com os irmãos pequenos gritando e pulando no quarto, a música de Talia vindo da cozinha junto com os sons de uma discussão com Ali. E Katherine chegando à porta chorando, os lábios frios ao beijar-lhe o rosto, dizendo: “Essa tem que ser a última vez. Por favor. A última vez, eu prometo. Eles encontraram minha parada.”

Ela disse por que estava chorando, por que o pai havia ido para o Texas, por que ela queria morrer... e Samuel tentou ocultar o ódio. Ódio não apenas de Chadwick, mas também de Katherine. Ela o estava deixando, depois de tudo o que tinha acontecido. Então ele lhe deu o que ela pedira; mas algo especial, a branca colombiana pura, e disse, “Esse lote está um pouco fraco”.

De pé na varanda, se despedindo, ele olhou para o pequeno Toyota azul, amassado e fumegando como uma bomba de cano, e viu o rosto da garotinha na janela, apenas de relance, a garotinha da idade de Race. Pensou, *Elas conseguem ir embora. Atravessam a ponte e deixam a gente pra trás como os bichos de zoológico.*

Samuel, Race e o restante da família, desprotegidos, com Ali tratando a mãe deles como um corte de carne a ser amaciado, arrancando o trabalho do pai dele das paredes, depois indo até a irmãzinha de Samuel à noite, da mesma forma como Elbridge costumava fazer. Mas, desta vez, quem pegaria a arma na caixa de ferramentas de Johnny Jay? Samuel precisava fazê-lo. Se ele não o fizesse, quem faria?

Então ele ficou olhando Katherine e a garotinha irem embora no velho Toyota azul e pensou, *Não. Você não vai me deixar pra trás. Eu nunca vou deixar você ir.*

John Zedman tinha conseguido ficar de joelhos. Ele se apoiou na lareira, a boca ferida inchando, os lábios vermelhos e molhados como os de uma prostituta.

— To sangrando. Você me bateu.

— Levante — disse Samuel.

— Não vai conseguir... o dinheiro.

Samuel pegou a caixa de lenços de papel sobre a mesa e a atirou para John.

— Coloque isso na boca. E levanta logo de uma vez, porra.

Zedman pressionou um punhado de lenços contra a boca. Samuel observou

o papel absorver o sangue, sabendo que deveria seguir adiante, que o tempo não estava do seu lado, mas a voz de Katherine ainda estava na sua cabeça, falando sobre flores que voltam depois que se tenta matá-las, intercedendo por John, dizendo que ele já tinha pagado o que devia. Samuel deveria pegar os números das contas e ir embora. Poderiam estar a bordo de um avião naquela noite, ele e Race. No dia seguinte poderiam admirar o nascer do sol em Puerto Vallarta. Por que acrescentar mais vozes na sua cabeça?

Ele olhou para um dos quadros de John, o vidro adquirindo um tom dourado sob a luz do entardecer, mas o reflexo que viu não era do seu rosto. Era Talia — assustada, hesitante, sempre pronta a sumir na escuridão como uma barata. Samuel ergueu a pistola, atirou contra o reflexo.

Quando o zumbido nos seus ouvidos cessou, ele disse em voz baixa:

— Vá para o banheiro, John. Tem um no andar de cima, não tem?

John ainda piscava rápido, assustado com o tiro. Tinha o olhar de um aluno do Nível Preto no momento em que o instrutor aparece com a camisa de força pela primeira vez.

— O que você vai fazer? — perguntou ele. — O disco... você disse que era sobre Chadwick

Samuel esquecera completamente o DVD. Agora o ergueu, tentando não sorrir com sua própria piada particular.

— Quer ver um filme, John? Suba as escadas... tenho certeza de que você tem um aparelho de DVD no quarto, não tem?

Ele agitou o cano da arma na direção das escadas.

John se levantou vacilante, o lenço evitando que o sangue escorresse demais — uma trilha impreciso o seguiu pela sala de estar, subiu pelo tapete da escada. O tempo todo, Samuel pensava que aquilo não estava tão limpo quanto ele planejara; ele não teria tempo para limpar toda aquela merda.

*Deixe-o ir*, sussurrou Katherine. *Apenas pegue os números e vá embora.*

No topo da escada, John hesitou.

— Não faça isso — disse Samuel.

— O quê?

— O que você tinha em mente. A não ser que queira tomar um tiro nas costas.

John hesitou, então virou à esquerda, em direção à porta do quarto.

Não era o estilo de Samuel. Pé-direito alto e nenhuma janela. Quadros demais nas paredes, espelhos demais. Mas uma boa televisão — e, como ele bem dissera, um aparelho de DVD. Pela porta aberta do banheiro ele viu uma grande banheira quadrada, azulejos marrons.

— Mallory — disse John. — Me diga que ela está bem.

Samuel foi até a televisão, colocou o disco no aparelho de DVD. Quando o filme apareceu na tela, o rosto de John ficou sonolento de perplexidade. Ele

começou a entender, gradualmente. Samuel via isso nos seus olhos.

— Por favor — disse John.

— Vou dizer como são as coisas na Cold Springs — disse Samuel. — Tudo naquele lugar se resume a obediência. Você conquista privilégios ao fazer exatamente o que mandam você fazer. Está me entendendo, John?

— Os números da conta estão no meu computador, posso mostrá-los a você.

— Ah, sim, mas você sabe... eu sou idiota demais para estar nisso sozinho, certo? Eu não teria tido a ideia.

Os olhos de John estavam úmidos com a derrota e a vergonha. Ele estava pronto para a mordada, para a solitária, para qualquer que fosse a punição decidida pelo instrutor.

— Basta um telefonema — falou, ávido. — Os números da conta, eu posso mostrá-los para você. A senha do computador... é Ferryboat\*, com um asterisco. F maiúsculo.

— Entre no banheiro.

John hesitou e Samuel investiu contra ele, forçando-o para trás, passo a passo, até que o homem estivesse em frente ao vaso sanitário.

— Use o vaso — ordenou Samuel.

John olhou para baixo, depois de volta para Samuel.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Eu... eu não consigo.

Samuel pressionou a arma contra o ombro dele.

— Você já está sujando a casa toda de sangue, John. Não quero precisar limpar ainda mais sujeira, está me entendendo?

John urinou — e longamente. Samuel achou engraçada a coisa pequenina e enrugada que ele tinha. Afinal... Porra, toda aquela arrogância, toda aquela empáfia... Fazia sentido quando o sujeito abaixava as calças.

— Você faz isso muito bem, parece até que tem praticado — disse Samuel. — Agora entre na banheira.

— Você nunca vai ver a cor do dinheiro se me matar.

— E por quê, John? Você não me contou toda a verdade sobre os códigos? Isso é cooperação?

John olhou para o torvelinho de água no vaso.

— Ouvi dizer que você gosta de bater em mulheres, John. Quer que eu bata em você outra vez, para lembrar como é? Entre na banheira, seu veadinho.

Ele o empurrou para trás, viu-o cambalear para dentro da banheira.

— De joelhos — disse Samuel. — Eu gosto disso.

Samuel fechou a cortina o máximo possível, fazendo anotações mentais sobre os azulejos, sobre a direção em que iriam os espirros de sangue.

— Não faça isso — disse John.

Samuel ligou o chuveiro, observou como a água batia no rosto perplexo de John, lavando o sangue até um torvelinho cor-de-rosa... como no banheiro de Talia, o sangue de Talia, só que John ainda estava vivo, ainda ouvia.

— A vida da sua filha, John. Ainda não decidi se você vai ter esse privilégio. Você acha que cooperou?

Os lábios do homem se moviam, emitiam sons, mas nada inteligível. Por um momento, Samuel temeu que John houvesse desmoronado completamente.

Então ele disse:

— Emílio. Eu disse a ele... eu pensei... ele vai atrás de Chadwick

Samuel olhou para ele. Então entendeu, e começou a rir. Preencheu o banheiro com a sua risada, precisou sentar-se no vaso, era engraçado demais. Então olhou para baixo e viu que o pobre John não compartilhava da piada.

— É, eu entendi — disse Samuel. — E?

— A culpa não foi de Chadwick. Foi minha. Por favor, o impeça. Não deixe que Emílio...

— Nobre, John. O que é preciso para que você faça um inimigo e mantenha as coisas assim? O cara come sua mulher, rouba sua filha... faz tudo isso contra você, e você quer salvar a vida dele agora, depois de mandar seu mexicano matá-lo? Cara. O dinheiro deixa a gente doido, John. Acho que deixa é isso.

No quarto, o DVD ainda tocava: sons felizes, música de um conto de fadas.

— O verdadeiro número da conta — prometeu John. — A senha. A certa.

A boca ainda sangrava, irregular e cor-de-rosa como se ele tivesse se ferido com um anzol.

John lhe disse a senha, o número da conta, o nome do banco. Disse qual era o montante exato, o nome do funcionário autorizado a fazer a transferência. E Samuel soube que daquela vez ele não estava mentindo. Ele estava domado. Pronto para o nível seguinte de treinamento — maleável como a fraca da maldita filha dele.

— Você não vai conseguir lembrar — balbuciou Zedman. — Me deixe sair daqui. Eu anoto tudo. A gente desce e...

— Ah, eu vou lembrar — garantiu Samuel. — Eu sou um gênio, sabe? Todo mundo diz isso.

Então ele foi a até a banheira, ajoelhou-se na beirada, pressionou o cano da arma contra o coração de John — imaginando o desenho abstrato que se formaria, como asas vermelhas nos azulejos às costas do homem, imaginando os apelos de Katherine, a música de conto de fadas ao redor de tudo, evocando imagens impossíveis de Talia viva, de Samuel à frente de tudo — realizando seus sonhos, terminando a faculdade, ensinando crianças, protegendo a família de uma vez por todas.

John Zedman fechou os olhos. Seus lábios tremiam com tal violência que era difícil dizer se estava apenas com medo ou se seu corpo participava de uma

prece terrível, desesperada.

Samuel foi tomado por benevolência. O bom e velho John. Finalmente pagando sua dívida.

— Estou pensando em deixá-lo vivo, John. O que acha? Você me daria algo em troca?

E lá estavam eles, ajoelhados juntos, em um momento de infinitas possibilidades, o chuveiro molhando a manga da camisa de Samuel e escorrendo pelos cabelos ralos de John, o coração de John tão acelerado que Samuel quase conseguia senti-lo no punho da arma.

Chadwick disse a si mesmo que não tinha um destino em mente, mas não era verdade. Ele voltou a uma rota tão antiga quanto a sua vida adulta: descer a 101, entrar na Army Street, seguir pela Van Ness até a 24.

Ele sabia que não deveria ir ao bairro Mission. Não deveria entregar-se ao passado. Mas ver John, e então visitar a East Bay, o colocara no espírito de examinar velhas feridas.

Algumas casas da San Angelo Street estavam exatamente da forma como ele se lembrava: fachadas sujas, janelas cobertas com lençóis, varandas decoradas com calotas e pôsteres bilíngues de candidatos às eleições municipais, grafite em espanhol. Outras casas haviam sido reformadas por invasores das empresas pontocom, pintadas de cores elegantes como lilás, bordô e azul-claro, com jardins bem-cuidados e protegidas por sistemas de segurança de último tipo. Sem carros estacionados em frente — ficavam guardados em algum lugar próximo, a salvo dos arranhões e dos vidros quebrados por vizinhos da classe operária, irritados com a explosão dos preços dos financiamentos imobiliários na região.

Chadwick estacionou em frente à sua antiga casa, que ninguém tomaria por elegante. O piso térreo, que no passado era a relojoaria do pai, estava isolado com tapumes, símbolos de anarquia e nomes de gangues pichados nos tijolos, na madeira e nas janelas. Os degraus que levavam ao segundo piso estavam cobertos de embalagens de comida para viagem. Uma garrafa de cerveja estava enfiada na caixa do correio.

Chadwick colocou a chave na fechadura, quase desejando que não entrasse, mas é claro que entrou.

A porta verde abriu para a escadaria interna, o ar escuro e rançoso como o hábito de uma pessoa que acaba de acordar.

Chadwick tentou o interruptor. A eletricidade ainda estava ligada, uma exigência da prefeitura. A administradora não devia estar trocando as lâmpadas.

Ele subiu até a sala de estar, correu os dedos pelos lambris de madeira escura, olhou para a lareira de carvão que não funcionava desde a sua infância. Sobre o consolo da lareira, ilhas de poeira mais clara marcavam os lugares ocupados por relógios, anos antes.

A luz fina do entardecer era filtrada pelos galhos da enorme buganvília do quintal, formando rastros amarelados no piso da cozinha. Chadwick sempre amara aquela buganvília — a neve de pétalas cor-de-rosa que cobria o quintal toda primavera. Ele abriu a janela, olhou para o varal solitário, para o mato que

crescia onde no passado ficava seu jardim, o barracão de ferramentas, a cerca quebrada que dava para os fundos das lojas da Mission Street, seus telhados banhados de prata e as chaminés que exalavam os aromas de *cabrito* e hambúrguer.

Lembrou-se de Norma ao fogão, praguejando com o pão de passas que tinha queimado. Uma das poucas lembranças dela que não evocava dor.

Um micro system repousava sobre a bancada da cozinha; dentro dele, um CD de Brahms que Chadwick ouvira na última visita à casa, talvez três anos antes. Ele passara ali entre uma escolta e outra, supostamente para vistoriar o imóvel com o intuito de finalmente vendê-lo, de dar a Norma a metade exigida pelo acordo de divórcio. O funcionário da administradora tinha implorado que o fizesse. Tentara impressioná-lo com os dados promissores do mercado, garantindo que conseguiria fácil 1 milhão pela antiga casa. Mas, no fim das contas, Chadwick não decidira nada.

Ele nunca conseguiria voltar a morar ali. Mas não suportaria vender a casa, nem mesmo alugá-la. E certamente não suportaria dar a Norma a metade do que conseguisse com a venda. Ela sempre odiara aquele lugar, culpava a casa por sua infelicidade, recriava-o por tentar criar Katherine ali. A última discussão deles como um casal, apenas um mês após o suicídio de Katherine, fora sobre esse mesmo assunto.

E assim o lugar permanecia hereticamente indisponível ao mercado imobiliário. Em vez de render uma montanha de dinheiro, os impostos e as taxas da casa sugavam boa parte do modesto salário que ele recebia. Aquele era seu único luxo — seu único capricho.

Ele ligou o aparelho de som, deixou que tocasse Brahms.

Então foi até o quarto da frente: o quarto de sua infância, e que depois seria o de Katherine. O cômodo estava vazio agora, o único móvel sendo a cadeira na qual Chadwick se sentava para contar histórias à filha. Um casaco feminino vermelho, provavelmente de Norma, estava sobre o encosto. Havia quanto tempo estaria ali?

Ele se lembrou da cama de Katherine no canto, dos lençóis brancos engomados, da cabeceira que ele pintara — estrelinhas cor-de-rosa, uma vaca saltando sobre uma lua sorridente.

Lembrou-se das marcas deixadas nos lençóis pelo corpo pequeno de Katherine, da colher de heroína queimada no chão, das luzes dos carros de polícia pulsando nas janelas. Uma policial se ajoelhando ao lado da cadeira de couro preto na sala, segurando a mão de Mallory, que chupava a correntinha de prata e chorava se alguém tentava tirá-la dela.

Chadwick se sentou pesadamente na cadeira de madeira, no centro do quarto vazio, cercado por suas lembranças.

“Quarteto para piano no 3.”

Chadwick fechou os olhos. Ele pensou no número três, tentou voltar nos anos, imaginando a si mesmo em 1903, depois em 1803, tentando pensar em acontecimentos importantes naqueles anos.

Quando estava no ensino médio, ele costumava se sentar em frente àquela janela e assistir aos garotos mais novos jogando basquete do outro lado da rua. Mesmo então, sabia que queria ser professor. Sabia que algum dia ele e Ann ensinariam juntos. Ele se alistou na Força Aérea pelo dinheiro que conseguiria para estudar, pura e simplesmente, sabendo que os pais não poderiam arcar com a faculdade, mesmo que quisessem. E mais tarde, depois da dispensa, com Norma insistindo para que cursasse administração, ele se matriculou em história, porque era o oposto de tudo o que o pai representava; seu pai, que passara a vida lubrificando cronômetros, fazendo o tempo avançar o mais suave e perfeitamente possível, sem emoção, sem intervalos, sem surpresa. Nada nunca voltava atrás, isso com certeza.

Ao pensar no pai, Chadwick instintivamente consultou o relógio. Eram 19 horas. Nove, no Texas. Mallory Zedman estaria se preparando para dormir. Hunter estaria em seu escritório, cuidando da papelada. Olsen... onde ela estaria? Em seu quarto no alojamento dos funcionários, ou em algum bar em Fredericksburg... a grande noite livre de uma conselheira da Cold Springs.

Incomodava-o o que John lhe dissera sobre o chantagista, de que ele podia descrever o dia de Mallory.

Chadwick tentara desconsiderar o comentário a princípio. Ninguém entrava nas instalações da Cold Springs sem autorização de Hunter. A segurança era rígida. E mesmo que John estivesse dizendo a verdade, que o chantagista tivesse mesmo dito algo, poderia ser um blefe: não era raro que internatos militares do tipo fossem tema de reportagens na TV. Ora, boa parte desse publicidade fora gerada pelo próprio Hunter.

Mas Chadwick não conseguia deixar de pensar nas palavras de Kindra Jones — que ele deveria fazer outra visita a John. Ela tinha razão, apesar de parte dele desejar continuar amarga, deixar John à sorte do próprio destino.

John achava que tinha monopólio sobre o sofrimento?

Race Montrose estava certo: o que alguém poderia fazer de pior com ele do que deixá-lo sozinho?

Chadwick ouviu passos leves nas escadas. Pensou que estava imaginando coisas, mas então o disco de Brahms terminou e os rangidos da madeira, não.

— A casa não está vazia! — gritou ele. — Estou armado.

Norma apareceu à porta, parecendo envergonhada, ainda com o vestido vermelho enrugado de quando a vira pela manhã. Ela ergueu as mãos em rendição.

— Eu estava... passando por aqui. Vi o carro estacionado.

Fazia quase uma década desde que eles haviam se divorciado, mas

Chadwick se surpreendeu com a rapidez com que captava os sinais dela. O comentário era menos uma mentira do que um pedido para que não fizesse perguntas. Ele deduziu a verdade: Norma aparecia ali com frequência. O casaco não estava ali na cadeira fazia anos. Ele se lembrou de vê-la usando a peça naquela manhã, o que significava que já estivera ali naquele mesmo dia.

Chadwick subitamente se deu conta de que se tivesse ficado em São Francisco, faria o mesmo tipo de peregrinação, torturando a si próprio, odiando ser atraído para a fonte da ferida, mas mesmo assim voltando àquele quarto vazio. O quanto Norma devia ressentir-se dele por não ter vendido a casa? Afinal, teria sido muito mais fácil para ela se aquele santuário não tivesse permanecido aberto à visitação. O melhor seria pintá-lo de lilás, vender a casa para algum jovem rico cuja definição de história fosse um espaço de tempo maior do que um comercial do Super Bowl.

— Eu encontrei Race Montrose — disse ele. — Ele alega que não falou com você.

— Mentira.

— Ele está assustado. Disse que seu irmão Samuel vem extorquindo John há anos. E que roubou o dinheiro da escola como ato final.

Norma estremeceu, envolveu o corpo com os braços.

— Você está sentado no meu casaco.

Chadwick tirou a peça para ela.

Ela entrou no quarto hesitante, de olhos baixos.

— Eu sei a respeito de Samuel. Sei a verdade... que Katherine não apenas comprava drogas dele, que estavam apaixonados. Fiquei sabendo disso na semana passada, por David. Ele disse que lamentava por mim, por eu não saber isso a respeito da minha própria filha. Como você acha que eu me senti?

Um carro rebaixado desceu a San Angelo Street, o grave do som tão forte que fazia tremer as janelas.

— David Kraft é um jovem perturbado — disse Chadwick — Ele quer que a escola seja destruída, de preferência com todos nós dentro.

— Então vamos jogar a culpa sobre outra pessoa mais uma vez?

— Não.

— Porque sabe o que eu acho? Que você sabia sobre Katherine e Samuel há muito tempo. Que por isso foi ao Texas na semana anterior à morte dela... porque não sabia o que fazer. Então correu para o Hunter. Você e o Hunter criaram um maldito esquema para mandar minha filha para aquele... lugar. E você não me contou porra nenhuma. Você não apenas estava me traindo... estava escondendo coisas a respeito da *minha* filha. E se eu soubesse... se você tivesse se dado o trabalho de me consultar...

Norma empurrou o ar para o lado, um gesto que lembrou a Chadwick, um pouco mais do que gostaria, a velha louca Ella Montrose, mãe de uma filha

assassinada.

— Na noite do leilão — continuou ela —, eu sabia que você estava planejando confessar alguma coisa. Pensei que fosse me falar sobre o seu caso com a Ann. Mas agora eu tento acreditar que era algo mais importante, que você finalmente me diria a verdade sobre minha filha. Talvez dividir o problema comigo para resolvermos juntos. Se fosse essa a verdade, eu quase poderia perdoá-lo, Chadwick. Quase poderia perdoá-lo por ter sido tarde demais.

Os olhos de Norma estavam famintos. Ela parecia pedir perdão, em lugar de oferecê-lo.

Chadwick queria dizer que ela tinha razão. Quis comprar a anistia concordando com ela, mas as palavras não vinham.

Norma sentiu sua hesitação.

— Você acredita que Samuel guarda uma mágoa — disse ela. — Que ele amava Katherine e que nos culpa pela morte dela. Que culpa a todos nós que falhamos com ela: você e eu, Ann e John. A escola também. Mas o que o perturba é ele ter começado por John. Samuel ter ido atrás do dinheiro da escola e deixado você em paz. É isso, não é?

Chadwick não respondeu.

Norma alisou a parede com o dedo, traçando a linha fina de poeira que marcava o lugar onde Babar, o Elefante, costumava ficar pendurado.

— O que eu quero dizer agora... tenho medo de dizer.

— Norma Reyes com medo de falar?

— Você vai confundir com despeito. Quando Race veio falar comigo, ele disse: “Ela não vai ficar satisfeita enquanto os dois não estiverem mortos.” Ela.

— Mallory? Ela deve ter se queixado dos pais com ele.

Norma fez que não.

— Tenho me perguntado por que Race veio até mim. Por que *eu*, por que não outra pessoa? Você está entendendo, não está?

— Norma...

— Ann precisava do dinheiro. Quando falei com ela sobre o desvio do dinheiro, ela não ficou chocada. Ela ficou... nervosa. Pensativa. A maior preocupação dela foi ganhar tempo. Não acredito que ela desejasse que fosse descoberto antes do leilão, pois até lá o fundo não estaria completo. Depois disso ela teria duas semanas durante o recesso de Natal para deixar a cidade. Não haveria ninguém na escola, ninguém estaria de olho nela. Um bom tempo para abrir distância e fugir em paz.

— Norma, você está falando da Ann...

— Você estava transando com ela... você não a conhece nem um pouco. Ela se protege atrás de um ar corajoso, mas está desesperada. A escola está afundando. Ela vem diminuindo o próprio salário todos esses anos para mascarar a gravidade da situação. Está desesperada por não ter dinheiro para aguentar

mais uma batalha judicial pela guarda da Mallory, com medo de perder a filha. Você não sabe o que isso pode fazer com uma mãe, Chadwick, o medo de perder um filho.

— Ah, não?

— Não. — A voz de Norma foi cortante e definitiva como uma cerca de arame farpado. — Ser mãe é diferente, *pendejo*. Você *não* sabe.

Chadwick analisou-lhe o rosto; a familiar mecha de cabelo preto sobre a orelha, a curva de meia lua do queixo.

— Tenho um trabalho hoje à noite — disse ele. — Preciso ir.

— Quem você vai salvar dessa vez, um viciado em drogas? Um cleptomaniaco?

— Vou passar na casa de John antes. Quer que eu diga algo a ele?

Norma corou. Ela se voltou para a porta, o rosto banhado pelo entardecer.

— Não vá até lá. Não vai ajudar.

— Foi bom ver você, Norma.

— Estou falando sério. Não consigo deixar de pensar nas duas pessoas que Ann pode querer ver mortas, como Race disse. As duas pessoas no caminho de tudo o que ela desejava. Você sabe o que ela desejava, não sabe? Ela desejava você.

— Desligue o som, está bem?

— Foi Ann quem trouxe você de volta. Pense nisso, Chadwick.

Ele tinha acabado de descer as escadas quando Norma o chamou uma última vez. Apesar de achar que seria melhor ignorá-la, ele se virou e olhou para ela, e naquele momento imaginou que fosse 10, 15 anos antes. Norma poderia estar-lhe lembrando de comprar o leite na mercearia da esquina ou jogando o casaco e as luvas de Katherine, rindo por terem esquecido esses acessórios mais uma vez.

— Eu não estou amarga, Chadwick. Estou vazia. Você entende a diferença? A diferença é que somos capazes de enxergar com mais clareza quando não nos resta nada.

Chadwick abriu a porta da casa, saiu para a escuridão crescente da noite. Ele ouvia o carro rebaixado no fim do quarteirão, seu som disparando alarmes por toda a rua como um cão de caça espantando codornas.

Quando chegou à casa de John, em Marin, já era noite fechada, a névoa cobrindo os cumes dos morros.

Nenhum carro estacionado. Nenhuma luz nas janelas.

Chadwick pensou que fosse pouco provável que John tivesse saído, dado o estado de espírito em que se encontrava mais cedo, mas não houve resposta quando ele tocou a campainha.

Depois de mais duas tentativas ele sentiu o peso do silêncio, a necessidade

de fazer alguma coisa. Tentou apertar. Trancada.

Deu a volta na casa até uma janela que John sempre costumava deixar destrancada, mesmo quando Ann pedia que não o fizesse. Estava trancada também, mas Chadwick não teve dificuldade para arrombá-la com o canivete, então abriu-a com cuidado.

Ele entrou, sentindo que não havia ninguém em casa, mas que talvez fosse melhor anunciar sua presença, num pretense respeito pela propriedade de John.

Não conseguiu. O silêncio era pesado demais.

No vestibulo, a luz da secretária eletrônica do telefone piscava. Chadwick apertou o botão *Redial*, tentou o aniversário de Mallory como senha e foi recompensado com quatro novas mensagens: um cliente, um repórter fazendo perguntas sobre o escândalo da Laurel Heights, um agente do FBI chamado Laramie confirmando um encontro na manhã seguinte. A última mensagem era a mais curta, uma voz que Chadwick reconheceu como sendo de Emilio Pérez, dizendo simplesmente, *Tudo tranquilo. Eu volto a ligar.*

Chadwick apertou o botão *Save* e colocou o fone no gancho. Acendeu as luzes da sala e percebeu um espaço vazio na parede — ele tinha certeza de que naquela mesma tarde tinha visto ali uma pintura emoldurada. Aproximou-se e tocou um buraco do tamanho de uma moeda. Podia ter sido o buraco do parafuso que houvesse cedido. Ou podia ser um buraco de bala.

Ele examinou o chão à sua volta e descobriu que o piso em frente à lareira havia sido lavado. O mesmo havia acontecido com o carpete próximo à escada.

Sua garganta se contraiu.

Na base da escada, ouviu música, muito distante, como se uma televisão estivesse ligada em um dos quartos do segundo andar.

Ele subiu, desejando, pela primeira vez em muitos anos, estar armado.

No quarto de casal, a TV exibia um desenho animado. A cama de John estava feita, e sobre o travesseiro, um pijama limpo e perfeitamente dobrado. À primeira vista, não havia nada fora do lugar. Sobre a mesa de cabeceira havia um porta-retratos com uma fotografia de Mallory aos 5 ou 6 anos. Pelo brilho do sorriso banguela, ele teve certeza de que fora tirada antes do suicídio de Katherine.

Chadwick foi até o banheiro e acendeu as luzes.

Não havia cortina na haste da banheira, apenas algumas argolas. Uma pequena poça vermelha brilhava no piso de azulejos. Chadwick acabara de pisar nela.

Ele deu um passo para trás, deixando uma mancha vermelha no carpete bege do quarto.

Recuou ainda mais, deixando outra pegada sangrenta, essa mais fraca que a primeira.

O instinto de sobrevivência o dizia para dar o fora dali.

Uma rajada súbita de música no desenho animado o assustou. Marimbas, trompetes, uma risada alta, “Ha-há!”. Ele estendeu a mão para desligar a TV, mas congelou antes de alcançá-la.

Na tela, peixes dançavam em meio a um turbilhão de bolhas.

O caranguejo Sebastião cantava “Aqui no mar”.

Chadwick sentiu as pernas fraquejarem, sentou-se na cama.

Ele viu a si mesmo nove anos antes, ejetando uma fita VHS daquele filme, destruindo-a no consolo da lareira depois que os policiais saíram, virando a televisão e arrancando cabos das tomadas, levantando a poltrona de couro preto e a atirando na parede, até que a família dos Romo, os vizinhos, começou a xingar e a bater do lado de lá para reclamar.

Agora ele olhava para a luz de “on” do aparelho de DVD, para o ícone circular que piscava na tela de cristal líquido indicando o modo de reprodução contínua.

Ele mal conseguiu pegar o celular do bolso.

Os dedos pairavam sobre o 9 de 911, mas Chadwick não fez a chamada. Ele sabia quem a atenderia — a polícia local de John Zedman. Os lacaios de John Zedman.

Em vez disso, fez uma busca nas ligações recentes até encontrar um número de telefone de Oakland que havia discado duas semanas antes — sargento Damarodas, o único detetive de homicídios que ele conhecia.

Holofotes.

Mallory soube que alguma coisa estava errada. Não havia estádio na floresta, nada mais claro do que as estrelas e a fogueira do acampamento. Mas quando acordou com a voz de Leyland, a chuva tamborilando na lona da barraca, havia luzes ofuscantes do lado de fora, perto do rio, como se um maldito OVNI houvesse pousado.

— Mexa-se! — gritava Leyland. — Esse é o seu dia de sorte, Zedman! Mostre o seu entusiasmo!

— Sim, senhor! — resmungou Mallory.

Desajeitada, ela se vestiu às pressas, suas roupas molhadas e cheirando a azedo e a cavalo, do dia anterior, e então foi cambaleando até a fila. Morrison, Smart e Bridges já estavam em posição de sentido sob a chuva congelante, a água escorrendo pelos seus narizes.

*Tem alguma coisa errada*, pensou Mallory.

Ela viu Olsen, meia dúzia de outros conselheiros e internos do Nível Branco e até mesmo o Dr. Hunter, todos sérios, todos envergando uniformes. Gente demais.

O medo atingiu Mallory na barriga. Será que o grupo dela tinha feito alguma besteira?

— Sentido, Zedman! — gritou Leyland.

Mallory entrou na fila, se esforçou para ficar ereta e olhar para a frente, tentando não piscar sob a chuva.

— Nível Preto! — disse o Dr. Hunter. — Quem é responsável por vocês estarem aqui?

— Nós, senhor!

— Quem é responsável por vocês saírem daqui?

— Nós, senhor!

— O primeiro passo é a responsabilização — recitou Hunter. — *Vocês* são o problema. *Vocês* são a solução. Devem aceitar isso. Devem assumir a responsabilidade se falharem. Entenderam?

— Sim, senhor!

— Vocês são os responsáveis?

— Sim, senhor!

— Estão prontos para seguir em frente?

A pergunta era nova, não fazia parte da litania, e os internos hesitaram. Soava como se o Dr. Hunter os estivesse oferecendo uma escolha, e escolhas não

eram algo para o qual os jovens do Preto eram treinados.

Mallory respondeu primeiro. Gritou:

— SIM, SENHOR!

— Engraçado — disse Hunter. — A chuva deve estar afetando os meus ouvidos. Não ouvi todo o grupo. Vocês estão prontos para seguir em frente?

Desta vez todos gritaram:

— SIM, SENHOR!

— Veremos — disse Hunter. — Olhos à frente!

Ele chamou Leyland. Com a chuva caindo sobre o granito vermelho, Hunter agarrou uma confusão de cordas e grampos de metal e passou a afivelar o equipamento na cintura de Leyland.

*Que merda é essa?*, Mallory pensou consigo mesma.

— A responsabilização não vale nada sem coragem — disse Hunter. — Vocês precisam de coragem para se desprender de antigos hábitos; para mandar seus supostos amigos dar o fora da vida de vocês; para encarar as pessoas no mundo real e convencê-las de que vocês não são a pilha imprestável de autocomiseração que eram quando entraram neste programa. Veremos se vocês têm essa coragem, senhoras e senhores. Vocês não deixarão o Nível Preto até que saibam que nada, NADA, pode testá-los com mais severidade do que eu.

Os ouvidos de Mallory zuniam. Ele disse *deixar o Nível Preto?*

Hunter terminou de ajustar as tiras de náilon e os ganchos no peito de Leyland, e então o instrutor fez a mesma operação no doutor. Os internos permaneceram imóveis, observando, como se fosse normal ficar sob uma chuva gelada no meio da noite enquanto seus instrutores ajustam os equipamentos uns nos outros.

Mallory de súbito percebeu que devia ser algum tipo de equipamento de escalada — e toda a sua agitação se transformou em apreensão. Coragem era algo que ela sabia que não tinha. Se tivesse coragem, nunca teria acabado ali. Teria encontrado uma forma de ajudar Race.

*Seus supostos amigos.*

Leyland terminou de ajeitar o equipamento no Dr. Hunter. Eles fizeram uma última checagem um no outro.

— Agora — disse Hunter. — Em dupla com o seu conselheiro. O que vocês fizerem pode ser a diferença entre a vida e a morte. Façam direito.

Olsen se aproximou, atirou arreios para ela.

— Primeiro você, garota.

Mallory fez o melhor que pôde para ajustar o equipamento de Olsen. Seus dedos estavam dormentes, as tiras lhe escapavam das mãos. As roupas de Olsen estavam tão geladas e úmidas quanto as suas, recendiam a suor e fumaça de fogueira.

— Vocês não querem ser os últimos! VOCÊS NÃO QUEREM ser os

últimos! — gritou um dos instrutores.

— Você está indo bem — tranquilizou-a Olsen. — Não vou te morder.

Mallory ajustou a última tira de náilon na coxa da conselheira.

Olsen conferiu seu equipamento com uma careta, e ergueu uma tira que Mallory se esquecera de afivelar. O rosto da menina queimou de vergonha, mas ela terminou a tarefa.

Olsen pegou o outro conjunto de arreios e passou a ajustá-los no tronco de Mallory, puxando as tiras com força, firmando-as nos ombros, como se já tivesse feito aquilo milhares de vezes.

Elas não foram os últimos a terminar. Bridges demorou uma eternidade para ajustar o equipamento do seu conselheiro. Mas, por fim, todos se perfilaram.

— Lento demais — disse Hunter ao grupo. — Vamos compensar o tempo perdido.

Leyland soprou o apito e os conduziu em uma corrida pela familiar trilha que levava ao rio, a chuva fustigando-lhes o rosto, os adolescentes escorregando na lama, os instrutores gritando. Como nos velhos tempos.

Eles passaram pela pista de obstáculos, pelas rochas Cogumelo, e chegaram à margem do rio.

Toda a floresta estava iluminada por uma luz prata fluorescente, riscada pela chuva.

Holofotes brilhavam nas duas margens, nos galhos de dois ciprestes enormes. Atados aos troncos, mais de 10 metros acima do rio, havia três cabos finos como fios de uma linha de transmissão. Abaixo, a correnteza caudalosa e turbulenta reluzia como uma lesma enorme se liquefazendo.

— Aquela ponte — gritou Hunter sobre o rugido das corredeiras — é o único caminho para o outro lado.

*Que ponte?*, Mallory fez menção de perguntar, mas então percebeu que ele falava das cordas.

Toda a sua confiança se esvaiu.

— Não tem volta — continuou Hunter. — Vocês ficarão aqui até chegarem à outra margem; podem conseguir hoje à noite, levar uma semana ou a vida toda. Então observem e aprendam.

Hunter atirou um capacete para Leyland.

O instrutor o vestiu e afivelou o mosquetão da cadeirinha numa corda de escalada. Hunter segurou a outra ponta da corda.

— Este é a corda de escalada — disse Hunter. — Essa é a linha da vida de vocês. Eu não farei isso por vocês. Não vou agarrá-los se caírem. Vocês e os seus instrutores cuidarão um do outro. Portanto, prestem atenção.

Leyland passou a escalar com a ajuda de garras que Mallory não percebera antes, suportes do tamanho de puxadores de gaveta fixados no tronco

do cipreste.

Ele ascendeu sem esforço até chegar a uma pequena plataforma, que consistia em tábuas pregadas sobre o apoio de dois galhos. Então se fixou a uma nova corda, soltou a de escalada e iniciou a travessia pela ponte: os pés sobre a corda de baixo, as mãos firmes na do meio e um cabo de segurança atado à de cima. Leyland deslizou sobre as corredeiras até chegar à plataforma na margem oposta.

Mallory não sentia mais frio. Não sentia os milhares de quilos de chuva que ensopavam suas roupas. Sua boca estava seca e quente como areia de praia.

*Não vou conseguir.*

Ela sempre tivera medo de altura. Não conseguia nem ao menos olhar pelas janelas do apartamento da avó de Race. Agora tinha certeza de que ia cair e morrer.

— Uma dupla de cada vez — disse Hunter. — O instrutor vai cuidar da corda para vocês. Depois vocês vão retribuir a gentileza. Voluntários?

Ninguém abriu a boca.

— Zedman e Olsen — decidiu Hunter. — Obrigado.

Mallory arregalou os olhos.

— Eu não...

Mas Olsen já estava indo na direção da árvore.

Um Branco explicou como usar a corda de escalada. Disse a Mallory que ela iria primeiro.

— Não — disse ela. — Primeiro não, por favor.

O rapaz ficou sério, começou a repetir a ordem.

— Tudo bem — intercedeu Olsen. — Eu estou pronta.

A ideia de segurar a corda de segurança não era nem um pouco mais tentadora do que escalar ela própria. Como diabos Olsen podia confiar em Mallory depois de tudo o que ela fizera? Seu ombro não devia nem estar totalmente recuperado da facada. Mas ela não parecia estar com medo.

O Branco colocou o capacete em Olsen, atou o mosquetão na corda e garantiu que ele estava bem preso. Mostrou a Mallory como passar a corda de segurança pela cintura. Mallory seria responsável por cuidar da integridade da instrutora na subida, por manter a corda firme, garantir que ela não caísse. Então Olsen faria o mesmo por ela, da plataforma. Simples.

*Claro, simples, pensou Mallory. Vamos morrer, nós duas.*

— A corda está firme? — perguntou Olsen.

— Corda firme — respondeu Mallory.

— Não — ralhou o Dr. Hunter. — A vida dela está nas suas mãos, menina.

Fale com convicção.

— Corda firme!

— Subindo — gritou Olsen.

— Suba! — disse Mallory.

Mallory observou-a ascender, ainda mais ágil do que Leyland. Logo ela estava no topo, revertendo as cordas para servir de apoio durante a subida da menina.

Nunca que Olsen conseguiria impedir que ela caísse, segurando a corda lá de cima. A plataforma e Olsen pareciam minúsculas.

Mallory prendeu o mosquetão na corda, pisou no tronco. *Essa seria uma ótima hora para acordar do pesadelo*, pensou.

Ela gritou que estava subindo, ouviu a distante resposta positiva de Olsen.

Mallory agarrou um gancho escorregadio, puxou o corpo. Tentou firmar os pés de lado nos ganchos, empurrar com as pernas. Funcionou bem. Quando já havia escalado por volta de 2 metros, escorregou e se chocou contra a casca molhada da árvore, mas não caiu. Apenas balançou na corda. Olsen estava atenta.

Mallory encontrou um apoio para o pé e continuou a escalar.

Seu progresso era irritantemente lento. Os dedos doíam, os antebraços queimavam. A alça do capacete irritava a pele do queixo. Não havia nada além do tronco da árvore, a chuva e os holofotes inclementes nos seus olhos. Sua visão registrava os mínimos detalhes: os padrões dos sulcos na casca da árvore, o formato de meia lua do gancho seguinte, o sangue escorrendo do corte na mão direita. Um milhão de anos depois ela chegou à base da plataforma; ergueu o corpo e se pôs ao lado de Olsen.

— Muito bem — disse a conselheira. — Excelente.

Ela tremia; o elogio lhe deu vontade de chorar como um bebê. Ela fixou o cabo de segurança em outra corda e jogou a ponta para o solo.

Olhar para baixo fez seu estômago girar: seus colegas do Preto do tamanho de bonecos, os rostos voltados para cima, vendo como ela se saía.

A plataforma parecia oscilar sob seus pés. Ela agarrou a perna de Olsen.

— Você não vai escorregar. É vertigem.

— Eu vou morrer. Não consigo fazer isso.

— Consegue sim — disse Olsen.

— Eu tenho medo de altura.

— Você está presa ao cabo guia. Vai dar tudo certo.

Olsen apontou para a ponte de corda, para o cabo que corria acima dos outros dois. Era vermelho e impossivelmente fino, e agora o cabo de segurança de Mallory, sua linha da vida, estava fixado nele.

— Vá devagar — instruiu Olsen. — Movimentos suaves. Deslize, não dê passos. Se você escorregar, vai só ficar pendurada. Não tenha pressa de voltar para a ponte. Você viu que as cordas aguentaram o peso do Leyland. Vão aguentar o seu também.

— Meu Deus. Você já fez isso antes?

— Contando com essa de agora? Uma vez.

— Ah, merda.

— Olha a língua.

— Olha a língua? Estou aqui prestes a morrer e você diz “olha a língua”?

— Vamos. Vou ajudá-la a subir.

Mallory sabia que seus dedos deixariam marcas permanentes nos braços de Olsen, mas a conselheira não reclamou.

Ela conduziu Mallory até a borda da plataforma, dizendo coisas encorajadoras que ela nem conseguia registrar como palavras, mas que de alguma forma a convenceram a pisar sobre o vazio.

— Bom! — disse Olsen. — Devagar... vá devagar.

A chuva estava mais forte agora, fustigando-lhe o rosto, reduzindo sua visão a nada. Um de seus pés escorregou da corda de baixo. A sensação foi como saltar de um trampolim, mas pior. Cada vibração no cabo era como um terremoto.

Ela sabia que os outros a observavam. Os colegas do Preto, Olsen, Leyland, Hunter.

Mallory queria se sair bem. Ela deu mais um passo e expirou o ar, a corda cortando a sola dos seus pés.

— Bom! — disse Olsen. — A mão direita: coloque um pouco mais para a frente, deslizando. Agora a esquerda.

Mallory media seu progresso em centímetros, memorizando a sensação da corda, a textura trançada sob suas mãos. A voz de Olsen era a única coisa que mantinha seu coração batendo.

Na metade do caminho aproximadamente, justo quando estava começando a sentir que ia conseguir, deu um passo em falso. A corda deslizou sob seu pé e o mundo descreveu uma pirueta desordenada sob os holofotes. Mallory se viu pendurada, incapaz de alcançar as cordas, o rio se contorcendo e rugindo lá embaixo, esperando, faminto, para engoli-la.

Ela ficou aterrorizada demais até mesmo para gritar.

— Está tudo bem! — gritou Olsen. — Está tudo bem. A corda de apoio está bem do seu lado.

— Onde?

— Mão direita. Estique o braço.

Mallory tentou, mas ela ainda oscilava sobre o vazio. Sua mão não encontrou nada além de ar e chuva. Ela viu Olsen na plataforma, mais acima. Então a corda girou e Mallory se viu olhando para Leyland na árvore oposta, seu rosto sério. Ele gesticulava, incitando-a a ir em frente.

Mallory esticou o braço outra vez, encontrou a corda.

— Isso! — gritou Olsen. — Agora devagar... sem pressa. Coloque...

Houve um som semelhante ao de velcro se abrindo, e Mallory caiu um

milímetro, seu estômago ameaçando irromper pelas solas dos seus pés.

— O que... o que foi isso? — gritou ela.

Por uma terrível fração de segundo, a voz de Olsen não estava lá.

— Mallory, a outra mão — gritou ela, e a urgência que surgira em sua voz fez as articulações de Mallory congelarem. — As duas mãos na corda. Agora.

Mallory tentou, mas os braços não a obedeciam. A chuva a cegava. Ela balançou e viu Leyland, seu rosto agora pálido.

— Mallory! — gritou Olsen. — Você precisa subir.

— Eu não consigo!

— A outra mão!

— Não consigo!

Leyland voltou a entrar em seu campo de visão, afivelando freneticamente a cadeirinha ao cabo guia, o pé esquerdo já apoiado na ponte.

Seguiu-se outro som de velcro e Mallory caiu mais 1 milímetro, a única mão que conseguira alcançar a corda molhada escorregando.

Ela ouvia uma confusão de vozes lá embaixo: o Dr. Hunter e os outros alunos gritando sob a tempestade.

*Isso não está acontecendo comigo. Não está.*

Ela percebeu que seu ombro agora não parecia estar tão firme. A tira de náilon na cintura estava folgada. A cadeirinha estava se descosturando em pleno ar.

— Por favor, meu Deus. — A voz não parecia ser mesmo dela.

— Logo acima de você! — Era Olsen. — Não... esquerda, quer dizer. A corda, Mallory! Está bem aí.

— Onde?

Ela sentiu as vibrações do cabo guia na sua cadeirinha enquanto Leyland avançava — muito longe. Longe demais. *Isso não está acontecendo comigo.*

Outro som de tecido rasgando, e a corda mais baixa se enganchou no antebraço de Mallory e ela a agarrou, levantando um espirro de gotas de chuva contra seu rosto. A outra mão estava na corda. Olsen gritava encorajamentos, instigava-a a segurar firme.

Então Leyland estava lá, erguendo-a com um braço, fazendo seus pés encontrarem a ponte. Ela a apertou contra seu corpo com um braço e os dois deslizaram juntos — até a outra margem. Mesmo depois de estarem a salvo na outra plataforma, depois que Leyland já tinha atado uma corda de segurança em sua cintura e a descera em segurança até o solo, Mallory ainda sentia o mundo balançar. Ela caiu de quatro no chão, ensopada e tremendo.

— Me bote no chão — balbuciou ela, os olhos apertados. — Me bote no chão.

— Zedman, você está bem agora. — A mão enorme de Hunter apertava seu ombro. Então o tom endureceu: — Leyland, o que aconteceu?

— Olhe — disse Leyland. Ele puxou de leve a tira de náilon nas costas de Mallory, algo que ela não podia ver, não queria ver.

— Tire isso dela — ordenou Hunter, rispido.

As mãos de Mallory se fecharam com força sobre o musgo e as folhas secas. Sua vista escureceu e ela vomitou, extirpando todo o terror do corpo, tudo o que sempre temera: do corpo dilacerado de Talia Montrose aos punhos do pai e Katherine a abandonando, desaparecendo dentro da casa amarela com a porta escura e a hera de metal.

— Zedman. — A voz de Hunter estava mais baixa agora, como se houvesse sido comprimida para caber no cano de uma arma. — Você está bem, Zedman. Olhe. A cadeirinha rasgou.

Ela ergueu os olhos, viu-o segurando a tira de náilon que quase a matara, o corte despreendendo tufo de fibra sintética cor de laranja.

— Está tudo bem — disse Hunter. — O importante é que você está bem.

Mas Mallory ouvia a raiva na voz do doutor, enxergava a tira tão bem quanto ele — a verdade que nenhuma palavra tranquilizadora seria capaz de mudar. A linha em que a tira rasgara era perfeitamente reta: alguém a havia cortado.

O Departamento do Xerife do Condado de Marin não encontrou um corpo na casa de John Zedman, nenhum sinal de arrombamento a não ser pelo de Chadwick.

Eles não conseguiram localizar John, nem o carro dele, nem seu motorista, Emilio Pérez. Os dois únicos vizinhos na rua sem saída não haviam visto ou ouvido nada suspeito nas últimas 24 horas. Mas eles tampouco notaram a chegada de Chadwick ou do sargento Damarodas, vinte minutos depois, nem a caravana de carros do Departamento do Xerife que se seguiu, todos com suas luzes piscando. Na opinião de Chadwick, a vista que tinham do mar era tão cara que era como se perdessem algum dinheiro sempre que olhavam para a rua e não para a água.

As manchas no banheiro de John eram definitivamente de sangue. O buraco na parede da sala era definitivamente de bala.

E isso foi tudo que o detetive Prost, do Departamento de Investigações do condado de Marin, pôde afirmar. O policial estava ocupado demais desfrutando da companhia de Chadwick mesmo depois de uma hora de interrogatório, não estava disposto a deixá-lo ir.

— Então, no que diz respeito ao seu relacionamento com o Sr. Zedman — resumiu Prost pela vigésima vez —, o senhor não o caracterizaria como amistoso.

— Eu caracterizaria isso como irrelevante — respondeu Chadwick — Tem sangue na porcaria do banheiro. Talvez o senhor devesse tentar procurar pelo John.

O detetive foi até a bancada da cozinha, serviu-se de uma xícara do café gourmet que havia na casa.

Prost não olhava para o sargento Damarodas, que estava recostado contra a geladeira atrás dele, mas Chadwick sentia a tensão entre os dois policiais. Citando a necessidade de cooperação interdepartamental, Damarodas insistira educadamente em ficar, e os policiais locais se moviam à sua volta com contrariedade indisfarçada, como pedestres desviando de obras de arte moderna em espaços públicos.

— Sr. Chadwick — disse Prost —, a ex-mulher de John Zedman foi sua empregadora na Laurel Heights. Correto?

— A resposta foi sim uma hora atrás. Ainda é sim.

— O senhor e a Sra. Zedman mantiveram contato desde então?

— Não exatamente.

— Não? Então depois de nove anos de não contato ela liga para o senhor, do nada, e pede ajuda para sequestrar a filha...

— Escotar — corrigiu Chadwick — Uma escolta legal. Sob solicitação do responsável que tem a guarda da menor.

— Escotar. — Prost balançou a cabeça de forma neutra. — E quando foi fazer essa escolta, há duas semanas, o senhor falou com John Zedman?

— Não.

— Mas o visitou hoje à tarde.

— Exatamente.

— Segundo o senhor próprio afirmou, houve uma discussão. O senhor acusou John Zedman de provocar os problemas financeiros da ex-mulher... aquele caso que ganhou as manchetes hoje de manhã.

— Discuti o assunto com ele.

— A amiga para quem o senhor mandou uma mensagem de texto pedindo que viesse aqui, a senhorita que está lá fora esperando... Srta. Jones? Ela sugere que tenha sido mais do que uma discussão.

Chadwick trocou um olhar com Damarodas.

De certa forma, o sargento era menos do que Chadwick esperava depois da conversa ao telefone. Vestia um terno comum, tinha menos de 1,65 m, pele e cabelos castanhos pálidos e um rosto que o fazia lembrar um rato-do-campo, mas seus límpidos olhos azuis eram penetrantes. A mensagem naqueles olhos era um alerta silencioso: *Não*.

— Eu e John discutimos — disse Chadwick — Foi só isso.

— Entendo. Então quando o senhor voltou esta noite e invadiu a casa, o senhor o fez apenas para conferir que o Sr. Zedman estava bem. Eu entendi certo?

— Detetive, já conversamos a este respeito. A não ser que o senhor esteja me acusando de alguma coisa...

Prost ergueu as mãos espalmadas.

— Ah, mas o senhor é livre para ir embora quando quiser, Sr. Chadwick Tom!

Um assistente com ar enfadado colocou a cabeça na porta da sala de estar.

— Senhor?

— A Sra. Zedman já chegou?

— Faz uns cinco minutos.

— Por favor, traga-a.

A mão de Chadwick se fechou num punho cerrado.

— O senhor fez Ann Zedman dirigir até aqui?

— Eu a escoltei. Totalmente voluntário.

— Ela já tem coisas demais com que se preocupar.

— Mas Sr. Chadwick, achei que ela ficaria preocupada. Afinal de contas, é

o pai da filha dela...

Chadwick arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Seu filho da...

Damarodas pigarreou.

— Foi uma noite longa, Sr. Chadwick. Deixe-me acompanhá-lo até a saída.

Prost estava para acrescentar algo quando Ann entrou na cozinha com o semblante de quem acaba de sobreviver a um acidente de carro numa rodovia, um dos passageiros de um engavetamento de cinquenta carros que sai vagando pelos pomares de amêndoas cobertos de neblina.

— Ann? — disse Chadwick.

Houve um atraso de três segundos até que ela o focalizasse.

— Eu acabei de... duas ligações seguidas. Mark Jasper, dispensa compulsória da escola. Depois do detetive. O sangue de John...?

— Não faça isso agora. Eu levo você para casa. Durma um pouco. Chame um advogado.

— Não, não. Isso não... quero dizer, não é necessário, é?

— Não, senhora — disse Prost. — Temos café, se a senhora quiser.

Ann dirigiu um olhar inexpressivo para a cozinha que costumava ser sua.

— Não venho aqui faz... faz muito tempo. Ele trocou as bancadas.

Prost sorriu com compreensão.

— Sente-se, Sra. Zedman. Sr. Chadwick, obrigado pelo seu tempo.

Chadwick ficou imóvel. Ele precisava acreditar que Ann era inabalável. Mesmo após a morte de Katherine, depois que ele se demitiu da escola e desistiu de qualquer esperança de tê-la em sua vida, ele precisava saber que Ann ainda estava na Laurel Heights, trabalhando com crianças, sonhando com a escola ideal. Por mais desespero que houvesse encontrado trabalhando para a Cold Springs, por pior que fosse a situação enfrentada, quanto mais provas acumulava sobre a lenta e dolorosa morte da família americana, Chadwick precisava acreditar que o otimismo de Ann sobrevivia. Agora a fragilidade dela o paralisava e ele percebia que contara demais com ela, que se intoxicara tempo demais pela sua fé para acreditar que Ann pudesse desmoronar.

No espaço de 24 horas, o trabalho de uma vida havia sido arrancado de Ann. Sua alma perdera o equilíbrio. Se o detetive Prost tivesse as mesmas suspeitas de Norma Reyes, faria Ann admitir qualquer coisa que ele quisesse.

— Me deixe ficar com você — tentou Chadwick outra vez. — Você não precisa...

— Está tudo bem — murmurou Ann, sem olhar para ele. — Pode ir.

— Sábia decisão — concordou Prost. — Aliás, Sr. Chadwick, só por formalidade, devo dizer que é má ideia o senhor deixar a cidade nos próximos dias.

— Eu vou para o Texas amanhã de manhã. O senhor sabe disso.

— É, eu sei. — Prost sorriu, como se nada combinasse melhor com seu rosto. — Acho que eu sabia.

Chadwick deu um passo na direção do detetive, mas os dedos de Damarodas se fecharam em volta de seu braço como as presas de uma coruja.

— Por aqui, Sr. Chadwick. É fácil se perder numa casa deste tamanho.

Damarodas o conduziu pela sala repleta de especialistas da polícia técnica, pelo gramado da frente, passando por carros de polícia e furgões de emissoras de TV, até chegar ao carro alugado por Chadwick; Kindra Jones estava sentada no capô.

Quando respondera a mensagem de texto, ela estava esperando em um café na Montgomery Street, irritada e impaciente depois de três espressos. Seu humor não mudara depois que Chadwick lhe explicou a situação, dizendo que ela poderia escolher entre esperar indefinidamente ou pegar um táxi até Marin.

— Vou mandar o recibo do táxi para Hunter me reembolsar — respondera ela. — E você explica por quê. Cacete, Chad, eu disse *falar* com o sujeito.

Quando ele e Damarodas se aproximaram do carro, ela desceu do capô.

— Esse palhaço está prendendo você?

— Não, esse palhaço não está prendendo ele — disse Damarodas —, senhorita...?

Chadwick fez as apresentações, e então sugeriu que Kindra o esperasse no carro.

— Negativo. Passei a noite toda esperando você. Alguém vai me dizer o que é que está acontecendo.

Chadwick a colocou a par da situação da melhor forma possível.

— Só por curiosidade — disse ele —, o que exatamente você disse à polícia?

— O que eu disse... — Os olhos de Kindra se estreitaram. — Ah, espere aí... eles não usaram isso contra você, usaram? Eu não disse nada, Chadwick. Esses policiais de merda confundem a cabeça da gente o tempo todo.

— Isso é uma grande generalização — comentou Damarodas.

— Vai se foder — disse Kindra. — Vai se foder, *sargento, senhor*. Agora se me dá licença, o carro está começando a me parecer uma opção tentadora.

Ela se sentou ao volante e bateu a porta.

Damarodas pegou uma cigarrilha, colocou-a na boca e se recostou na lateral do carro.

— Seu senso para momentos oportunos é... impressionante, Sr. Chadwick.

— O sangue é de John?

— É recente — disse Damarodas. — Não mais do que algumas horas. Eles vão fazer os testes de DNA e toxicologia. Se aqui fosse Oakland, eu diria que os resultados sairiam em uma ou duas semanas. Mas no condado de Marin? Eles não estão exatamente atulhados de casos. Talvez em 24 horas já saibam. E isso não quer dizer que eu serei informado dos resultados, a não ser que alguém

decida me dizer alguma coisa.

Chadwick sentiu a força fria dos olhos do policial. E especulou consigo mesmo que Damarodas devia conseguir muitas confissões.

— John Zedman era um velho amigo. Eu nunca lhe faria mal.

— É, bem... não entremos no fato de que a maioria dos assassinatos envolve velhos amigos. Por que o senhor me ligou?

As luzes dos carros de polícia riscavam círculos vermelhos e azuis nas janelas da rua. As equipes de TV desmontavam seu equipamento, os câmeras parecendo desapontados por não terem conseguido imagens de uma maca saindo da casa.

— Alguém deixou aquele filme para que eu o visse — disse Chadwick ao policial. — O mesmo filme que estava passando na noite em que minha filha morreu. Alguém deixou a correntinha de Katherine ao lado do corpo de Talia Montrose. Alguém está tentando arrancar minha sanidade com um pé de cabra, sargento, e eu não sei como agir.

Damarodas acendeu a cigarrilha.

— Permita-me expor uma teoria, Chadwick. Digamos que eu raciocine como um idiota bajulador como Prost... Desculpe, eu falei isso alto? Mas digamos que eu fosse também um detetive de homicídios razoável, e soubesse o que sei a respeito do senhor, e então lesse no jornal uma notícia dizendo que a escola em que o senhor trabalhava em Laurel Heights estava afundando num escândalo. Eu poderia pensar o seguinte: Ann Zedman está atravessando dificuldades financeiras. Ela planeja um esquema para se apropriar do dinheiro da própria escola. Mas as coisas começam a dar errado. Talvez a filha saiba a respeito do plano, conte ao namorado, Race. Race conta a história para a mãe, Talia, e Talia decide se dar bem na história. A Sra. Zedman decide que o melhor a fazer é calar Talia permanentemente.

— Ann Zedman é uma diretora de escola. Você a viu. Acha que ela seria capaz de assassinar alguém a facadas?

— Seguindo a linha de raciocínio, digamos que a Sra. Z. não faça isso ela própria. Ela chama alguém em quem confia, uma pessoa que já guarde algumas mágoas da família Montrose. Está me acompanhando?

Chadwick olhou para a neblina, para o poste em frente à casa vazia de John Zedman: uma árvore de enforcamento.

— Continue.

— A Sra. Z. vai em frente com o plano. A ideia é esperar que os 30 milhões sejam levantados para só então fazer a transferência, mas a amiga dela, Norma Reyes, descobre o que está acontecendo. O rapaz, Race, conta tudo a Norma, porque, afinal, a mãe dele que foi assassinada. Então a Sra. Z. se faz de assustada e inocente, pede a Norma que por favor espere alguns dias. Isso dá à Sra. Z. tempo para cobrir seus rastros. Norma não quer entregar a melhor amiga, mas,

de alguma forma, o ex-marido dela, John Zedman, descobre o esquema, e ele não tem os mesmos escrúpulos de Norma quanto a criar confusão. Talvez ele até mesmo tenha algum tipo de prova que ligue a ex-mulher ao desvio do dinheiro. O senhor é o cúmplice da Sra. Zedman. Vem até aqui e tenta convencê-lo a ser razoável. Mas ele está irritado e não cede. Então você volta mais tarde e o mata.

— E depois ligo para a polícia?

Damarodas deu de ombros.

— Uma manobra inteligente. Isso é o que eu pensaria se fosse Prost. Agora, o problema é o seguinte: um jovem agente da Seção de Crimes Financeiros do FBI chamado Laramie conversou comigo hoje. O FBI entregou a investigação da fraude para ele. Mas que droga, os filhos de metade do alto escalão da administração municipal estudam na escola de Ann Zedman. O pessoal da cidade não quer ter nada a ver com esse abacaxi. Então Laramie passou a rastrear a transferência internacional do dinheiro desviado. Ele farejou um impulso para a própria carreira no caso contra Ann Zedman, talvez enfiado com um ou dois assassinatos. Ele me procurou para falar a respeito do assassinato de Talia Montrose, me lembrou que, sozinho, o caso não vai dar em nada: e é verdade, estão todos se lixando para uma negra drogada e pobre de Oakland. Ele pediu minha cooperação. Então John Zedman, com quem Laramie queria conversar, agora desaparece numa pequena poça de sangue. O senhor sabe que Laramie vai procurar Prost, se já não fez isso. Se deixar o estado agora, Sr. Chadwick, quanto tempo acha que vai demorar para virar alvo de uma investigação federal?

Pelo para-brisa, Chadwick viu Kindra batendo o indicador no relógio de pulso.

— O senhor acredita nessa baboseira? — perguntou Chadwick ao policial.

— Eu? — Damarodas deu uma baforada na cigarrilha fedorenta, fazendo a brasa brilhar. — Ora essa, não. Eu acho que alguém está querendo ferrar com a sua sanidade mental. E vou dizer mais uma coisa, de graça. Sabe aquele rapaz, David Kraft? Ele me pareceu muito desesperado para sujar a imagem dos Zedman. Ele ama os dois quase tanto quanto ama o senhor. Ele me disse que houve rumores sobre John Zedman na Laurel Heights bem antes de vir a público o escândalo do desvio do dinheiro, no tempo em que ele ainda era aluno da escola. Rumores de que quando Zedman estava à frente do fundo da escola ele administrava as contas de uma forma... de forma bastante criativa, digamos. Tirava vantagem da isenção tributária permitida pela classificação sem fins lucrativos, era um tanto vago quanto a que parte do dinheiro pertencia à Zedman Development e qual pertencia à escola da esposa. Está me entendendo?

— Nunca ouvi nada do tipo.

— É, bem, talvez o jovem Kraft não esteja falando coisa com coisa. Por outro lado, talvez ele tenha conseguido essa informação com alguém anos atrás,

e talvez esse alguém tenha se aproveitado do que sabe. Talvez essa seja a origem da chantagem.

Chadwick gostava da ideia tanto quanto do cheiro da cigarrilha.

— O senhor disse isso a Laramie?

— Ainda não. Gostaria de ter um candidato a chantagista antes de falar com ele.

— Samuel Montrose.

— Eu até *poderia* acreditar nisso. Consultei os arquivos da polícia, como o senhor sugeriu. Falei com um pessoal da velha guarda do departamento. Seu amigo Samuel tinha uma ficha juvenil e tanto. Uma dúzia de prisões por tráfico de drogas. Posse. Cúmplice de homicídio em dois casos. Nunca cumpriu pena. Era traficante freelancer, tinha contatos com diversas quadrilhas. E mais um fato curioso na biografia dele: em 1988, quando ele tinha apenas 10 anos, o padrasto dele, Elbridge Montrose, foi morto a tiros a um quarteirão de casa.

— Padrasto?

— É. Houve um outro marido antes dele, acho. A questão é que eu conversei com o sujeito que trabalhou no caso em 1988, agora aposentado. Ele lembrava que o filho mais velho, Samuel, era um dos suspeitos. Parece que o Samuel não se dava muito bem com o falecido Elbridge, que Deus não o tenha. Havia evidências de que o padrasto agredia a mãe, talvez até molestasse as crianças. Ninguém nunca prestou queixa pelo assassinato. Alguns anos depois, mais ou menos na época em que a sua filha conheceu o Samuel, outro namorado de Talia desapareceu: um camarada chamado Ali Muhammad, que nem o boxeador, só que ao contrário. Diziam as más línguas que ele também abusava das crianças. — Damarodas suspirou. — Levando tudo isso em conta, eu poderia concordar com a ideia de que Samuel Montrose responsabiliza o senhor pelo suicídio da sua filha, talvez os Zedman também, já que eram amigos próximos seus e mais fáceis de atingir. Se ele gostasse de Katherine da forma como gostava dos irmãos e irmãs menores, talvez Samuel guarde rancor. Eu poderia admitir que Samuel Montrose matou a própria mãe porque ela tentou fazer um acordo com John Zedman, e depois puniu os Zedman maquiando a fraude da escola. Ele não precisaria ser um gênio do setor financeiro, apenas encostar o cano de uma arma na cabeça do John e dar as ordens. Se fosse esse o caso, eu diria que Samuel botou as mãos em uma fortuna e está rindo à toa enquanto as pessoas que ele mais odeia pulam nos pescoços umas das outras.

Chadwick fitava os olhos azuis do sargento. Ele prometeu a si mesmo que nunca cometeria o erro de subestimar aquele homem.

— O senhor disse que poderia acreditar na sua teoria. O que o impede?

— Um pequeno detalhe, meu amigo.

Chadwick ficou em silêncio.

— Quando consultei a ficha de Samuel Montrose — disse Damarodas —,

havia apenas delitos juvenis. Eles não prescreveram, porque Samuel Montrose não entrou com uma petição solicitando isso. Não há registro de delitos em nome dele já maior de idade; pelo que saiba o DP de Oakland, Samuel Montrose ainda está em algum lugar por aí. Então eu tive a grande ideia de consultar outros órgãos municipais.

Os olhos de Damarodas estavam cravados nos de Chadwick

— Hayward, final de 1993. Um corpo apareceu na praia na véspera do ano-novo. Três tiros no peito. Um na boca, o que caracterizou o caso como crime de gangues. Esse é o modus operandi dos assassinatos cometidos pelas gangues contra concorrentes traficando em seus territórios. A vítima foi enrolada em um lençol, amarraram pesos ao corpo, lançaram na baía. Mas as cordas estavam folgadas e o cadáver acabou boiando. Quer adivinhar de quem era o corpo?

— Um engano — disse Chadwick — Só pode ter sido.

— Não houve engano — disse Damarodas. — Digitais, exame de arcada dentária. A própria mãe identificou roupas e objetos pessoais. Eu conferi tudo. Samuel Montrose está morto. Faz nove anos.

Chadwick mal se lembrava da escolta em Palo Alto, os pais assustados e nervosos com a ideia de entregar o filho rebelde a uma mulher negra irritada com sete xícaras de café nas veias e um zumbi de 2 metros de altura com sangue no sapato.

O voo da madrugada de volta ao Texas foi longo, mas, inesperadamente, a viagem transcorreu sem qualquer incidente. Depois de dormir como pedra por seis horas, Chadwick estava na varanda de seu quarto no alojamento da sede escutando Mozart e observando as nuvens de chuva se abrirem e deixarem passar um jorro fugaz da luz da tarde. Ele tentava não pensar em John Zedman.

Lá embaixo, internos do Nível Marrom prendiam na balastrada do terraço as guirlandas de Natal que haviam produzido nas suas aulas de terapia artística. Dois tatus corriam em direção ao rio em uma espécie singular de cortejo blindado.

Chadwick tentou pensar em números, mas o único que lhe ocorria era sua própria idade, 47.

Ano de 1947, a 22ª emenda; 1847, a Guerra Mexicana.

1747.

Ele teve um bloqueio, ficou com William Pitt e as colônias na cabeça, não conseguia pensar em um bom evento.

Por fim, entrou no quarto e fechou a porta de correr de vidro. Sobre a escrivaninha, a fotografia de Katherine sorria para ele, uma menina de 8 anos envolta em ipomeias.

Uma batida na porta. Asa Hunter entrou sem esperar ser convidado, seguido por Kindra Jones.

— Kindra diz que a culpa é dela — disse Hunter laconicamente. — Está tentando proteger você.

— A culpa foi minha — respondeu Chadwick — A ideia de voltar à casa do John foi exclusivamente minha.

— Cacete, Chadwick — Hunter cortou o ar à frente do rosto do outro como se tentasse acordá-lo. — O que aconteceu com a promessa de que eu seria o primeiro a saber, hã?

— Preciso falar com Mallory.

— *E ainda por cima* você tem a audácia de fazer um pedido como esse. Meu Deus do céu.

Kindra Jones parecia querer dizer alguma coisa, mas Chadwick a olhou de esguelha, num alerta mudo para que ficasse em silêncio.

— Eu precisei defender você — fumegou Hunter. — O Departamento do Xerife de Marin me ligou, com perguntas sobre o seu histórico antes da Cold Springs. Se você tinha algum problema com John Zedman, como lidou com a morte da filha... O que eu deveria dizer?

— Eles falaram alguma coisa a respeito do sangue?

— É de John Zedman. Estão considerando o desaparecimento dele como homicídio.

Chadwick sentiu lentidão nas partículas do ar à sua volta, como um redemoinho mudando de direção. Pensou no medo que crescia nos recônditos de sua mente, algo relacionado à mensagem de Emilio: *Tudo tranquilo. Eu volto a ligar*. Como se o segurança houvesse sido enviado numa missão, talvez para resgatar Mallory. Como se John estivesse tentando se antecipar a alguma ação do chantagista. Da última vez que ele tentara algo parecido, Talia Montrose tinha sido esfaqueada até a morte.

— Asa, preciso falar com Mallory. Ela pode estar em perigo.

— O único perigo é interferirmos no programa dela com notícias como as suas.

— Fiquei sabendo da cadeirinha cortada na ponte de cordas.

— A tira não foi cortada — rosnou Hunter. — Eu conferi pessoalmente. Inspicionei cada cadeirinha, cada corda, cada maldito equipamento. A tira rasgou.

— Um rasgão perfeitamente reto.

— Pode acontecer. *Aconteceu*. Os equipamentos foram distribuídos aleatoriamente. Não havia como alguém escolhê-la como alvo.

— Ninguém que não estivesse lá, você quer dizer.

Hunter ergueu o dedo como uma arma.

— Não force a barra, amigo. O meu programa é seguro. Foi um acidente. Mallory Zedman *vai* terminar o Nível Preto. O grupo dela está na mata agora. Não vou deixar que você interfira, assim como não vou deixar que a polícia interfira.

— Alguém se infiltrou aqui, Asa. Alguém que trabalha com os internos do Nível Preto. John Zedman disse que o chantagista podia descrever tudo o que ela tinha feito durante o dia.

— Impossível.

— A garota sabe de alguma coisa. Acho que ela estava sendo usada como trunfo para conseguir a cooperação de John. Agora que ele está desaparecido, o chantagista já pode ter o que quer. Nesse caso, ela é descartável.

Os olhos de Hunter cortaram o ar na direção de Kindra Jones, como se cogitando pedir que ela saísse.

— Kindra disse que você não entregou aquele rapaz. Race Montrose.

— Pelo que eu me lembro, você queria que o rapaz fosse tratado com

justiça.

— Não à custa de perder você. Não se isso significasse uma escolha entre você e um garoto de Oakland...

— Eu não pude entregar Race.

— Ele mentiu para você, Chadwick. Você entende isso? O que dá a você tanta certeza de que não provocou outro assassinato ao deixar de entregá-lo à polícia?

Chadwick não conseguiu responder. Ele estava atormentado com a mesma pergunta, se remoera com isso durante todo o voo de volta ao Texas, desde que descobrira que Race o enganara ao dizer que Samuel estava vivo.

Ele ao menos deveria ter dito a Damarodas que encontrara Race. Mas seu instinto ainda lhe dizia que Race não era um assassino. Ele fizera a coisa certa. Livre, Race ainda seria capaz de agir corretamente. Não há chances de que alguém aja corretamente dentro de uma cela.

— Mallory precisa saber o que está acontecendo. Devo ao menos isso aos pais dela.

Hunter cerrou os punhos. Ele parecia vasculhar a memória em busca de uma combinação de golpes de boxe que combinasse com o “Quarteto de cordas no 14 em sol maior”. Como não conseguiu encontrar nenhuma, falou:

— Dez minutos. Clareira Seis. E Chadwick.. não me faça lamentar isso.

Depois que ele saiu, Kindra desabou na beirada da cama.

— Acho que eu não quero voltar a ver Hunter nervoso desse jeito.

— Ele tem muita coisa em jogo.

Kindra dirigiu-lhe um olhar que ele não conseguiu definir.

— É, acho que sim. Quase achei que ele *quisesse* que eu me demitisse durante a avaliação.

*Avaliação.*

Não ocorrera a Chadwick, mas é claro que fazia apenas uma semana que Kindra estava naquele barco. Hunter fazia aquela entrevista padrão para saber se, por algum milagre, ela estava interessada em continuar no emprego ou se seria preciso manter o anúncio perpétuo nos jornais de educação.

A ideia de perder mais uma parceira, acima de todo o resto, fez Chadwick desejar voltar a Oakland e saltar da escada de incêndio do apartamento de Ella Montrose.

Por fim, ele reuniu coragem para perguntar:

— Você continua?

A música de Mozart continuava a preencher o ambiente, vibrante e incongruente.

Ela olhou para o aparelho de som com aversão.

— E deixar isso? A diversão, o perigo, o bom gosto musical? Fala sério, Chad. Eu ainda sou sua parceira. Só não me deixe beber tanto café outra vez, está

bem? Fico me sentindo um motor a jato.

A garganta de Chadwick se apertou. Ele estava aliviado pelo voto de confiança de Kindra — mais do que queria admitir.

Antes que conseguisse descobrir como dizer isso, ela lhe deu um chute não muito gentil na canela.

— Vamos nessa, cara. Vamos sair daqui antes que Amadeus me deixe com urticária.

— Alguma pergunta? — indagou Leyland.

*Estamos cansados demais para fazer perguntas*, pensou Mallory. Mas não disse nada.

Os quatro internos do Nível Preto estavam de pé em um semicírculo, olhando para o habitáculo construído pelo instrutor: uma toca pequena mas bacana, cavada na terra macia ao lado de um tronco caído. O teto fora tecido com galhos, cobertos com folhas e musgo.

Mallory não se empolgou muito com a ideia de dormir em um buraco na terra, mas a noite caía trazendo um frio intenso, e ela faria qualquer coisa que significasse conseguir dormir.

Seus colegas pareciam tão acabados quanto ela: Morrison tinha levado uma hora para fazer fogo sem fósforos pela primeira vez, apenas para deixá-lo apagar ainda na fase do mato seco; Smart estabelecera um novo recorde ao dar de cara com 12 árvores durante a atividade de “bússola vendada”; e Bridges, apesar de ter passado a tarde toda praticando lançamento de faca, ainda era sofrível na atividade. Mallory provara ser bem mais hábil. Ela conseguira enterrar a lâmina no tronco em quatro de cada dez lançamentos, o que Leyland afirmou ser bom à beça para um iniciante.

O dia havia sido uma maratona extenuante, mesmo para os padrões da Cold Springs, e Mallory não conseguia deixar de se perguntar se Leyland estaria tentando compensar o que acontecera na véspera, forçando-os ao ponto de não terem tempo para pensar no fato de que ela quase tinha morrido.

Se o objetivo era esse, ele tinha conseguido. Todos estavam prestes a desmaiar. Até mesmo os dois instrutores, Baines e Olsen, os líderes de torcida designados para o grupo, pareciam ter acabado de comer pitu cru.

E é claro que tinham. Durante o jantar, Leyland fez com que demonstrassem como capturar, descascar e sugar os bichos escorregadios para uma refeição de sobrevivência. Fora bem divertido, até Leyland lembrá-los que no dia seguinte seria a vez deles, internos. Cada um se embrenharia sozinho na floresta sem comida, sem abrigo e sem ajuda por 24 horas. Então era bom que aprendessem a se virar sozinhos.

— Muito bem — disse Leyland. — Se ninguém tem perguntas, vão em frente e construam.

Mallory seguiu para o tronco caído mais próximo, no qual estava de olho durante todo o tempo em que o instrutor falava, mas Bridges se antecipou a ela.

— Esse é meu, Zedman. Procure outro.

— Isso é que é trabalho de equipe — murmurou ela.

— Vai se ferrar.

O comentário seria o bastante para Bridges receber uma punição se Mallory o denunciasse. Mas ela seguiu em frente. Não valia a pena discutir por aquilo.

Morrison estava perto da margem do rio, inspecionando um tronco apodrecido; Smart, na borda oposta da clareira, sendo repreendido por Leyland sabe-se lá por quê.

Mallory avaliava as possibilidades de um afloramento de rochas calcárias do tamanho de carros no sopé do morro. Havia uma infinidade de recessos e fendas que poderiam servir como tocas.

Ela tentava não pensar no que Olsen tinha dito mais cedo — um comentário casual sobre a mata não ser tão fechada quanto parecia. Uma estrada cortava aquele trecho da propriedade a apenas 1 quilômetro dali, na direção do poente.

Por que Olsen lhe dissera aquilo? Para fazer com que ela se sentisse melhor? Para tentá-la? Ou era a ideia dela de vingança por Mallory ter-lhe dado um gelo?

Já fazia alguns dias que Mallory pensava em fugir. Na verdade, ela não conseguia imaginar voltar para São Francisco; para Race, para a Laurel Heights, para os pais. Mas os pesadelos ainda a atormentavam: Talia Montrose, Katherine, o som da cadeirinha rasgando, o solavanco vertiginoso da queda livre sob a chuva.

Estava muito cansada de sentir medo. Sentiu um arroubo súbito e poderoso de fazer uma confidência para Olsen, de tirar tudo do peito, de contar as loucuras nas quais estava pensando. Ela deveria aceitar o fato de que o acidente fora apenas um acidente, como dissera Hunter. Aquelas pessoas tomariam conta dela. Ela queria de verdade sair do Nível Preto. Queria trabalhar com cavalos o dia todo. Queria aprender a cavalgar.

Mas não conseguia afastar o pensamento de que havia sido traída na travessia da ponte de corda. Que estava em perigo. Que Olsen, Leyland e Hunter haviam falhado com ela, assim como Katherine, e que a abandonariam no dia seguinte, a mandariam mata adentro à própria sorte. Ela sabia que estava sendo infantil, mas esnobara Olsen o dia todo, tentando fazê-la entender o quanto ficara assustada. Quando pensava na noite anterior, a velha fissura por heroína a contorcia por dentro. O velho ódio se inflamava. E ela pensava na possibilidade da estrada que Olsen mencionara.

Mallory tentou afastar a ideia. Ela andava sobre as pedras, reunindo galhos.

Logo os últimos raios de sol cortavam a mata, as sombras das árvores e das rochas calcárias escuras como tinta indiana.

Estava tão concentrada que só ouviu Olsen se aproximar quando ela se agachou ao seu lado.

— A pedra é uma boa ideia, Mal, mas você escolheu o lado frio.

Cada músculo do corpo da menina se contraiu. Ela pegou mais um galho, colocou-o contra uma pedra.

— Este lado ficou na sombra o dia todo — explicou Olsen. — O outro ficou ao sol, vai transmitir calor por várias horas da noite.

— Eu já construí o abrigo.

Era uma forma bem ousada de definir a coisa precária que ela construiria: uma linha irregular de galhos escorados na lateral da rocha. Ela já vira castelos de cartas mais sólidos.

— Amanhã à noite — disse Olsen —, quando estiver sozinha, tente o outro lado.

Mallory mordeu a língua para não responder.

Ela acrescentou mais um galho, que imediatamente escorregou e derrubou metade do telhadinho.

Mallory quis gritar.

Como poderiam mandá-la para a mata sozinha no dia seguinte? Como podiam acreditar que estava pronta?

Olsen pegou um galho, estendeu-o a Mallory.

— Escute, garota, sobre ontem à noite...

Sua voz se perdeu.

Mallory olhou para onde Olsen estava olhando e viu Leyland conversando com duas pessoas, estranhos no que deveria ser um acampamento fechado. Com uma sensação de vertigem, pior do que balançar sob a luz dos holofotes na noite anterior, Mallory percebeu que era Chadwick, alto e magro no seu casaco bege, e a jovem negra que ela vira aquela manhã na pista de obstáculos. Leyland apontava na direção dela. Os olhos de Chadwick se encontraram com os seus e Mallory teve o pressentimento de que um dos seus pesadelos estava para se tornar realidade.

Chadwick não conhecia uma forma melhor de dar a notícia, então foi o mais direto possível.

Mallory olhava para o abrigo que construiria.

Ela parecia mais saudável do que sete dias antes. Seus olhos não estavam mais embotados. Seus cabelos haviam sido raspados e agora começavam a crescer novamente, no tom loiro natural. O uniforme preto lhe caía melhor do que antes.

Ela enterrou as mãos nos pedriscos de calcário.

— Meu pai não morreu.

— Nós não sabemos, querida. A polícia...

— Race disse a você que Samuel está vivo? Ele disse isso?

— Ele estava assustado. Disse o que eu queria ouvir.

— É mentira sua.

— Eu estava lá — disse Kindra. — O cara está dizendo a verdade. Se você quiser mesmo ajudar os seus pais, talvez deva fazer o mesmo, hã?

O sol se punha tão rápido que Chadwick era capaz de ver as sombras se erguendo do chão, engolindo as coxas de Kindra e Olsen como uma maré. Sentia também a temperatura caindo, ou talvez fosse apenas a força de reprovção que emanava de Olsen. Ela não disse nada, mas Chadwick tinha certeza de como ela via o fato de eles estarem ali, interrompendo.

Mallory soltou pedriscos dentro do sapato, como se estivesse contando dinheiro.

— Race nunca me disse que Samuel estava morto, mas eu acho... eu acho que talvez ele tenha tentado. Ele disse que quando tinha uns 6 ou 7 anos... achamos que deve ter sido logo depois da morte da Katherine... que ele viu um traficante morrer baleado. Race estava brincando em um prédio abandonado quando um cara entrou, então ele se escondeu atrás de algumas caixas, no escuro. De repente outros dois caras apareceram, membros de uma gangue, talvez. Eles começaram a discutir com o primeiro cara.

— Race viu isso acontecer?

— Ninguém o viu. Eles começaram a discutir, aí o primeiro cara sacou uma arma, mas não teve chance de usar. Os outros atiraram nele, três ou quatro vezes. Eles enrolaram o cara numa lona velha e arrastaram o corpo para algum lugar... para o carro deles, sei lá. Race não viu. Ele nunca contou isso a ninguém. Tinha medo que os assassinos voltassem para pegá-lo. Ele me fez prometer que eu nunca contaria. — Mallory ergueu o olhar, desafiadora. — Acho que ele estava falando de Samuel. Race viu o próprio irmão ser morto.

Silêncio, a não ser pelo rio e pela voz de Leyland no outro extremo da clareira, ensinando um dos alunos do Nível Preto a isolar o abrigo com musgo.

— E quanto aos outros irmãos dele? — perguntou Chadwick.

— Sem chance — disse Mallory. — Ele só tem mais dois irmãos; gêmeos, todo mundo os chama pelas iniciais, tipo TJ e JT ou ET e TE ou coisa parecida. Eles estão presos, assalto a mão armada, acho. Faz anos.

Chadwick pensou no que Norma dissera, sobre Race ter dito algo a respeito de a pessoa que deveria ser temida era uma mulher.

— E irmãs?

— Uma, que eu saiba. Doreen. Eu a conheci. Se estiver achando que ela é perigosa, está maluco. Ela é tipo um ano mais velha do que eu e burra feito uma porta. Mora em Los Angeles. Está grávida de oito meses.

— O que nos deixa apenas Race.

— Race não faria mal à minha família. Ele não faria mal ao meu pai.

— Mallory. Deixaram um DVD rodando no quarto do seu pai ontem à noite. *A pequena sereia*.

O significado daquelas palavras pareceu ter sido apreendido lentamente. Ela levou a mão involuntária e lentamente ao pescoço.

— Você comentou algo com Race sobre esse filme? — perguntou Chadwick — Algo que ele pudesse contar a outra pessoa?

Uma minúscula borboleta cor de laranja descreveu piruetas em frente ao rosto dela, depois voou na direção das rochas. Mallory nem ao menos piscou.

— Sr. Chadwick — entrevistou Olsen —, acho que já basta de perguntas.

Ela tentou colocar a mão no ombro da menina, mas Mallory a repeliu.

— Você não sabe de tudo — disse Mallory, com voz trêmula. — Nenhum de vocês. Eu estava com Katherine na noite em que ela morreu. Eu sei o que aconteceu. Juro por Deus, se machucaram meu pai...

Chadwick esperou. Ele sentiu com se a última década de sua vida estivesse se comprimindo naquele momento: o ocaso caindo sobre a mata; o frio adensando no ar; os internos do Nível Preto dispersos pela clareira; e Olsen e Kindra de pé ao seu lado.

Então o vento mudou. Ele ficou tenso, a pele do seu pescoço de repente ficando arrepiada.

— O quê? — perguntou Kindra Jones, confusa.

Um CRAC alto ecoou nas rochas, como um galho de árvore se partindo.

Os internos pararam o que estavam fazendo, seus rostos perplexos se voltando para as rochas — na direção de Chadwick.

Outro momento de respiração em suspenso, então ele gritou:

— Para o chão!

Ele envolveu Mallory, pressionando-a contra a lateral da rocha quando um segundo CRAC levantou uma chuva de pedregulhos no exato lugar onde ele estivera um segundo antes.

— O que é isso? — gritou Mallory.

— Quieta — ordenou ele. — Não se mexa.

Na clareira, os alunos gritavam. Leyland bramia ordens, repetindo a instrução de Chadwick para que deitassem no chão. Kindra se escondera atrás de uma árvore, puxando um dos internos para o chão ao seu lado.

Chadwick empurrou Mallory para mais próximo da base do rochedo. Olsen se agachou perto deles, também tentando fundir-se à rocha.

— Fique com Mallory — ordenou ele.

— Aonde...

— Fique com ela.

Chadwick puxou a faca de Mallory da bainha de perna dela e ergueu-se um pouco, ficando agachado. Então bateu os bolsos e percebeu que havia deixado o celular na sede, a 3 quilômetros dali.

*Merda.*

Ele vasculhou a clareira com os olhos. O jovem conselheiro, Baines, estava

a cerca de 30 metros de distância, agachado atrás de uma pedra que não proporcionava cobertura alguma. Baines agarrava o kit de primeiros socorros, o que significava que ele tinha o telefone de emergência, o único contato do grupo com o mundo.

Chadwick estalou os dedos e levou a mão ao ouvido, imitando um telefone. Baines apenas olhou para ele, implorando em silêncio.

O rapaz, percebeu Chadwick, estava em choque.

*Sim, idiota, é uma arma. Alguém está atirando em nós.*

Chadwick olhou para Kindra, gesticulou na direção de Baines e fez 9-1-1 com os dedos.

Ela entendeu imediatamente e começou a rastejar na direção de Baines.

*Boa garota.*

Outro tiro quebrou o silêncio e, na clareira, uma pedra pequena explodiu numa nuvem de poeira.

O atirador estava no topo do rochedo, uns 10 metros acima da cabeça de Chadwick

Kindra chegou até o kit de primeiros socorros, puxou Baines para um lugar mais seguro e começou a procurar o telefone. Poderiam contar com ajuda dali a pelo menos 15 minutos. Tarde demais para qualquer um deles.

Um quarto tiro.

Choramando, uma das internas rastejou mais para dentro de seu abrigo, como se galhos pudessem protegê-la de balas.

A bile subiu à garganta de Chadwick

O atirador usava um rifle de longo alcance. Ele escolhera a localização com perfeição: o sol estava às suas costas e nos olhos dos alvos. E ele estava atirando nos alunos de Chadwick

Chadwick apertou o cabo da faca de caça, verificou se Olsen ainda estava com Mallory, e então começou a contornar o rochedo.

Mais um tiro, e um aluno uivou. Uma voz de menino, gritando de dor. O estômago de Chadwick se transformou num bloco de carvão quente.

Ele saltou de pedra em pedra, mantendo-se agachado, avançando na direção dos tiros. Atrás dele, Leyland berrou:

— Baines, o kit de primeiros socorros, cacete!

Chadwick não ouvia Kindra falando ao telefone, podia apenas ter a esperança de que isso estivesse acontecendo.

Por fim, chegou a um ponto em que o sol estava às suas costas. Ele se sentia insondável, uma sombra enorme e silenciosa sob o escurecer.

Ele avistou o atirador. Primeiro uma perna camuflada, então uma bota. Discerniu as formas de um homem deitado, parcialmente escondido sob uma moita no alto do rochedo; a posição ideal, com vista para toda a clareira. O atirador usava uma máscara de esquí. O rifle tinha uma luneta, e três pentes de

munição estavam no chão ao seu lado. Ele poderia atirar em qualquer um. Aquela altura, todos deveriam estar mortos.

O homem atirou mais uma vez contra a clareira.

Chadwick pegou a faca. Vinte metros sobre cascalho, folhas e espaço aberto. Ele pesou as opções, lembrando-se do treinamento de combate, odiando saber exatamente o que precisava ser feito.

O atirador sentiu a presença no mesmo instante em que Chadwick segurava a faca pela ponta. O cano do rifle girou na sua direção, mas a faca já brilhava no ar, uma fração de segundo antes de ser enterrada na barriga do homem. Um tiro foi disparado para o alto, enquanto Chadwick se movia com a velocidade de um caminhão.

O atirador tentou se levantar, mas Chadwick arrancou a arma de suas mãos e chutou-o no rosto, atirando o homem encosta abaixo. Ele se chocou contra uma pedra e rolou para fora do campo de visão. O rifle agora estava nas mãos de Chadwick. Um fio do sangue do atirador manchava suas calças.

Chadwick desceu a encosta aos tropeços, o coração disparado, a respiração áspera nos ouvidos.

Os alunos começavam a sair dos esconderijos, apesar das ordens de Leyland para que continuassem abaixados. Kindra Jones segurava o telefone, olhando estupefata para o que acabava de cair na clareira, mas quando viu Chadwick conseguiu dizer:

— Polícia. A caminho.

O atirador estava caído sobre uma saliência de rocha parecida com um altar. Ele emitia sons molhados ao arrastar a mão contraída sobre a laje, buscando a faca na bainha presa ao cinto. Chadwick fitou os olhos castanhos vidrados atrás da máscara de esquí. Os braços do homem estavam expostos: pele morena, uma tatuagem no antebraço.

*Emilio*, pensou ele.

Sua visão escureceu.

Ele agarrou o atirador pela camisa e o arrastou, atirando-o pesadamente contra o tronco de uma árvore. O homem gritou, implorando em espanhol rápido algo que Chadwick não conseguia entender. Não queria entender.

Leyland surgiu ao seu lado, tentando contê-lo.

— Ei, cara, calma aí...

Mas nem mesmo Leyland tinha força para detê-lo.

Chadwick arrancou a máscara.

Não era Emilio. Não era ninguém que ele conhecesse. O sujeito era jovem, talvez 30 anos, hispânico, com o físico, o corte de cabelo e o rosto endurecido de um soldado. Os olhos estavam vidrados de dor, a faca ainda enterrada na barriga.

Chadwick o segurou contra o tronco, encarando-o, até que Olsen disse entre os dentes:

— Chadwick.. pelo amor de Deus. Eu *preciso da sua ajuda*. Smart está ferido.

Ele hesitou, então soltou o atirador. O homem deslizou para baixo pelo tronco e se encolheu, virando de lado como que para proteger a faca, evitar que a tirassem dele. Havia sangue, muito sangue.

O garoto chamado Smart estava deitado no chão ali perto, dois companheiros agachados ao seu lado, Olsen aplicando pressão no braço para estancar o sangramento.

Chadwick gritou para que Baines trouxesse o kit de primeiros socorros, então ordenou a Leyland que ficasse de olho no atirador, mas era óbvio que o homem não ia a lugar algum.

— Ele atirou em mim. — Smart tremia. — Ele atirou em mim.

— Calma, filho — disse Chadwick — Você vai ficar bem.

Chadwick fez tudo rápida e automaticamente. O ferimento não era grave: um sulco raso cavado pelo tiro de raspão. A alta velocidade da arma ajudara, reduzindo a gravidade da lesão.

Quando Chadwick terminou o curativo, Smart chegou a abrir um sorriso cansado para as brincadeiras dos companheiros. O Espertinho ficaria bem. O rapaz era durão. Teria uma bela cicatriz para mostrar às garotas em Des Moines.

Sirenes uivaram à distância.

Chadwick sentiu Leyland puxar-lhe a manga da camisa, então deu um passo ao lado e deixou que o instrutor assumisse a situação. Ele voltou na direção do atirador, apenas para encontrar Olsen ajoelhada ao lado do homem. Ao ver os olhos da ex-parceira, Chadwick se perguntou se ela entraria em choque antes do sujeito.

— Ele vai morrer.

— Não, não vai — prometeu Chadwick, mas quando olhou para o rosto pálido do homem, não teve tanta certeza.

Os policiais chegaram, depois um carro de bombeiro de Fredericksburg. Enquanto esperavam pela ambulância que levaria Smart, os bombeiros cuidaram do atirador. Um policial finalmente fez a pergunta óbvia, a pergunta que a raiva, o choque e a preocupação com Smart tinham afastado completamente da mente de Chadwick

— Estão todos aqui?

Leyland começou a dizer que sim, mas Chadwick colocou as costas da mão no peito do instrutor. Uma sensação que era como um furador de gelo cortando-lhe o peito — e ele finalmente entendeu o que havia acontecido.

— Não — disse ele. — Falta uma aluna.

Mallory Zedman havia desaparecido.

— Venha — disse Chadwick ao telefone. — Agora.

— Não posso... Que horas são agora? — Ann Zedman parecia desnorteadada.

— Não posso, Chadwick. Tenho uma reunião com o meu advogado às 8 da manhã. A essa hora de amanhã eu posso estar presa.

— Parece que você não me ouviu. Mallory desapareceu. Um homem veio atrás dela com um rifle de longo alcance.

— Pare — implorou ela. — Por favor... eu não posso ficar mais preocupada do que já estou. Mas se eu deixar a cidade, só vou piorar as coisas.

— Eu posso ter matado um homem hoje à noite, Ann.

No céu da noite, a Via Láctea cintilava como geada. Chadwick desejou poder apagar as luzes da sede, desligar as luzes de emergência das viaturas de polícia no portão de entrada. Desejou poder mandar para dentro os conselheiros e os internos do Nível Branco que se aglomeravam em volta, tremendo em suas roupas de dormir, loucos por informações. Queria estar sozinho com a voz de Ann e as estrelas.

Ele se afastou de Olsen e Kindra Jones, que o observavam a poucos metros de distância, e seguiu mais para dentro da escuridão, a grama congelada estalando sob seus pés.

— Ann, não consigo mais pensar nisso com clareza. Ninguém aqui conhece a história. Eu preciso de você.

— Chadwick... ah, meu Deus. Se você tivesse me dito isso uma semana atrás... um mês atrás.

Ele sentiu o desespero dela lhe puxando a orelha, como se fossem crianças, falando através de uma parede com copos e um barbante.

— Vou tentar dar um jeito — disse Ann por fim, já que ele não respondeu.

— Me ligue com os detalhes do voo. Eu busco você no aeroporto.

Ele deu para Ann o número de seu celular.

— Apenas encontre Mallory. Por favor... se eu a perder...

Chadwick tentou dizer algo tranquilizador, mas Ann já desligara.

Mais adiante na estrada de terra, nos portões com colunas de pedra calcária da Cold Springs, Asa Hunter conversava com o xerife e um detetive sem uniforme. Ele se virou, tendo no olhar o mesmo ódio de anos antes, enquanto enterrava a faca no tronco de um carvalho. Viu Chadwick e fez um gesto para que se aproximasse.

Chadwick não estava preocupado com o xerife — o velho Bob Kreech era tão fácil de entender quanto uma enguia. Mas havia algo de errado no detetive

em trajes civis. Ele era jovem demais, seu terno elegante demais.

— Mallory alcançou a estrada — disse Hunter. — Eles encontraram isso.

Hunter lhe entregou uma bússola, um modelo barato de plástico que todos os alunos do Nível Preto recebiam durante o treinamento da Semana de Sobrevivência.

— Encontraram marcas de pneu recente por perto — disse o doutor. — Um veículo grande parou na estrada. Uma das possibilidades é que tenha pedido carona a um caminhoneiro.

*Uma das possibilidades*, pensou Chadwick.

— E o atirador? — perguntou ele.

— Morreu. — O xerife Kreech avaliou Chadwick, esperando uma reação.

— Chadwick é um herói — disse Hunter. — Ele protegeu os nossos alunos.

O outro homem, o jovem detetive do terno elegante, olhava para ele.

Um estalo no cérebro de Chadwick

— Você é o agente especial Laramie — disse ele. — De São Francisco.

O jovem sorriu com o canto da boca.

— O senhor é um homem difícil de encontrar, Sr. Chadwick

Chadwick já trabalhara algumas vezes com o FBI em casos de desaparecimento. Já vira o bastante para saber que quando os agentes sorriam, geralmente não era bom sinal.

— Os tiros foram disparados há apenas uma hora — disse Chadwick — Como você chegou tão rápido? Teletransporte?

— Cheguei à tarde. Comprei uma passagem no voo depois do seu. O senhor conhecia o atirador?

— Não.

— O nome dele era Julio de la Garza. De acordo com a identidade que carregava no bolso, um cidadão mexicano. Fiz algumas perguntas. O sujeito é ex-militar. Teve uma carreira interessante antes de ser dispensado. Incendiou uma casa de simpatizantes dos rebeldes em Chiapas, mas acabou que o lugar estava ocupado por crianças maias. Nos últimos anos, morou no bairro Mission, em São Francisco. Onde o senhor morava, não é verdade?

— Muito tempo atrás.

— O senhor ficaria surpreso ao saber que havia dois atiradores?

Os olhos de Laramie brilhavam, quase vidrados, mas estavam cravados em Chadwick. Com aquele sorriso de canto de boca, o agente especial poderia ser um garoto jogando um videogame letal que compreendia intuitivamente.

— O xerife encontrou cápsulas em um local diferente, a cerca de 20 metros de distância. O segundo atirador flanqueava o primeiro, e provavelmente fugiu quando viu o companheiro voar encosta abaixo — disse Hunter.

— Emilio. O segundo atirador era Emilio Pérez

— Empregado do Sr. John Zedman — disse Laramie. — Mas por que o

senhor pensa isso?

— Emilio foi enviado para resgatar a garota. Talvez também para me matar.

— Pode provar isso?

— Emilio ainda está à solta. Ele está com Mallory, ou à procura dela. E pode ainda não saber que o patrão foi morto.

— Desaparecido — corrigiu Laramie. — Não morto. Um pequeno lapso. Chadwick sentiu os punhos se fechando.

— Emilio e a garota não se dão bem, Sr. Laramie. Se ele descobrir que o patrão está morto... que está subitamente desempregado e que a garota que está em seu poder é uma mercadoria que ele não poderá entregar...

— Olha — interrompeu o xerife, erguendo as mãos. — Eu já disse, não estou convencido de que os atiradores estivessem *atrás* de ninguém. Dois idiotas na floresta com rifles durante a temporada de caça... não é exatamente uma coisa rara. Os sujeitos encontraram uma oportunidade de aprontar e aproveitaram.

Ninguém o contradisse. O silêncio deixou claro, entretanto, que ninguém acreditava naquilo.

— O senhor não viu o segundo atirador — disse Laramie. — Não identifiquei visualmente esse tal de Emilio Pérez ou seja lá quem for.

— Não.

— O segundo atirador simplesmente desapareceu.

— Possivelmente com a menina — disse Chadwick. — E estamos aqui parados gastando saliva.

— Que diabo, a garota fugiu por conta própria — insistiu o xerife Kreech. — Quem não fugiria?

Os músculos do pescoço de Hunter se contraíram, mas ele não disse nada. Ele precisava conviver com Bob Kreech, mesmo que o xerife tivesse sido eleito diversas vezes com a promessa de fechar a Cold Springs — para “proteger a comunidade”.

Laramie continuava com os olhos cravados em Chadwick

— Os tiros começaram quando o senhor ainda estava à vista. Quanto tempo exatamente o senhor diria que ficou fora do campo visual do restante do grupo, enquanto praticava o seu ato de heroísmo?

— Aonde você quer chegar? — disse Hunter. — Chadwick não fez nada de errado.

— Não — concordou Laramie, com naturalidade. — Mas acontece que ele me parece ser bastante hábil com uma faca. A mulher de Oakland, Talia Montrose...

— Dê o fora da minha propriedade — disse Hunter.

— Não podemos evitar essa conversa por muito tempo, Sr. Chadwick —

continuou Laramie, ignorando Hunter.

— Ligue para os meus advogados amanhã — disse Hunter. — Até lá, agente Laramie, suma daqui.

Laramie arrancou algumas folhas de uma trepadeira que pendia de um galho de árvore acima dele, e então respondeu:

— Estou aqui para ajudar, Sr. Chadwick. Pense nisso. Voltarei amanhã.

Ele foi até uma das viaturas, esfregando as folhas com os dedos.

— Sr. Hunter — disse Kreech —, se incomodaria de me dar alguns minutos da sua atenção em particular?

O xerife sabia muito bem que o título de Hunter era doutor, mas teimava em se recusar a usá-lo. Chadwick se virou e, antes que perdesse a paciência, seguiu pela estrada até onde Olsen e Kindra o esperavam.

— E então? — perguntou Kindra.

Ele as colocou a par dos acontecimentos.

— Onde é que o maldito FBI entra nessa história? — perguntou Kindra. Seus olhos ardiavam de orgulho do parceiro. — Você tirou aquele cara de cena com uma faca de caça. Ele mereceu.

Olsen não ardia de orgulho. Chadwick suspeitava de que ela sentisse o mesmo desconforto que ele.

— Dois atiradores — disse ela. — Eles poderiam ter matado você e Mallory... todos nós. Então por que não fizeram isso?

Chadwick não tinha uma resposta.

— Precisamos encontrá-la — acrescentou Olsen.

Kindra deu-lhe um empurrão no ombro ferido, onde ela levara a facada de Mallory.

— Precisamos? Meu bem, foi você que perdeu ela.

Olsen recuou de susto.

— Smart tinha sido ferido. Eu não pensei...

— Ah, mas não pensou mesmo.

— Kindra — disse Chadwick — Pegue um carro na garagem. A gente se encontra no portão.

A jovem esperou por uma resposta de Olsen. Em vão.

— Sem problema — disse ela. — Vou tentar encontrar um carro veloz. Um carro *confiável*.

Ela se virou e saiu pisando forte.

Hunter e Kreech ainda conversavam ao lado do carro do xerife. O agente especial Laramie estava sentado no banco de trás de uma viatura, falando ao celular.

— Você me alertou durante a semana de Ação de Graças — disse Olsen a Chadwick — Disse para eu cuidar dela. E eu prometi que não a deixaria sozinha por motivo algum.

— A culpa não foi sua.

— Eu quero ir com você. Quero ajudar.

— Eles precisam de você aqui. Leyland vai ter um trabalhão para acalmar os adolescentes.

— Não faz diferença. A Semana de Sobrevivência será cancelada.

— Não — disse Chadwick — Hunter não vai fazer isso. Ele os quer de volta na floresta o quanto antes. A ordem restaurada. O programa continua.

— Isso é loucura.

— Isso é Hunter.

Pequenas gotas escorriam pelas beiradas do telhado da sede, cada vez mais lentamente, se transformando em gelo.

— Eu falhei com ela — disse Olsen. — Na travessia da ponte de corda, quando Mallory quase caiu. Entendi como você se sentiu naquele dia em que quase deixou Race Montrose o matar. Simplesmente fiquei ali... deixei Leyland assumir o controle da situação. Eu deveria ter ido até ela. Mas congelei.

— Ela vai ficar bem. — Chadwick tentou soar mais confiante do que se sentia. — Eu vou encontrá-la.

Olsen apertou a gola da camisa.

— Droga de frio. Eu me mudo para o Texas e isso aqui começa a congelar.

As luzes dos carros de polícia pulsavam em suas costas enquanto ela se afastava.

Hunter apertou a mão do xerife com relutância e seguiu na direção de Chadwick. Eles ficaram olhando o carro de polícia desaparecer na estrada.

— Não preciso dizer que isso é um pesadelo para a escola — disse Hunter. — A fuga de um aluno... isso é pior do que os tiros. Compromete todo o programa.

— Nós dois sabemos que aqueles sujeitos não eram caçadores.

— Talvez não. Talvez Kreech também saiba que não eram. Também sabemos que aquele filho da puta preguiçoso não vai recuar. Ele nunca nos quis aqui. Vai adorar se a escola for fechada por causa de um escândalo. Quanto a Laramie, ele não dá a mínima para a garota. Já está no prato principal... você.

— Cabe a nós encontrá-la.

Hunter o olhou um tanto irritado.

— É esse meu trabalho — lembrou-lhe Chadwick. — Eu encontro jovens, e os trago para a escola.

— Você já está encrencado o bastante.

— Se Mallory pegou uma carona, o motorista deve ter parado para dormir. Não há muitas opções por aqui. Preciso ir.

— E se o tal de Emilio estiver com ela?

— Vamos torcer para que não esteja.

Hunter refletiu.

— Vou ter que ligar para a mãe. Preciso da aprovação dela.

— Já fiz isso.

Hunter fechou a cara.

— Vamos seguir o procedimento padrão — prometeu Chadwick — Tratar o caso como se fosse uma escolta ou fuga como qualquer outra. Kindra vai comigo.

As botas de Hunter traçaram dois riscos na terra antes que ele concordasse.

— Chadwick, caso você esteja se perguntando, estou contigo nessa cem por cento. Se eles tentarem botar as mãos em você, meus advogados estão à disposição, mas você precisa evitar se meter em mais encrenca.

Havia uma gravidade nova nos olhos de Hunter, o olhar de alguém que acaba de ver algo maligno e tenta apagar a imagem da mente. Chadwick então se deu conta de que a conversa dele com o xerife e Laramie não havia sido sobre Mallory. Não exclusivamente.

— Eles pediram que você me sacrificasse — conjecturou Chadwick — Fizesse de mim um bode expiatório para salvar a escola.

— Ninguém pediu nada — disse Hunter. — Só estou dizendo, estou do seu lado, mas você deve ser muito, muito cuidadoso.

Chadwick hesitou, então pegou a bússola de Mallory da mão estendida de Hunter. Ele saiu para encontrar com Kindra Jones e, pela primeira vez em muitos anos, carregar seu revólver 38.

Nas primeiras horas da madrugada, a pequena cidade de Fredericksburg estava praticamente deserta.

A luz de um único poste iluminava a rua em frente à prefeitura. Havia faixas de divulgação de um festival de arte e vinhos sobre as esquinas, e as fachadas escurecidas de pedra calcária das lojas do centro quase tornavam a cidade aquilo que queriam seus fundadores: uma pitoresca vila do Velho Oeste. A Main Street era um pastiche de cercas de madeira branca e arame farpado, videiras e cactos, roseiras e cabanas de madeira restauradas, pousadas e restaurantes mexicanos. As influências do Oeste e das arquiteturas alemã e mexicana lutavam pela alma da cidade, e todas perdiam para os turistas.

Às 3 da manhã, Chadwick estava estacionado em Milam, o calor do capô subindo tremulando no ar frio. Ele olhava para a cruz iluminada em um morro nos limites da cidade e se perguntava se havia sido colocada ali como um insulto pessoal àqueles que perderam a fé.

Kindra Jones saiu da recepção do hotel barato do outro lado da rua e foi até o carro.

— Nada — disse ela. — E você?

Chadwick fez que não e entregou à parceira um copo de café que comprara em uma parada de caminhoneiros.

A confiança dele na própria estratégia estava enfraquecendo. Eles apostavam na melhor das possibilidades: que Mallory tinha fugido quando começaram os tiros, de alguma forma conseguira escapar de Emilio e conseguira pegar uma carona na estrada. Ele acreditava que um morador da região não teria parado, já que todos conheciam a Cold Springs e seus uniformes pretos. Um caminhoneiro sim, mas poucos passavam por aquela estrada, a não ser para entregas locais, o que significava que o motorista teria parado em alguma cidade próxima para passar a noite. De qualquer forma, Chadwick acreditava que Mallory se desvencilharia do motorista à primeira oportunidade. Isso fazia de Fredericksburg ou alguma cidadezinha nas cercanias os alvos óbvios da busca.

Até o momento, ele e Kindra continuavam sem pistas. E ao amanhecer, quando seria mais fácil conseguir uma carona para sair da cidade, a chance de encontrá-la seria ainda menor.

Isso levando em conta a melhor das possibilidades: que Mallory estava sozinha. Se estivesse com Emilio, a busca poderia ser uma causa perdida.

— Tem outros hotéis baratos do outro lado da cidade, uma fila inteira deles.

— Ele tentava soar entusiasmado diante da perspectiva de falar com mais recepcionistas sonolentos.

Kindra ergueu o copo de café.

— Sempre em frente.

Enquanto rodavam pela cidade, Chadwick mantinha os olhos atentos, como um policial em patrulha: inspecionava varandas, calçadas, becos. Na beira de um riacho ao lado da West Schubert Street, adolescentes locais se reuniam em volta de caminhonetes numa festa improvisada. Quando Chadwick e Kindra passaram, alguns esconderam baseados e garrafas de cerveja nas costas, como se isso tornasse os objetos invisíveis. Eles sem dúvida haviam visto a logomarca da Cold Springs na porta do carro; qualquer adolescente da região sabia exatamente o que isso significava, e Chadwick subitamente se sentiu dirigindo uma carrocinha.

— Se eu fosse Mallory, era ali que eu estaria — disse Kindra. — Eu me livraria de quem tivesse me dado carona assim que encontrasse um lugar com bastante gente. Se você é uma garota em fuga, a última pessoa em quem confia é num cara que dá carona a uma garota em fuga.

Chadwick olhou para ela, surpreso com o comentário.

— Momento de confissão?

Kindra deu um sorriso maroto.

— Tudo bem, admito: eu sei do que estou falando. Fugi de casa algumas vezes.

— Seus pais a procuraram?

— Que nada. Fiz umas coisas idiotas. Coisas que a gente faz para conseguir dinheiro nas ruas. Então voltei para casa por vontade própria. Sabe como é, naquele tempo, esse era o internato militar. Não precisávamos pagar 2 mil paus por mês para aprender a realidade. Era a mamãe que dava um pé na nossa bunda.

Ela riu, e Chadwick não conseguiu evitar o sorriso.

A raiva que vinha girando dentro dele a noite toda como uma bobina de alta tensão cedeu momentaneamente.

Ele olhou novamente para os adolescentes na margem do riacho, pensando se deveria ou não ir até lá falar com eles. Tentou imaginar Mallory em meio àqueles garotos de Fredericksburg. Ela se misturaria a eles com tanta naturalidade quanto Race na Laurel Heights.

Chadwick seguiu em frente.

— E quanto a você? — perguntou Kindra.

— O que tem eu?

— Como você caiu na real?

— Minha escola de realidade foi a Força Aérea. Tailândia, logo depois do fim da Guerra do Vietnã. Eu e Hunter.

— Deve ter sido demais.

Ela fez o comentário no mesmo tom que os jovens usavam na época, como se a Guerra do Vietnã fosse uma reprise que viam no programa de TV Nick at Nite.

Chadwick lembrou como costumava reagir às histórias do avô sobre a Segunda Guerra: ouvia com deferência, incapaz de compreender, sob o olhar vazio do avô, que se sentia frustrado por não poder compartilhar o que trazia no peito.

O tempo é a melhor vingança, pensou ele.

Nos quarteirões seguintes, Chadwick pensou em Korat e no revólver que agora pesava no seu coldre de ombro. Pensou em Julio de la Garza, o atirador mexicano, o pescoço morno e tenso do homem em sua mão. A lembrança não era agradável, mas havia nela algo focal, uma clareza que mantinha a fúria de Chadwick sob controle. Ele não perderia Mallory Zedman. Oito anos encontrando jovens ou garantindo sua segurança, e tudo isso significaria nada se perdesse Mallory.

Eles visitaram os outros hotéis, depois a única loja de conveniência aberta 24 horas. Não tiveram sorte.

Às 5 horas, estacionaram em um restaurante de posto de gasolina no cruzamento das rodovias 290 e 87, a última esperança antes de voltarem. A garçonele, que trabalhara a noite toda, não se lembrava de ninguém parecido com a descrição que eles fizeram de Mallory.

— Eu me lembraria de uma menina — disse ela, medindo Kindra com os olhos. — Não recebemos muitas por aqui.

A voz sugeria que a mulher tinha em mente outra coisa que não Mallory.

O fio de alta voltagem nas entranhas de Chadwick deu um nó, soltando faíscas.

— Quer saber? — disse ele à mulher. — Vamos ficar para o café da manhã.

Sob objeções de Kindra, eles se sentaram ao balcão e esperaram até que a garçonele, com uma expressão azeda, empurrasse dois cardápios para eles.

Tinham o restaurante todo apenas para si, exceto por três jovens caminhoneiros sentados à janela. Quando ficou evidente que Kindra e Chadwick iriam comer ali, os homens ficaram em silêncio, os olhos voltados para os dois.

— Chadwick — murmurou ela —, não precisamos...

— Sente-se — disse ele, baixinho. — Peça alguma coisa.

Ele olhou para os pôsteres desbotados com fotografias de pratos com ovos mexidos e bacon, panquecas com rostos sorridentes. Tentou convencer a si mesmo que estava com fome.

Um dos caminhoneiros disse “Crioula”, não muito alto, mas o suficiente para que o comentário cortasse o ar.

Chadwick se virou. Nenhum dos homens olhava para o balcão, mas um

deles, um sujeito que vestia uma camisa verde, sorria para os amigos.

— Esqueça — disse Kindra, séria. — Não vale a pena.

Mas os nervos de Chadwick estavam muito à flor da pele para ele deixar passar.

— Ei — insistiu ela, em voz baixa. — Eles são caipiras. Não vão mudar... não vale a pena tentar.

Chadwick foi na direção da mesa à janela.

Kindra praguejou, mas depois o seguiu, dizendo entre os dentes:

— Mas já que você insiste...

O sorriso do Camisa Verde se desfez assim que ele se deu conta do tamanho de Chadwick e do volume sob seu casaco: a arma que ele não fazia a menor questão de esconder.

— A moça precisa de um pedido de desculpas — disse ele ao homem.

— Quê isso, cara — disse o Camisa Verde, falando de esguelha, como que para ficar invisível à crítica. — Pedir desculpa pelo quê? Eu hein. É só comer um pouquinho de açúcar mascavo que o pessoal fica de cabeça virada.

Chadwick agarrou o sujeito pelos cabelos e o arrancou da mesa, por sobre os amigos, para então atirá-lo no chão como se fosse um fardo de roupa suja. Os outros se encolheram contra a janela.

— Levante. Peça desculpas.

— Qual é, cara...

— Chadwick — disse Kindra, e então se voltou para os caminhoneiros, a voz urgente e educada: — Escutem, cavalheiros, o Sr. Chadwick aqui teve uma noite difícil. Eu se fosse vocês o deixaria feliz. Sério.

Logo ela e os caminhoneiros eram aliados improváveis, tendo como inimigo em comum a ira de Chadwick. Chadwick sabia disso, sabia que deveria manter o controle, mas já não se importava.

— Você pegou pesado, Eddie — disse um dos homens. — Ela tem razão.

Eddie da camisa verde se levantou, limpou a saliva da boca. Tentou manter a cara de durão, mas o medo insistia em derreter a máscara.

— Desculpe. Me desculpe. Satisfeito?

Chadwick voltou até o balcão, mas a garçonete havia recolhido os cardápios.

— Acho melhor vocês procurarem outro lugar para tomar café — disse ela, com todo o cuidado.

— Boa ideia — disse Kindra. — Excelente ideia.

Ela não precisou se preocupar em rebater as objeções de Chadwick. A atitude combativa dele havia se esvaído.

Eles foram até o carro, deixando três caminhoneiros aterrorizados e uma garçonete velha e amarga com assunto para semanas. Mais um triunfo publicitário para a Cold Springs.

Chadwick sentou-se ao volante, olhou pelo para-brisa. O sol ainda não havia

nascido, mas o oeste começava a se iluminar, ficando da cor de pelo de lobo.

— Agradeço a consideração e tudo mais — disse Kindra —, mas não volte a lutar as minhas lutas, está bem?

— Aquilo não foi por você. Se fosse, eu poderia ser perdoado.

Ela ergueu as mãos espalmadas.

— Tudo bem. Enfim, Chadwick Me lembre de não deixar os meus filhos caírem na real na Força Aérea, está bem? Com certeza não funciona.

Chadwick não respondeu. Ele estava tentando reunir coragem para ligar para Hunter e admitir a derrota, formular o Plano B.

Então o celular tocou.

Chadwick atendeu, esperando que fosse Ann para lhe passar as informações do voo.

Em vez disso, a voz de Mallory soou em seu ouvido.

— Você passou direto por mim. E olha que você deveria ser o grande caçador de adolescentes.

Palavras corajosas, mas a voz dela não estava das mais firmes. Soava instável como estática.

— Onde você está, Mallory? Como você conseguiu esse número?

— Não foi preciso ser nenhum gênio — disse ela. — Liguei para a Cold Springs. Caiu na sua secretária. A sua gravação dá o número desse celular. Escute... estou com um problema.

— É, está mesmo.

— Um problema maior do que fugir. Emilio está atrás de mim. Está tentando me matar.

— Me diga onde você está. Eu vou protegê-la.

— Onde será que eu ouvi isso antes?

— Você tem outra escolha, Mallory? Correr?

— O que é que eu deveria ter feito, droga? Ficar ali sentada e levar um tiro? Olha... vamos fazer um acordo. Eu digo onde estou.

— Você está no Town Creek, com aquele bando de adolescentes.

— Não mais. Vou encontrar você. Mas você precisa ir sozinho. Prometa que vai me ouvir. E aí você decide se eu preciso voltar para a Cold Springs.

— Não existe a possibilidade de haver um *se* para isso.

— Mas antes você precisa me ouvir. Você precisa prometer que vai me ouvir. Fechado?

Chadwick pensou na proposta. Apesar de se esforçar ao máximo, não conseguia ver um lado negativo.

Eles concordaram em se encontrar na loja de conveniência 24 horas de Fredericksburg.

Mallory desligou sem se despedir.

— Você está negociando com aquela garota? — disse Kindra.

— Eu vou resgatá-la.

— Encontro numa loja de conveniência? O que é isso?

— Ainda estou devendo a você um café da manhã, não estou?

Kindra fechou a porta do carro com um palavrão.

— Bolinhos para viagem. Aguenta, coração.

Chadwick deu partida no motor e seguiu de volta para a cidade.

O interior da loja de conveniência era iluminado por um azul fluorescente, cor de sabão em pó. O lugar cheirava a gordura de junk food e café fervido.

Mallory Zedman estava sentada em um banco plástico nos fundos, próximo a um caixa eletrônico e aos bilhetes do Texas Lottery. Ela usava roupas que obviamente roubara de algum varal, uma camiseta cor-de-rosa da feira “Stock Show & Rodeo”, um casaco de patchwork e uma calça jeans masculina comprida demais, mas ainda calçava os tênis padrão do Nível Preto.

A atendente da noite era uma mulher grande e oxigenada; mastigava um chiclete sem cor. Ela acompanhou Chadwick e Kindra com o olhar quando entraram, decidindo muito rapidamente que não gostava de Kindra e dirigindo um olhar crítico para Chadwick. Então fez um sinal com o queixo na direção de Mallory.

— Você é o pai? É melhor que seja. Foi o que ela disse.

— Obrigado por deixá-la esperar aqui. — Chadwick tomou o cuidado de não confirmar a mentira de Mallory. — Passamos a noite toda procurando.

A mulher estalou o chiclete.

— Uma menina dessa idade não devia sair à noite. Um pai precisa saber disso.

— A senhora tem razão, é claro.

Mallory estava com uma cara péssima, mesmo levando-se em conta os dois dias que passara na floresta durante a Semana de Sobrevivência. Quando os dois se aproximaram, ela começou a mover as omoplatas como se estivesse com uma coceira inalcançável.

— O que ela está fazendo aqui? — quis saber Mallory. — Eu disse sozinho.

— A Srta. Jones é minha parceira.

— Eu não gosto dela.

Kindra riu.

— A propósito, meu amor...

— Não importa se você gosta dela ou não — interrompeu Chadwick — Você pode se explicar para nós dois.

O sino da porta da loja tiniu. Chadwick girou sobre os calcanhares, viu um caminhoneiro com olhos cansados entrar para comprar um copo de café. Ele esperou até que o homem saísse.

Quando voltou a olhar para Mallory, os olhos dela transbordavam todas as emoções que uma adolescente pode reunir: medo, ódio, ressentimento, vergonha. Todo o coquetel hormonal.

— Me explicar — repetiu ela. — Emilio está tentando me matar. Considere essa a minha explicação.

— Onde você o viu?

— Você quer dizer depois da floresta?

— Você o viu lá?

— É — disse Mallory. — Quer dizer, ele estava usando uma máscara de esqui, mas era ele. Estava no alto do rochedo com um outro cara. Eles estavam atirando. Emilio me viu, veio na minha direção. Sem chance, eu pensei. E corri. Quando cheguei à estrada, tive certeza de que ele viria atrás de mim, mas não. Fiz sinal para um caminhão. O motorista me deixou aqui. Passei um tempo com uns garotos locais e eles me disseram que um mexicano mal encarado estava mostrando minha foto por aí, oferecendo dinheiro. Eles me reconheceram. Acho que foi a coisa mais emocionante que aconteceu na vida daqueles caipiras por muito tempo.

— Você acha que o Emilio está aqui para matá-la.

— Ele tinha uma droga de uma arma. Estava atirando. O que você acha que ele estava fazendo, cacete?

— Acho que ele está aqui para levá-la para casa, para o seu pai. Se ele está aqui para matar alguém, essa pessoa sou eu.

Mallory ficou perplexa, como se Chadwick houvesse sugerido que ela gostava de música country.

— Você acha que o meu pai...

— Mallory, o seu pai está no olho do furacão há um bom tempo. Ele pensou que estivesse protegendo você.

O sino da porta soou outra vez. A balconista disse “Bom dia” para outro cliente.

Mallory olhou abatida para as mangas de seu casaco roubado.

— Ô menina — disse Kindra —, a polícia acha que Chadwick matou o seu pai, está entendendo? Ele está encrencado.

— Kindra... — disse Chadwick

— O cara não fez nada além de ajudar você. Agora é a sua vez de ajudar.

— O meu pai não faria...

— Quem é ele? — perguntou Chadwick — Quem está chantageando o seu pai?

— Eu já disse que não sei.

— Mas?

Mallory corou.

— Talvez eu não tenha contado tudo.

Então, como um ponto no fim daquela frase, uma bala abriu um buraco na caixa de plástico do caixa eletrônico, bem ao lado da cabeça de Mallory, com um *tuc* alto. A balconista gritou.

Chadwick empurrou Mallory para o lado, para a proteção do corredor de salgadinhos. Ele sacou a arma quando outro buraco de bala brotou no banco de plástico, no lugar onde pouco antes estava o peito de Mallory.

Não houve qualquer som além do produzido pelo impacto da bala. Um silenciador.

A balconista parou de gritar de forma abrupta.

Chadwick puxou Mallory contra si, as costas pressionadas contra a extremidade da gôndola, sob os chiados das embalagens de batata frita. Kindra estava agachada próximo à janela, atrás de um freezer de refrigerantes. O rosto dela era como o de um boxeador, o canto do olho contraindo-se, à espera do golpe seguinte.

Chadwick apontou o cano da arma para o chão enfaticamente. *Fique aí.*

Kindra fez que sim.

— Facilite as coisas, Chadwick — disse Emilio, do outro extremo da loja. — Entregue a garota. Eu deixo você se livrar dessa.

Chadwick cochichou “Fique aqui” no ouvido de Mallory, esperou até sentir que ela concordava.

Depois de soltá-la, avançou lentamente até o outro extremo do corredor, olhou por cima da prateleira de embalagens coloridas. Viu apenas a balconista gorda, paralisada em frente aos cigarros, olhando boquiaberta para alguém que ele não via. Emilio.

— Vou contar até dez — barganhou o homem. — Porque gosto de você, Chadwick. Aí então vou abrir fogo, e não dou a mínima para quem vai dançar com você.

Chadwick se esgueirou até o outro lado, chegou até a frente da loja e então se agachou de lado atrás de um cooler de refrigerantes.

Ele calculou mal. Emilio estava bem mais próximo do que ele pensara, fazendo exatamente a mesma coisa, se esgueirando. O homem estava prestes a virar na sua direção, e por uma fração de segundo Chadwick ficou surpreso demais para se mover — tempo o bastante para morrer, se Emilio não houvesse se distraído com um estrondo — CRAC-TSSSS — vindo da frente da loja: uma lata de cerveja cheia se chocando contra a vidraça. Emilio atirou.

O vidro estilhaçou no instante em que Chadwick disparava três vezes contra o peito de Emilio, um som insanamente alto, e o impacto atirou o homem sobre o capacho de boas-vindas. Ele caiu de costas, tentando fechar os braços, erguer os joelhos.

Chadwick avançou, chutou a arma para longe da mão do homem caído.

Os olhos de Emilio estavam arregalados, olhos de peixe. Não havia sangue.

Do lado de fora, a rua ainda estava vazia, escura e silenciosa.

A balconista inspirou como um cadáver voltando à vida.

— Santo Deus...

— Chadwick?! — gritou Kindra.

— Está tudo bem — respondeu ele.

Ela se aproximou, arrastando consigo Mallory, que tentava a todo custo soltar a mão de Kindra de seu punho.

Chadwick abriu o casaco de Emilio, bateu na camisa do homem com o nó do dedo indicador e sentiu a rigidez do colete Kevlar.

— Ele veio preparado. Está sem ar, provavelmente quebrou algumas costelas, mas vai sobreviver. Obrigado pela cerveja, Kindra. Coisa estúpida de se fazer, mas obrigado.

— Da próxima vez deixo você morrer, prometo. Então, o que vamos fazer com ele?

A balconista inspirou outra vez.

— Vou ligar para a polícia.

— Não! — disse Mallory. Os olhos dela imploravam para Chadwick — A polícia não! Por favor... você prometeu que iria me ouvir. Precisamos... precisamos conversar.

— Não podemos deixá-lo aqui — disse Kindra.

Chadwick não gostou de nenhuma das opções, mas, depois da conversa que tivera naquela noite com Kreech e Laramie, gostava menos ainda da ideia de chamar a polícia. Entregar aquilo a Kreech seria como entregar um teste de QI ao homem. Quanto a Laramie, Chadwick suspeitava de que o agente especial encontraria uma forma de usar Emilio para ferrar com ele, e não o contrário.

— Eu cuido do sujeito — disse ele à balconista. — Vou entregá-lo às autoridades competentes.

— Não é da minha conta, mas...

Então os olhos baços da mulher encontraram o revólver ainda na mão de Chadwick e ela achou melhor não terminar o comentário.

— Nosso carro está aqui na frente — disse ele a Mallory. — Kindra vai levar você até lá, e você vai entrar.

— Para onde vamos?

— Encontrar um amigo — disse Chadwick — Você e Emilio, eu e a Srta. Jones... precisamos ter uma boa e longa conversa.

— Precisa de ajuda com a caixa? — perguntou David Kraft.

Ann olhava para o sino de latão enferrujado, pensando se deveria levá-lo. Lembrou-se do antigo diretor, um ex-hippie grisalho chamado Luke, entregando-o a ela no seu primeiro dia no emprego, dizendo que fora um presente de Pete Seeger lá na década de 1960, quando os professores da Laurel Heights costumavam levar os alunos do ensino médio para manifestações em defesa dos direitos civis, ou seja, tentando fazer todos irem presos. Eles ajudaram Seeger a cantar “If I Had a Hammer”.

*O sino é seu agora, dissera Luke. Pode tocar se quiser, cara.*

Mas era dela ou da escola? Depois de vinte anos, como saber a diferença? Tirar os pertences de sua sala havia sido pior que o divórcio. Ela deixara John no meio da noite, com uma mala arrumada às pressas e com Mallory. John cuidou de todo o resto: jogou fora, destruiu, queimou.

Não... ela não iria pensar em John. Não pensaria na noite de dois dias antes, quando ficara sentada na antiga cozinha dela e de John, cercada de policiais, falando coisas demais para eles.

— Ann?

David estava parado à porta, desconfortável, os cabelos loiros penteados para trás, o semblante como o de um aluno do primeiro ano, ansioso por aprovação. Ann achava irônico que o conselho não encontrasse ninguém melhor para fazer as vezes de cão de guarda. Ela era contagiosa, virulenta. Apenas um ex-aluno assumiria o risco, um jovem que trabalhara no primeiro leilão, que estivera presente do começo ao fim do seu sonho de reconstruir a escola. O acanhado David Kraft, com seus olhos tristes, seria a última pessoa a vê-la na Laurel Heights. Ele a vigiaria enquanto encaixotava seus pertences, garantiria que ela não roubasse documentos, a prataria da escola ou canetas do armário de suprimentos de materiais para escritório.

Ann colocou o sino de volta na mesa. Que o diretor seguinte o usasse. Pense positivo... haverá outro diretor. Ainda haverá a Laurel Heights.

Ela olhou por toda a sua sala uma última vez: a mesa, que nunca antes estivera vazia; a janela que alguém deixara aberta durante a noite, derrubando os seus papéis, agora papéis da escola, úmidos de neblina; os corredores do lado de fora desertos e silenciosos durante as férias de fim de ano.

Ann disse a si mesma que ainda não estava oficialmente demitida, mas no íntimo sabia que tinha acabado. Restava-lhe apenas uma escolha a fazer: o escritório do advogado ou o avião para o Texas.

Ela tateou o bolso do casaco e sentiu o bilhete eletrônico que imprimira, comprado com o único cartão de crédito que ainda não havia sido bloqueado.

*Eu preciso de você*, dissera Chadwick.

Por anos ela quisera ouvir aquilo dele. Se fosse honesta consigo mesma, saberia que a esperança de reconquistá-lo havia sido parte do motivo para ela ter ligado pedindo ajuda com Mallory. Agora sua filha estava desaparecida. Pagara caro demais para Chadwick precisar dela.

Ann ergueu a caixa de papelão, sentindo-a miseravelmente leve. Alguns porta-retratos com fotos de Mallory; o cartão-postal que ela mandara da Cold Springs, meia dúzia de palavras preciosas manchadas de chuva ou lágrimas; um vaso com uma orquídea; um álbum de fotografias que os professores lhe haviam dado de presente no último Natal; e a cortina japonesa que ficara na porta da sua sala desde tempos imemoriais: agora dobrada, cheirando aos milhares de perfumes de cada pai ou mãe que passara por ela.

David abriu espaço para Ann passar, segurou a porta que dava para as escadas na lateral do prédio. O pátio estava deserto. Balanços imóveis, caixas plásticas espalhadas ao acaso, embalagens de suco amassadas, algumas bolas sobre uma poça de água de chuva.

David a parou no patamar da escada.

— Hum... me desculpe, mas eu preciso das chaves.

Antes que conseguisse engolir a vergonha ou mesmo colocar a caixa no chão, a porta atrás deles rangeu e Norma apareceu no alto das escadas.

— Ele me ligou — disse ela, apontando para David. — Disse que você estava arrumando as suas coisas. Ann, o que está acontecendo?

David olhou envergonhado para Ann, esfregando o braço como se Norma o houvesse socado.

— Eu só achei que a Srta. Reyes deveria saber...

— Cale a boca — disse Norma. — Obrigada por ligar. Agora pode ir andando.

O rosto de David ficou sarapintado.

— Me pediram para ficar de olho nela. As chaves...

— Eu pego as chaves.

— Mas...

— Pegue o seu nariz e o meta em outro lugar para variar, seu *pinche* deduro. SAIA DAQUI!

Norma ergueu a bolsa como se fosse um cassetete, e o pobre David saiu.

— Ele é venenoso, sabe? O filho da mãe.

— Você é muito dura com ele.

Norma a encarou.

— Onde está?

— Onde está o quê?

Norma remexeu na caixa de papelão. Então levou a mão ao bolso do casaco de Ann e puxou o bilhete da companhia aérea.

— San Antonio — disse ela. — A ideia foi de Chadwick?

— Eu preciso ir. Mallory desapareceu.

— E você acha que correr para Chadwick vai trazê-la de volta?

— Você deveria ficar feliz por eu estar de partida.

Norma ficou sem palavras por uns instantes.

— Você acha que é isso que eu quero?

— E não é?

Norma releu o bilhete, agarrando-o como se quisesse rasgá-lo ao meio. Então voltou a dobrar o papel, cuidadosamente, correndo os dedos pelas dobras.

— Ah, Ann... eu não estou feliz. — Sua voz estava tão murcha e derrotada quanto a orquídea de Ann dentro da caixa. — Estou envergonhada pra caramba. Quando Chadwick esteve aqui... o dinheiro da Laurel Heights... eu disse a ele que achava que você o havia roubado.

Ann tinha o olhar perdido no pátio. Ela tentou se lembrar do lugar onde seria construída a nova sala de artes. A biblioteca. O auditório. Salas maiores banhadas de luz do sol. Dez anos de trabalho, convencendo os céticos, pressionando o conselho, implorando por mais tempo quando o dinheiro entrava devagar. Dez anos carregando um sonho ladeira acima.

— Você achou que eu faria isso? Roubar a escola?

— Não é o que eu quero pensar. Eu quero pensar que você é uma burra de uma otimista cabeça dura. Você me pediu que não dissesse nada sobre o dinheiro porque realmente acreditava que conseguiria resolver o problema. Da mesma forma como quando aceitou Race Montrose na escola. Assim como está indo para o Texas agora porque ama Chadwick e acredita que ele pode salvar a sua filha, sem perceber que ir até ele faz com que pareça culpada como o diabo.

— Você pode me impedir. Pode chamar a polícia.

Norma fechou os olhos.

— Você não fez isso, fez?

— O quê?

— Race Montrose, a família dele. — Havia um quê de desespero na voz de Norma. — Você não ajudou os Montrose a continuar na minha vida para me ferir.

— Norma... é claro que não.

Ann queria colocar no chão a caixa, abrir os braços para Norma, tranquilizar a amiga, mas não sabia se teria coragem. Não sabia se conseguiria continuar a caminhar se colocasse a caixa no chão.

Uma buzina de neblina soou: um navio passando sob a Golden Gate. Ela sempre esquecera muito fácil quão perto estava o oceano, desprezando a força com que os envolvia.

— Quando Race me procurou — disse Norma —, fiquei tentando entender por quê. E quer saber? Ele estava agindo como você. Estava se desculpando, apesar de nunca ter feito nada contra mim. Era um tipo de ramo de oliveira... por Katherine. Você foi a mentora dele, Ann. Ele aprendeu a ser como você. E o problema é que... eu preciso desse seu maldito otimismo. Se você for para o Texas, tenho um pressentimento de que nunca mais vou voltar a vê-la.

Ann tentou dizer alguma coisa, dizer a Norma que aquele medo era ridículo. Mas o olhar dela, o olhar de uma amiga traída, fechou-lhe a garganta.

Norma colocou o bilhete na caixa. Na base das escadas, ela pegou uma bola molhada e a atirou no pátio vazio com tanta força que acertou a tela de metal no extremo oposto, fazendo a hera tremer.

Oportão do rancho Allbritton era uma ferradura de concreto gigante, ladeada por bandeiras americanas e cartazes de papelão desbotados com os dizeres DEUS ABENÇOE A AMÉRICA. Uma égua preta empurrava um dos cartazes com o focinho para alcançar um tufo de mato congelado do outro lado da cerca.

Chadwick não se deu o trabalho de usar o interfone. Ele conhecia o código e sabia que o único morador em casa era a pessoa com quem precisava falar.

Eles passaram por hectares de prados pontilhados de cactos, estúbulos de um amarelo vibrante, um peão solitário dentro de um curral circular, o orvalho da manhã molhando-lhe as botas enquanto preparava um cavalo árabe para o cabresto. Ao lado de Chadwick no banco do passageiro, Mallory esticou o pescoço para olhar.

Chadwick subiu um morro e pegou a estrada que levava à sede do rancho.

A aldrava em formato de cabeça de cavalo era folheada a ouro. Chadwick precisou arrancar alguns quilates da peça até que Joey Allbritton finalmente abrisse a porta, seu rosto de Neandertal pálido ofuscado pelo sol, as cuecas boxer e a camiseta tingida recendendo a caixa de pizza envelhecida.

— São 6 da... — Ele arregalou os olhos.

— Olá, Joey — disse Chadwick — Continua sóbrio, garoto?

— Sim, senhor. — Ele empertigou-se, um velho reflexo. Então a expressão séria se desmanchou em um sorriso de canto de boca. — Chadwick? É você mesmo?

Por um momento Chadwick teve medo de que Joey fosse abraçá-lo. Joey era um garoto-urso; um urso de pelúcia agora, apesar de nem sempre ter sido assim. E o hálito dele era o mais fedido do mundo.

Chadwick repensou a palavra *garoto*. Joey já devia ter pelo menos 20 anos.

— E os seus pais?

Joey fez que não.

— Kuala Lumpur. Ou... que dia é hoje? Talvez Cingapura. Não importa. O Dr. Hunter está precisando de mais um cavalo?

— Não. Nada de cavalos. — Chadwick gesticulou na direção do carro. — Estou com um problema. Preciso da sua ajuda.

— Qualquer coisa. — Joey olhou para o carro, viu Mallory no banco do passageiro, Kindra e Emilio Pérez no banco de trás. O homem vendado, a boca tapada com fita adesiva prateada. — Hum... que tipo de ajuda?

Chadwick não mediou as palavras. Contou a história, explicou que estavam com um pretenso assassino e que precisavam de um lugar tranquilo para falar

com ele.

— Esse cara atirou em você? — perguntou Joey.

— Sim.

— Ele interferiu na Semana de Sobrevivência?

— Sim.

Os olhos de Joey dançavam de empolgação.

— Ele é carne pra urubu. Vou só botar os sapatos.

Minutos depois, eles seguiam a caminhonete de Joey por mais alguns hectares do rancho, passando por silos de grãos, campos altos de sorgo por colher. Como muitas famílias da região, os Allbritton cultivavam a terra, mas ao que parece haviam decidido não apanhar a safra naquele ano. Com os preços tão em baixa, era mais barato deixar as plantações de milho, sorgo e trigo intocadas. Chadwick chegara a ouvir rumores na cidade de que alguns fazendeiros estavam abrindo imensos labirintos nos campos e cobrando ingresso para o pessoal se perder lá dentro. O lucro prometia ser bem maior.

A caminhonete fez uma curva perto de um riacho e seguiu por uma estrada de terra que levava a um celeiro cercado de carvalhos.

Chadwick conhecia aquele celeiro da sua primeira visita ao rancho, três anos e meio antes, quando buscara Joey para levá-lo a Cold Springs. A construção estava ainda mais dilapidada agora: o telhado torto, e as paredes, outrora vermelhas, de um tom de cor-de-rosa sujo, a tinta descascando de forma bem feia em algumas partes, como uma doença de pele.

Joey conferiu o interior, depois acenou para Chadwick, indicando que a barra estava limpa.

— Venha comigo — disse ele a Mallory.

Ele lhe estendeu a mão para que descesse do carro, deixando Kindra com o convidado de honra.

Dentro do celeiro havia uma pilha de fardos de feno que por pouco não desmoronara. Um sistema de polias enferrujadas pendia das vigas de madeira. Um saco de dormir estava estendido sobre alguns fardos de feno — típico da Cold Springs, daqueles que os alunos do Nível Branco ganham ao terminar o programa. No chão ali perto, uma mochila, também da Cold Springs. Chadwick suspeitava de que se a abrisse, encontraria todo o conteúdo organizado, da forma como deveria ficar para a inspeção dos alojamentos.

— Hum, eu deixo as minhas coisas dos velhos tempos aqui — disse Joey. — Não venho muito nesse celeiro.

— Sei — murmurou Mallory.

— O quê? — perguntou Joey, na defensiva.

— Está ótimo — interrompeu Chadwick — Obrigado, Joey. Diga à Srta. Jones que pode trazer nosso convidado. Seria melhor se você esperasse lá fora. É ainda melhor que ele não ouça o seu nome.

— Sim, senhor.

Joey olhou para Mallory mais uma vez, seu olhar se demorando nos tênis de Nível Preto dela.

Quando o rapaz saiu, Chadwick disse a ela:

— Agora seria um bom momento.

— Para quê?

— Lá na loja, antes que o Emilio chegasse, você disse que queria me contar alguma coisa.

Ela olhou para a mochila da Cold Springs, corando.

— Nada.

— Nada?

Mallory tirou o casaco de patchwork roubado, atirou a peça sobre o feno. Na manga havia um furo que Chadwick não percebera antes, um furo perfeitamente redondo sobre o feno, pouco acima do punho. Um buraco de bala.

— Esse garoto, Joey — disse Mallory —, ele terminou a Cold Springs?

Chadwick confirmou.

— É para isso que eu estou treinando? Para ser como ele?

A voz dela estava trêmula, como se todo o medo do encontro com Emilio só agora viesse à tona.

— Joey gerencia a propriedade dos pais — disse Chadwick — Ele administra um orçamento de 5 milhões de dólares anuais, fornece os cavalos da Cold Springs, sabe mais sobre animais do que a maioria dos rancheiros com o dobro da idade dele. Pode lhe acontecer coisa bem pior do que ficar como ele. Você não o conheceu antes da Cold Springs.

Mallory olhou para o lado, tentando fingir desinteresse.

— Por quê? O que ele fez?

— Na última vez que eu estive neste celeiro, para apreender Joey, havia pilhas de explosivo de fertilizante sobre esses fardos de feno. Bombas feitas de cano. Uma caixa de granadas e um AK-47 que Joey tinha comprado em uma casa de penhores. Ele planejava explodir a escola onde estudava. Isso aconteceu seis meses antes de Columbine. Se Joey não tivesse ido para a Cold Springs, ele teria *sido* Columbine. Teria sido notícia em rede nacional, e estaria morto.

A porta do celeiro rangeu e Mallory retesou o corpo instantaneamente, como que se preparando para um golpe.

Kindra Jones arrastava Emilio, ainda vendado e amordaçado, as mãos algemadas atrás das costas.

Chadwick o puxou até o centro do celeiro e disse:

— Sente-se.

Emilio permaneceu de pé.

Chadwick chutou as pernas do homem por trás e ele caiu.

Chadwick se ajoelhou, tirou a venda. Os olhos de Emilio flamejavam como

os de um lobo encurralado.

— Você está no meio do nada. Grite o quanto quiser.

Então ele arrancou a fita da boca do homem.

Emilio apenas continuou encarando-o.

Chadwick tirou o colete à provas de balas que ele usava, atirou-o no mato nas margens da Rodovia 90. Agora ele vestia apenas a calça e a camiseta camufladas. Uma parte do tronco do homem estava exposta, revelando os hematomas deixados pelos tiros de Chadwick, como uma injeção subcutânea de chocolate.

— Você poderia ter nos matado ontem na floresta. Por que não fez isso?

Emilio deixou o silêncio pairar no ar. A fita havia deixado um fino retângulo vermelho ao redor de sua boca, depilando parte do cavanhaque. Por fim ele disse:

— O que aconteceu com o cara que estava comigo... Julio?

— Morto — disse Chadwick.

Emilio mexeu os braços, lutando com as algemas.

— Era um bom homem. Tinha mulher e filhos.

— Ele incendiou uma casa cheia de crianças. Ontem à noite atirou em um garoto de 15 anos.

— Julio não ia matar ninguém. A função dele era neutralizar o grupo, distrair o pessoal.

— Enquanto você me matava e fugia com a garota.

Emilio deu de ombros.

— Você me surpreendeu. Agiu rápido demais.

Chadwick sabia que ele estava mentindo. Emilio poderia ter acertado o tiro sem maiores problemas. Na floresta. E outra vez naquela manhã, na loja.

— E quanto à garota? Você também quer matá-la?

Emilio voltou os olhos ferozes para Mallory, que instintivamente se aproximou de Chadwick.

— O lugar dela é com o pai — disse Emilio. — Eu não ia fazer mal a ela. Eu sigo as ordens do Sr. Z.

— E agora? — perguntou Chadwick.

— Como assim?

Chadwick esperou até ter certeza de que Emilio não fingia ignorância. Mas o olhar dele continuou firme. Ele realmente não sabia o que acontecera em São Francisco na sua ausência.

— John Zedman está desaparecido — disse Chadwick — Possivelmente morto.

Chadwick deu os detalhes, mas Emilio parecia acessar uma lembrança antiga, um insulto que ainda era capaz de deixá-lo furioso.

— Seu filho da puta. — Ele ficou de joelhos com dificuldade, o rosto

molhado de suor com o esforço. — Vocês estão juntos nisso... você e essa puta preta, não é? Vocês mataram ele. Agora vão botar a culpa em mim.

— Ei, Juan Valdéz — disse Kindra. — Se me chamar de “preta” outra vez, vou colar a fita de novo em você, e não vai ser na boca. Entendeu?

Emilio a avaliou com desdém, mas não tentou se levantar. Ele olhou para Mallory.

— Eles mataram o seu pai e você simplesmente fica aí? Você e aquele seu namorado drogado de merda... viu o que você fez?

— Vou esperar lá fora — disse Mallory. — Não vou ficar ouvindo isso.

— Vai ouvir sim — disse Chadwick.

A boca da menina tremia. Ela poderia ter 6 anos outra vez, acusando um colega de classe de ter roubado sua sobremesa.

Chadwick conteve o impulso de deixá-la sair, de protegê-la de Emilio. Algum instinto, porém, lhe dizia para manter os dois no mesmo ambiente, ouvindo um ao outro.

— Emilio — disse ele —, a pessoa que matou John é a mesma que o estava chantageando, a mesma que assassinou Talia Montrose. Acho que você veio ao Texas planejando me matar e levar a garota de volta para o pai, mas teve dúvidas. Algo passou a incomodá-lo, a lhe dizer que eu não era o homem.

— E por que você acha isso, porra?

— Porque se você não tivesse dúvidas, eu estaria morto.

O fogo nos olhos de Emilio esfriou um pouco. Ele se sentou sobre os calcanhares, ainda lutando com as algemas, mas como se isso fosse um ato de frustração, e não uma tentativa de se libertar.

— Eu disse ao Sr. Z... quando ele deu o dinheiro a Talia Montrose, eu disse que não era ela. Ela sabia sobre a chantagem, sabia quem estava por trás. Mas não tinha porra nenhuma a oferecer. O verdadeiro chantagista era alguém de quem ela tinha medo.

— Samuel Montrose está morto. Não é ele.

— Race. — Ele se voltou para Mallory. — Aquele moleque tem um parafuso a menos. Eu disse a você...

— Não — insistiu Mallory. — Ele não é louco.

— Você não consegue enxergar isso.

— Você disse que o cortaria em pedaços. — A voz de Mallory estava estridente. — Ele levou a arma para a escola por sua causa, e foi expulso... e aí a mãe dele foi assassinada... A culpa é sua. *Você* é que matou. Você matou o meu pai.

Emilio fazia muita força para ficar calado. E, com uma pontada de surpresa, Chadwick se deu conta de que ele não odiava a garota. Seus olhos estavam cheios de desapontamento, amargura, desgosto; mas não ódio. Não o desprezo que uma pessoa sente por alguém que planeja matar. Emilio lembrava Chadwick a si mesmo, nos tempos em que discutia constantemente com

Katherine.

— Seu pai foi bom para mim — disse Emilio, com a voz apertada. — Eu nunca faria mal a ele. Se você acha que eu sou o problema, tenho pena de você. Eu faria mal a ele tanto quanto você faria.

Mallory deu um passo para trás, cedendo, e tropeçou nos fardos de feno e caiu no saco de dormir de Joey Allbritton.

— Mallory — disse Chadwick — Diga o que você ia dizer hoje de manhã... sobre a pessoa que chantageava o seu pai.

— Eu não... — Ela olhou para a porta do celeiro, como que pensando num jeito de fugir, mas Kindra estava lá, guardando a saída em silêncio. — É só que... a casa dos Montrose. Katherine já tinha me levado lá antes.

— Antes da noite em que ela morreu, você quer dizer?

— Duas vezes antes disso. Mas na última vez, na noite em que ela morreu... foi diferente.

— Ela estava deprimida — disse Chadwick — Estava prestes a tirar a própria vida.

— Foi mais do que isso. — Ela tremia, sua respiração se transformando em vapor como se todo o ar frio dentro do celeiro a condensasse. — Nas duas primeiras vezes, ela foi até lá ver o namorado, Samuel. Eu era muito nova para entender, mas lembro que ela estava perfumada... ela pegou o perfume da mãe. Estava cheirando a rosas.

Chadwick teve uma lembrança súbita e dolorosa de Katherine na noite em que a pegara na delegacia de Oakland: o cheiro no carro era uma mistura profana do perfume de Norma e fumaça de heroína.

— Na última vez que ela me levou — disse Mallory —, *naquela* noite, ela não estava perfumada. Não estava animada.

— É claro — disse Chadwick — Estava clinicamente deprimida.

— Não. Naquela noite, Katherine foi até lá por outro motivo. Ela disse que precisava falar com alguém. Não disse Samuel. Acho que ela foi até lá encontrar outra pessoa, alguém que deu a ela as drogas que a mataram.

O silêncio foi longo o bastante para que o tremor alcançasse cada recôndito do sistema nervoso de Chadwick.

— Quem?

Mallory olhou de esguelha para Emilio, para ter certeza de que ele ainda estava preso.

— Por favor... eu não sei.

— A vida do seu pai pode estar em jogo, Mallory. Ele ainda pode estar vivo.

— Eu sei disso. Meu Deus, eu *sei* disso.

— Me diga o que falta você dizer.

Os olhos dela ficaram marejados; da cor do mar, como os da mãe, mas para sempre marcados com lembranças que nenhum adolescente de 15 anos

deveria ter.

— Eu não sei — implorou ela. — Só me deixe voltar para a Cold Springs, está bem? Eu não queria fugir. Juro por Deus, eu quero terminar o Nível Preto. Eu *preciso* voltar.

Chadwick olhou para Kindra. Ela fez um sinal de empurrar, uma sugestão silenciosa de que ele precisava ir com calma com a garota.

— E agora? — perguntou Emilio. — Vai me matar?

Chadwick imaginou a si mesmo entregando Emilio à polícia local, aos mesmos homens que pararam Hunter na estrada anos antes à procura de um suspeito conveniente para um caso de estupro. Os mesmos homens que todos sabiam que deixavam imigrantes ilegais se acidentalmente com portas, escadas e cassinetes antes de entregá-los à Imigração.

Chadwick pensou nas outras opções que tinha.

— Se você me entregar, cara, eu sei o que vai acontecer. Vou ter que vender você aos policiais. E você vai ter que me entregar. Acha que algum de nós dois vai se sair bem dessa?

— Bote a venda de volta nele — disse Chadwick a Kindra. — A mordação também.

Ela hesitou por um instante, mas depois fez o que o parceiro pediu.

Chadwick saiu do celeiro, falou com Joey Allbritton, pegou instruções para chegar ao tipo de lugar de que precisava.

— Conseguí o que queria com aquele cara? — perguntou Joey.

— O máximo possível.

— E agora vai entregá-lo à polícia, certo?

— Obrigado, Joey. Foi bom vê-lo. Eu não falaria a respeito disso com ninguém.

— Foi bom vê-lo também, senhor. Diga ao Dr. Hunter que posso ajudá-lo com o treinamento dos cavalos sempre que ele precisar.

— Pode deixar.

— É sério. Sempre que ele precisar.

Quando Mallory saiu, Joey a agarrou pelo antebraço.

— Chadwick vai cuidar de você. Ele salvou a minha vida, entende? Confie nele.

Mallory murmurou algo, tentou se desvencilhar, mas Joey não a soltou.

— Estou falando sério, Nível Preto. Confie nele.

Então ele a deixou ir, e Mallory foi caminhando com cuidado até o carro, pisando nas pedrinhas como se cada uma delas pudesse ser uma mina terrestre.

Quando avançavam pela estrada lamacenta, Joey foi ficando cada vez menor, mas o sol nascente transformava sua sombra numa imagem enorme projetada contra a parede do celeiro.

Às 8h30, Chadwick e Emilio estavam a quilômetros dali, de pé no meio de

um campo arado distante de qualquer uma das estradas principais. Chadwick tirou os sapatos do homem e colocou algo no bolso da sua camiseta. Só então tirou a mordaca e as algemas de plástico.

Emilio arrancou a venda. A arma na mão de Chadwick o dissuadiu de tomar maiores liberdades.

— Então agora você me mata?

— Aconselho que siga naquela direção, rumo a Fredericksburg. Seja cuidadoso e educado quando chegar lá. Evite a polícia local. Coloquei dinheiro suficiente no seu bolso para comprar um par de sapatos novos e uma passagem de ônibus para Monterrey. É de lá que você vem, certo?

A mandíbula do homem se contraiu.

— Simples assim?

— Simples assim.

Emilio olhou para além do campo molhado, para os urubus que circulavam a copa das árvores a 1 quilômetro de distância.

— Como sabe que eu não vou atrás de você? Ou da garota?

— Porque estamos quites agora. E porque se você me der a sua palavra de que não vai fazer isso, é porque não vai fazer.

Emilio pensou naquilo. Ele levou a mão ao bolso, tirou o dinheiro que Chadwick colocara ali.

— Você e a garota... vocês não estão fora de perigo. Sabe disso, não sabe?

— Volte para Monterrey — disse Chadwick — Recomece a sua vida.

— Não confie nela, cara.

— Você deve chegar à cidade no fim do dia. Cuidado com os locais.

Emilio parecia querer dizer algo mais. Então dobrou as notas de 20, acrescentou mais uma dobra no rosto de Andrew Jackson e colocou o dinheiro de volta no bolso.

— Vá com Deus, Chadwick. Vai precisar de ajuda.

E Chadwick o deixou no campo deserto, os urubus começando a circular lá em cima cheios de esperança.

Kindra dirigiu até Fredericksburg como um tornado.

Ela desviou de um carvalho centenário a centímetros de bater, atravessou a beira de um campo para alcançar a estrada vicinal seguinte.

— Isso aqui não é Los Angeles — disse Chadwick para o vento.

— Não acredito que você simplesmente o deixou ir.

— Esqueça o cara.

Kindra enterrou o pé no acelerador.

— Ele abre um buraco de bala na manga do casaco da garota e você me pede para esquecê-lo. O que é isso, uma espécie ridícula de machismo? Vocês tentam matar um ao outro e agora de repente o cara tem honra?

— O que você queria? Um buraco na cabeça dele?

— Melhor do que o *seu* plano.

Ela desviou da caminhonete de um fazendeiro, encontrou um trecho livre de asfalto e disparou a 100 por hora.

— Quatro horas — disse Chadwick. — Para ir e voltar de San Antonio.

— E aí Hunter demite a gente.

Chadwick não respondeu. Kindra sabia que a conversa que ele tivera com Hunter ao telefone não tinha sido animadora. A ideia de deixar Mallory ver a mãe, mesmo que brevemente, mesmo que para ajudar a garota a se lembrar de mais informações sobre a possível identidade de um assassino, soara tão atraente para Hunter quanto um agradável café da manhã com policiais.

— Eles vão vir amanhã de manhã — dissera Hunter. — Laramie, Kreech, até Damarodas está na cidade. E vão trazer com eles alguns engravatados da Promotoria Pública. Eu quero  *você*  aqui. Quero a menina Zedman de volta ao programa e no meio da floresta. Se você der um passo que não seja para trazê-la direto a Cold Springs, deixamos de ser responsáveis por ela. Vamos estar fodidos, e você...

A essa altura, Chadwick desligou.

Kindra guinou para a Farm Street e então para a Market Road 75. Pisou fundo no freio quando viu que um trem de carga cruzava a estrada.

Ela esmurrou o volante, deixou que a buzina soasse por quase um minuto.

— Merda!

Mallory estava encolhida contra a porta no banco de trás, do mesmo lado que Chadwick. Ela envolveu os braços e joelhos com o casaco roubado como se fosse um escudo.

— Sua mãe vai chegar ao meio-dia — disse Chadwick. — Ela está

preocupada com você.

— Ela perdeu o emprego, você quer dizer, e pela primeira vez na vida não tem nada melhor para fazer. Eu quero voltar para o programa.

— Escute a garota — disse Kindra.

— Você disse que Katherine encontrou com outro amigo na casa dos Montrose. Alguém que deu a ela aquela heroína. Você me diz isso e agora quer voltar ao programa e não ser incomodada?

— Eu achei que você quisesse me ajudar.

— E quero. Mas também quero saber por que você tem medo de me dizer a verdade.

Mallory se ajeitou sob o casaco, puxando o tecido para o queixo. Chadwick percebeu que ele próprio era uma das fontes do medo dela.

— Eu não tenho medo — disse ela. — Só queria que Emilio não estivesse usando aquele colete à prova de balas.

— Merda — disse Kindra. — Essa é a segunda coisa que ela diz e que eu concordo.

Os vagões passavam ruidosamente: pilhas de carros novos brilhavam atrás de telas de metal, vagões de carga marrons pichados com declarações de amor de gângsteres de Houston, do Vale do Rio Grande ou sabe-se lá de onde: MI CORAZON ES TUYO. LUPE Y JOE SIEMPRE.

— John está morto — disse Chadwick, sentindo o peso daquilo pela primeira vez. — A carreira de Ann está destruída. Alguém os puniu para me atingir, alguém que conhece todos os detalhes do suicídio da minha filha. Não vou ficar sentado e esperar que a polícia descubra quem é essa pessoa.

— Ótimo — disse Kindra. Ela encostou o carro. — Divirta-se.

— Kindra.

— Faça o que quiser, Chad. Seja preso por sequestro. Eu vou voltar andando para a Cold Springs.

Ela abriu a porta e saiu, indo na direção do trem como se estivesse decidida a embarcar.

Chadwick tirou as chaves do contato.

— Fique aqui — disse ele a Mallory.

— Mas...

Ele desceu, sem esperar pelo fim da frase.

O vento do trem era como a respiração de um asmático; Kindra atirava pedras nos espaços entre os vagões.

— A garota disse o que ela precisa — falou ela. — Por que você não escuta?

— Ela está fugindo. Sabe de alguma coisa que a amedronta.

— Ah, é? Eu também. Na semana passada você passou mais tempo cavando o próprio passado do que ajudando adolescentes. Botou as mãos em

duas pessoas procuradas pela polícia. Aquele garoto, Race, e agora Emilio. E deixou ambos continuarem à solta. É quase como se você não quisesse uma solução. Como se gostasse da dor. Isso me assusta, Chad. De verdade.

Mallory estava imóvel no banco de trás do carro, observando-os apreensiva pela janela.

Chadwick sabia que conseguiria derrubar as barreiras dela, fazê-la falar. Mas precisava de mais tempo. Precisava de Ann. Assim que Mallory estivesse frente a frente com a mãe, os problemas em São Francisco se tornariam reais. Ela se lembraria do que era importante.

Ann era a entrevistadora de crianças mais talentosa que ele conhecia. Ela saberia o que dizer, mesmo que fosse à própria filha. Ela faria Mallory se abrir.

E aplacaria o desespero de Chadwick, a sensação que ele tinha sempre que olhava para Mallory: de estar de volta à casa em Mission, prestes a sair para o leilão. As palavras de Katherine na sua cabeça: *Não se preocupe, pai. Vamos ficar bem.*

Ele deveria ter ficado em casa. Não deveria ter cedido à pressão para ir ao evento. Se tivesse conversado a sós com a filha por um pouco mais de tempo, teria descoberto a verdade. Eles teriam se reconciliado. E Katherine ainda estaria viva.

Agora ali estava a sua segunda chance, e mais uma vez lhe diziam para ir embora.

— Não posso confiar Mallory a outra pessoa — disse ele a Kindra. — Não posso deixá-la ir, ainda não.

Kindra atirou outra pedra, que se chocou contra o vagão de carvão.

— Então você estava errado ao tentar ajudá-la.

— Eu precisei.

— Você não está me entendendo. Você estava errado porque quis enterrar o sofrimento pela perda da sua filha. Por isso decidi ajudar Mallory. Por algum tempo, essas duas coisas andaram juntas. Agora a garota quer prosseguir com o programa. Você quer que ela solucione uma droga de um mistério, mas não tem mistério nenhum. É só o seu passado.

— É o passado dela também.

— Talvez. Mas os jovens conseguem colocar essas coisas de lado. Conseguem trancar as memórias mais horríveis dentro de uma caixa, fazer de conta que aconteceram com outra pessoa e seguir em frente com o presente. Confie em mim, Chadwick.. eles precisam fazer isso. Agora a garota está finalmente seguindo em frente e você não quer permitir. Me parece que você tem uma escolha a fazer.

O último vagão passou ruidosamente pelo cruzamento, sugando o ar atrás de si, puxando o casaco de Chadwick

— A mãe dela está vindo para a cidade — disse ele. — O que eu devo dizer

a ela?

— Ela não está vindo só pela filha, está?

Chadwick não respondeu.

Kindra atirou o cascalho que lhe restava nos trilhos.

— Foi o que pensei. Essa é outra escolha que você precisa fazer. *Sem* a garota. Eu deixo você na garagem. Pegue outro carro antes que Hunter o veja. Vá para San Antonio, pense nisso durante a noite. E de manhã volte para a Cold Springs, antes que a polícia chegue.

— Eu não estava falando sobre...

— Você está corando, Chad. Faça o que a Kindra aqui diz. E enquanto estiver ocupado com isso, pergunte a si mesmo por que está sempre atrás de mais dor, entendeu?

Ele não fez objeções quando Kindra pegou as chaves do carro de sua mão.

Norma estava sentada no pátio de casa, tomando café aromatizado de avelã e olhando para a pilha de telefones desligados. Três aparelhos fixos, o fax, dois celulares descarregados. Depois de chegar em casa, vindo da Laurel Heights — desejando não ter ido até lá, não ter atendido o telefonema de David Kraft —, ela encontrara 12 novas mensagens deixadas por repórteres, pais preocupados e clientes, uma delas muito breve e agressiva: “Volte para casa, chicana.” Norma tinha então revirado a casa, meticulosamente desligando todos os aparelhos.

Ela não suportava o silêncio. Deveria estar no escritório, fazendo telefonemas, trabalhando para tranquilizar os clientes que ainda lhe restavam, mas não conseguia. Vinte e sete milhões, transformados em pó. Quem confiaria seu dinheiro a ela agora?

O advogado dissera que poderia ser pior. Ela recebera elogios do conselho da escola por avisar sobre o desaparecimento do dinheiro. A imprensa vinha descrevendo-a como uma das mocinhas, pelo menos até agora. Nenhuma das agências de segurança pública sugeria qualquer intenção séria de acusá-la de nada.

Mas John ainda estava desaparecido. O dinheiro da escola sumira; o banco nas Ilhas Seicheles informara apenas que os recursos haviam sido transferidos uma segunda vez, com a devida autorização, para uma conta numerada de outra instituição. Trinta famílias — um quinto do corpo discente da escola — já haviam anunciado que deixariam a Laurel Heights. A escola estava se desintegrando. O *Chronicle* daquela manhã publicara uma reportagem de primeira página especulando sobre a ligação entre a fraude e o desaparecimento de John Zedman, e a matéria fora apelativa o bastante para chegar às agências de notícias nacionais. E Ann, a maldita Ann, havia fugido para o Texas. Apesar de esmagada e humilhada, apesar da advertência de Norma, Ann correria para os braços de Chadwick com um brilho de esperança no olhar. Ela estava condenada, um caso perdido, assim como John.

Norma observou os barcos de turistas indo e voltando de Alcatraz. Pensou em John, em como ele lhe vendera aquela casa, cinco anos antes, convencendo-a de que o preço era uma pechincha, considerando a vista. Um milhão e meio para acordar todos os dias e olhar para uma prisão dilapidada no meio do mar.

*Volte para casa, chicana.*

São Francisco e sua atitude politicamente correta, sua sensibilidade racial. Norma sabia que aquilo era papo furado. O liberalismo branco apenas empurrava o racismo para baixo do tapete, deixava-o mais virulento, mais difícil

de arrancar pela raiz. Ela se lembrou dos olhares que as pessoas costumavam dirigir a Chadwick quando ele dizia que Katherine era sua filha. Lembrou-se de um dia quando os alunos do quarto ano da Laurel Heights estavam indo ao parque, ela e Ann conversando no caminho, apenas começando a se reconciliar, e um sujeito gritava de um carro, perguntando onde haviam encontrado o macaco. Apenas Race e Norma entenderam o insulto instantaneamente, sabendo que era dirigido a Race, a única criança negra da turma. Norma correu atrás do carro por um quarteirão, gritando, atirando pedras. O cretino simplesmente acelerou e desapareceu. Se não fosse por isso, ela o teria matado.

Norma deveria ter ido embora daquela cidade havia muito tempo. Voltado para Los Angeles, onde as pessoas tinham a decência de incendiar prédios quando ficavam com raiva.

Mas lá estava ela, na sua casa vazia em uma colina fria, em uma cidade da qual nunca tinha gostado.

Era o aniversário do enterro de Katherine; fazia nove anos naquele dia. Não haveria um leilão na escola. Ninguém a consolaria durante o jantar. Nenhum trabalho para distraí-la. Nada dos Zedman. Nada de Chadwick. E em breve, nada da Laurel Heights.

Norma sabia o que queria fazer.

Lutava contra aquilo, dizia a si mesma que não era melhor do que abrir o armário do banheiro e contar pílulas na palma da mão. Mas sua última visita à casa em Mission, o encontro com Chadwick, a fragilizara.

Encontrá-lo sozinho no quarto de Katherine mexera com ela. Ah, ela entendia o impulso, mas ainda assim... era invasivo, como se Chadwick estivesse zombando dela. O encontro a tinha desequilibrado, a fizera dizer coisas amargas sobre Ann.

Ela sentia como se houvesse deixado passar algo importante em relação à visita dele, algo que teria visto se estivesse pensando com mais clareza. Ficara tão abalada que agora não tinha nem certeza se havia trancado a porta ao sair.

Ela pegou um dos celulares, colocou o aparelho no bolso e entrou em casa.

Sobre o balcão da cozinha estava o CD dos Los Lobos que John tocara para ela aquela noite. A ilustração da capa a perturbava: um homem e uma mulher vestidos em fantasias de esqueleto do Dia dos Mortos, próximos como se fossem se beijar, o homem com o coração exposto, brilhante e vermelho, a mulher de braços cruzados, uma arma na mão esquerda. Será que John estava tentando lhe dizer alguma coisa? Ela não conseguia deixar de pensar que ele levava comida chinesa e vinho porque queria ajuda, não romance. E ela o repelira.

Olhou pela janela, lembrando-se da chuva, de Race Montrose aparecendo na porta, ensopado e assustado. Uma oferta de paz. Mais uma mensagem apenas parcialmente transmitida. *Ela não vai ficar satisfeita enquanto os dois não estiverem mortos.*

Onde estaria o garoto agora? Onde estaria morando, agora que sua casa havia sido vendida? Norma se lembrou da única vez que o abraçara: no quarto ano, depois de perseguir aquele carro; ela o envolvera e o tranquilizara, dissera-lhe que esquecesse os idiotas intolerantes desse mundo, que ele era melhor do que aquela gente. As mesmas palavras que tinha ouvido do pai quando pequena.

Ela correu os dedos pela capa do CD, pensando em um pão de passas queimando num forno Wedgwood, em pétalas de buganvília caindo no quintal enquanto música de Carnaval se espalhava sobre os telhados da Mission Street, de Katherine pulando para alcançar as ipomeias que haviam crescido a ponto de ficarem mais altas do que o pai.

Ela pegou as chaves do carro e vestiu um casaco.

Na San Angelo Street, encontrou uma vaga um quarteirão depois da velha escola, então deserta para o recesso de fim de ano. O ar estava frio e úmido, a calçada escorregadia com a neblina, mas nada parecido com o gelo de nove anos antes.

Ela acabava de colocar a chave na fechadura quando uma voz de homem chamou:

— Ei!

Ele estava no meio da rua, um senhor latino, curvado e com lentes de microscópio fazendo as vezes de óculos. Ele puxava compras em um carrinho vermelho. Norma o reconheceu vagamente, um vizinho de dez anos antes, mas não lembrava o prédio ou o andar em que ele morava. O homem se queixara do volume da música de Katherine uma vez, numa outra vida.

— Esta casa ainda é sua? — perguntou ele.

Ficou tentada a dizer que não, mas como tinha acabado de colocar a chave na fechadura, respondeu que sim.

— Então que porcaria você botou aí, bosta de cachorro?

— Desculpe?

— Sábado à noite! Bosta de cachorro! — repetiu o homem.

Norma estava perplexa demais para responder, mas o homem insistiu:

— Você estava aqui no sábado à noite ou não? O cheiro de esgoto atravessou as paredes, eu senti aquilo por dois dias. Não está tão ruim agora, mas caramba. Se voltar a acontecer eu vou chamar a polícia, vou mandar virem até aqui com um vidro de desinfetante.

O velho seguiu em frente, ralhando ao puxar o carrinho de compras pelo meio da rua.

Sábado à noite?

Ela estivera lá à tarde, assim como Chadwick, mas ambos saíram antes de escurecer. Especulou se a vista do homem não teria provocado uma confusão sobre o horário, ou a mulher que ele vira, ou até mesmo se ele não estaria enganado quanto ao lugar de onde vinha o cheiro.

Moradores de rua podiam ter invadido a casa. Já acontecera antes. Todas as vezes, tinham sido bem genéricos em termos de onde fazer as necessidades.

Norma tentou abrir a porta sem girar a chave. Estava destrancada. Ela subiu as escadas ruidosamente, até a sala vazia.

Havia um cheiro ruim na casa, sem dúvida, mas pior do que fezes de cachorro. Um rato morto. Lixo apodrecido. Mascarado por um cheiro doce — quase perfume.

Ela se lembrou que uma vez o restaurante mexicano do outro lado da cerca tinha despejado lixo no beco por dois meses para evitar pagar a coleta. Quando a polícia finalmente atendeu o chamado, o cheiro nas redondezas estava parecido com aquilo.

Norma foi até a cozinha e abriu a janela, mas nada mudou, a não ser uma lufada de fumaça de *taqueria*, *cabrito* e churrasco de pernil com coentro.

Abriu a despensa da cozinha. Nada a não ser uma armadilha para baratas esquecida ali havia séculos. O forno estava vazio, assim como o quarto de casal e o closet; nada.

Foi até o quarto de Katherine e sentiu uma pontada de medo, como cubos de gelo sendo pressionados contra suas omoplatas. O único móvel, a velha cadeira de madeira de Chadwick, estava despedaçado. O micro system também havia sido destruído; pilhas de CD estavam espalhadas pelo chão, um CD de Brahms rachado brilhando em um retalho de sol próximo à janela.

Vândalos. Mas por que não levaram o aparelho de som?

Norma conteve o desejo de sair correndo. Aquela era a sua casa. Não havia ninguém ali além dela.

O cheiro não vinha do quarto de Katherine. Ela forçou a si mesma a sair do cômodo — a voltar à sala.

O cheiro estava mais forte ali. Parecia vir da lareira, mas ela não encontrou nada.

Norma olhou em volta no cômodo vazio, lembrando onde ficava a televisão, a cadeira de couro preto de Chadwick.

Seu sogro passara seus últimos anos de vida sentado naquela cadeira, olhando pela janela. Ele se transformara em um homem frágil e insensível, bem menor do que o filho, e mal se movia, a não ser quando os relógios sobre a lareira soavam, de hora em hora, enlouquecendo Norma.

Os relógios.

Norma correu os olhos pelo forro de madeira, então o alisou com os dedos até encontrar uma fenda. Esconde-esconde. O esconderijo preferido de Katherine.

Ela pressionou um ponto próximo à fenda e a velha porta abriu, libertando o cheiro: excremento, perfume, carne podre, talco de bebê e azedume de medo. A princípio, seus olhos não entenderam o que viram: dobras de plástico expandindo,

como se estivessem respirando, tecido azul e manchas marrom-escuras em pele pálida, uma crosta de barba rala e saliva em uma face, cabelos castanhos grisalhos. Ela recuou e a coisa se contorceu, escapando da cortina de chuveiro como que para persegui-la; carne inanimada que costumava ser um rosto.

Norma se desequilibrou, caiu para trás, chutou uma mão inerte. Então estava no quarto de Katherine, jogando o corpo contra a janela, tentando abri-la, tentando respirar.

Precisava sair dali.

Mas parte dela se recusava a entrar em choque, a parte insensível à morte, que sonhava com morte o tempo todo.

*Pare*, ordenou ela. *Pare*.

E foi o que fez.

Ela se virou, voltou à sala e olhou para a coisa.

Devia estar ali fazia vários dias, enrolada em plástico e ensopada no próprio perfume, apodrecendo, enrijecendo, em um lugar no qual ninguém pensaria em procurar, em uma casa que ninguém nunca visitava — ninguém a não ser ela.

Desde sábado, o dia que Chadwick estivera na cidade, o dia em que o problema de Ann viera a público.

Não. Chadwick nunca faria aquilo. Matar a sangue-frio, enrolar o corpo e levá-lo para outro lugar. Logo para aquela casa. Aquilo era obra de um monstro.

Mas Norma acreditava em monstros. Acreditava neles fazia nove anos, aproximara-se deles a ponto de vê-los no espelho do banheiro, segurando um punhado de comprimidos azuis e amarelos na palma da mão.

John estava morto. Não havia mais espaço para dúvidas, para o maldito otimismo de Ann.

Ela ouvia a voz de Ann em sua mente, implorando por mais tempo. Não chame a polícia, ainda não. Mas Norma estava farta daquilo. Não permitiria que ninguém a fizesse esmorecer. Nunca mais.

Os pés de Emilio sangravam.

Ele estava caminhando fazia talvez uma hora, mas só agora tinha chegado à estrada, se é que podia chamar aquilo de estrada: uma via de mão dupla com mato crescendo no meio, como uma coluna dorsal peluda. O cascalho e a lama não eram mais gentis com os pés do que os campos haviam sido.

Tentou concentrar-se na manhã, que aliás estava bem agradável — fria, mas ensolarada. Fazia-o lembrar-se de um dia de inverno em Monterrey, no rancho de sua família. Ali no Texas era mais verde, mas fora isso muito parecido com a sua terra. Melhor do que a neblina de Mill Valley, o maldito morro onde ficava a casa do Sr. Z.

Ele avançava penosamente, praguejando por sua falta de sorte.

Deveria ter acertado o tiro em Chadwick quando tivera a chance, na noite anterior, na floresta. Mas algo o impedira — uma indesejada pontada de consciência.

O que o incomodava era Chadwick tê-lo compreendido tão bem. Emilio desejou ser o tipo de homem capaz de ir atrás de um sujeito que acabou de libertá-lo — enfiar-lhe uma bala na cabeça. Mas ele não podia fazer isso. Não conseguia nem sentir raiva de Mallory.

Consolava-se pensando em uma forma de compensação. Agora que sabia a verdade, a informação poderia valer alguma coisa. Ele poderia virar o jogo. Poderia tornar-se Samuel. A ideia o fez sorrir.

Foi Deus que quis poupar a vida de Chadwick, pensava ele. Em troca, o homem — aquele filho da puta cego — inadvertidamente lhe fornecera uma informação, uma forma de fazer dinheiro. Chadwick já corria perigo o bastante, ele não precisava da ajuda dele para morrer.

Emilio não mataria mais. Ele exigiria sua parte dos milhões e a receberia. Voltaria para Monterrey como um herói, viveria o restante dos seus dias no rancho, sem dívidas.

Sua esposa, Rosa, o receberia de volta. Ele voltaria a estar com os filhos, dois meninos que não via desde que eram bebês. Eles sentiriam medo dele a princípio, talvez até mesmo raiva, mas acabariam entendendo por que o pai ficara longe tanto tempo, para cuidar do futuro deles.

Ele passaria o restante da vida consertando seus erros. Ainda era jovem. Desfrutaria de muitas manhãs de inverno como aquela, em seus próprios campos, ensinando os filhos a montar e atirar.

Emilio estava tão concentrado no horizonte, pensando em aonde aquela

estrada lamacenta o levaria, que só ouviu o carro às suas costas quando já estava quase em cima dele.

Era uma perua azul novinha em folha — deslocada naquela estrada de chão no meio do nada. Quando viu quem dirigia, franziu as sobrancelhas. Ele não contava com aquilo, mas podia dar conta da situação. Fácil fácil. Ainda não colocara as cartas na mesa.

O carro parou. A janela do motorista desceu com um zumbido.

— O que você quer? — indagou Emilio.

— Não foi nada fácil encontrar você.

Emilio cuspiu na terra.

— Você tem algo a me dizer?

— Você já andou bastante. Quer uma carona?

Emilio pensou na oferta, sabendo que deveria recusá-la, mas que não cairia bem. E seus pés doíam. Não havia perigo ali — só papo furado, pose, um teste que ele sabia ser capaz de passar.

Ele concordou, foi contornar a frente do carro, e justo então a perua entrou em movimento, esbarrando de leve em suas pernas.

Emilio encarou o motorista. Deu um passo para trás, nada feliz com a brincadeira.

A perua avançou de novo e esbarrou outra vez em suas pernas. Mas Emilio não saiu do caminho. Recuar não fazia parte da sua natureza. Ele bateu no peito com os dedos.

— Que porra é essa?

E então compreendeu — uma fração de segundo atrasado —, no momento em que o motorista pisava fundo no acelerador.

Tentou agarrar o metal, sentiu o corpo girar como num jogo infantil de cabra-cega, e então se viu olhando para o céu azul, o braço preso numa cerca de arame farpado, as pontas rasgando-lhe a carne do antebraço. Suas pernas estavam insensíveis. Ele não conseguia se mexer.

Ele ouviu a porta do carro se abrir e fechar. Imaginou a varanda de sua casa em Monterrey. Imaginou que os passos que vinham em sua direção eram da esposa.

O motorista estava de pé à sua frente — uma silhueta recortada contra o entardecer. Do alto, uma voz disse:

— Eu poderia ter ido embora a essa altura, Emilio. Mas queria ver você matar Chadwick. Você me desapontou.

Emilio imaginou ouvir os sons dos filhos que não via fazia tanto tempo. Viu o sol banhando a franja do vestido de algodão de Rosa, triângulos vermelhos fluando ao redor das pernas dela.

— E agora você entendeu — disse a voz. — Você e a garota. Estou vendo isso nos seus olhos.

Emilio tentou falar, dizer a Rosa que a amava, mas não saiu som algum.

— Vou ajudar você, Emilio — disse a voz — Uma carona.

Emilio ouviu um trovão. Seus olhos ficaram escuros, e ele sentiu um pequeno ponto morno na testa, como se alguém — talvez uma criança — houvesse plantado um beijo ali.

— Você tem duas opções — disse Hunter. — Seus companheiros partiram há uma hora. Você ainda pode pegar a trilha sozinha, chegar ao ponto de encontro amanhã ao meio-dia. Ou pode ficar de fora e reiniciar o Nível Preto com o próximo grupo. Está entendendo?

Hunter e Leyland a observavam, avaliavam, esperando.

As faces de Mallory ainda ardiam da reprimenda que levava. Eles não perderam tempo em reafirmar sua autoridade, em arrancar da cabeça dela, aos gritos, as 12 horas de liberdade que ela tivera. Não se desculparam ou deram-na chance de se explicar, nada para comer, nenhum tempo para descansar. Fizeram com que vestisse o uniforme reserva do Nível Preto — ainda duro, cheirando a suor e fumaça de fogueira. Então a forçaram a marchar até a outra margem do rio, a atravessar a água gelada à altura dos joelhos de volta ao acampamento base, o mesmo lugar em que Emilio os emboscara. Agora ela estava em posição de sentido, as barras das calças congelando à altura dos tornozelos, o vento fazendo seus olhos lacrimejarem.

Era loucura, insensata teimosia de Hunter levá-la de volta àquela clareira como se nada houvesse acontecido, e dar-lhe a chance de se embrenhar sozinha na mata no mesmo dia em que voltava de uma fuga.

Mas ela entendia o que o doutor estava fazendo. Enquanto se trocava na sede, ela ouvira fragmentos da conversa dele com Leyland — sobre a polícia, o FBI, sua mãe. Ela sabia que Hunter estava tentando protegê-la — mantê-la no programa. E ela queria isso. Queria desesperadamente.

Mallory nem ao menos se importava com o abuso dos instrutores. Aquilo era tranquilizador se comparado a fugir de Emilio ou estar na companhia de Chadwick — sentindo tanto medo e raiva que quase confessara o que se lembrava da noite em que Katherine morrera.

Ela não estava a salvo — nem ali, nem em lugar algum. Pelo menos na mata sentia como se a deixassem a cargo do próprio destino. A palavra de Hunter: responsabilização. Mallory também gostava do fato de Hunter tê-la colocado em marcha forçada, fora dali, antes de lhe oferecer uma escolha. Isso deixava claro o que o doutor esperava dela.

Passos soaram na mata e Olsen surgiu, vindo correndo da sede; ofegante, ela trazia nas mãos uma mochila de suprimentos. Ninguém agradeceu, mas Mallory sentia a reprovação de Hunter emanando na direção da conselheira. Ainda na sede, ele dissera o nome dela entre dentes, especulando onde ela estaria, por que estava atrasada, como se a volta de Mallory fosse um

compromisso com hora marcada. Mallory se deu conta de que provavelmente culpavam Olsen por tê-la deixado escapar — durante o caos que se instalara quando Smart fora alvejado, Olsen a deixara sozinha para ir cuidar do rapaz.

Os olhos de Hunter estavam fixos em Mallory.

— E então?

— Quero seguir sozinha a trilha, senhor.

Parte da tensão no ar se dissipou. Hunter balançou a cabeça.

— Srta. Olsen — disse ele —, prepare-a e providencie que esteja na trilha o quanto antes.

— Sim, senhor.

Hunter e Leyland voltaram na direção do rio.

— Quando quiser, Zedman. — Olsen forçou um sorriso, mas não parecia ter dormido mais do que a menina. — Temos muito a fazer.

— Como está Smart?

Olsen apertou os olhos.

— Ele vai ficar bem. Os pais o tiraram do programa. Está a caminho de casa, voltando para Iowa.

Mallory olhou para os vestígios do abrigo que Leyland construía na demonstração da noite anterior. Ela disse a si mesma que a ausência de Smart não era culpa sua. Ele não era seu melhor amigo, ou melhor, não era um amigo. Mas as poucas semanas durante as quais tinham convivido pareciam tão importantes quanto todos os anos que ela passara na Laurel Heights, e a ausência do companheiro doía. Depois de ter a boca amordaçada e o corte de cabelo ridículo raspado, de atravessar tão arduamente a pista de obstáculos, de construir o alojamento e de atravessar a ponte de cordas, depois de tudo aquilo, Smart havia sido varrido de volta para casa, para a maldita Des Moines. Ele levava um tiro por sua causa, e Mallory correria na direção oposta.

Teve vontade de chorar. Odiava o fato de ter fugido do programa, de ter provocado a desintegração de parte dele.

— Vamos lá — disse Olsen suavemente. — Tenho uma joia nova para você.

Olsen a levou até os restos da fogueira. Abriu a mochila, disse a Mallory para estender a mão e então fixou um bracelete de metal em seu punho. A coisa era de um cinza opaco, com uma única luz piscando, verde, do tamanho de uma ponta de lápis. Não havia presilha visível, e era apertada demais para sair do braço.

— É um localizador GPS — disse Olsen.

— Para o caso de eu fugir outra vez — especulou Mallory.

— Todos os alunos do Nível Preto usam isso quando vão sozinhos para a mata.

Mas o tom de Olsen deixava claro que o fator fuga havia sido discutido. A

decisão de Hunter de deixá-la ir sozinha não era assim tão baseada em confiança, no fim das contas.

— Vamos ficar de olho na sua localização — continuou Olsen —, portanto siga na direção certa. Mas o principal objetivo do localizador é garantir a segurança em caso de emergência; uma perna quebrada, algo que você não possa resolver sozinha. Se isso acontecer, pressione a luz. Você vai precisar de algo pontudo; um graveto, ou a sua faca. O botão vai ficar vermelho e o Dr. Hunter enviará alguém para extrair você.

— Me extrair — disse Mallory. — Divertido.

— Isso implicaria recomeçar do zero o treinamento de sobrevivência. Não avançar com o grupo. E podemos levar até meia hora para alcançá-la, então o botão não substitui o bom-senso.

Mallory puxou o bracelete, já desejando ter uma serra, mas Olsen não a deu tempo para divagar.

Elas passaram a revisar os fundamentos básicos da missão — o kit de primeiros socorros, os procedimentos de emergência. Mallory se lembrava de tudo. Sabia como usar o kit para picadas de cobra, a caneta de adrenalina. Era capaz de fazer um curativo com as mãos nas costas. Os mantimentos na mochila eram nada além de uma barra de cereais, o kit de primeiros socorros e um saco de dormir Polarguard extraleve. Ela ficaria 24 horas sozinha na mata, seguindo na direção oeste, no sentido oposto ao da única estrada pública, rumo ao coração do reino desolado de Hunter. Atravessaria o rio uma vez e, se fizesse tudo certo, em algum momento da manhã seguinte encontraria uma estrada de chão usada apenas pela Cold Springs. Esse era o objetivo da missão. Alguém estaria esperando por ela na estrada para pegá-la.

Não parecia tão complicado. Era difícil acreditar que a sagrada e temida Semana de Sobrevivência se resumia àquilo — muita preparação para apenas um dia e uma noite sozinha.

— Acredite — disse Olsen. — É o suficiente.

A conselheira entregou-lhe um último item: a faca de sobrevivência. Mas não era a de Mallory. Era uma nova. A sua havia sido emprestada a Chadwick e enterrada no corpo do atirador.

Mallory passou o dedo pela lâmina. Ela se lembrou de atacar Olsen, esfaqueá-la no ombro com uma faca de cozinha que encontrara. Aquilo parecia ter acontecido com outra pessoa, muito tempo antes.

Ela tirou a faca de caça da bainha, passou o dedo pela ponta nova e limpa. Equilibrou o cabo na mão, da forma como Leyland ensinara, e a atirou na árvore mais próxima. A faca acertou a madeira num ângulo oblíquo, como um dente frouxo, e caiu imediatamente.

— O lançamento de facas é só para exibição — prometeu Olsen. — Você não vai precisar disso.

Mallory quase perguntou sobre Emilio. E se ele voltasse a persegui-la? De que adiantaria uma luzinha e uma faca?

Olsen pareceu interpretar errado a expressão no rosto dela.

— Ainda está brava comigo?

Mallory não soube ao certo o que a surpreendeu mais: a pergunta ou o fato de Olsen parecer realmente interessada em saber a resposta.

Sim, ela tinha ficado brava com Olsen depois daquela noite na travessia do rio. Agora aquilo parecia ridículo — a tira de náilon rasgada.

Ela culpava Olsen por aquilo.

Passara anos culpando todos por tudo. Emilio. E Chadwick. E os pais. E Katherine — acima de tudo, Katherine.

*Eu tive meus motivos*, argumentava parte dela.

Os medos, as falhas, seu arremedo de infância — e se tudo *tivesse mesmo* sido culpa de alguém?

Uma pequena força começou a crescer dentro dela — como a voz de Hunter, como sua teimosia insana. Não importava de quem era a culpa. Ela não tinha escolha a não ser aceitar e seguir em frente. Ela tinha um objetivo — o Nível Cinza —, e não importava se atirassem nos seus amigos ou sumissem com seu pai ou tentassem matá-la. Se não cumprisse aquela última missão, Katherine teria vencido, e ela, perdido.

— Não estou brava — disse Mallory em voz baixa. — Não mais.

— Que bom. Estava preocupada com você, Mal. E estou feliz que você esteja bem.

Aquilo parecia empatia barata, o tipo de coisa que qualquer pessoa poderia dizer, mas Mallory soube que era sincero por parte de Olsen. Ela se lembrou do tênue fio de compreensão que parecia ligá-la a Olsen durante as sessões de aconselhamento — a proximidade que ela tanto temera.

— O que aconteceu? — perguntou Mallory. — Quero dizer... com o seu padrasto?

Olsen olhou para ela por um instante, como que traduzindo a pergunta de uma língua diferente.

— Meu padrasto?

— A história que você contou para a gente. Naquele dia durante a terapia em grupo.

Olsen se abaixou e pegou a faca de Mallory. Ela olhou para a lâmina, tirou um tufo de farpas da ponta.

— Quando procurei pelo meu padrasto, descobri que ele estava preso, Mallory. Ele arrumou uma namorada depois que deixou a minha mãe e estava preso por molestar uma menina, a filha de 7 anos da mulher.

Mallory corou. De certa forma, se arrependia de ter perguntado. Mas também sentiu admiração por Olsen ter contado a verdade. Não era o tipo de

coisa que se diz a qualquer um... a não ser que se confie de verdade na pessoa.

— Você não quis contar isso para a sua mãe?

— Não — respondeu Olsen. — Ela teria ficado com raiva de mim, se recusado a acreditar. Pessoas como o meu padrasto, elas não se transformam em monstros do dia para a noite. Elas repetem um padrão. Vezes e mais vezes. Eu não queria que a minha mãe soubesse.

— Porque... ah.

— Não comigo — explicou Olsen. — Eu não. Mas tenho uma irmã mais nova...

Ela fez uma pausa, sentindo o peso da faca da mesma forma que Mallory fizera.

— Eu *tinha* uma irmã da sua idade, Mallory.

Mallory ficou em silêncio, pensando na história, gostando que Olsen a tivesse dividido com ela.

— Preciso contar uma coisa — disse Mallory. — Um sonho que eu tive.

Olsen olhou distraída para a faca.

— É?

Então ela ouviu os passos de Leyland nas folhas secas.

— Está perdendo tempo, instrutora. Vamos, Zedman. Mexa-se! Você tem um longo dia pela frente.

Hunter e Leyland estavam em cima dela. O momento para confidências passara.

Olsen se levantou, dirigiu-lhe um último olhar de incentivo.

— A gente se vê do outro lado, garota.

Ela virou o cabo da faca para a frente e a estendeu a Mallory. Suas mãos tremiam, e Mallory sabia que era de raiva.

Ann Zedman não chegou no voo do meio-dia que vinha de São Francisco.

Quando finalmente surgiu no terminal do aeroporto, um pouco depois das 13 horas, apareceu na saída do transporte terrestre, puxando uma mala pequena de rodinhas. Os cabelos castanhos claros presos num rabo de cavalo, nenhuma maquiagem no rosto. Jaqueta jeans. Uma camiseta verde por dentro de uma calça jeans desbotada. Poderia passar por uma universitária.

Ela parou a alguns metros de distância, tirou os óculos e os colocou dobrados no bolso da camiseta.

— Me desculpe — falou. — Eles me mandaram para o outro terminal.

— O outro terminal?

Os olhos dela estavam inchados e vermelhos como que de rinite.

— Eu disse a companhia aérea errada para você. Levei algum tempo até entender o que tinha acontecido. Não estou com a cabeça muito boa.

Chadwick planejara agir de forma reservada ao encontrá-la. Tinha se preparado durante todo o caminho até a cidade, ensaiando a própria atitude. Mas ele estendeu a mão, e ela a apertou, enlaçando os dedos nos seus.

Ele contou as novidades sobre Mallory — que estava bem, que Emilio só queria levá-la de volta para o pai. Omitiu os trechos em que o segurança de John tentava matá-lo e em que ele libertava o homem em vez de entregá-lo à polícia.

As boas notícias pareceram iluminar um pouco os olhos de Ann, mas ela ainda parecia abalada, mais do que nunca tinha a aparência de um jovem que passa pela Cold Springs — como se houvesse sido forçada a reavaliar tudo, desconstruir a própria vida, juntar os pedaços de acordo com um esboço traçado por outra pessoa.

— Graças a Deus você a encontrou — disse ela. — Mas onde...? — Ela vasculhou o terminal com os olhos.

— Ela voltou ao programa. Quis voltar direto para a escola.

— Quero vê-la.

— Isso não é possível agora.

Ann soltou a mão de Chadwick

— Ela é minha filha. Você me trouxe até aqui...

— Ela está na Semana de Sobrevivência. Na floresta.

— Você está louco?

— Eles a estão vigiando de perto. A maior parte da equipe vai patrulhar a região à noite. Ela está em segurança.

— Como você pode prometer isso depois do que aconteceu?

— Asa Hunter está cuidando de tudo pessoalmente. Eu nunca soube de ele ter errado feio com algum jovem.

As faces de Ann coraram.

Chadwick percebeu que o comentário soara como se ele estivesse fazendo algum tipo de comparação.

— Então o que devo fazer? — disse ela. — Voltar para o avião? Eu ainda não reservei um quarto de hotel...

Ela deixou o comentário pairar no ar.

Chadwick ficou subitamente envergonhado dos planos que fizera — uma reserva para ela no Hill Country Sheraton. Hunter tinha uma conta no hotel, organizava eventos no auditório, algumas vezes reservava suítes para os visitantes mais importantes. Chadwick reservara uma suíte por uma noite em nome de Ann, por acreditar que era o mínimo que a Cold Springs podia fazer para compensá-la pelo ocorrido com Mallory.

Disse a si mesmo que não ia subir até a suíte com ela. Não arriscaria que suas intenções fossem mal interpretadas. Mas sua mão direita sabia muito bem o que a esquerda estava fazendo. Ele informou Kindra sobre a reserva, sugerindo que, em caso de emergência, era onde a Sra. Zedman poderia ser encontrada. Sugerindo que ele próprio também poderia estar lá.

— Você me assusta, Chad — dissera Kindra.

Mas ela concordara em manter a informação em segredo, e em pegar Mallory pessoalmente quando ela saísse da mata.

— Vamos encontrar um lugar para conversar — disse ele a Ann.

— Não. Quero conhecer a Cold Springs.

— Ann...

— Não estou falando de Mallory. Apenas a escola. Quero ver onde você mora. Isso não é permitido?

Chadwick queria explicar que não havia nada dele a ser visto na Cold Springs. Ele passava a maior parte da sua nova carreira naquele aeroporto, embarcando e desembarcando de aviões, voando de crise em crise, deixando marcas tão permanentes quanto as placas móveis do painel de voos.

Mas em vez disso, apenas concordou, e fez planos silenciosos para cancelar a reserva no Sheraton mais tarde.

Na estrada a caminho de Fredericksburg, ele tentou falar com Ann sobre o desaparecimento de John, o desvio do dinheiro da escola, a investigação do assassinato de Talia Montrose. Perguntou o que estava acontecendo em São Francisco. Falou sobre a conversa com Mallory e Emilio. Mas Ann participou do diálogo tanto quanto um assistente para alguém que tricota um suéter — forneceu material quando solicitado, evitou que a linha ficasse frouxa, mas estava com a mente distante da tarefa, não prestou qualquer atenção aos desenhos que ele se esforçava para criar com a linha. Manteve os olhos na coluna de nuvens cor de

chumbo que chegava do norte, cobrindo o sol do inverno.

No fim da tarde, as planícies dos arredores de San Antonio se enrugaram e incharam, dando lugar à região do Hill Country; a estrada passou então a cortar ravinas de 20 metros de altura, a serpentear sob as sombras de picos de granito pontilhados de carvalhos. Nos vales, o gado se amontoava em busca de calor e nuvens de libélulas azuis pairavam sob os açudes. A fumaça da lenha de algarobeiras subia das chaminés das casas de todos os ranchos.

Quando chegaram a Fredericksburg, passaram pela parada de caminhoneiros onde Chadwick agredira os caipiras, a loja de conveniência onde Emilio quase o matara. Mas ele apontou apenas para as construções históricas. Os jardins de flores do campo, agora dormentes.

Dez quilômetros depois, chegaram aos portões da Cold Springs.

— A propriedade se estende até além daqueles morros — disse ele. — Mallory pode caminhar o dia todo que mesmo assim só vai chegar até o meio.

Mas ele percebeu o que chamara a atenção de Ann: as câmeras de segurança no portão, a cerca de arame farpado livre de galhos e folhas e iluminada por holofotes, como numa prisão de segurança mínima.

Depois de atravessados os portões, as únicas pessoas visíveis eram alguns internos do Nível Cinza que consertavam a porta do celeiro no pasto dos cavalos, tentando terminar o serviço antes do cair da noite. Chadwick não precisava da previsão do tempo para saber que choveria e faria muito frio aquela noite. Talvez até mesmo nevasse.

A neve não era algo inédito no Hill Country, mas era rara o bastante para ser assunto por semanas sempre que caía. Isso acontecera pela última vez sete anos antes. Chadwick se lembrava da caixa d'água no teto da sede rachando como uma casca de ovo.

Ele pensou em Mallory passando a noite na floresta e decidiu não falar sobre o clima com Ann.

A sede estava deserta. Hunter devia estar em seu jipe supervisionando as trilhas, atento às coordenadas dos alunos do Preto com um aparelho de GPS, comunicando-se via rádio com cada um dos conselheiros, que, por segurança, acompanhavam os alunos sob sua responsabilidade a uma distância de até 1 quilômetro. Os alunos se sentiriam sozinhos — eles *estariam* sozinhos. Mas a rede de segurança estaria ali, invisível, para o caso de algo dar muito errado.

Na recepção não havia ninguém, então Chadwick girou o livro de registros e escolheu um quarto para Ann no dormitório dos funcionários, a algumas portas do seu. Não era algo incomum. Pais se hospedavam na sede de tempos em tempos, mas geralmente não até que os alunos chegassem ao Nível Branco, quando estariam se preparando para a transição de volta ao mundo exterior.

Naquela noite, sem outros visitantes e estando a maior parte da equipe trabalhando, eles teriam aquela ala do dormitório apenas para eles.

Ele apresentou a Ann as instalações desertas: o laboratório de informática, a biblioteca, a academia de ginástica. Na sala de terapia artística, ela pegou uma figura de argila vermelha sobre a mesa perto da janela — uma forma humana achatada, pulverizada por um soco, a cabeça enterrada.

— Tive uma aluna no ano passado — disse Ann — que foi molestada pelo padrasto. A analista fazia isso, pedia que ela moldasse uma figura do agressor e depois a destruísse. Para fortalecer a criança.

— Boa terapia é outra coisa.

Ela colocou a peça de volta, posicionou a mão sobre as marcas dos dedos do rapaz no papel vegetal.

— Por alguma razão, eu não esperava que o Dr. Hunter soubesse isso.

— Ann, esse programa funciona. É rígido, mas não ignora as necessidades dos jovens. Você fez a coisa certa ao mandar Mallory para cá.

Ela olhou para os próprios dedos, agora sujos de vermelho.

— Lutei por 18 anos para manter a Laurel Heights viva. Acreditei que as crianças fossem boas, criativas, capazes de fazer escolhas. E minha escola está morrendo. Enquanto isso... esse tipo de escola prospera. Devo me sentir bem em relação a isso? Ao fato de minha própria filha precisar mais de um sargento do que de mim?

Chadwick pegou a alça da mala de viagem dela. Ele estava sem dormir havia 36 horas, e o sangue em suas veias começava a se transformar em hélio.

— Venha comigo, vou lhe mostrar seu quarto. Não é exatamente um hotel cinco estrelas, mas dá para dormir.

— Onde você mora? Primeiro eu quero conhecer o seu quarto.

A luz sumia do lado de fora quando Chadwick abriu as cortinas de seu apartamento. Para ele, parecia impossível que aquele fosse o mesmo dia em que vira o sol nascer em Fredericksburg com Kindra Jones.

Enquanto Ann olhava os livros nas prateleiras, Chadwick pediu licença. Foi até o banheiro e jogou água no rosto.

Ele percebeu uma mancha de lama na manga da camisa, um botão faltando no colarinho, um fiapo de feno do celeiro de Joey no bolso. Ele fora buscar Ann daquele jeito. Devia ter também restos de comida nos dentes, apesar de não ter comido nada o dia todo.

Ele examinou o rosto molhado no espelho do banheiro, esfregou as rugas, pensando pela milionésima vez que seus olhos eram próximos demais, comicamente tristes. Seu queixo maciço começava a formar uma papada sutil, deixando a semelhança com George Washington ainda mais pronunciada.

Chadwick balançou a cabeça.

*Você está com quase 50 anos, disse ele a si mesmo. Não é um adolescente.*

De volta ao quarto, Ann estava sentada à escrivaninha olhando para a fotografia de Katherine. Chadwick lutou para engolir uma onda de ressentimento,

como se ela estivesse sendo invasiva. Mas é claro que não estava. Ela tirara aquela foto.

— Está com fome? — perguntou ele.

— Eu senti cheiro de bolo de carne de refeitório?

— Infelizmente sim.

— Vou dispensar.

O estômago de Chadwick dava voltas, mas ele sentou-se na cama, de frente para Ann. As nuvens continuavam a engrossar do lado de fora e uma energia metálica fria atravessava as janelas e invadia o ar aquecido da sede.

Ann correu os dedos pela fotografia de turma do oitavo ano — os garotos em fantasias coloniais. Chadwick sabia que ela saberia dizer o nome de cada um daqueles alunos, dos seus pais e irmãos. Poderia listar as faculdades onde estudaram e as profissões que tinham agora.

— Vi Norma hoje de manhã. Ela me alertou a não vir. Disse que sou uma otimista cabeça dura.

— Minha ex-mulher. Sempre a diplomata.

Do lado de fora, o ocaso dissolvia as árvores e o céu. O apito de um instrutor soprou três notas vigorosas, sinalizando o fim do dia de trabalho dos alunos do Nível Marrom.

— Você realmente é feliz aqui? — perguntou Ann. — É isso o que você quer fazer?

— Já faz um bom tempo que não penso nesses termos.

Os olhos dela tornaram-se mais calorosos.

— E por quê?

— É aqui que eu preciso estar.

— Como não consegui mandar Katherine para cá, precisou vir você mesmo?

— Ann...

— O suicídio da Katherine não foi culpa sua, Chadwick. Esse incidente já custou tempo demais a nós dois.

— Falando assim, parece que você a culpa por ter morrido.

— Eu a amava, Chadwick, mas não o bastante para desistir de nosso relacionamento. Você não deveria ter me deixado. Não deveria ter passado os últimos nove anos punindo a si mesmo, me punindo.

— Foi ideia minha aceitar Race Montrose na Laurel Heights?

— Eu não quis...

— Você me ligou, implorou pela minha ajuda, porque acreditou que Mallory estivesse envolvida no assassinato. Isso foi ideia minha?

Ann ficou de pé, como se estivesse prestes a gritar com ele.

Eles ouviram vozes no corredor: duas pessoas conversando, um homem e uma mulher. Conselheiros, pensou Chadwick, apesar de não conseguir relacionar

as vozes aos respectivos nomes.

Quando chegaram à porta de Chadwick, o homem disse:

— Acho que ele não está aqui.

Houve uma batida na porta.

Chadwick e Ann se entreolharam. Ele fez que não, ela concordou tacitamente. Nenhum dos dois suportaria companhia naquele momento.

A voz de mulher disse:

— Talvez ele esteja numa escolta ou...

— Não. Kindra está aqui.

— Ah, é verdade. Podemos perguntar a ela. Ou talvez a Hunter...

O restante da conversa foi abafado enquanto desciam o corredor.

Ann tocou a face com as costas da mão.

— Meu Deus, não me sinto assim desde os 16 anos. A festa do cabide no colégio.

— Com quem você ficou dentro do armário?

— Não é da sua conta.

— Ra-Ra Lucas — adivinhou Chadwick — O jogador de futebol americano com cara de bunda.

Ann lhe deu um tapa no ombro e ele a segurou pelo pulso. Seus olhos se encontraram. Ele a puxou para si na cama e a aninhou no ombro, sentiu seu corpo trêmulo, as lágrimas molhando sua camisa.

Ann puxou o queixo dele, encontrou sua boca. Chadwick sentiu-se tomando emprestado o senso de direção dela, deixando que o guiasse, como ela fizera tantas vezes no passado.

Ela o puxou para a cama, ficou em cima dele, o hálito em seu ouvido, a pele salgada.

— Que tipo de perdedora eu sou? — escarneceu ela, e mordeu-lhe a orelha.

— Espero trinta anos por alguém, e é você.

Houve outra batida na porta durante a noite, e eles ficaram em silêncio até que os passos se afastassem, tremendo de medo de serem surpreendidos, como se fossem dois adolescentes, ou um casal de adúlteros culpados num saco de dormir em Stinson Beach.

Pela primeira vez em sete anos a neve começou a cair sobre o Hill Country, tão silenciosa e natural que todos os verões quentes pareciam nunca ter existido.

Tinha que ser. Mas que droga. Nas últimas 24 horas ela havia sido alvo de tiros duas vezes, tinham gritado com ela, ficara sem dormir e passara fome. No instante em que se embrenhou sozinha na mata para passar a noite, ficou menstruada.

O kit de primeiros socorros tinha suprimentos para isso, mas meu Deus do céu.

Mallory tentou imaginar Leyland ensinando técnicas de sobrevivência para lidar com a menstruação. *E, há, moças, é assim que as índias costumavam fazer.*

Aquele pensamento a alegrou um pouco, mas a cólica era terrível, como se um rinoceronte usasse a pélvis dela como skate.

Ela se lembrou de seu ritual mensal na Laurel Heights, desde o sexto ano, quando passava o intervalo do almoço curvada de dor na secretária, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto, os outros alunos metendo a cabeça pela porta para saber se estava tudo bem — a mãe, desconfortável por tê-la tão próxima, relegando à secretária a tarefa de dizer que Mallory estava apenas com dor de barriga. Ela ficaria bem.

Sua mãe nunca tinha lidado bem com os assuntos femininos. Estava ocupada demais sendo a droga da diretora para ser uma mulher. Absorventes? Sutiãs? Esqueça. Mallory se lembrou da vergonha que sentira ao entrar sozinha na seção de lingerie de uma loja de departamentos, já que a mãe não a levava, e depois de sair com medo da vendedora. Por fim, Norma a colocara debaixo da asa, comprara-lhe o tipo certo de sutiã — Norma Reyes, a mulher que perdera os seios para o câncer. Ela era capaz de comprar um sutiã, mas sua mãe não. Pensar naquilo ainda fazia Mallory sentir raiva.

É claro que agora tudo a fazia sentir raiva. Seus hormônios estavam em ebulição. Talvez todas as mulheres da Cold Springs estivessem na mesma situação — ela, Morrison, Olsen —, todas prestes a cortar a garganta de alguém. Talvez Hunter tivesse agido bem ao mandá-las dar um tempo na floresta.

Mallory contornou o sopé de um morro usando o leito de um riacho seco como estrada. Queria evitar o mato à altura da cintura que crescia nos dois lados. Leyland os alertara quanto às cascavéis. Elas eram menos ativas no inverno, mas ainda estavam lá, e gostavam do mato alto.

Quanto ela já andara? Alguns quilômetros, sem dúvida. Ela não imaginava que ainda existissem lugares como aquele no mundo, onde era possível andar um dia inteiro sem ver nada: pessoas, construções, civilização.

Os músculos das suas panturrilhas estavam doloridos. A bainha da faca

irritava a pele da coxa. Ela comera a única barra de cereais três horas antes e agora seu estômago era um buraco que queimava e crescia lentamente.

Apesar disso, sentia orgulho de si mesma. Eles pegaram a bússola dela antes do início da jornada, mas Mallory usara leituras da sombra de um graveto para situar os pontos cardeais. Estava razoavelmente confiante de que continuava rumo ao leste, apesar de o céu ter ficado encoberto durante a tarde e de agora ela poder apenas especular que seguia o curso certo.

Seu estômago deu uma cambalhota lenta, tentando escrever a palavra COMIDA na parte interna das suas costelas. Deveriam ter-lhe dado duas barrinhas, deveriam ter levado em conta que ela passara a noite fugindo e sem nada para comer, ao contrário do restante do grupo. Não era justo.

*Nada é justo*, disse ela a si mesma. *Pare de culpar os outros e encontre uma solução.*

Água. O cantil estava vazio. Precisava encontrar uma forma de enchê-lo. Pelo menos teria algo no estômago.

Ela seguiu uma trilha de cascalho lodoso pelo riacho até encontrar uma poça de água parada, do tamanho de uma banheira. A superfície estava coberta de algas que se acumulavam nas bordas, formando rendas no granito. Sapos pequenos saltavam pelo limo. Baratas-d'água nadavam nas ondulações. Era estranho que houvesse tanta vida em pleno inverno. Sem dúvida a noite seria congelante. Será que sapos sobreviviam sob o gelo?

Mallory sabia que não deveria beber daquela água. Amebas, bactérias, porcarias que poderiam provocar doenças. Então percebeu o filete de água que alimentava a poça. Seguiu-o pelas pedras até encontrar a fonte, quase coberta por musgo, mas ali estava, borbulhando para fora da terra — uma das fontes de água gelada que davam nome à escola: *cold springs*. Devia haver centenas daquelas fontes espalhadas pelo rancho, se entrelaçando para dar vida ao rio. Mas aquela era a primeira que Mallory via. Estranho que algo tão pequeno pudesse formar um rio.

Ela se agachou e a cólica apertou. Pontos pretos dançaram na sua vista. Ela envolveu o bracelete GPS, apertou a pulseira de metal. Mas não iria recorrer ao botão. Não desistiria. Não dessa vez.

Inspirou fundo, estabilizando a respiração, e procurou algo no que concentrar os olhos. A terra naquela parte estava coalhada de lascas de pedra. Sílices, pedra trabalhada, exatamente como Leyland lhes orientara a procurar. Diversas haviam sido amoladas — ferramentas indígenas descartadas. Ela estava ajoelhada sobre um bebedouro de 2 mil anos.

Mallory mergulhou as mãos em concha na água e bebeu. Estava gelada e tinha gosto de terra, o gosto que devia ter o coração de uma árvore, se fosse possível bebê-lo.

A tontura passou. Ela encheu o cantil.

A sensação do musgo ao toque parecia o focinho de um cavalo, o que a fez lembrar-se daquele fim de tarde no pasto com Olsen, dando fatias de maçã à égua baía.

Ela pensou no segredo de Olsen; o padrasto, a irmã caçula.

Mallory não queria ser a irmã caçula substituta de ninguém. Ela já fizera esse papel antes, com Katherine.

Mas também não podia negar que tinha ficado sensibilizada por Olsen ter se aberto.

Ela nunca tivera uma amiga; uma amiga de verdade, do tipo que dorme na sua casa, com quem pintar as unhas. Katherine arruinara isso para ela. Quando se aproximava demais de uma menina, Mallory começava a pensar na correntinha de prata em seu pescoço. E recuava, encontrava um menino para ser seu amigo, como Race.

Ela lamentava não ter contado o segredo para Olsen — sobre a última noite de Katherine, a pessoa na varanda da casa dos Montrose. Mas também se sentia aliviada.

Como podia ter certeza de uma lembrança de quando tinha 6 anos? Os pais costumavam contar coisas que ela fizera quando era pequena até que ela passava a acreditar que se lembrava delas. O sonho com a varanda dos Montrose podia ser o mesmo tipo de coisa. Uma experiência traumática, combinada com uma nova situação — você superpõe o rosto de alguém e passa a acreditar que a pessoa estava lá.

Ela se perguntava como Olsen reagiria — se riria, se levaria o sonho a sério, talvez até ficasse irritada. Quanto mais fome Mallory sentia, quanto mais cansada ficava, mais razoável lhe parecia o sonho. Ela ouvira Katherine chamar a pessoa de *ela*. Mallory tinha certeza disso. Mas se dissesse algo e estivesse enganada...

Ela decidiu sair do leito do riacho, ver para onde estava indo.

Subiu a encosta do morro até um afloramento de rochas que parecia uma cabeça de peru.

Dali, avistou todo o vale — os morros baixos, o denso tapete de carvalhos ficando cinza sob as nuvens, como um camaleão, uma faixa mais escura de ciprestes verdes que acompanhava o curso do rio, mais adiante. E talvez, um pouco mais distante na direção do horizonte, uma tira marrom — a estrada de acesso.

Race tinha zombado dela uma vez, quando ela sugerira que acampassem numa floresta. Mallory teve a ideia de fazerem uma trilha até La Honda, onde os hippies costumavam fazer experiências com LSD. Eles comprariam uma garrafa de vinho barato e maconha e passariam a noite na mata. Race riu, um pouco nervoso. *Você, no meio do mato? Cara, os guaxinins te comeriam viva.*

Agora Mallory sorria. *Vai te catar, Race.*

Ela não pensava nele fazia alguns dias — ao menos não da forma como costumava pensar. Fora necessária apenas uma noite de sexo para convencê-la de que não estavam apaixonados. Era estranho como isso funcionara; tipo, agora que é tarde demais, aqui está a prova emocional de que você acaba de cometer um erro. Ela não o odiava. Não acreditava de verdade que ele matara a mãe. Apenas... queria evitá-lo. A amizade se transformara em algo perigoso, como a heroína. Ela não sentia fissura a maior parte do tempo, mas se chegasse perto... se visse um papelote na sua frente, não sabia se conseguiria resistir.

Talvez Race se sentisse da mesma forma. Encontrar a mãe naquela enorme poça de sangue — como era possível dividir essa experiência com alguém e evitar que a imagem queimasse na sua mente sempre que olhasse para ela? Mallory se perguntava onde estariam agora se Chadwick não a tivesse apanhado — se ela e Race tivessem pego o dinheiro e tomado um ônibus para fora da cidade. Em algum ponto não daria certo, eles trariam infelicidade um ao outro. Mallory sabia disso agora. A Cold Springs a salvara. Tudo o que ela podia esperar era que Race também encontrasse algo assim.

O vento frio apertava, transformando em lixas as faces e a ponta do nariz. Ela estava pronta para se levantar, para voltar a caminhar, quando ouviu um ruído às suas costas: pedras deslizando pela encosta para dentro da mata. Suas mãos agarraram o cabo da faca.

— Olá? — ela chamou.

Nenhuma resposta. Apenas o som distante de alguns últimos pedriscos se acomodando no lugar onde caíram. Mallory não via nada que já não estivesse ali antes — as árvores, os rochedos, a tarde escurecendo rapidamente sob nuvens cinza carregadas.

*Você não vai encontrar ninguém*, prometera Leyland. *Tudo isso aqui é uma propriedade particular, guardada e patrulhada. Tomamos todas as providências possíveis para que ninguém a atrapalhe.*

Será que ela poderia confiar naquilo?

Provavelmente, se Hunter e Chadwick estivessem fazendo a patrulha. Chadwick matara aquele atirador, garantira Hunter a ela, como se isso não fosse nada. E Mallory acreditava que o doutor era tão durão quanto parecia. Dava para saber só de olhar; o cara era um predador.

Mallory tentou relaxar. Devia ter sido um animal que escorregara. Animais escorregam? Talvez as pedras tivessem cedido sozinhas.

Mas o coração dela ainda estava disparado. Talvez fossem apenas os hormônios outra vez, mas Mallory sentia... ódio no silêncio, dirigido a ela. Sentia-se observada.

Ela encontrou um galho seco de algarobeira com pouco mais de 1 metro de comprimento e 5 centímetros de diâmetro. Cortou os ramos, sentiu o peso do galho. Daria um bom bastão de caminhada. Só isso, um bastão de caminhada.

Por via das dúvidas.

Ela começou a descer a encosta.

Caminhou por pouco mais de uma hora. O ar ficou mais frio e mais pesado, e passou a cheirar a neve. Mallory vestiu o casaco.

A cólica a atacou, rolando em suas entranhas como uma bola de fogo, e, com ela, vieram as antigas dores da abstinência de heroína. Isso não ajudou a amenizar a paranoia. Sempre que olhava para trás, Mallory podia jurar que via vestígios de movimento na mata. Ouvia estalos distantes de gravetos.

Um conselheiro a seguindo? Não, um conselheiro ficaria mais distante. Aquilo era alguém avançando em direção a ela — uma presença às suas costas, tão ameaçadora quanto a frente fria.

Outro estalo na mata às suas costas; a apenas 50 metros, talvez. Mallory começou a correr.

Quando alcançou um ponto em que podia ver o rio à distância, ela estava tremendo, o rosto molhado de suor.

Naquele ponto, o rio era mais estreito do que no acampamento — 30 metros de largura, talvez —, mas a água rugia em um trecho caudaloso das corredeiras. A água avançara pela lama das margens, as raízes expostas de ciprestes formavam redes intrincadas nas duas margens. Era largo demais para saltar, gelado demais para nadar. E estava no seu caminho.

A luz do dia aos poucos ia embora, mas ela precisava atravessar o rio. Não ficaria daquele lado a noite toda — não com aqueles sons, com a coisa a espreitando.

Ela seguiu rio abaixo até encontrar aquilo de que precisava — uma árvore caída, o tronco formando uma ponte sobre a correnteza.

Não esperou para tomar coragem; era possível fazer a travessia em três longos saltos.

Mas ela não imaginou que o tronco estaria tão escorregadio, que cederia tanto sob seu peso. Estava no meio do caminho quando escorregou, atirando involuntariamente o cajado para cima, e caiu na água.

Seu braço ficou preso em algo duro. A água entrava em suas narinas. As roupas encharcadas a puxavam para baixo; a correnteza fez seu corpo girar e a lançou rio abaixo. Ela tentou ficar de pé, apenas para ser atirada de volta ao movimento das águas. Por fim, acabou conseguindo chegar à margem, agarrou uma raiz e puxou o corpo para fora do rio. Desmoronou na lama, arfante e nauseada.

*Idiota. Race riria na sua cara.*

Ela não fazia ideia da distância pela qual a correnteza a arrastara. Não conseguia ver o tronco que tentara usar como ponte. O corpo todo tremia, e ela não sabia se era de frio ou de choque, mas se deu conta de que isso não importava. Precisava entrar em movimento. Precisava se aquecer

imediatamente.

Então percebeu que sua mochila se fora.

Ela acompanhou o caminho do rio por algum tempo, mas não viu sinal da mochila. Havia sido arrancada de suas costas e levada embora.

Então, pela primeira vez, Mallory sentiu-se realmente sozinha. Olhou para o bracelete GPS — o olhinho verde brilhando para ela, desafiando-a a desistir. Estava bem encrencada. Podia morrer naquele lugar. Que maldita sina: morrer de frio no Texas.

*Não, disse ela a si mesma. Você pode fazer isso.*

Mas o céu escuro, o rio e as árvores pareciam dizer o contrário.

Ela tentou se lembrar do que Leyland lhes dissera para fazer em emergências.

*S.O.S. Sondar. Organizar. Sistematizar.*

Certo. Sondar era fácil. A noite estava caindo. Ela estava molhada e com frio — suas roupas estavam encharcadas, a mochila com o kit de primeiros socorros e o saco de dormir térmico, perdida. Suas mãos e seus pés estavam dormentes.

Mallory organizou os suprimentos. Tirou o casaco. Conferiu a bacia presa à perna para ver se a faca ainda estava ali. O fósforo de metal que a haviam ensinado a usar ainda estava no bolso. E só. Era tudo o que ela tinha.

Sistematizar? Ela precisava se aquecer, imediatamente. Precisava acender uma fogueira.

A única coisa boa do passeio no rio era que ela parecia ter despistado a pessoa ou a coisa que a estava seguindo. Já não ouvia mais ruídos na mata — não sentia o ódio no ambiente. A luz do fogo poderia atraí-lo novamente, mas ela não tinha escolha. Precisava se aquecer.

Depois da fogueira, ela criaria um abrigo. Precisaria passar a noite ali, seguir em frente ao amanhecer. E em terceiro lugar — apenas em terceiro lugar —, precisaria satisfazer a fome que lhe contorcia o estômago.

Ela havia acendido fogueiras várias vezes no acampamento base. Esse era um dos pré-requisitos para aquela missão sozinha. Entretanto, precisaria lembrar os passos, guiar-se mentalmente pelas etapas.

Ela encontrou uma árvore enorme, oca, e decidiu que aquele seria o abrigo. Acenderia o fogo ao lado do tronco. Usou a terra dura como plataforma, escolheu um galho com o diâmetro do seu punho para servir de base e empilhou mato seco por cima. Preciso de três tentativas para riscar uma fagulha no mato com um galho fino sobre a base; seus dedos começavam a perder a sensibilidade. Mas em alguns minutos passou a proteger as brasas e acrescentar os gravetos. Chegou ao estágio do combustível e passou a acrescentar galhos maiores, depois tocos de lenha.

Mallory ficou o mais próximo que conseguiu das chamas, sentindo-se como

um alimento retirado cedo demais do micro-ondas — fervendo de um lado, congelado do outro.

Um pingo de gelo derreteu na sua face. Ela olhou para cima. Flocos de neve caíam, esparsos, grãos de poeira gigantes evaporando no halo do fogo.

Maravilha. Simplesmente maravilhoso.

Quando suas mãos estavam aquecidas o suficiente, Mallory começou a limpar o tronco caído. Larvas, minhocas e besouros saíam rastejando do interior escuro; ela os jogou no gorro do casaco, que deixara ao lado do fogo. Só para garantir, disse a si mesma. Só para garantir.

Quando a noite havia caído quase por completo, ela já terminara de construir o abrigo. A neve começava a cobrir o chão como uma crosta de sal. Mallory entrou no tronco oco, agora forrado com musgo e mató, e alimentou o fogo. Bebeu água de fonte do cantil, mas evitou as larvas por enquanto.

Ela não conseguia controlar os tremores, e se perguntou se a hipotermia poderia tomar seu corpo tão rapidamente.

Imaginou estar de novo na ponte de cordas sobre o rio, suspensa no escuro, a cadeirinha rasgando. Estava pronta para fazer um acordo com Deus, pedir que a salvasse daquela situação horrorosa.

Na última visita que fizera ao pai, pouco antes de fugir para East Bay, ela entrou no quarto dele e o encontrou de joelhos, de terno e de costas para ela, inclinado sobre a cama, rezando. Ela não teria ficado mais envergonhada se o tivesse encontrado de cueca. Seu pai, que nunca pisara numa igreja na vida, que descrevera Deus, quando ela era pequena, como um conto de fadas, tal qual a Cinderela, estava *rezando*. Ele não percebeu sua presença. Seus dedos estavam entrelaçados, os lábios quase os beijando ao falar.

Ela ficou tempo o bastante para ouvi-lo implorar em voz baixa, prometer a Deus que faria qualquer coisa. Por favor.

Então ela saiu, fechando a porta silenciosamente.

E agora Mallory finalmente entendia por quem o pai rezava... por ela.

Ela gritara com ele, o xingara, o chamara de monstro porque ele não gostava de Race, porque batera em sua mãe uma vez, anos antes.

Mallory o ferira, como bem tinha dito Emilio, e tudo o que ele queria era o seu bem.

Ele mandara Emilio para resgatá-la, uma forma de dizer que a amava. Uma forma deturpada, talvez. Mas ele tentara.

Ela começou a chorar — sabendo que as lágrimas eram um maldito desequilíbrio químico; a menstruação fazia tudo parecer pior do que de fato era.

Seu pai estava desaparecido. Ela queria acreditar que sentiria um buraco no peito se ele tivesse morrido, mas tinha dúvidas disso.

Aquilo era culpa de sua mãe; dela e de Chadwick. Eles começaram a fazer tudo desmoronar, simplesmente porque queriam transar um com o outro.

Arruinaram duas famílias. O desaparecimento do seu pai era culpa deles.

Talvez Chadwick a tivesse tratado bem. Talvez fosse sincero ao dizer que queria ajudá-la. Talvez, por um instante, quando estava assustada em Fredericksburg, ela tivesse até mesmo pensado em se abrir com ele. Mas no fundo Mallory sabia que o principal motivo para não ter contado a ninguém seu sonho com Katherine não era por não acreditar que fosse real. Ela queria ver o que aconteceria se suas piores suspeitas estivessem certas. Queria ver Chadwick ser punido.

Ela se aninhou no tronco oco, olhando para as chamas, a faca ao alcance da mão. O estômago vazio parecia querer arrancar a si próprio do corpo. E à medida que a noite ficava mais escura, suas únicas companhias eram o rio, o fogo e o som dos morros gemendo ao se contraírem sob o frio.

Race estava louco por voltar àquele café. Ele sabia disso.

Mas precisava de tempo para pensar. Tinha uma decisão a tomar. E estava ficando sem lugares para aonde ir.

Ele se sentou na mesa externa onde, um mês antes, Mallory fora arrancada dele. Olhou para a xícara de café pela metade, para o tabuleiro de xadrez com a partida que os últimos clientes não tinham terminado.

Não podia voltar para o apartamento da avó. A visita de Chadwick e sua parceira atordoara a velha, fizera com que ela voltasse a beber e começasse a conversar com Samuel e Talia no meio da noite, e Race não podia suportar esse tipo de merda.

A casa da mãe havia sido vendida — uma família já se instalara lá com um caminhão de mudanças. Race ficara mais à frente no quarteirão, vendo um garoto carregar seu baú de brinquedos pelos degraus da entrada, vendo uma garotinha chutar uma bola de futebol contornando os tocos das palmeiras como se fossem cones.

Ele passara a última noite no edifício abandonado atrás do café — no topo da escadaria onde ele e Mallory tinha feito amor. Os trens que passavam agitavam as janelas, e a discussão dos dois sem-teto no apartamento desolado abaixo dali, sobre o dinheiro encontrado na lavanderia, o mantivera acordado. Race mantivera a 22 semiautomática no coldre de tornozelo improvisado, próxima o bastante para estar à mão caso subissem. Só dormiu quando chegou o amanhecer, quando os dois saíram em busca da pinga matinal.

Ele não suportaria passar outra noite naquelas escadas. Não por causa dos sem-teto, mas porque o carpete velho ainda tinha o cheiro de Mallory. O perfume o fazia lembrar-se da última noite que passaram juntos — o corpo colado ao dela, ela apertando sua orelha quando queria avisar que ele estava sendo bruto demais. Aquilo havia sido um erro — assim como arrumar a heroína que ela queria, para alimentar o desejo de morte que a fazia querer se transformar em Katherine. Mas Race a seguira. Sempre. E agora era muito difícil não pensar nela.

Durante aquela tarde, ele roubou uma bicicleta e pedalou muito, até os morros — até o condomínio acima do túnel Caldecott. Esperava encontrar algum dinheiro, mas o apartamento estava vazio; definitivamente, ao que parecia. O que deixou Race nervoso, o fez pensar no que estaria acontecendo. Ele pensou em passar a noite ali, mas a ideia fez sua garganta ficar seca. Os fantasmas daquele lugar eram piores do que os da casa de sua mãe; o mal pairava no ar como

cheiro de cadáver dos cinco ou seis anos em que estivera ocupado — rádios e televisões ligados em cada um dos cômodos, 24 horas por dia, para abafar o ódio.

Agora já era noite outra vez e ele estava de volta ao café preferido dele e de Mallory, onde ele falhara terrivelmente em ajudá-la.

Ele sentiu um calafrio, apertou a jaqueta camuflada contra o corpo. A roupa fedia. Ele fedia. Ainda lhe restavam cinco notas de 20 dólares — o bastante para comer por alguns dias, mas aquela era uma época do ano terrível para dormir nas ruas.

Ele precisava fazer uma escolha.

Pegou o cartão de Chadwick, passou o dedo na borda amassada. Ele olhava para aquele cartão todos os dias. Tinha memorizado o maldito número. Chegara a telefonar uma vez, mas a ligação caiu na secretária eletrônica e ele desligou.

Poderia ligar outra vez. Poderia até mesmo ir à cidade, até a casa de Norma Reyes. Primeiro contaria a ela, e então ela o ajudaria. Ela faria a ligação, o protegeria das consequências. Race sabia fazia anos — desde o dia em que ela o defendera do idiota que o chamara de macaco, no quarto ano — que podia confiar na Srta. Reyes. Talvez por causa da tristeza em seu olhar, da solidão que o fazia lembrar-se da mãe, nas poucas vezes em que ela ficara sozinha, sem namorado, e não estava drogada ou embriagada, e lhe dava atenção. Ele poderia procurar Norma Reyes.

Ou poderia obedecer. Poderia esperar e ficar calado.

Ele pensou em Samuel — seu falecido irmão mais velho, cuja memória havia sido ressuscitada para servir de pele para um monstro.

Ela lhe prometera que ninguém mais morreria. Prometera voltar para Race e permitir que ele recomeçasse a vida, numa nova escola, uma vida tranquila e com muito dinheiro.

Mas também prometera que ele se formaria na Laurel Heights. Que ele poderia ir para a universidade, estudar história, conseguir um Ph.D. se quisesse. Que poderia reescrever a história afro-americana e virar a porra do mundo de cabeça para baixo.

Ela tinha quebrado a promessa.

Por algum tempo, o futuro dele fizera parte de uma vingança — um espinho no pé dos Zedman que servira aos propósitos dela. Agora Race era apenas uma ponta solta.

Fazia alguns dias que Race não a via, mas ele não tinha ilusões. Ela podia encontrá-lo de uma hora para outra. Quase o matara por ele ter dito o pouco que disse — por deixar o apartamento e tentar alertar a Srta. Reyes.

Seria burrice desobedecê-la duas vezes.

Ele olhava para as peças de xadrez lascadas sobre a mesa, pensava em Mallory o ensinando a jogar, anos antes, no terceiro ano. Ela sempre dizia que Race era o mais esperto dos dois, mas no xadrez, como em todo o resto, ela

sempre o ultrapassava.

Dentro do café, a imensa clientela da tarde consumia chás de ervas e sanduiches frios na baguete. Famílias brancas e estudantes universitários brancos olhavam-no apreensivos. Quando ele os encarava, eles desviavam o olhar, fingiam estar olhando para outra coisa.

Race sabia o que estavam pensando. Que ele era um morador de rua que os importunaria pedindo trocados. Ou os roubaria. Por que a gerência não pedia que saísse?

Race entendia o ódio que enterrara a faca em sua mãe 32 vezes. Ele entendia Samuel.

Sabia que um negro nunca consegue se ver livre de uma dupla personalidade. Sempre se luta com um desejo secreto, sente-se a culpa por ter vontade de ser outra pessoa, de entrar numa pele diferente por algum tempo, ser invisível, e não objeto de suspeita, raiva e medo. Para ele, um Montrose, era apenas um pequeno passo para a esquizofrenia, ou o homicídio, ou ambos.

Ele se lembrava da primeira vez — quando ainda era criança, depois de contar a ela o que vira, depois que o corpo fora encontrado, enrolado numa lona velha em uma praia de Hayward. Ela agarrara seu braço com tal desespero que os dedos deixaram marcas. “Não era ele, entendeu? Samuel vai tomar conta de você. Samuel é a sua proteção.” E a luz nos olhos dela era a mesma que ele via nos olhos da avó — o brilho emitido por uma peça de cristal rachada. Sempre que Race se olhava num espelho, temia ver o mesmo brilho nos próprios olhos. Desde a noite do assassinato de Samuel, Race temia que toda a sua vida fosse produto de uma rachadura — que *ela* também fosse imaginação sua.

Ele não podia se entregar. Não podia traí-la. Mesmo agora, depois de tudo o que ela fizera, ela ainda era sua proteção. Ela ainda era Samuel. Ele precisaria encontrar uma calçada para se encolher à noite, um porão de igreja para se esconder. Precisaria discutir com os sem-teto sobre o dinheiro encontrado na lavanderia.

Ele olhou para o cartão de Chadwick, mexendo no canto com a unha suja.

— Olá, Race — disse uma voz de homem.

O medo começou nos seus dedos e subiu até a garganta.

O sujeito à sua frente tinha cabelos loiros curtos, olhos castanhos, o rosto de um bebê que acabou de parar de gritar. Ele usava um casaco preto e calça jeans preta, trazia um jornal dobrado na mão esquerda e estava com a direita no bolso, fechada em algo volumoso que Race supôs ser uma arma.

— Ah, que isso — disse o homem —, nem mesmo um olá?

— Kraft — disse ele. — Você é aquele cara, David.

Race nunca o vira sem terno e gravata, nunca o vira com uma aparência tão comum.

David Kraft sorriu.

— Engraçado. Como se você não me conhecesse.

A mente de Race estava acelerada, levantando possibilidades, alternativas. Ele tentava entender o aquele sujeito estava fazendo ali, o que ele queria.

— Eu moro no fim da rua — disse David. — Sou praticamente seu vizinho. Não se lembra de mim dos velhos tempos? Não sabia que eu era de East Bay?

Race conseguiria fugir correndo. Ele conhecia os becos. Estava escuro. Mas se fosse mesmo uma arma no bolso de David, a apenas 1 metro do seu peito, as chances não eram animadoras.

— Esvazie os bolsos — ordenou David. — Muito, muito devagar.

Race tirou as notas de 20, 50 centavos em moedas, o chaveiro com a chave do apartamento da avó. O cartão de Chadwick. Uma edição de *O olho mais azul* do bolso da jaqueta. Uma cápsula de bala usada que pegara no quarto de Samuel. Um lápis B2.

— Desarmado? — disse David.

— Sim.

Race fez um esforço consciente para não mover o pé, para não trair a presença do coldre de tornozelo.

David Kraft atirou o jornal sobre a mesa.

— Olhe.

Estava dobrado para destacar uma matéria ilustrada com a fotografia de um homem, mas Race precisou de um segundo para situar a pessoa.

O pai de Mallory.

O medo rolava por seu estômago como uma bola de gude. Ele pegou o jornal.

Ele ouvia falar daquilo pela primeira vez: John Zedman estava desaparecido fazia três dias, marcas de sangue foram encontradas em sua casa. O corpo havia sido encontrado naquele dia em uma casa vazia no bairro Mission, por uma das proprietárias, Norma Reyes. Ann Zedman, ex-mulher do falecido, recém-suspensa do cargo de diretora na Laurel Heights sob suspeita de apropriação indébita, era procurada para interrogatório sobre o assassinato, mas acreditava-se que houvesse deixado a cidade.

— Bom trabalho — disse David. — Transportar o corpo até lá, só para causar impacto. Quer dizer, rendeu um bom adicional noturno, não é verdade?

Race olhou para a fotografia. *Ela* tinha feito aquilo. Ela lhe prometera que ninguém mais se machucaria.

— Eu não sabia. Eu não...

— Ah, é claro que não — disse David. — Nunca soube, certo? E o nome Katherine Chadwick, isso também não quer dizer nada para você.

Com a mão livre, David pegou as próprias chaves e as atirou na mesa. Elas estavam presas a uma figura de metal do Mickey, com cerca de 5 centímetros de altura. Race achou aquela uma escolha estranha de chaveiro para um

homem.

— O que você vai fazer — disse David — é dirigir. Você já tem uma carteira de motorista provisória, não tem?

— Não.

— Conversa mole. Eu tenho acesso às fichas dos alunos. Sei a sua idade, os endereços da sua mãe e da sua avó, o seu tipo sanguíneo e a maldita data do seu aniversário. Você sabe dirigir. E vai me levar até um lugar, para conversarmos.

Race não saiu do lugar.

— Ou você pode gritar por ajuda — acrescentou David Kraft. — Chamar a polícia. É, acho que você pode fazer isso.

David sorriu, esperando.

Race pegou as chaves.

— Bom garoto. E, Race... sim, é mesmo uma arma no meu bolso. Caso você esteja se perguntando.

O carro de David Kraft, uma caminhonete, estava estacionado em frente a um hidrante, meio quarteirão depois, na Ocean View. Ele devia ter visto Race na calçada ao passar pela rua. Então dera a volta no quarteirão, estacionara na rua lateral, fora andando até o café. Mas a arma... ele não devia andar armado o tempo todo. O cara era, sei lá, um consultor júnior ou coisa parecida. Recém-saído da faculdade. Ele devia estar à procura de Race, à espreita por um bom tempo, esperando.

— Nada de acidentes — alertou David. — O seguro do meu pai não vai cobrir.

Ele sacou a arma, uma H&K de aço azulado, e a pressionou contra a coxa de Race. O rapaz colocou a chave na ignição e tentou evitar que o coração saltasse pela boca. O Mickey bateu no seu joelho quando ele virou a direção.

David o orientou a descer a Broadway, então seguir para West Oakland por ruas laterais que Race não conhecia. Os conjuntos habitacionais e hotéis sujos de drogados deram lugar a armazéns, que por sua vez deram lugar a quilômetros de terrenos cercados com arame farpado ocupados por pilhas de contêineres. Mais algumas ruas desertas e havia apenas vegetação rasteira em volta, e logo chegaram à costa.

David o orientou a seguir até a praia, onde um pequeno pier avançava sobre a agitada água escura.

À esquerda, os guindastes brancos do Porto de Oakland erguiam-se como esqueletos de dinossauro. À direita, a Ponte da Baía brilhava e zumbia com o tráfego — milhares de pessoas rugiam lá em cima a caminho de casa.

Um milhão de pessoas atrás deles, em Oakland, outro milhão do outro lado da baía, em São Francisco, e Race e David Kraft estavam completamente sozinhos.

— Desça — ordenou David.

— Eu não sabia sobre o pai de Mallory.

A arma foi pressionada com mais força contra sua coxa.

— Tire a chave da ignição e desça do carro. Está uma bela noite.

Race obedeceu.

Ele ficou parado enquanto David Kraft contornava a frente do carro sem deixar de apontar o cano da H&K para seu peito.

Race se viu esfregando o pequeno Mickey Mouse, tentando acalmar-se com o metal liso sob o polegar.

Ele precisava fugir.

Ela tinha mentido quando dissera que não faria mal a ninguém. Ela matara John Zedman. Isso queria dizer que também mentiria sobre outras coisas. Mallory estava em perigo.

A 22 ainda estava no coldre de tornozelo, mas ele nunca a sacaria a tempo. Mesmo que o fizesse, Race atirava muito mal. Nunca matara ninguém, nem ao menos atirara com aquela maldita coisa a não ser para o alto, no ano-novo. Ele não tinha testado a arma desde que Chadwick o obrigara a soltá-la de uma altura de cinco andares. Talvez nem funcionasse mais.

David Kraft o mandou seguir na direção do mar, depois subir no píer.

— Estamos no meio do caminho. Isso é bom. Agora olhe para mim.

O vento cheirava a escapamento de carro e peixe podre.

Sob a luz tênue da Ponte, o rosto de David Kraft parecia feito de metal, como se houvesse sido moldado a partir do capô do próprio carro.

— Katherine Chadwick — disse David. — Nove anos atrás, no verão, eu levei a garota a uma festa. Ela estava pra baixo. Eu quis animá-la um pouco, mostrar que sabia comprar drogas, andar no lado ruim da cidade, sabe? Então a levei a uma casa: uma porra de casa cor de mijo em West Oakland, e Samuel Montrose a roubou de mim. Arruinou a vida dela, a deixou tão viciada em heroína que ela acreditou que um marginal de merda como ele era capaz de amar alguém. Ela morreu, Race. Os pais falharam com ela. A escola falhou com ela. Eu falhei com ela. Mas, acima de tudo, ela morreu por culpa de Samuel. Um bosta chamado Samuel Montrose. Você se parece muito com ele, sabia? Parece muito com ele.

Race imaginava a si mesmo levitando dali. Via todos os lugares importantes de sua vida: a casa da mãe na Jefferson Street, a Laurel Heights, o apartamento da avó, Rockridge, Telegraph Hill. Ele nunca viajara para mais longe do que era capaz de ver agora, daquele lugar, e se perguntou se aquele era o centro geográfico da sua vida — o ponto equidistante de tudo.

Ele não podia morrer. Precisava fazer com que alguém acreditasse nele — Norma Reyes. Se apenas conseguisse falar com ela outra vez, olhar nos olhos dela e fazê-la ouvir.

— O engraçado — disse David Kraft — é que eu voltei para a Laurel

Heights acreditando que faria as pazes com aquele lugar. Eu quis ajudar na campanha. Quis perdoá-los por falharem com Katherine. Por falharem comigo. E qual foi a primeira coisa que eu descobri? Você. Ann Zedman o aceitou como aluno, permitiu que a própria filha se tornasse sua amiga. E entendi no ato o que a sua família estava fazendo, Race. No ato. Eles estavam mijando na Laurel Heights, esfregando você na cara de todos. Passei meses a fio pensando em matar você, mas não sou um animal. Então plantei a arma no seu armário. Fiz questão de que você fosse expulso. Mas você é um merdinha insistente. Você e a sua família; eu não sei como vocês conseguiram, mas roubaram o dinheiro da escola e colocaram a culpa na Sra. Zedman. Vocês mataram John Zedman, fizeram parecer que o assassino foi Chadwick. Armaram tudo nos mínimos detalhes. Então eu pensei comigo mesmo: quer saber? Vejamos até onde aquele merdinha é capaz de ir. Liguei para a imprensa para vocês. Fiz tudo para atizar o fogo, para garantir que a Laurel Heights ruísse em meio às chamas. Mas o que acontece, Race, é que você já fez tudo o que podia por mim. Você também é parte do problema. A sua família não pode simplesmente sair ilesa disso. Então me diga a verdade, com quem está o dinheiro?

Race ficou pensando, tentando achar a resposta que lhe daria menos chances de levar um tiro.

— Samuel.

— Quem dera. Eu bem que queria acreditar que ele está vivo. Mas sabe, eu percebi a sua hesitação. Eu acho que Samuel está morto. Um cara com o comportamento problemático dele não conseguiria chegar à idade adulta. Então quem está com o dinheiro, Race? Você pode até ficar vivo se me der a resposta.

— Eu não estou com dinheiro nenhum.

— Um...

Race imaginou que estava de volta à escada de incêndio, o corrimão de metal rasgando sobre o vazio e Chadwick agarrando-lhe a mão, dando a Race a chance de matá-lo, enfiar uma bala em seu rosto. Mas isso significaria cair, tentar agarrar-se a cinco andares de ar, e Race sabia que essa não era uma opção. Ele precisava viver. Precisava deixar Chadwick viver. Mesmo então, não seria capaz de atirar. Então como seria capaz agora?

— Dois...

— Não tem mais ninguém — disse Race. — Sou só eu. Só eu.

— Três. Vire de costas para mim, Race. Fique de joelhos.

— Você nunca vai achar o dinheiro.

— O dinheiro é secundário, Race. Muito, muito secundário. Agora faça o que eu mandei.

Race se virou, caiu de joelhos. Agarrou os tornozelos e sentiu a 22 no coldre improvisado.

— Sabe o que eu tenho no carro, Race? Pesos de chumbo. Coisas grandes,

do tamanho de bolas de boliche. Elas seguram lonas plásticas em tempestades. Vou amarrá-las nos seus tornozelos. Você vai afundar em 5 metros de água aqui mesmo: de pé. Na maré baixa, a luz vai tocar as pontas dos seus dedos. E você vai apodrecer. Ninguém mais vem aqui, Race. Ninguém além de mim. Este lugar é meu. Agora eu vou dividi-lo com você.

Então Race olhou para a escura faixa que era a costa — pedras e vento e cheiro de peixe morto, 2 quilômetros de desolação com vista para duas cidades.

Ele sentiu as tábuas dobrarem sob o peso de David Kraft. Seus dedos avançaram para dentro da boca da calça, envolveram o punho da 22.

— Não se esqueça do seu Mickey Mouse — disse ele a David. — Está no meu bolso.

— O Mickey de Katherine — corrigiu o outro. E deu um tapinha carinhoso na cabeça de Race. — Ela me deu de presente uma semana antes de morrer. Eu vou lembrar, Race. Agora, por que não reza? As pessoas ainda fazem isso?

E Race de fato rezou — ao puxar o 22 para fora do coldre, tentando não mover um músculo desnecessário sequer. Imaginou sua alma saindo do corpo, como sua mãe sempre dizia que acontecia, e escolhendo um trem — um trem metropolitano rumo ao oeste, com destino à cidade, à casa de Norma Reyes, que estava de pé na varanda usando um roupão de banho. Ou um trem flamejante para o leste, rumo a Mallory e ao Texas, ao túnel Caldecott, onde ficava o apartamento de Samuel, com seu cheiro de morte; onde Race seria mais uma voz, mais um sussurro maligno abafado pelo rádio.

— Isso é por Katherine — disse David Kraft.

Ele empurrou a cabeça de Race para baixo, gentilmente, para expor o pescoço. Mas Race caiu para o lado, girando, voltando a arma para os olhos arregalados de David Kraft, de modo que dois estrondos soassem como um — um estrondo seco que ecoou por quilômetros de águas desertas e se dissipou sob o rugido do movimento noturno.

Mallory acordou sobressaltada. Havia ruídos na escuridão, algo se movia na mata.

O fogo estava perigosamente baixo, e ela ainda tremia. As roupas pareciam gesso derretido colado na pele, e a neve congelara a parte de seus sapatos que não coubera sob o tronco oco.

Próximo ao contorno do arco vermelho produzido pela luz da fogueira, Mallory viu algo se arrastando pelas moitas. Ela se lembrou da coisa que a seguira no dia anterior. Movendo o braço lentamente, pegou uma pedra gelada do tamanho de uma laranja. Um mês antes, não teria forças para erguê-la. Agora, atirou-a na forma escura, torcendo para acertar.

Houve um som perturbador de rachadura, depois uma agitação na mata, que diminuiu, mas não cessou.

Mallory sacou a faca e avançou; descobriu que a pedra acertara a cabeça de um... de algo do tamanho de uma bola de futebol americano. Um besouro gigante, rechonchudo e peludo. Um calafrio de terror percorreu-lhe a espinha, até que ela se deu conta do que era: um tatu idiota.

O casco não ajudara o pobre animal. O focinho estava esmagado, e ele estava deitado de lado, um dos olhos vidrados devido ao reflexo do fogo, uma bolha de sangue saindo pela narina. As patas moviam-se debilmente, tentando agarrar o ar.

O medo de Mallory se transformou em vergonha. Ela nem ao menos conseguira matar o bicho, apenas torturá-lo.

Estava embotada demais para pensar. Outra parte dela assumiu o controle da situação, fazendo com que se aproximasse do tatu com a faca. Enfiou a lâmina na cabeça. Errou o alvo na primeira facada, mas a segunda fez o serviço. Não foi exatamente rápido, mas o bicho morreu.

Era a primeira vez que Mallory matava, e não foi agradável.

Ela ficou sentada ali, tremendo. O cheiro do tatu era horrível — talvez algum mecanismo de defesa, imaginou —, mas ela não conseguia se afastar. Sabia que precisava alimentar o fogo, que se não fizesse isso, podia morrer.

No fim das contas, não foi o frio que a colocou em movimento. Foi a fome. Mallory estava com nojo de si mesma, mas percebeu que o nó no seu estômago não era repulsa, mas o desejo de comer.

Ela matara seu primeiro animal. Sentia como se devesse algo àquela pobre coisa — tirar algo bom de sua dor.

*Eu não posso comer isso, disse a si mesma.*

Mas a resposta foi imediata: É claro que podia. Já não os vira pendurados, mortos, nas vitrines das lojas de Chinatown?

Eles têm lepra ou coisa parecida, lembrou Mallory. O bicho é repulsivo. Deve estar infestado de parasitas.

*E você também,* veio a resposta. *Você tem um dia de caminhada pela frente. E não vai conseguir fazer isso sem comida.*

Ainda atordoada, Mallory foi até a mata e pegou mais lenha. Ouviu mais ruídos de algo se movendo na escuridão, e se perguntou se a presença que a seguira no dia anterior ainda estava ali.

*Que venha,* ela pensou. *Cansei de sentir medo.*

Ela atçou o fogo e as labaredas subiram. Então voltou até o tatu.

Tocou o casco do animal, que parecia uma colcha de retalhos feita com unhas dos dedos dos pés. Virou o animal e observou seu ventre peludo, suas patas. Contou em silêncio — um, dois, três — e fez o primeiro corte, abrindo o corpo do pescoço ao ânus.

Ela não era uma caçadora, não era uma garota do interior. O melhor em que conseguiu pensar para reunir coragem foram as dissecações da aula de ciências — ela e Race surtando com o feto de porco que chamavam de Wilbur —, com a diferença de que os alunos não faziam aquilo no escuro, sem luvas e com a intenção de comer o animal.

Mallory afastou o rosto do fedor e do corte diversas vezes e teve ânsias de vômito, mas não tinha nada no estômago e suas mãos estavam pegajosas de sangue. Ela não podia fugir do trabalho. Estava mergulhada nele.

Durante o tempo que levou, foi como se estivesse sob uma concha — como se ela fosse o tatu e a maior parte das suas funções cerebrais houvesse se refugiado em um lugar seguro, relegando ao corpo o trabalho de açougueiro.

Por fim, o tatu foi estripado e Mallory tinha quatro pedaços escorregadios de carne espetados em um galho, como um *shish kebab* sangrento. Colocou a carne para assar sobre as chamas, observando os pequenos pedaços chiarem e chamuscarem nas pontas. A repulsa se transformou em fascinação, e depois em uma fome voraz. O cheiro era de carne assada, e seu estômago aprovou.

Ela carregou seu prêmio até o rio e lavou as mãos, o que depois lhe pareceu uma civilidade absurda. Então voltou até a fogueira e comeu a carne, tão quente que lhe queimou a língua. Era dura e fibrosa, e tinha gosto de costeleta de porco. Devorou tudo.

Enquanto comia, teve a impressão de conseguir sentir os olhos clareando, mas então percebeu que havia um débil brilho cinza sobre tudo. O amanhecer estava chegando. A distância, ouviu sons parecidos com sirenes, mas sabia que devia ser outra coisa — alguma espécie de pássaro acordando, ou algum animal desamparado.

Ela voltaria a andar naquele dia, e conseguiria sair da mata.

Uma nova energia se formou dentro dela como um motor. Olhou para as próprias mãos, se perguntando quanto daquele vermelho era da luz do fogo e quanto era sangue.

Seus velhos medos pareciam absurdos agora. Pertenciam a uma menininha a 3 mil quilômetros de distância. Mallory conseguiria cuidar de si mesma. Podia muito bem lidar com Samuel.

Ela prometeu a si mesma que contaria a verdade quando saísse dali.

Ficou ali sentada se acostumando com a ideia, temperando a coragem. O frio não parecia tão ruim agora, e ela ficou perto do fogo até surgir o sol, uma mancha amarela e turva nas pesadas nuvens cinza.

Chadwick sonhou que a neve estava se transformando em chuva, que batia nas portas da varanda. Sonhou com sirenes da polícia, e que sua respiração se transformava nas vibrações de um telefone celular no modo silencioso.

Seus olhos se abriram. O celular vibrava na mesa de cabeceira. Havia sutis e mornas depressões nos lençóis ao seu lado, onde Ann dormira, e a chuva do sonho era o som do chuvaeiro. Em algum lugar a distância, veículos de emergência uivavam como coiotes ao serpentearem pelos morros.

O céu matutino era de um cinza lúgubre. Chadwick teve um momento de desorientação, se perguntou por que as janelas estavam no lado errado do quarto, por que a cama estava encostada na parede errada. Então lembrou. No meio da noite, Ann fora para o quarto de hóspedes em que ela se instalara, mais adiante no corredor. Ela insistira nisso, para o caso de alguém bater na porta do quarto de Chadwick pela manhã. Não queria deixá-lo desconfortável. Mas ele tinha ido junto com ela, e as poucas horas seguintes deixaram em seu corpo um cansaço agradável do qual ele relutava em se libertar.

O telefone voltou a vibrar. Ele pegou o aparelho e leu na tela: Chamada de às *Cold Springs 7h06*.

Não reconheceu a voz a princípio — uma mulher, perguntando qual era a merda que ele tinha feito.

Chadwick processou a pergunta.

— Kindra?

— O FBI — disse ela. — Cai fora daí agora.

— O quê?

— Aquele sujeito, Laramie, outros dois agentes federais, uma meia dúzia de policiais locais. Eles acabaram de sair daqui, estão indo para o Hill Country Sheraton.

Ele sabia que a polícia iria a Cold Springs pela manhã, tinham avisado. Estava preparado para isso. Mas às 7 da manhã?

Ele estava para dizer a Kindra que não estava no Sheraton. Que estava bem ali no alojamento, a menos de 30 metros dela. Mas as sirenes continuavam gemendo, cada vez mais distantes, e algum instinto lhe disse para guardar para si mesmo seu paradeiro.

— O que aconteceu? Eles encontraram Emilio?

— É, encontraram.

— Ele criou problemas para nós?

— Do pior tipo, Chadwick. Ele foi assassinado.

Cada saliência na textura do teto abruptamente ganhou mais foco. Ele se sentou na cama.

— Onde?

— Você não tem tempo, Chad. Esses policiais...

— Me diga.

Um bipe — uma chamada em espera no telefone de Chadwick — abafou parte das profanações de Kindra.

— Um fazendeiro encontrou o corpo — disse ela. — Emilio estava deitado de costas na beira de uma estrada de terra, preso a uma cerca. De acordo com Laramie, ele foi atropelado, depois levou um tiro na testa. Satisfeito?

— Nós o deixamos vivo.

— É. E o que aconteceu depois?

— Eu não o matei.

— Merda. — Ela pareceu quase desapontada. — A mulher da loja de conveniência, ela denunciou a gente, deu à polícia a nossa descrição. Mulher afro-americana, sujeito branco com 2 metros de altura, garota louca em fuga; quantos trios desse tipo deve haver em Fredericksburg? Não sei como Laramie soube do seu amiguinho Joey, mas ele também o interrogou. E me fizeram umas perguntas bem desconfortáveis. As coisas que disseram a seu respeito... Me desculpe, Chadwick. Precisei contar a eles sobre o Sheraton. O mínimo que posso fazer é alertá-lo.

Do banheiro, vinha o som da ducha. Ann cantarolava uma melodia que soava como um lamento.

Chadwick se ajoelhou para pegar a caixa da arma debaixo da cama, então se lembrou de que não estava em seu quarto.

— Kindra, escute... ainda tem algum policial na escola?

— Três ou quatro, além do xerife. Por quê?

— O que eles estão fazendo?

— Enchendo o saco do Hunter, basicamente. Eles tinham um mandado de busca para o seu quarto. Hunter não permitiu que revistassem o restante da sede, então estão esperando que um novo mandado seja enviado via fax. O cara de Oakland, o sargento da Homicídios...

— E Damarodas?

— Está aqui. Ele e os caras do FBI não se dão muito bem. Eles o deixaram aqui e saíram atrás de você. Damarodas não ficou muito feliz.

— E quanto a Mallory?

— Devo ir buscá-la na mata agora mesmo. Damarodas tem uma ordem judicial para falar com ela. Hunter tentou protestar, mas depois das notícias de São Francisco... — Kindra hesitou, como que esperando que ele terminasse a frase.

— Que notícias?

— Não fique de sacanagem comigo. — A voz de Kindra ficou esganiçada.  
— Foi você ou não?

— Vou ter que chutar um crime qualquer ou você vai me dizer?

— O corpo de John Zedman foi encontrado ontem, numa casa em Mission.  
A sua casa.

Chadwick olhou para as nuvens. Ele quis acreditar que se apenas conseguisse chegar até a janela, abri-la e deixar que o vento frio o acordasse, ficaria tudo bem. Que se daria conta de que a voz de Kindra era apenas mais um som mal interpretado em um sonho.

— O cara foi morto a tiros — prosseguiu ela. — O corpo dele foi enrolado numa cortina de boxe, levado até a cidade, carregado um lance de escadas acima por uma pessoa bem forte e então enfiado numa pequena despensa. O cadáver foi encharcado de perfume para ocultar o cheiro. Coisa doentia, Chadwick. O assassino poderia ter jogado o corpo no mar, do acostamento da Highway 1, mas quis que John apodrecesse na sua antiga casa, onde a sua filha morreu. Damarodas disse que os pontos em que as balas o acertaram são bem semelhantes aos do assassinato daquele garoto, Samuel Montrose, há nove anos. Eles concluíram que o crime aconteceu quando você estava na cidade, na noite em que nos separamos.

A mente de Chadwick lutou contra a imagem, rejeitando-a como uma farpa sob a pele. Ele tentou se lembrar de John vestindo a camisa de linho e as calças do pijama, de pé na varanda da sua casa em Marin, com o pôr do sol às suas costas. John embriagado de champanhe, tendo sobre os ombros uma colcha de 7 mil dólares feita pela turma do jardim de infância, e instigando-o a mostrar golpes de caratê. John colocando a mão no seu ombro, o hálito cheirando a gim, dizendo-lhe que tudo ficaria bem — que eles dariam um jeito em qualquer problema que aparecesse. Eles tinham filhas em quem pensar.

— Chadwick? — disse Kindra.

John não podia estar morto. Chadwick não podia ter passado a noite com Ann — finalmente desistido da culpa, enfiando-a debaixo da cama, deixando-a junto com a caixa do revólver por algumas horas — para então receber aquela notícia.

— Escute, Chadwick — A voz de Kindra demorou-se no nome dele. — Desligue o telefone, está bem? Saia daí. Não me importa o que você tenha feito, simplesmente saia da cidade. Se eles botarem as mãos em você... merda, preciso ir.

O telefone ficou mudo.

A torneira do boxe rangeu e o som de água se dissipou. O encanamento vibrou. Mas o rugido nos ouvidos de Chadwick não cedeu.

Ele olhou para a tela do telefone: *Uma chamada perdida.*

Chadwick não queria ver o número. Imaginou que o FBI não deixaria uma

mensagem. Mas olhou assim mesmo, reconheceu o código de área de São Francisco, viu o pequeno ícone de envelope indicando uma mensagem de voz. Ele a ouviu.

A voz de Norma: *Chadwick, seu penje de uma figa, atenda o telefone. Race Montrose está aqui comigo, ouça o que ele tem a dizer.*

A voz do garoto entrou na linha.

Chadwick ouviu, e pela primeira vez se deu conta da armadilha que se fechava à sua volta. Viu tudo o que lhe importava sendo destruído, enquanto era poupado e continuava vivo para levar a culpa. E a última pessoa a morrer seria aquela que sua consciência menos conseguiria suportar perder.

*Ele é capaz de descrever o dia dela,* dissera John. *Sabe o que ela comeu no café da manhã, onde dormiu e cada punição a que você a submeteu.*

Chadwick abotoou a camisa, calçou as botas. Ele pensou em Mallory sozinha na mata, o bracelete GPS que usava piscando, traíndo sua exata localização.

Ann saiu do banheiro enrolada numa toalha padrão do Nível Branco, gotas d'água nos ombros. O sorriso dela esmoreceu quando viu o semblante de Chadwick

— O que foi?

— Vista-se — disse ele, e atirou-lhe um vestido azul que tirou da mala dela.

— A polícia está aqui. Eles acham que estamos em San Antonio, e é só por isso que ainda não arrombaram a porta.

— Arrombar a porta? Por quê?

Ele contou-lhe as novidades: Emilio morto, John morto. Contou sobre o telefonema de Norma e Race.

O rosto dela, já corado pela água quente do chuveiro, ficou ainda mais vermelho. Ela amassou o vestido nas mãos, atirou-o no rosto de Chadwick. A peça de roupa se abriu entre eles, a casca de uma mulher, e caiu no chão.

— Você... fez... isso. — As palavras perfuraram o ar como um furador de gelo. — *Você* me trouxe para cá. Você atraiu isso para a minha filha.

— Ann...

— Eu deveria ter insistido em vê-la, levá-la para casa. Mas fiquei com você. Coloquei-o à frente da minha família outra vez. Você me tirou do rumo, me atirou em uma maldita fantasia. Norma tinha razão, Chadwick Ela tinha razão a seu respeito.

O peito doeu com as palavras, mas ele se concentrou em Mallory — na luz verde acesa no bracelete GPS, na caminhada que a aproximaria cada vez mais da estrada de terra que cortava o centro da Cold Springs.

— Ann, escute. Estamos mais perto do que qualquer um deles imagina, essa é a nossa única vantagem. Eu sei onde fica o ponto de encontro. Posso alcançar Mallory. Mas estamos perdendo tempo.

— A polícia está aqui. Você mesmo disse. Conte tudo a eles.

— O xerife não acreditaria em nós, mesmo que tivéssemos tempo para persuadi-lo. Precisamos ir até Mallory *agora*. Nós mesmos.

Uma batida na porta; forte, insistente.

Chadwick sustentou o olhar de Ann. Se ela abrisse a porta, se confiasse na polícia, Mallory morreria. Apesar disso, ele sabia que para si próprio não havia mais chances. Mesmo que Ann confiasse nele, ele tinha certeza de que ao sair daquele quarto a teria perdido, tendo finalmente a acordado para o fato de que era tão bom para ela quanto a lâmina fria de uma faca atravessada no seu pescoço.

Uma voz de homem abafada disse a Ann para abrir a porta. A voz a chamou pelo nome, anunciou-se como um policial.

Uma tela obscureceu a visão de Ann: a intimidade da noite anterior, a fidelidade absurda de cinco minutos antes, tudo completamente apagado agora.

— Vá — sussurrou ela. — Eu seguro eles. Saia pela janela.

— Mas...

— Minha filha — disse ela, os olhos decididos. — Salve-a se puder, Chadwick, mas não vou confiar isso apenas a você. Vou falar com a polícia. Vou abrir esta porta esteja você aqui ou não. Agora saia de uma vez.

E então ele estava na varanda, depois passando as pernas sobre o parapeito.

Se tivesse saltado da varanda de seu quarto, Chadwick teria caído sobre a neve — um declive curto, suave, a poucos metros da segurança da mata.

Ao saltar da varanda do quarto de Ann, ele percebeu onde cairia quando já estava no ar, depois que a gravidade já impossibilitara qualquer ponderação. Ele caiu na varanda dos fundos do escritório de Hunter, sobre um xerife-assistente do condado. Na queda, a cabeça do homem se chocou com força contra a balaustrada de madeira coberta de gelo. Hunter e o sargento Damarodas estavam a 1 metro dele, congelados no meio de uma conversa. Naquele segundo, Chadwick poderia ter escapado por sobre a balaustrada, para a segurança das árvores, mas quando recobrou o equilíbrio, Damarodas tinha uma pistola na mão.

— Sr. Chadwick — disse ele. — O senhor está investindo muito nas suas entradas.

— Me poupe disso. Mallory Zedman está em perigo.

Hunter e Damarodas se entreolharam, como se aquilo retomasse o exato assunto que discutiam. Chadwick notou uma espécie de relutante aliança entre os dois, e se deu conta da dupla estranha que formavam — Asa em um terno Armani marrom, uma gravata de seda de 100 dólares, a roupa que reservava aos tribunais e às aparições na TV; e Damarodas, mais parecendo um gerente de lanchonete, num terno azul comum e com uma gravata que parecia feita por crianças. Eles eram soldados confinados na mesma trincheira, homens forçados a engolir uma solução amarga para um problema em comum.

— Precisamos ficar exatamente aqui, amigo — disse-lhe Hunter. — Meus advogados já estão a caminho. Até então, temo que você já tenha dado bastante material para Laramie e Kreech.

— Asa, me dê o localizador GPS. Senão Mallory vai morrer.

Os tendões do pescoço de Hunter se retesaram, ameaçando estourar o colarinho da camisa.

— Kindra está indo pegá-la. Olsen a está seguindo na mata. Ela vai ficar bem.

— Você está enganado.

Então Chadwick contou-lhes sobre o telefonema de Race Montrose. Aos pés de Chadwick, o xerife-assistente gemia, se contorcendo em posição fetal.

— O xerife nunca vai acreditar nessa merda — disse Damarodas, mas Chadwick percebeu que seu cérebro funcionava furiosamente, colocando as peças nos seus lugares. — Se sairmos da sede da escola, ainda por cima deixando um policial ferido para trás, vamos abrir um jorro de merda legal com 1 quilômetro de altura. O agente especial Laramie vai conseguir uma promoção e tanto.

— Merda — disse Hunter. — Que diabo, ninguém brinca com a minha confiança dessa forma. — Ele levou a mão ao bolso do casaco e atirou o localizador GPS para Chadwick, um aparelho de plástico verde do tamanho de uma carta de baralho. — Você nunca vai conseguir chegar lá pelas estradas. A polícia colocou barreiras nos portões.

— Vou até ela atravessando a Cold Springs — disse Chadwick. — Mais rápido, impossível de ser seguido. Os internos do Nível Cinza já devem ter aberto os estábulos.

— Você é completamente louco — disse Hunter. — Damarodas, dê a sua arma a ele.

— O quê?

— Ele rendeu você — disse Hunter. — Lembra?

De algum lugar dentro da sede, a voz do xerife Kreech chamou.

— Sr. Hunter! Mas que diabos, aonde o senhor foi?

Chadwick encarou o sargento.

Damarodas ergueu a arma. Então a soltou e levantou os braços, rendendo-se.

— Um jorro de merda de 1 quilômetro de altura. Vou odiar a mim mesmo mais tarde.

Chadwick colocou a arma na cintura e saltou a balastrada, e então correu em direção à mata e ao rio, onde ilhas de neve desciam serpenteando a correnteza.

Depois do café da manhã sangrento, Mallory se limpou como pôde no rio. Todo o seu corpo doía, o abdômen se contraía com as cólicas da menstruação. Ela não tinha absorventes, lenços de papel, nada a não ser as roupas, mas ao menos o fluxo não estava tão forte quanto no dia anterior, e o uniforme, além de ser preto, já estava imundo.

Ela se aqueceu em frente ao fogo até que as mangas úmidas do casaco ficaram duras e quentes.

Mallory queria enterrar a carcaça do tatu, devia aquilo ao animal. Mas a terra estava dura demais para cavar, mesmo com a faca. Por fim, decidiu pela cremação. Colocou os restos do bicho sobre as brasas e ficou vendo os pelos curtos se curvarem e se transformarem em cinzas.

Ela ajustou a bainha da faca na perna. Apertou o bracelete GPS, ainda brilhando em seu punho. Verificou se a fogueira estava mesmo apagada, a carapaça do tatu coberta pelas cinzas.

Mallory olhou para seu acampamento uma última vez — o tronco oco de cipreste no qual passara a noite, o forro de musgo, a proteção de galhos coberta de neve. Nada mal, considerando que eram o produto de mãos geladas trabalhando no escuro.

Um gavião-de-cauda-vermelha circulava a área. Passarinhos saltavam de um galho a outro dos juníperos, derrubando tufo de neve ao ciscar os frutos azulados.

Ela não queria deixar a clareira. Sentia-se conectada ao lugar, da mesma forma como se sentia conectada à escadaria imunda onde ela e Race fizeram amor. Iria se lembrar daquele lugar por um bom tempo. Uma lembrança dolorosa. Mas agora sabia que os lugares importantes quase sempre são dolorosos.

O céu estava encoberto. Ela não tinha nada com que se guiar, exceto uma vaga noção de onde o sol havia nascido, então seguiu naquela direção, torcendo para que fosse o leste.

Depois de alguns quilômetros de caminhada, começou a ouvir coisas atrás de si. Galhos estalando. Folhas congeladas quebrando. Os pelos do seu pescoço ficaram eriçados e ela voltou a sentir a presença do seu perseguidor.

Ela parou para olhar para trás, mas não havia nada. Foi dominada pelo mesmo pânico irracional que sentia quando criança, durante as aulas de natação no Centro Comunitário Judeu, convencida de que havia um tubarão na piscina. Ela sabia que era uma fantasia, mas mesmo assim o terror a fazia agarrar as

alças da escada.

A manhã já estava chegando ao fim quando Mallory ouviu outro ruído imediatamente à sua frente: um ronco distante que não era o rio. Ela precisou de algum tempo para lembrar-se do som de um carro numa estrada de terra. O mais estranho foi que o impulso de fugir foi tão forte quanto o de seguir naquela direção.

A presença às suas costas foi determinante. Ela caminhou até ver uma abertura entre as árvores.

A largura da estrada mal comportava um carro. Nas laterais, montes de lama congelada e cactos, agora cobertos de neve, sugeriam que fora aberta por um trator.

Ela teve um momento de dúvida, se perguntando se aquela era a estrada certa. Se fosse, onde estaria o carro que ela ouvira? Por que ele não tinha parado? Talvez tivesse saído da mata no lugar errado, até mesmo em outra propriedade.

O que ela faria se aparecesse alguém que não fosse da Cold Springs? Ela parecia uma selvagem — uma assassina fugitiva com sangue nas mãos e nas roupas. Por um momento sentiu vertigem. Por que Hunter a deixara fazer aquilo? O que a impediria de botar o pé na estrada outra vez, de fugir? Ela podia quebrar o bracelete GPS e sumir antes que alguém percebesse.

Então percebeu o quanto aquilo era idiota. Para onde ela iria?

Seu lar era a Cold Springs. Ninguém mais entenderia pelo que ela havia passado. O grupo dela, talvez. Olsen também. Ela não iria embora até saber o que acontecera com os outros, até ter certeza de que todos haviam cumprido a missão e voltado a salvo.

Ela reavaliou a promessa de falar com Olsen. Parecia mais assustador à luz do dia, com a estrada à sua frente. Mas respirou fundo. Contaria a verdade. Na primeira oportunidade. Devia isso ao pai. E a si mesma.

Ela não recebera instruções claras quanto ao que fazer quando alcançasse a estrada, então decidiu seguir por ali algum tempo, ver o que acontecia. Olsen lhe dissera que iriam ao seu encontro pela manhã. Ela não sabia se estava atrasada, nem a que altura da manhã Olsen se referira.

Mallory caminhou na direção que acreditava ser o norte, supondo que esse seria o caminho de volta à sede. Imaginou a expressão no rosto do Dr. Hunter, no rosto dos conselheiros, se aparecesse a pé no acampamento, num retorno voluntário. A ideia a fez sorrir.

Então ela ouviu um farfalhar, mais alto do que antes. As moitas ao lado dela se abriram. Antes que ela tivesse tempo de agarrar a faca, Olsen surgiu do meio da mata.

— Bem, garota, eu tinha as minhas dúvidas.

Olsen usava um casaco camuflado sobre um uniforme preto. Estava suja de gelo e lama, cheia de fiapos de grama no cabelo loiro e curto, mas sorria para

Mallory com um entusiasmo que ela achou difícil de decifrar. Fazia tempo que uma pessoa não olhava para ela com orgulho.

Mallory relaxou um pouco, mas ainda assim sentiu-se invadida, observada.

— Você estava me seguindo?

Olsen ergueu o equipamento: binóculos, um receptor da unidade de GPS, um kit de primeiros socorros sobressalente.

— Você não facilitou as coisas para mim, Mal. Mas sim, eu a segui. Bom trabalho.

Na primeira oportunidade de contar, assim como ela prometera a si mesma. Mas ela não conseguia superar o choque.

Ela entendia a presença de Olsen. Fazia sentido que Hunter mandasse alguém segui-la, para o caso de ela enfrentar problemas sérios, mas parecia errado que Olsen se revelasse agora, arruinando a ilusão de que estava sozinha. De certa forma, minimizava o feito de Mallory. E a presença às suas costas na mata lhe parecera maligna, abominável, o que não combinava com o sorriso de Olsen. Mas ela provavelmente tinha imaginado aquela energia perversa, da mesma forma como imaginara o tubarão.

*Atenha-se ao plano*, disse ela a si mesma. *Confie nela. Conte a ela.*

Mallory tentava reunir a coragem para começar quando viu o transporte da Cold Springs voltando na direção delas: uma van azul, as luzes de ré brancas brilhando intensamente.

O carro parou a 3 metros de distância. Kindra Jones desceu do lado do motorista e contornou a frente do carro. Ela bem que poderia estar na Haight Street: botas militares de couro, calça de veludo, casaco de flanela e óculos com armação de tartaruga, além do piercing dourado no nariz e os cabelos cor de ferrugem presos em tranças afro. Roupas limpas e passadas; sem o menor sinal de sangue ou manchas de lama. Uma embaixadora do mundo real.

O simples fato de olhar para ela deixou as pernas de Mallory trêmulas.

— Bem-vindas de volta, garotas — disse Kindra. — Me desculpem por ter passado do ponto de encontro. Não estou acostumada com esse troço de GPS.

Mallory olhou para a van, não viu ninguém dentro do carro.

— Cadê os outros?

Kindra hesitou, e Mallory soube que havia algo errado.

— Leyland os levou de volta para a sede. O Dr. Hunter me pediu que viesse pegar você.

— Por que mais de uma van? — perguntou Olsen.

Kindra olhou por cima da armação de tartaruga.

— Você não deveria ter voltado a pé sozinha, Srta. Olsen? Esse não é o procedimento padrão?

— A Semana de Sobrevivência de Mallory não foi exatamente normal. Eu quis ficar junto com ela.

Mallory sentia a tensão entre as duas mulheres, uma animosidade silenciosa que cortava o ar.

— Entrem — disse Kindra. — Está frio pra cacete aqui.

Olsen foi na frente. Mallory se instalou atrás, desorientada pela maciez do estofamento, pelo aromatizante de pinho, o aquecimento na potência total. A porta de correr foi fechada e a van começou a se afastar da floresta.

Mallory observava os carvalhos ficarem para trás, os cactos, veados-de-cauda-branca erguendo as cabeças com a passagem do carro. Morrison e Bridges estariam esperando na sede. Eles teriam tempo para falar de suas aventuras. Novos privilégios. Todo o Nível Cinza à frente deles. Ela não queria colocar isso em risco. Não queria contar seu segredo.

Depois de pouco mais de 1 quilômetro de estrada lamacenta, Kindra disse:

— Está cansada desse bracelete?

— Um pouco — admitiu Mallory.

— Tenho uma chave para vender.

Pelo espelho retrovisor, o sorriso de Kindra lembrava o de Race, nos raros momentos em que ele se permitia sorrir. Ela jogou para Mallory uma pequena haste de metal que se encaixou na junta do bracelete.

Olsen dirigiu um olhar reprovador para Kindra.

— Você não deveria esperar até chegarmos?

— Não estamos seguindo os procedimentos padrão, lembra? Ela não vai fugir. Vai, Mal?

As mãos de Mallory tremiam. Ela abriu o bracelete com um clique e o colocou no suporte para bebidas entre os dois bancos da frente. Esfregou a pele pálida do punho. Ela usara aquele bracelete por apenas 24 horas, mas tirá-lo a fez sentir-se exposta, da mesma forma como se sentira ao perder a correntinha de Katherine.

— Preciso contar uma coisa — disse ela às duas mulheres. — Uma coisa importante.

Kindra arqueou as sobrancelhas.

— Eu não me incomodo. E você, Srta. Olsen?

Olsen olhou para o mostrador do relógio de pulso, como se tentasse conter a raiva que sentia de Kindra Jones, da mesma forma como ensinara Mallory a fazer na semana de Ação de Graças, tanto tempo antes. *Dez minutos sem dar um ataque. A partir de agora.*

Então ela se virou, colocando o pé esquerdo sob o corpo, voltando a atenção para Mallory com um sorriso forçado.

— Manda ver, garota. No que você está pensando?

Mallory quis recuar. Quis esperar até que Olsen não estivesse irritada, até que Kindra não estivesse por perto. O momento era ruim. Seria mais fácil não fazer nada.

Mas esse era o perigo. Era sempre mais fácil não fazer nada — se encolher na poltrona de couro preto, paralisada pelo medo, olhar para a porta e esperar que ninguém morresse. Se esperasse até que chegassem à sede, ela seria tomada pelo Nível Cinza. Perderia a coragem de falar. Parte dela queria se encolher naquela poltrona e ter 6 anos para sempre. Ela tomou fôlego, tremendo.

— Na noite em que Katherine Chadwick se suicidou eu vi uma garota na varanda da casa dos Montrose. Ela falou com Katherine, entregou um saco de papel pardo para ela, e então entrou. Foi apenas por um segundo, mas eu a vi. Era você, Srta. Jones.

Por um momento, nenhuma das mulheres reagiu. Então Kindra riu.

— Eu? Você acha que eu vendia drogas para a filha de Chadwick?

— Você é irmã de Race.

Olsen as observava como se elas tivessem acabado de fazer um elaborado truque de mágica.

— Do que ela está falando? Kindra?

Kindra não disse nada.

Elas chegaram ao fim da estrada lamacenta, aos limites do reino de Hunter, onde uma estrada vicinal asfaltada seguia à esquerda e à direita, campos de milho e de sorgo se estendendo à frente. Kindra deu uma guinada para a esquerda, atirando Mallory contra o apoio do banco.

— O que você está fazendo? — disparou Olsen.

Kindra abriu a janela e jogou fora o bracelete GPS.

— Relaxe, conselheira.

— Aquele era um equipamento de 300 dólares. A escola fica para o outro lado.

— Vamos fazer um pequeno desvio.

Olsen se voltou para Mallory, fazendo uma pergunta silenciosa.

No retrovisor, o semblante de Kindra endurecia, fazendo com que se parecesse ainda mais com Race, mas não Race... um outro adolescente revoltado.

Mallory pensou no rio, em algum lugar lá trás, na sua mochila flutuando na água e sendo levada para o mar, ou talvez presa em algum galho congelado, a água passando por cima em um arco suave. Ela desejou poder trocar de lugar com a mochila naquele instante, tentar a sorte nas corredeiras.

— Você é a irmã mais velha — disse ela. — Eu achei...quando Race falou que a irmã tinha sido protegida por Samuel, mandada para morar com o pai, eu achei que ele estivesse falando da irmã grávida em Los Angeles, Doreen. Mas Doreen era uma criança naquela época. Ele estava falando de você. Do primeiro marido da Talia. O nome do cara era Johnny Jay. Johnny Jones.\*

— Se isso fosse verdade, Srta. Detetive, o que diabos eu estaria fazendo aqui?

— Ficando de olho em mim, me usando como trunfo contra o meu pai. Você o estava chantageando. Forçou ele a roubar o dinheiro da escola. E ele fez isso porque sabia que você me mataria se ele não cooperasse.

— Cara, eu sou ardilosa.

— Isso é verdade? — perguntou Olsen.

Kindra deu outra guinada e pegou outra estrada de terra. Meio quilômetro à frente, ela estacionou com o lado do motorista rente a um milharal, acionou o destravamento das portas.

— Todo mundo pra fora.

Não havia nada do lado de fora, apenas a estrada coberta de geada e milharais. A van tinha uma porta deslizante no lado esquerdo, atrás do banco do motorista, encostada no milho. Os dedos de Mallory envolveram a maçaneta.

— Kindra — disse Olsen —, dê a partida no carro.

— Precisamos descer e conversar. — Kindra levou a mão ao casaco, na altura da cintura, como se estivesse tirando o cinto de segurança. — A menina está certa, em parte. Eu sou irmã de Race.

— Você é o quê?

— Estou aqui por causa de Chadwick — Kindra se voltou para Mallory, os olhos ardendo de intensidade. Os olhos de Race, no momento em que vira a mãe morta. — É com Chadwick que você deveria estar preocupada, Mallory. Ele é um monstro. Ele matou Emilio Pérez naquela noite, depois que conversamos com ele. Matou meu irmão Samuel. E vou dizer outra coisa, algo que Olsen não quer que você saiba. Chadwick matou o seu pai.

— Não. — Olsen balançava a cabeça. — Mallory, ele não fez isso.

— Ela não quer que você ouça. O seu pai foi encontrado ontem à noite. Morto, na antiga casa de Chadwick. Levou três tiros, foi enfiado numa despensa. Foi Chadwick. E é bom você se perguntar por que Olsen não está surpresa com a notícia, apesar de ter passado a noite inteira na floresta com você.

O coração de Mallory se desmanchava em veias e artérias. Aquilo não podia ser verdade. Nada daquilo.

— Você é que é o monstro — disse Olsen a Kindra. — Mallory, não dê ouvidos a ela. Chadwick nunca faria isso. Minha mochila está atrás de você. Pegue o telefone. Agora.

— Muito bem — cedeu Kindra, serenamente. — Você não quer descer do carro? Tudo bem. Vai fazer mais sujeira, mas tudo bem.

O tiro sacudiu Olsen como um choque elétrico. Ela agarrou o abdômen com as duas mãos, olhou boquiaberta para Kindra, perplexa, o sangue escorrendo pelos dedos.

Mallory não conseguia respirar, não conseguia fazer com que seus membros a obedecessem.

Olsen abriu a boca, como que para protestar, e um segundo disparo abriu

um buraco logo acima da sua rótula, uma névoa vermelha irrompendo da ferida como uma cauda de cometa.

O cérebro de Mallory conseguiu transmitir um único comando, embora entorpecido, para seu corpo: *Mexa-se*.

Ela empurrou a porta e mergulhou no milho. A arma disparou outra vez. Um vidro estilhaçou; era a janela onde estava sua cabeça apenas um segundo antes.

Mallory tropeçava em meio ao milharal, os ouvidos zumbindo. Não enxergava nada, apenas sentia os antebraços abrindo caminho pelo milho, cortando as mangas do seu casaco.

— Caia na real, Mallory — gritou Kindra, em algum lugar atrás dela. — Você está fugindo da pessoa errada.

Mallory continuou a correr. A arma disparou outra vez, uma bala zuniu próximo a um talo de milho a centímetros do seu ouvido.

*Idiota*, ela repreendeu a si mesma. *Kindra pode ver o milho se mexendo*.

Ela se atirou no chão, pressionando o corpo contra a neve.

Então ouviu Kindra abrindo caminho pela plantação, avançando lentamente na sua direção.

— Mallory, eu não tenho problema nenhum com você. Mas Chadwick é um assassino. A morte de Katherine perturbou o cara. Você precisa entender isso.

Mallory sabia que aquilo era mentira. Kindra a levava àquele campo para morrer.

Mas o pai dela... ela o via encolhido na despensa da casa de Katherine, no esconderijo onde ela brincava de esconde-esconde entre as peças de relógio. Imaginou um rombo de bala no peito do pai, as mãos agarrando o sangue, os olhos arregalados de terror. Ela queria chorar. Queria alguém para culpar.

— Olsen o estava ajudando. — O milho farfalhava com o avanço de Kindra Jones, cada vez mais próxima. — Eles planejaram tudo. Você entende isso, não entende? Chadwick odeia os seus pais. Ele odeia você. Você sobreviveu, a filha preciosa dele não. Katherine era minha amiga, Mallory, ela me contou como era o pai. Ela se matou por causa *dele*, porque sabia como ele era e não suportava mais viver com a verdade. Estou aqui para detê-lo. Não posso confiar na polícia para fazer isso. Estou aqui para proteger você e Race. Esse é o trabalho de Samuel, querida. É isso o que um irmão mais velho faz.

— Não — protestou Mallory, se dando conta tarde demais que tinha falado em voz alta.

O farfalhar cessou.

Mallory ouviu à distância um som parecido com o de cascos de cavalo, mas aquilo estava apenas na sua cabeça — era seu coração martelando.

Regras de sobrevivência. Sondar. Organizar. Sistematizar.

O que havia para sondar? Kindra era forte, estava armada e pretendia

matá-la. Mallory ia morrer.

Não. Não sem lutar.

Ela bateu em volta, encontrou uma pedra do tamanho de um pêssego, lisa e pesada.

O farfalhar recomeçou, então Mallory viu uma mancha verde, a jaqueta de flanela de Kindra, e atirou a pedra o mais alto e longe que conseguiu.

Em algum lugar à sua frente, a pedra cortou o milho. Kindra parou, então a jaqueta verde recuou. Ela tinha mordido a isca. E agora estava de costas para Mallory.

Mallory tirou a faca da bainha, se agachou.

— Eu vou embora hoje, Mallory — gritava Kindra. — El Salvador. Vou comprar uma casa na praia.

*Continue falando, pensou Mallory. Me dê um alvo.*

— Nada de extradição, Mal. Ninguém faz perguntas quando você tem dinheiro. Você pode vir comigo. Você e Race. Uma casa nova, uma vida nova. Já estive nas praias da América Central, querida? Ouvi dizer...

A voz de Kindra pairou no ar e Mallory percebeu que o som que ouvira antes estava mais alto — batidas de coração contra a terra.

O ritmo desacelerou para um tamborilar, e ela ouviu uma voz de homem, seguida por um murmúrio abafado de Olsen.

Seus ouvidos só podiam estar enganando-a.

Ela viu a mancha verde outra vez, bem na sua frente: a jaqueta de Kindra. Mallory pensava em atirar a faca, lembrando-se da média de quatro em dez que conseguira no acampamento, de Leyland afirmando que era ótima para uma iniciante. Quatro em dez, vida e morte, contra um alvo em movimento. Ela avaliava as chances mínimas que tinha quando ouviu a voz de Chadwick gritar seu nome.

Lá estava ele, olhando acima do milho no dorso da égua baia da Cold Springs. Montado num maldito cavalo, como um maldito George Washington. A vida toda ela ouvira dizer que era com quem Chadwick se parecia, mas nunca notara a semelhança até aquele momento.

O pelo da égua estava lustroso de suor. As roupas de Chadwick estavam rasgadas e molhadas, como se ele tivesse passado em meio a um milhão de galhos de árvores para chegar até ali.

Os olhos deles se encontraram. Mallory não podia falar. Ela não podia alertá-lo; nem ao menos conseguia se decidir se queria fazê-lo. Ela pensou em quando era pequena, em como acreditava que Katherine tinha sorte por ter Chadwick como pai, um gigante silencioso e gentil que sempre a protegeria. E agora lá estava ele, resgatando-a a cavalo. Mallory queria chorar. Queria ceder e gritar para que ele tomasse cuidado. Mas não podia fazer isso. Ela se ressentia de Chadwick. Ele era uma falsa esperança, uma alucinação, uma pane química

induzida por adrenalina, hormônios e abstinência de heroína. Chadwick não poderia ter chegado tão longe a cavalo em apenas uma manhã. Ele teria que ter partido ao amanhecer, antes mesmo de saber que ela estava em perigo.

Os olhos de Chadwick tentavam transmitir mil coisas. Então ele se virou; devia ter visto Kindra Jones. Ele sacou um revólver antigo, mas Kindra tivera bastante tempo para mirar. Um tiro ecoou, o cavalo relinchou de dor e empinou, levando Chadwick junto para o chão. Ela ouviu um triturar repugnante, então o som de um cavalo bufando, se debatendo contra o milho.

Quando a comoção abrandou, Mallory ouviu a voz de Kindra:

— Olha só quem está aqui. Meu parceiro.

— Mallory. — A voz de Chadwick estava constricta de dor. — Corra. Fuja daqui.

Mallory se aproximou, sabendo que era loucura. Ela conseguia enxergar em meio à tela formada pelos pés de milho: Kindra olhava para Chadwick caído, a perna dele dobrada num ângulo anormal. A arma havia sumido. O cavalo não estava por perto. O sangue pintava uma trilha de pés de milho amassados onde o animal devia ter ficado de pé e fugido.

Kindra caminhava lentamente de um lado para o outro ao redor de Chadwick, mantendo a arma apontada para a cabeça do homem.

— Samuel manda lembranças, Chad. Ele está dizendo que você deveria ter ficado com a sua amiga hoje de manhã.

— Você está com o dinheiro da Laurel Heights. Vinte e sete milhões de dólares.

— Nada mal para uma garota de Oakland formada para ser professora. Você acha o trabalho de professor gratificante, Chadwick? Puta merda, eu acho.

— Você já tem o que quer. Vá embora.

O sorriso de Kindra ficou sonolento, seus olhos semicerrados atrás das lentes dos óculos.

— Katherine diz que você tem razão. Ela me diz para seguir em frente, pegar o avião. Ela esperava que você ficasse no hotel esta manhã, fosse preso pelo FBI. Eu seria capaz de viver com isso, Chadwick, saber que você passaria o restante da vida numa porra de uma prisão. Mas olha só, aqui está você.

Mallory ouviu sirenes à distância.

Kindra continuou caminhando de um lado para o outro, alheia ao som.

— Não sei como você chegou aqui tão rápido. Isso pede flexibilidade, e eu sou flexível. Porra, por dez malditos anos eu vivi a vida de Samuel além da minha... eu sou muito flexível. Todos esses anos levaram a isso. Bem aqui, com você.

— Você matou a própria mãe, Emilio, John Zedman. A polícia já sabe a seu respeito, Kindra. Race contou tudo. A polícia está a caminho.

Ela riu, mas o som era tenso.

— Race, hã? Race fez isso. — Então ela passou a gritar: — Está ouvindo, Mallory? Esse assassino, ele está me culpando. Fala da polícia como se realmente quisesse enfrentá-la. Venha aqui, querida. Quero que veja isso. Vai ser bom para você. Conclusão, é o que diria a sua conselheira. Um boneco de vodu vivo prestes a ser esmagado.

— Esqueça a garota — disse Chadwick — Deixe-a ir.

— Você não deveria ter entregue o seu cartão para o meu irmão caçula, Chadwick Não depois de tudo o que fez à minha família. Não deveria ter tentado me proteger daqueles caipiras na parada de caminhoneiros. Só tem um protetor na minha família. Só uma pessoa capaz de fazer o que precisa ser feito. Matar aquele filho da puta, Ali. Tomar conta de Race. Tomar conta de Kindra. Katherine está falando comigo agora, Chadwick Está me implorando para poupar a sua vida patética. Mas finalmente vou tirar a voz dela da minha cabeça. Desta vez vou dar ouvidos a Samuel.

E Mallory subitamente entendeu o ódio. Subitamente entendeu Kindra. Ela se lembrou da ira que a levava a pegar o martelo na casa da mãe, dar vazão a nove anos de ódio, a culpar os pais pelo que se tornara, pelo caminho que iniciara na noite em que Katherine morrera.

As sirenes continuavam a uivar, mais próximas agora.

Mallory poderia correr, fugir ileso, com nada além de um disparo seco às suas costas. Nada na consciência. A justiça teria sido feita.

Mas imaginou a voz de Olsen, cujas últimas palavras a haviam orientado a confiar em Chadwick Dizendo, *Certas conexões são impossíveis de quebrar*. Olsen, que estava morta em um caos de sangue no banco da van.

— Mallory. — Chadwick disse seu nome em um tom que ela não ouvia fazia muito tempo; desde nove anos antes, quando o ouvia falar com Katherine. — O seu pai a amava. Ele fez tudo o que estava ao alcance dele para protegê-la. Se estivesse aqui, ele diria que sentia muito. Ele fez as coisas erradas pelos motivos certos. Por favor, acredite em mim, isso é o que ele diria.

Kindra ergueu a arma.

O coração de Mallory oscilou como um giroscópio.

Ela ficou de pé e se lançou na direção de Kindra como se a mulher fosse o muro da pista de obstáculos. Quando já tinha avançado 5 metros, o cano da arma girou em sua direção, e então uma bala passou zunindo ao lado da sua orelha, mas nada importava a não ser superar o obstáculo. O ombro de Mallory se chocou contra o peito de Kindra com tanta força que ela sentiu costelas se quebrando. Kindra cambaleou para trás, caindo sobre espigas congeladas, e Mallory segurou com força o cabo da faca, colocando-se entre Kindra e Chadwick

— Não me proteja — gemeu Chadwick — Corra.

Mas Mallory finalmente superara a necessidade de dar ouvido aos

conselhos dele.

Piscando, Kindra se esforçava para se levantar, a 3 ou 4 metros de distância. Ela parecia aturdida, mas também positivamente surpresa por Mallory ter aparecido.

— Katherine também ama você, querida. Acredite em mim, é o que ela está dizendo.

A arma ainda estava na mão de Kindra. Os olhos dela estavam da cor de âmbar, como os do irmão.

Ela ergueu a arma na direção de Mallory, e, com cada grama de força, como se a força de vontade por si própria fosse capaz de fazer aço atravessar um tronco de árvore, Mallory atirou a faca.

Nota:

\*Jay, em inglês, refere-se à letra J do alfabeto. (*N. do E.*)

A semana seguinte era Natal na Cold Springs, e uma frente que entrava do Rio Grande trouxe um ar seco do México que cheirava a sálvia e mato queimado. A luz do sol sequeu os morros até que as cascavéis saíram de suas tocas para se aquecer na rocha granítica e os veados adquiriram hábitos noturnos.

Chadwick passava os dias supervisionando as salas de estudos dos alunos do Nível Branco no piso térreo, aprendendo a caminhar com a bota de gesso e se acostumando à ideia de que fora puxado da borda do precipício. Ele tentava convencer a si mesmo que o perigo havia passado, que não havia mais nada que precisasse fazer.

Na véspera de Natal, Olsen recebeu alta do hospital em San Antonio. Quando chegou à sede, encontrou quase todos da equipe a esperando, segurando uma faixa de boas-vindas que os alunos do Nível Marrom tinham preparado na aula de terapia artística. Ela insistiu em deixar a cadeira de rodas e caminhar os 10 metros entre o estacionamento e a porta, amparada por Asa Hunter. Ela sorriu ante os aplausos dos conselheiros, mas seu rosto ficou pálido e molhado de suor com o esforço.

Os médicos disseram que ela teve muita sorte. O tiro na perna não acertou a artéria e nenhum osso. O tiro dirigido ao abdômen na verdade abriu um rombo nos músculos da lateral do corpo, errando por pouco os intestinos. O cirurgião especulou que o casaco de inverno grosso salvara sua vida, ocultando as formas do corpo dela e confundindo a mira de Kindra.

Chadwick tinha uma teoria diferente. Kindra queria dor. Ela queria que a morte de Olsen fosse a mais lenta possível, de modo que pudesse voltar quando tivesse terminado com a carnificina no milharal e se sentar ao lado da conselheira agonizante, memorizar a voz de Olsen, acrescentá-la ao coro que rugia em sua mente.

Chadwick escapou da festa de Natal dos funcionários. Ele passou a noite no quarto, ouvindo a música de Nat King Cole que vinha do térreo. Ficou deitado na cama segurando a fotografia de Katherine — a menina cercada por ipomeias.

Em algumas semanas, Mallory Zedman faria 16 anos, a idade de Katherine. Mas os olhos da garota, quando ela se voltara para ele no milharal, o rosto com respingos de sangue, diziam que Mallory já era mais velha do que Katherine jamais seria.

Os lençóis ainda cheiravam ligeiramente a Ann. Ele pensou na tarde em que se despediram, Ann lutando para entender quando o Dr. Hunter anunciou que a filha dela — que acabava de matar uma mulher em legítima defesa, além de

imobilizar a perna de Chadwick e estancar o sangramento de Olsen, com a eficiência entorpecida de um sonâmbulo — não suportaria a ideia de ver a mãe.

Ann poderia ter feito um escândalo, poderia ter insistido. Ajudá-la numa batalha contra a Cold Springs teria sido o único ponto alto do dia do xerife Kreech, que fora privado do prazer de fazer uma prisão sequer. Até mesmo a agressão de Chadwick ao seu assistente havia sido considerada accidental, graças a Damarodas. Além disso, após a chegada da imprensa, que transformou Chadwick num herói a cavalo, o ato de prendê-lo por uma coisa mínima como deixar um xerife-assistente desacordado seria visto como insignificante. Mas Ann não pediu a ajuda de Kreech. Ela aceitou o desejo de Mallory, ocultando a dor atrás do silêncio ressentido, e um dos instrutores, um estranho, a levou ao aeroporto.

Chadwick colocou a fotografia de Katherine no criado-mudo, correu os dedos no arco de flores azuis ao redor da cabeça da filha. E adormeceu, pensando nos novos olhos de Mallory, olhos endurecidos, ao som de “Adeste Fidelis”, que vinha da festa de Natal no piso térreo.

O dia de Natal foi como qualquer outro. Os internos do Nível Branco reuniram-se no terraço para estudar para o exame SAT. Os Marrons limpavam a lareira da sede e esfregaram o chão. Do refeitório, Chadwick ouvia os apitos e os gritos dos instrutores na Clareira Um; eles domavam um novo grupo Preto, davam as boas-vindas ao programa.

Depois do café da manhã, Chadwick encontrou Hunter e Olsen na área externa da sede, e eles caminharam pela longa estrada de terra até os estábulos. A fibula quebrada dele doía, apesar do gesso e da quantidade de Tylenol em seu organismo, suficiente para matar um porco-do-mato. Mas ele não se queixou, já que Olsen não se queixou. A cada poucos metros ela se apoiava no ombro de Chadwick para se equilibrar, a outra mão firme no antebraço de Hunter. Usava as antigas roupas de escolta: a jaqueta jeans ocultava as bandagens volumosas na lateral do seu corpo. Sua testa estava molhada de suor, e ela andava com a determinação lenta de um idoso num asilo.

— Eu devo estar parecendo um daqueles malditos patriotas — disse ela. — Marchando cheios de ataduras. Precisamos de uma banda militar.

— Não vou usar nenhuma faixa na cabeça — disse Hunter.

— Podemos parar — ofereceu Chadwick — Levá-la de volta à sede.

— Não — disse Olsen. — Mallory passou por muita coisa. O mínimo que eu posso fazer é ir até ela.

A boca de Hunter contraiu-se de preocupação, mas ele piscou para Chadwick, um brilho de orgulho nos olhos, contente com a força de Olsen.

Hunter parecia mudado nos últimos dias: estava mais paternal com sua equipe, principalmente com Olsen. Chadwick sabia que a traição de Kindra o ferira profundamente, fizera-o sentir uma raiva que ele não sentia havia muito

tempo. Mas em lugar de atirar uma faca numa árvore ou jogar o agente Laramie de cima da plataforma de uma ponte de cordas, Hunter preferiu canalizar a raiva garantindo que seu pessoal estivesse bem. Passava mais tempo nas confraternizações dos funcionários, trabalhava menos à noite em seu escritório mal-iluminado, observando os monitores pelas câmeras de segurança. Ele passou a usar um uniforme cinza, como se fosse ele que tivesse avançado de nível. Até mesmo participou do primeiro almoço da Associação Comercial do condado, numa tentativa de se reconciliar com a comunidade.

Eles passaram pelos alunos que cuidavam do gado, onde o mais novo recruta, Bridges, do grupo de Mallory, olhava apreensivo para o rebanho de treinamento da escola, dez cabeças de charolês. Um dos peões do rancho dava a ele a primeira aula de lógica bovina: a natureza da movimentação dos animais.

— As vacas sempre andam em linha reta, Bridges. Seguem o líder. Tire uma lição disso.

A outra garota, Morrison, escolhera a carpintaria. Estava no campo com veteranos do Nível Cinza, erguendo as vigas de um novo celeiro.

Cem metros adiante, Mallory Zedman estava no pasto cercado. Ela escovava o pelo da égua baía da forma como Joey Albritton a ensinava, tomando cuidado para evitar a ferida de tiro na anca do animal, que o derrubara sete dias antes no milharal.

Hunter fez um sinal para Joey se aproximar.

— Deixo isso com você — disse ele a Chadwick — Eu e Joey precisamos negociar a compra de novos animais.

Hunter colocou um braço sobre os ombros de Joey e eles se afastaram na direção dos penhascos de granito com vista para o rio.

Chadwick e Olsen se aproximaram de Mallory, que parara de trabalhar e estava em posição de sentido. Ela tinha o olhar determinado que caracterizava os alunos do Nível Cinza, o olhar de uma criança pequena amarrando o cadarço do sapato, ou de um adulto montando uma estante do tipo “faça você mesmo”. O Nível Cinza consistia em movimento, em ocupar as mãos. Eles não gostavam de ficar em sentido. O lema deles era competência, e eles aprendiam rapidamente que tudo era uma habilidade a ser dominada — não apenas a nova ocupação no rancho, mas também comer, falar, pensar. Os internos do Nível Cinza estavam constantemente ocupados, ordenando as peças de antigas falhas e frustrações, aprendendo a remontá-las, a colocar a peça A no encaixe B.

— Não precisa ficar em posição de sentido — disse Chadwick — Como vai a sua amiga equina?

— O veterinário disse que os músculos vão cicatrizar em algumas semanas, senhor. Mas vai demorar algum tempo até que ela esteja pronta para receber a sela.

A égua voltou para Chadwick o enorme olho amarelado, talvez lembrando o

que acontecera da última vez que saíram juntos. Ela resfolegou — o equivalente na linguagem equina a *Saia de perto de mim, seu canalha*. Mallory segurou as rédeas para evitar que o bicho se agitasse.

Então, como se ofuscada pelo sol, Mallory dirigiu um olhar relutante para Olsen.

— Como você está?

— Vou sobreviver, garota. Graças a você.

Mallory corou. Ela passou a escova no pelo lustroso da égua, que estremeceu como se antecipasse mais um tiro.

Por ordem de Hunter, não era permitido falar do incidente que transformara Mallory numa heroína. Ninguém deveria fazer com que ela se sentisse diferente de qualquer outro aluno do Nível Cinza, mas mesmo assim todos comentavam. Até mesmos os novatos do Nível Preto já conheciam a história de Mallory Zedman, como ela havia impedido uma assassina com uma faca de caça, como salvara a vida de sua conselheira. O heroísmo dela impressionou o povo da região, foi mencionado no noticiário nacional, tratado como o ponto culminante do assim chamado Caso Laurel Heights. Em uma dessas improváveis voltas do destino que ergueram o império de Hunter, o potencial pesadelo de relações públicas acabou se transformando em um trunfo valioso para o negócio. Os programas de entrevistas das rádios AM tratavam Mallory como produto de um programa de sucesso — de rebelde viciada em drogas que atacara a própria mãe a jovem independente que se defendera e salvara duas vidas. Os pedidos de internação aumentaram 15 por cento. O Dr. Hunter recebera uma enxurrada de convites para aparições na TV e contratos para livros sobre como educar os filhos. Até Chadwick achava aquilo assustador.

— Vim me despedir — disse Olsen.

Mallory tirou um pelo de cavalo da escova.

— É, imaginei.

— Vou voltar para a escolta. É melhor você ter um conselheiro que não esteja... envolvido com o que aconteceu. Você me entende?

— Você já conseguiu o que queria comigo. Agora vai embora.

— Não é assim. Você é minha amiga. Eu nunca vou embora. É só que... estamos um pouco próximas demais uma da outra, Mallory. Precisamos nos afastar um pouco do espelho se quisermos ver alguma coisa.

Olsen estendeu a mão. Mallory hesitou, depois a apertou.

Quando soltou a mão da garota, Olsen olhou para Chadwick, pronta para ir.

Se ele ia dizer alguma coisa, o momento era aquele. Ele já avaliava as possibilidades fazia dias, ensaiando o que poderia dizer. Mas agora, com Mallory à sua frente, as palavras evaporaram.

— Ouvi dizer que você tem um talento nato com cavalos — tentou ele. — Aluna exemplar.

— Estou me esforçando ao máximo, senhor.

— Seu pai ficaria orgulhoso.

Uma sombra cruzou o rosto de Mallory.

— O senhor me culpa por eu não ter ido falar com a minha mãe?

— Não. Você vai ter tempo para isso. A sua mãe também.

Mallory olhou para o cavalo e Chadwick percebeu, com uma certeza desconfortável, que a garota não precisava mais dele. Ela queria que ele fosse embora. Ele complicava as coisas, a deixava desconfortável.

— Vou vê-la na próxima semana — disse Chadwick — A Laurel Heights terá uma cerimônia de lançamento das fundações. Se você quiser mandar um recado por mim...

— Sim, senhor. Diga a ela que a arma no armário de Race não era dele. Era minha. Ele estava me protegendo. Não sabia nada a respeito.

Ela evitava os olhos de Chadwick

Ele sabia que era mentira. Mallory não colocara a arma no armário. Mas também sabia por que ela estava fazendo aquilo; assumindo a culpa no lugar do amigo, dando à escola outra pessoa para culpar.

— Tem certeza de que quer que eu diga isso?

Mallory confirmou.

— Sou eu quem deve ser expulsa, não Race. Diga isso a ela.

— Algo mais?

— Não. Mas... Srta. Olsen?

— Sim?

— Maçã faz mal.

— O quê?

— Maçãs. Para os cavalos. Eles gostam, mas tem açúcar demais, traços de cianureto nas sementes. Se eles comem demais, são envenenados. Caso a senhorita queira saber, para uma próxima vez.

Mallory voltou a escovar o pelo da égua ferida, como se Olsen e Chadwick fossem espectadores que já houvessem assistido o espetáculo e que agora, sem dúvida, tinham mais trabalho de remontagem para fazer, assim como todo mundo.

Chadwick queria mais: conclusão, proximidade, o tempo que nunca tivera com a filha. Mas Mallory estava mais distante dele agora do que um mês antes, no café em Rockridge.

Os adolescentes definem a si mesmos ao se afastarem dos adultos. Chadwick sabia disso. Mas ele resistira ao processo com Katherine, e essa batalha nunca tivera um fim. Agora Mallory havia se cansado dele, da mesma forma como acusava Olsen de ter se cansado dela. Chadwick fora resgatá-la, mas não conseguira salvá-la. E talvez, ele se dava conta agora, isso tivesse sido ainda mais importante. Talvez assim ele tivesse dado a Mallory exatamente aquilo de que

ela precisava.

Hunter apertou a mão de Joey Allbritton e foi se juntar a eles.

Eles caminharam de volta à sede em silêncio, a mão de Olsen firme no ombro de Chadwick, a cabeça raspada de Hunter refletindo o sol do inverno como luz de velas num chocolate.

— Fique bom rápido — disse ele. — Temos muito trabalho pela frente. Muitas escoltas.

— O preço da fama — disse Chadwick

Quando chegaram à porta, Hunter bloqueou a passagem do amigo com o braço.

— Espero que tome conta dessa garota. Porque se voltar a perdê-la, vou passar a lhe dar escoltas apenas em Nova Jersey.

— Estou apavorado.

Olsen lhe dirigiu um sorriso fraco.

— Hunter vai me levar para a fisioterapia em Fredericksburg. Quer vir junto?

— No dia de Natal?

— Tenho um chefe ateu e uma fisioterapeuta judia. Vamos. Podemos encontrar um lugar aberto para almoçar depois. Conversar um pouco sobre as escoltas da semana que vem.

— Claro — disse Hunter. — Um almoço de trabalho, assim sou obrigado a pagar a conta.

Chadwick sentiu um nó na garganta. Estava grato por ter amigos, grato por Olsen ter dado ao trabalho de escolta — e a ele — uma nova chance. Mas também sabia que sua fachada estava prestes a desmoronar; a intrincada colcha de retalhos de adrenalina e falsa compostura com a qual contara nas últimas semanas — que diabo, nos últimos nove anos. Agora que ele estava fora de perigo, agora que Mallory estava a salvo, Chadwick sentia que a casca finalmente estava rachando, e não sabia ao certo o que havia por baixo.

— Vão vocês — disse ele. — É melhor eu botar esse pé para cima um pouco, talvez colocar a leitura em dia.

Chadwick entrou, concentrou os olhos na guirlanda de flores de cactus pendurada sobre a lareira, dizendo a si mesmo que era capaz de avançar mais alguns passos, apenas até a escada que levava ao seu quarto.

\*\*\*

Olsen e Hunter ficaram no hall de entrada, observando Chadwick se afastar. Ele subia as escadas como se a dor que o incomodava viesse do coração, não da perna.

— Ainda é difícil para ele — disse Hunter. — Toda aquela culpa pela Katherine, despertada outra vez. Espero do fundo do coração que agora isso passe.

— Eu queria conseguir entendê-lo — disse Olsen.

— Estou tentando há trinta anos. É um bom hobby, mas não desista do seu emprego fixo.

Hunter segurou a porta para ela, deixando entrar uma lufada de ar daquela manhã natalina, um cheiro de fumaça de lenha.

Olsen saiu, pensando na família: a irmã caçula, a mãe, o ex-padrasto na prisão. Ela estava pronta para confiar em Chadwick. Colocara de lado o medo de deixar Mallory, o medo de acreditar que um homem podia ser de fato uma pessoa boa e atenciosa, apesar de o parceiro lembrar a figura paterna que a traíra. Estava disposta a acreditar, pela primeira vez na vida, que podia haver homens bons no mundo. Ela já topara com dois, Hunter e Chadwick.

— Eu não entendo por que ele insistia em sabotar a si mesmo — disse ela a Hunter. — Mesmo no fim, ele não conseguiu atirar na Kindra.

— É fácil para nós especular, em retrospecto, dizer o que ele deveria ter feito.

— Quase acredito que parte dele queria morrer. Ser punido. Não sei bem por quê. Se por causa da Katherine ou do que aconteceu na Tailândia.

Hunter olhou para ela de um jeito estranho.

— Por que você diz isso?

— Antes de eu sair da escolta para virar conselheira, perguntei a Chadwick sobre o dia em que Race apontou uma arma para ele, por que ele ficou imóvel... Chadwick me contou sobre o garoto tailandês, o garoto em quem você e ele tiveram que atirar quando serviam na Força Aérea. Ele me contou a história.

Hunter ficou com o olhar perdido.

— Contou?

— Ele disse que é por isso que odeia usar armas.

Olsen podia ver Hunter mergulhando em seus pensamentos, se fechando, recuando da proximidade que vinham desenvolvendo nos últimos dias.

— Quando Chadwick diz uma coisa, ele deve ter os seus motivos — disse Hunter.

E antes que ele voltasse a assumir o controle do próprio semblante, Olsen viu o desconforto nos olhos do doutor, o desejo intenso de se fechar para proteger um amigo, mesmo que não entendesse a natureza da ameaça.

A verdade caiu sobre ela como uma pedra, deixando um rastro de ondulações lentas e pesadas.

Ela agarrou a balaustrada do terraço, a dor da ferida do tiro subitamente lhe dando vertigens.

No sábado seguinte na Laurel Heights, as decorações do leilão cancelado finalmente foram usadas. Fitas de cetim flutuavam na cerca de tela. Laços de papel crepom cor-de-rosa e amarelo decoravam o corrimão da escada. Carteiras estavam arrumadas em fileiras, com balões de hélio atados às pernas, dando à quadra de basquete a aparência de um campo de pirulitos.

Chadwick e Olsen deixaram as cadeiras na área dos convidados com ingresso pago — pais ainda chegavam de mãos dadas com os filhos, levando à recepção cestas com cookies e bolos caseiros e jarras com limonada.

As obras em si só começariam no verão, mas Ann insistira em realizar imediatamente a cerimônia de lançamento das fundações, para comemorar o ano novo, e a restauração de um sonho.

Convencera a construtora a despejar o cimento fresco de uma nova calçada no pequeno pátio atrás da escola, para que os alunos pudessem deixar seus nomes no projeto desde o início. A maioria das crianças já corria com as mãos sujas de cimento branco e pegajoso, seus pais as limpando com guardanapos de papel, fazendo caretas quando algumas sujavam a calça social ou a saia de tafetá. Por fim, os professores isolaram a área, convencidos de que o cimento da diretora excessivamente zelosa podia não ser uma ideia tão boa, no fim das contas.

Alunos do ensino médio e das séries mais avançadas do fundamental, descolados demais para sujarem as mãos, estavam de papo no deque dos fundos, empurrando uns aos outros, falando alto, mostrando os novos tons dos seus cabelos tingidos: fúcsia, verde, índigo.

À margem do grupo estava Race Montrose, sentado, o único aluno do ensino médio que seguira a recomendação do convite e usava paletó e gravata. As roupas dele reforçavam o que já ficava óbvio pela linguagem corporal dos outros adolescentes — Race podia se sentar entre eles, mas nunca faria parte do grupo.

A boca de Chadwick tinha gosto de metal. Ele desejava poder forçar os alunos a serem mais simpáticos, mas sabia que a rede de fofocas dos pais da Laurel Heights trabalhava a pleno vapor, disseminando os detalhes soturnos da vida perturbada da irmã de Race. Eles fizeram com que todos soubessem que Kindra Jones havia matado pelo menos três pessoas, incluindo a própria mãe. Que ela escolhera a Laurel Heights e a família Zedman como alvos para destruição. E, que como evidenciado pela avó deles, a esquizofrenia corria no sangue da família Montrose.

A imprensa pintara Race como uma vítima vivendo apavorada por anos a fio, usada como peão na vingança macabra da irmã. Mas ele acabou cooperando

com a polícia. Ajudou a salvar a vida de Mallory, a recuperar o dinheiro da Laurel Heights ao levar a polícia até o apartamento de Kindra, onde foram encontrados os números da nova conta. Até mesmo a arma no seu armário, que lhe rendera a expulsão da escola, supostamente seria de Mallory.

Ainda assim, os pais não o queriam de volta. Os alunos não queriam conviver com ele. Chadwick via nos seus olhos, nos ombros erguidos, nos pescoços rígidos. Eles ignoravam Race da mesma forma como os motoristas ignoram um vendedor de balas no sinal. Seria muito mais conveniente para todos, mais fácil, se Race Montrose simplesmente desaparecesse.

Mas Ann não permitiria isso.

O conselho da escola, farejando um processo por demissão ilegal, caiu em si e mudou o tratamento que vinha destinando a Ann. Ela concordou em voltar ao cargo sem ressentimentos ou processo judicial, contanto que Race fosse incluído na anistia.

Race foi reintegrado à Laurel Heights com um pedido formal de desculpas e sem manchas na sua ficha escolar. Uma família de ex-alunos até mesmo concordou em ser sua família adotiva temporária, enquanto a Justiça decidia quem ficaria com a guarda do rapaz.

Ann perdera famílias por defender Race. Muitas voltaram depois de esclarecido o escândalo do dinheiro, mas outras não; não se seus filhos precisassem frequentar a escola com *aquele* garoto. Ann não arredou o pé. Race Montrose não seria punido pelo que a irmã fizera.

Quando disse isso a Chadwick ao telefone, ele quis esganar os pais que não concordavam com a decisão. Quis quebrar a promessa que fizera nove anos antes de nunca, jamais criticar outros pais, nunca perguntar o que afinal estavam ensinando aos filhos. Ele quase desejou reconsiderar a proposta feita por Ann durante a conversa. Quase.

Mesmo agora, vendo-a subir ao palco e cutucar o microfone, ele se sentia tentado.

Ela pediu a atenção de todos com o velho sino de latão que passara anos sobre sua mesa. Chadwick nunca o ouvira soar. Enquanto os alunos do jardim de infância disparavam para seus lugares e os pais se sentavam, Ann apoiou as mãos nos cantos do púlpito.

— Nós conseguimos — anunciou ela, com a mesma segurança, a mesma convicção inabalável com que Asa Hunter se dirigia aos internos perfilados. — Depois de uma luta longa e dura e alguns maus momentos...

Ela fez uma pausa para uma risada nervosa.

— ... nós alcançamos o nosso objetivo. Eu gostaria de agradecer a Mark Jasper, o presidente do conselho escolar, por nos guiar em meio à crise e levantar os últimos 3 milhões de dólares...

Aplausos efusivos. O homem de rabo de cavalo grisalho e traje jeans

acenu, um olho fremino ao sustentar o olhar de Ann. E Chadwick soube que aquele era um homem que havia perdido uma batalha.

— A Norma Reyes — prosseguiu ela —, por tanto trabalho.

Mais aplausos, alguns gritos de apoio, um *Ay, qué pico!* de um dos pais latinos. Norma recusou os aplausos com um aceno, sorrindo.

— E a David Kraft — retomou Ann —, que não pôde estar conosco hoje, mas que trabalhou muito por esse momento.

Aplausos sem qualquer entusiasmo. Era provável que ninguém da escola conhecesse David assim tão bem, tanto agora quanto dez anos antes, quando ainda era aluno.

De acordo com o sargento Damarodas, que passara a telefonar regularmente para Chadwick, numa forma de punição lenta e persistente, David desapareceu pouco depois de o escândalo da escola vir à tona. Sua caminhonete azul foi encontrada perto da estação de trem e metrô de West Oakland, com a chave no contato, sem qualquer sinal de crime. O Departamento de Pessoas Desaparecidas e o de Homicídios haviam sido notificados, mas os pais de David informaram que o filho havia arrumado uma mala antes de desaparecer. Disseram que David vinha falando já fazia algum tempo em se mudar, em recomeçar a vida em outro lugar, e pareciam aliviados que o filho tivesse finalmente feito isso. Chadwick não ficou surpreso. Ele queria o bem do rapaz. Pensava que seria triste se a polícia o tivesse tratado como um adolescente que foge de casa, e não um adulto que tem todo o direito de desaparecer. Esperava que David finalmente encontrasse um lugar no qual se sentisse bem.

Ann terminou o discurso com comentários sobre a reconstrução, a nova Laurel Heights que construiriam todos juntos. Ela gesticulou para um canto da quadra, onde um trecho do cimento havia sido quebrado a britadeira, revelando terra que não via a luz do dia fazia oito anos. Ali, ela disse, seria fixada a primeira viga da fundação. Ela pediu a Norma Reyes que a ajudasse a jogar a primeira pá de terra no buraco.

Os alunos do fundamental esticavam o pescoço para enxergar. Estavam sentadas na primeira fila, impacientes até então, mas aquilo era interessante. Cavar, assim como escrever no cimento, era algo que entendiam.

A fundação foi oficialmente lançada. Chadwick e Olsen se juntaram aos aplausos.

A multidão se dispersou. Adultos e adolescentes foram atacar as mesas de comida, as crianças se lançaram ao amado parquinho que em breve seria demolido. Ann fazia as vezes de anfitriã, se inseria em grupos de pais e mães entretidos em fofocas, procurando aqueles que tentavam evitá-la e puxando conversa habilmente.

Norma Reyes estava ao lado do retalho de terra exposta nos limites da quadra de basquete, a mão apoiada no cabo da pá. Ela e Chadwick se

entrelharam brevemente, e ele sentiu um aperto no coração. Ele sabia que Norma pensava em outro pedaço de terra, em outro ritual no qual também jogara uma pá de terra dentro de um buraco.

— Você me dá licença? — disse ele a Olsen.

— Vou pegar um brownie — disse ela. — Só não esqueça... você sabe, a nossa escolta...

Lá estava aquilo outra vez; a breve hesitação depois da última palavra, como se ela quisesse dizer mais alguma coisa. Chadwick notara aquilo na voz dela a semana inteira, e se perguntou se seria um trauma residual da manhã no milharal. Talvez, depois de quase morrer, ela relutasse em colocar um ponto final ao fim de qualquer fala.

Chadwick esperou, mas ela não disse mais nada, apenas apertou-lhe o antebraço e seguiu na direção da mesa de sobremesas.

Ela atravessou a quadra de basquete até onde Norma estava.

A ex-mulher lhe avaliou o rosto, o sobretudo bege, as roupas cor de areia. Os olhos dela se demoraram na bota de gesso.

— Quanto tempo mais?

— Seis semanas. Ossos velhos calcificam devagar.

— Doeu?

— Já senti coisa pior. Você devia ver os hematomas que a minha ex-mulher deixou.

— O mínimo que deveria ter acontecido — disse Norma — era quebrarem a sua mandíbula e calarem a sua boca com arame. Mas não.

— Você pensou na minha proposta?

Ela olhou para os fragmentos de cimento no chão, as raízes de árvore, a terra, as pedras; um cataclismo em miniatura, cuidadosamente planejado, um terremoto em porção individual.

— É. — Ela encostou o cabo da pá na cerca de tela. — É, pensei. Quando finalmente aprendo como odiá-lo, você me vem com uma dessas.

— Eu vou vender, de qualquer forma. Mas se preferir pode comprar minha parte, ficar com a casa...

Os olhos dela arderam com um breve terror súbito — a lembrança, supôs Chadwick, do momento em que ela abrira a despensa da casa em Mission, libertando um fardo de plástico, cabelos pretos e pele lívida que revelara o rosto de um amigo.

— John costumava dizer que só encontramos um lar na vida, um lar de verdade — disse ela.

— John também dizia: “Nunca confie num corretor.”

— Mande os papéis. Eu providencio a venda.

— E o fundo para as bolsas universitárias?

— Eu serei a fiel depositária — concordou ela. — Race será o primeiro

beneficiado. Os outros pais da Laurel Heights não vão ficar muito felizes quando souberem que entrei com um pedido para ser a guardiã legal dele.

Chadwick percebeu o nervosismo na voz dela. Ele sabia que Norma enfrentaria uma batalha judicial difícil, apesar de ser mais capacitada do que a avó do garoto ou outros candidatos a pais adotivos a oferecer-lhe um bom lar. Ela podia não conseguir a guarda dele, mas estava tentando. Ela se colocara na linha de tiro, abrira o peito para a dor, porque queria ajudar o garoto. Isso em si já era uma vitória.

— Os outros pais — disse Chadwick — podem lamber minha bota de gesso.

Norma esfregou os cantos dos olhos.

— Merda. Espero que John estivesse errado nessa ideia de que só se tem um lar, sabe? Vou torcer por isso por nós dois.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou bruscamente no rosto, então o empurrou.

— Agora suma daqui, viu? *Hijo*, você dá mais azar do que um espelho quebrado.

Chadwick sabia que aquela era a última vez que a veria, e que Norma saía da sua vida da mesma forma que entrara: o rejeitando, deixando-o de lado para participar da festa, com a mesma determinação com que o agarrara pelo braço num bar em Los Angeles 28 anos antes e o puxara para a pista de dança.

Ele continuou em frente ao cimento partido, sentindo mais calor do que deveria sob o frio de janeiro. Só percebeu a presença de Ann quando ela voltou ao palanque e desligou o microfone.

— Conclusão? — perguntou ela.

— O máximo que eu poderia esperar.

Ela colocou uma fita cassete no aparelho de som, aumentou o volume. A guitarra etérea de Pat Metheny, tão solitária e vasta quanto as planícies do Texas, inundou o pátio. O ritmo da bateria de jazz embalou os pulos das crianças no parquinho.

— Ela vai conseguir, você sabe disso — disse Ann. — Norma vai conseguir a guarda de Race. Eles vão tomar conta um do outro. Ele vai se formar como primeiro da turma.

Chadwick procurou inveja ou ressentimento na voz de Ann. Ela tinha esse direito. Havia sido repelida pela própria filha, forçada a expulsá-la da Laurel Heights pelo incidente da arma. Ann investiria boa parte do seu salário todos os meses, possivelmente pelo resto da vida escolar da filha, para manter Mallory em um programa do qual não fazia parte, onde a filha se transformaria em alguém que ela não conhecia, enquanto Race Montrose concluiria o ensino médio no programa construído por ela.

Mas não havia amargura em sua voz. Nada a não ser aquele novo senso de autoridade. Limpo, duro e oco como uma boca de canhão.

— Mallory também vai ficar bem — disse Chadwick — Talvez não da forma como você sonhava, mas ela vai ficar bem.

Ann tinha consciência da plateia: toda a comunidade da escola no pátio, os fofoqueiros de olho. Ainda assim, os olhos dela traíam um toque de tensão, de necessidade.

— Seu lugar é na sala de aula — disse ela. — Agora não há motivo para ficar longe de São Francisco. Você pode voltar a ensinar aqui. Este é o seu lar.

Ele observou as crianças brincando no parquinho, três meninas voando tão rápido nos balanços que se transformaram em borrões de rabos de cavalo e saias. Ele tentou imaginá-las mais velhas, com problemas, usando drogas, sendo resgatadas no meio da noite por um homem com rosto de pedra; alguém como ele. Não conseguia imaginar aquilo. E esse é o problema: nunca conseguimos, até que acontece.

— Esse foi o meu lar — disse ele. — Não é mais.

— E eu?

A música de Pat Metheny continuava.

— Você é a pessoa mais importante do mundo para mim.

— Mas você vai embora.

— Sim.

— Porque eu não confiei em você na manhã em que você saiu para salvar Mallory?

— Não. Porque você quis confiar em mim. E também porque eu quero confiar em você. Eu a venerei a maior parte da minha vida. Nenhum relacionamento é capaz de suportar tanta pressão.

— Eu amo você — disse ela.

Ele evitou os olhos de Ann. Não queria admitir o quanto estava perto de curvar-se, sua força de vontade tão fraca que se dobrava como um galho de salgueiro. Não era justo escolher entre a Laurel Heights e a Cold Springs, entre o que queria e o que era bom para ele.

— Eu me lembro de uma garota de 17 anos — disse ele — que teria reprimido você por dizer isso.

— Aquela garota cresceu. Mas não do jeito que eu sonhava.

Chadwick pensou ter ouvido alívio na voz dela. Não havia nada mais para Ann agora, nada entre ela e a escola. Chadwick cortara a última amarra possível.

Ele estendeu a mão e Ann a agarrou. Ele poderia ser um pai, um repórter, qualquer pessoa que houvesse ido à escola numa visita oficial e que agora estava de saída.

Mark Jasper se aproximou para apresentar alguém a Ann, e Chadwick seguiu na direção do prédio, devagar, sem pressionar a perna ferida. Ele subiu as escadas até a metade, onde Olsen estava sentada com um cookie.

— E aí? — perguntou ela.

— Duas mulheres, e nenhuma delas me esbofeteou.

— Um recorde.

No deque, os alunos do ensino médio se divertiam, colocando pedaços de gelo dentro das camisas uns dos outros. Race Montrose estava de lado, não era provocado, não participava, estava simplesmente lá, de pé, em sua melhor roupa, olhando para o copo de limonada.

— Você cumprimentou ele? — perguntou Olsen.

— Ainda não.

— Mas precisa.

Os olhares deles se cruzaram, e a verdade estalou, como a engrenagem de um dos relógios do pai dele. Chadwick sabia que não tinha imaginado a hesitação dela a semana toda. Sabia o que ela estava tentando tomar coragem para dizer, e era a mesma coisa que ele vinha tentando reunir coragem para dizer havia anos. Olsen estava dando a ele a chance de falar primeiro.

— Eu menti para você — disse Chadwick. A voz dele parecia sair da boca de outra pessoa.

Olsen limpou uma migalha do canto da boca.

— Eu sei.

— Desde quando?

— Alguns dias. Venho juntando as peças há um mês; nas conversas com você, com Mallory, depois de vê-lo sob pontos de vista diferentes.

— Se você sabe, por que concordou em voltar a ser minha parceira?

Ela olhou para o segundo andar da escola, onde o sol do inverno começava a tingir as janelas da tonalidade de moedas.

— Você me lembra o meu padrasto — disse ela. — Acho que devo agir do jeito certo com você. Devo ser sua parceira. Porque, para conseguir isso, preciso me livrar de um doloroso lastro emocional. Preciso ser honesta comigo mesma a respeito do passado, perdoar a mim mesma. Talvez já seja o momento de você fazer o mesmo.

O balanço de pneus girou; no mesmo lugar em que John Zedman um dia estivera, com uma colcha nas costas, rindo e bebendo champanhe como se tivesse todos os motivos para comemorar, como se a culpa não fosse um predador capaz de farejar um cheiro.

— Você quer contar a verdade — disse Olsen. — Você tentou contar para mim, por meio daquela história sobre a Tailândia. Não houve garoto tailandês. Você e Hunter nunca mataram ninguém quando estavam em serviço. Você não teria se permitido ser alvo de uma armação, não teria perseguido o chantagista, se não soubesse, lá no fundo, que queria ser descoberto.

Fazia anos que Chadwick tinha consciência do anzol preso na sua boca. À espera que ele traísse o menor tremor, a resistência mais sutil à linha. Mas agora que a verdade o puxava, ele estava surpreso por não sentir medo algum. Estava

sendo içado da pressão do leito do rio, de volta à superfície, para longe da escuridão.

— Katherine achava que amava Samuel Montrose — disse ele. — O garoto era perverso. Mau. Ele usou minha filha, a viciou em heroína. Estava destruindo ela, só por diversão.

— E você descobriu isso *antes* de ela morrer, e não depois.

Chadwick fechou os olhos. Ele se lembrou da volta para casa de Oakland, no carro, quando Katherine contou a verdade para feri-lo, uma verdade que ele não queria ouvir.

— Uma semana antes — respondeu ele. — Eu não sabia o que fazer. Eu a sentia escorregando por entre meus dedos.

— Sua esposa acreditava que você não tinha feito nada. Mas ela estava enganada, você falou com John Zedman.

— John disse que podíamos dar um jeito naquilo. O estilo de John era confrontar as pessoas, fazê-las recuar. Nós fomos até Oakland. Encontramos Samuel, o seguimos até o prédio onde ele vendia drogas, o mesmo lugar onde a avó dele ainda mora. Ele era mais durão do que imaginamos. Discutimos com ele. Eu só queria que ele deixasse a Katherine em paz. Queria que ele sumisse das nossas vidas. Ele sacou uma arma.

— Você também.

— Sim, mas não tive tempo de usá-la. John... ele sacou uma 22. Eu nem sabia que ele estava armado. Ele deu um tiro na barriga de Samuel. Samuel continuou vindo, mas não atirou. John disparou mais duas vezes, acertou o peito do rapaz. Eu me lembro de Samuel se virando com a força do impacto, se virando na minha direção, como se quisesse que eu visse o que havia acontecido com ele. E depois que ele caiu, vi John apontar a arma para a cabeça de Samuel. Só depois ficamos sabendo que a arma que o garoto tinha sacado não estava carregada. Era um blefe.

Chadwick não conseguia decifrar a expressão no rosto de Olsen. Como uma boa conselheira, ela tinha o semblante neutro, calma diante da atrocidade.

— Você protegeu John. Se tornou cúmplice de um assassinato.

— John estava apavorado. Entrou em pânico quando eu sugeri ligarmos para a polícia. Falava da sua reputação, da família. Insistia que havia feito aquilo por mim. Nós dois sabíamos que a polícia nunca acreditaria no argumento de legítima defesa. Iria parecer que o tínhamos seguido e executado. Então enrolamos o corpo... entramos no carro. O jogamos no mar.

— Mas Katherine sabia.

— Ela suspeitava. Eu não conseguia esconder a culpa no meu rosto. Não admiti nada. Katherine não exatamente me confrontou, mas... ela sabia. Fui até o Texas tentar decidir o que fazer. Eu planejava contar a verdade a Norma quando voltasse, arriscar ser preso, se necessário. Acho que eu esperava que Katherine

chamasse a polícia. Mas quando cheguei em casa, antes que pudesse mandá-la para a Cold Springs, ela se matou. Há nove anos as pessoas dizem que eu não tenho culpa pela morte dela. Mas eu tenho.

A neblina cortava os galhos dos eucaliptos do outro lado da rua. Além da vastidão verde do Presídio, as formas alaranjadas da ponte Golden Gate seguiam na direção de Marin.

Olsen quebrou outro pedaço do cookie, deu uma mordida.

— Naquela noite, Katherine foi até a casa dos Montrose para contar a Kindra suas suspeitas. Ela não teria morrido de overdose se Kindra não tivesse lhe fornecido heroína pura.

— Ainda assim, a culpa é minha.

— Kindra não confiou no Estado para fazer justiça contra você e Zedman. Ela optou por um tipo pessoal de vingança. Ela se tornou Samuel, passou a torturar John. E você.

— Ligue para o sargento Damarodas. Ou para a imprensa. A decisão é sua.

Olsen suspirou.

— Não. Minha não.

Ela apontou para o pátio menor. Race Montrose transpunha a fita que o isolava, deslizava para as sombras enquanto os outros jovens continuavam a brincar e se provocar, olhando para o rapaz apenas agora que ele desistia de se juntar a eles.

Em transe, Chadwick foi atrás dele.

O pátio era sombreado por um grande carvalho, que crescia entre o prédio e uma cerca alta de madeira, de modo que aquele era sempre o lugar mais escuro e frio da escola. O ar recendia a areia e folhas molhadas, à lama dos projetos dos alunos para os canteiros de flores. Ao longo da parede da sala do segundo ano fundamental, onde costumava haver um caminho de cascalho, a nova calçada brilhava, cinza como a pele de um pintado, sua superfície molhada com as cicatrizes de uma centena de impressões de mãos pequeninas e assinaturas infantis.

Race Montrose subiu na mesa de areia e se sentou de pernas cruzadas, então pegou uma pequena pá de plástico cor-de-rosa.

Chadwick esperou que o garoto o visse.

Race ergueu os olhos. O rosto dele era muito parecido com os do irmão e da irmã; o queixo anguloso, a dureza das ruas na boca, o fogo nos olhos que dizia *Não chegue perto*. Mas havia algo mais. Um olhar de expectativa, de fé, como uma criança que olha pela janela em uma cidade de clima quente, esperando por aquela neve que não cai há sete anos, sem se importar que isso pode não acontecer, que ela nunca tenha visto neve na vida. Tendo fé que possa cair aquela noite. Samuel e Kindra nunca tiveram aquele olhar. Chadwick queria acreditar que era uma capacidade que Race herdara da mãe, algo único entre os

irmãos.

Ele imaginou a determinação que ela precisara ter para entrar na sala de Ann e dizer: *Quero matricular meu filho.*

— Você estava lá naquela noite — disse Chadwick —, nove anos atrás, quando atiramos no seu irmão. Você se escondeu; viu enrolarmos o corpo dele num lençol e o carregarmos para fora. Você vive com isso desde então.

Os olhos de Race ficaram marejados, os olhos de uma criança de 6 anos.

— O que você vai fazer quanto a isso?

— Me desculpar. Mas isso me parece extremamente insuficiente.

Race dobrou a pá cor-de-rosa. A alça estava quebrada, de forma que parecia um elo de corrente.

— Sabe aquele dia na escada de incêndio? Eu quase atirei em você.

— Por que não fez isso?

— Samuel batia em mim — disse Race em voz baixa. — Ele me obrigava a transportar drogas para ele, por acreditar que ninguém prenderia um menino. Kindra sempre falava do grande sujeito que ele era. Que ele protegia a gente. Mas ele não fazia isso. Eu sentia mais medo dele do que de qualquer outra pessoa. Naquela noite em que você e o pai de Mallory apareceram por lá... você disse ao Samuel que ele estava destruindo a sua filha, brincando com ela, fazendo-a acreditar que ele a amava. Mas eu não sabia de quem você estava falando. Eu era muito pequeno para entender que era da sua filha. Achei que vocês estivessem falando da Kindra. Podia ser.

A brisa derrubou uma folha do carvalho, que flutuou até a calçada nova e ficou presa no cimento, como uma canoa em miniatura.

— Foi por isso que você nunca contou para ninguém? — perguntou Chadwick

— Eu contei sim, para uma pessoa. Kindra. Você viu o que aconteceu.

— Me desculpe. Isso não é o bastante, mas eu sinto muito. Eu estava tentando proteger minha filha. Não tive intenção de matar ninguém.

Race o olhou amedrontado, mas Chadwick não soube dizer o que ele temia.

— Como foi — perguntou o rapaz — saber que você tinha matado alguém e ainda assim continuar livre?

Nunca haviam perguntado aquilo para Chadwick. Ele nunca falara com ninguém sobre o assassinato — nem mesmo com John. A pergunta arrancou algo dele, como um para-raios, dando vazão a emoções que ele nem sabia que vinha acumulando.

— Eu deveria mentir para você — decidiu Chadwick — Deveria dizer que não consegui viver com isso. Ou que não me incomodou só por ter sido John quem puxou o gatilho. A verdade é que eu só me importava com Katherine. Tanto naquela época quanto agora. Se eu pudesse tê-la viva ao meu lado, eu mudaria a história, evitaria que ela injetasse aquela heroína. Mas a morte de

Samuel? Eu estava lá quando ele foi assassinado. Ajudei a ocultar um crime. E que Deus me ajude, mas se Katherine não tivesse morrido, acho que poderia ter aprendido a viver com isso.

Race largou a pá de plástico. Desenhou uma imagem na areia com o dedo; uma imagem ou uma palavra, era difícil dizer.

— O que Kindra diria? Que você merece morrer. Ela diria que se eu não tenho coragem para matar você, deveria ao menos contar à polícia.

— Kindra sabia ser persuasiva.

Race fez que não.

— A quem isso ajudaria... a mim? À Srta. Reyes? Kindra se tornou Samuel. Ela *era* Samuel. Me assusta pensar que um dia eu posso acordar e passar a ouvir as vozes dela, esquecer quem eu sou. Não vou deixar isso acontecer. Não vou fazer o que ela teria feito.

— Então o que você vai fazer?

Race o encarou, como se Chadwick tivesse acabado de desafiá-lo.

— Vou terminar a Laurel Heights. Vou fazer faculdade. Qual é o maior título que você tem?

— Bacharel em história.

— Então eu vou ser melhor do que isso. Ph.D. E você vai pagar a conta.

Chadwick não conseguiu evitar que um sorriso se formasse em seus lábios.

— Muito bem, Dr. Montrose.

— Agora vê se some da minha frente — disse o rapaz. — Essa é minha escola. Aqueles palhaços no pátio ainda não sabem, mas eles vão descobrir.

Chadwick ficou feliz por perceber que aquilo soava muito como algo que Norma Reyes diria.

Ele deixou Race Montrose na mesa de areia, com as pequenas folhas de carvalho flutuando à sua volta, algumas colando na calçada, deixando uma impressão permanente.

Race ficou sozinho no pequeno pátio dos fundos, pensando no dia em que ele e Mallory ficaram amigos, no segundo ano fundamental, bem ali naquela mesma mesa de areia.

Ele esperava que Mallory soubesse o que fizera por ele, o quanto ele injetava sua coragem. Esperava que ela encontrasse no Texas aquilo de que precisava.

Então Race se levantou, limpou a areia da calça. Ele tirou o chaveiro do bolso: um Mickey de prata, a chave de uma casa, a chave de um Toyota. Havia um ponto numa quina da calçada, onde as duas tábuas se encontravam, que estava fria como uma geladeira, o cimento imaculado, quase líquido ainda. Race se ajoelhou e enfiou as chaves na massa, depois alisou a superfície. Ele pressionou a palma da mão sobre o lugar, esperando que a marca endurecesse;

que continuasse ali por anos, pela eternidade. Escreveu o nome com um graveto. RACE MONTROSE, TURMA DE 2006.

Então se levantou. Ele não se importava com o que os colegas falassem do seu paletó e da sua gravata, do cimento em sua mão, ou do que quer que fosse. Ele tinha coisas a fazer. Tinha um futuro à sua frente. E que Deus o ajudasse, ele aprenderia a viver com aquilo.

— E então? — perguntou Olsen.

— Pronto.

A parceira olhou para ele, como que pensando a verdade naquela afirmação. Então olhou uma última vez para a Laurel Heights; o prédio antigo com a chaminé coberta de hera, impressões feitas com batata penduradas nas janelas.

— É um bom lugar — concluiu ela. — Mas para a maioria dos jovens isso não é realidade. Vamos, vamos fazer a nossa escolha.

Ela desceu rápido as escadas e, quando olhou para trás, com um leve desafio no olhar, percebeu que já havia perdoado os pecados de Chadwick. Os jovens sempre perdoam facilmente, sempre acabam voltando. Que escolha eles têm? Até mesmo os jovens mais rebeldes, eles perdoam até os pais mais falhos.

— Você está com dois buracos de bala no corpo — ele a lembrou. — Não ouse andar mais rápido do que eu.

Na frente da escola, azaleias explodiam em cores de primavera. Antes do tempo, mas as coisas eram assim em São Francisco, sua velha cidade natal. As estações do ano não seguiam qualquer lógica. Talvez elas tivessem florescido durante todo o inverno.

Talvez Chadwick tivesse percebido isso apenas quando chegara o momento de perceber.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

***Sobre o livro***

[http://www.record.com.br/livro\\_sinopse.asp?id\\_livro=26314](http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=26314)

***Sobre o autor***

[http://www.record.com.br/autor\\_sobre.asp?id\\_autor=6158](http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6158)

***Livros do autor***

[http://www.record.com.br/autor\\_livros.asp?id\\_autor=6158](http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6158)

***Página do livro no Skoob***

<http://www.skoob.com.br/livro/254693>

***Site oficial do autor***

<http://www.rickriordan.com/home.aspx>

***Resenha do livro***

<http://www.hookedforbooks.com/2012/08/cold-springs-por-rick-riordan.html>

***Página do autor no Facebook***

<https://www.facebook.com/rickriordan.author>

***Twitter do autor***

<http://twitter.com/camphalfblood>

***Blog do autor***

<http://rickriordan.blogspot.com.br/>